

An artistic illustration featuring a man and a woman in a romantic embrace, positioned within the upper bulb of a large, glowing hourglass. The woman has voluminous, dark, curly hair and is wearing a light-colored top. The man has short dark hair and is wearing a white long-sleeved shirt. They are surrounded by soft, ethereal light and small, sparkling stars. The hourglass is filled with a fine, golden-brown sand that flows from the top bulb into the bottom bulb. The background is a soft, light blue-grey gradient, adorned with delicate white constellations and floating, translucent, crystalline shapes. At the base of the hourglass, the bottom bulb is filled with a dense arrangement of vibrant red flowers with dark centers and green foliage. The overall mood is romantic and dreamlike.

Nem o

Tempo...

STEFANIA
CEDRO



Nem o tempo

S T E F Â N I A C E D R O

Copyright © 2018 Stefânia Cedro

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, seja impressa ou eletrônica, sem autorização.

1ª impressão 2019

Capa: Maria Fernanda Tinoco Fernandez

Diagramação: April Kroes

Revisão: Virginia Graciela Bizerra Barreto

C389n Cedro, Stefânia Cardoso
Nem o tempo/ Stefânia Cedro.
– 1ª Ed. – Lavras: Edição do autor,
2019. 315p.

ISBN 978-65-900376-0-2

Ficção. 2. Romance.

CDD B869

CDU 82-3

Sumária

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Contato](#)

*Dedico este livro aos sonhos.
Pois se eu não tivesse me permitido sonhar,
hoje você não estaria lendo esta história.
Então, se permita!*

“Não tem tempo que faça esquecer a quem te fez esquecer o tempo.”

— Douglas Almeida Vergílio

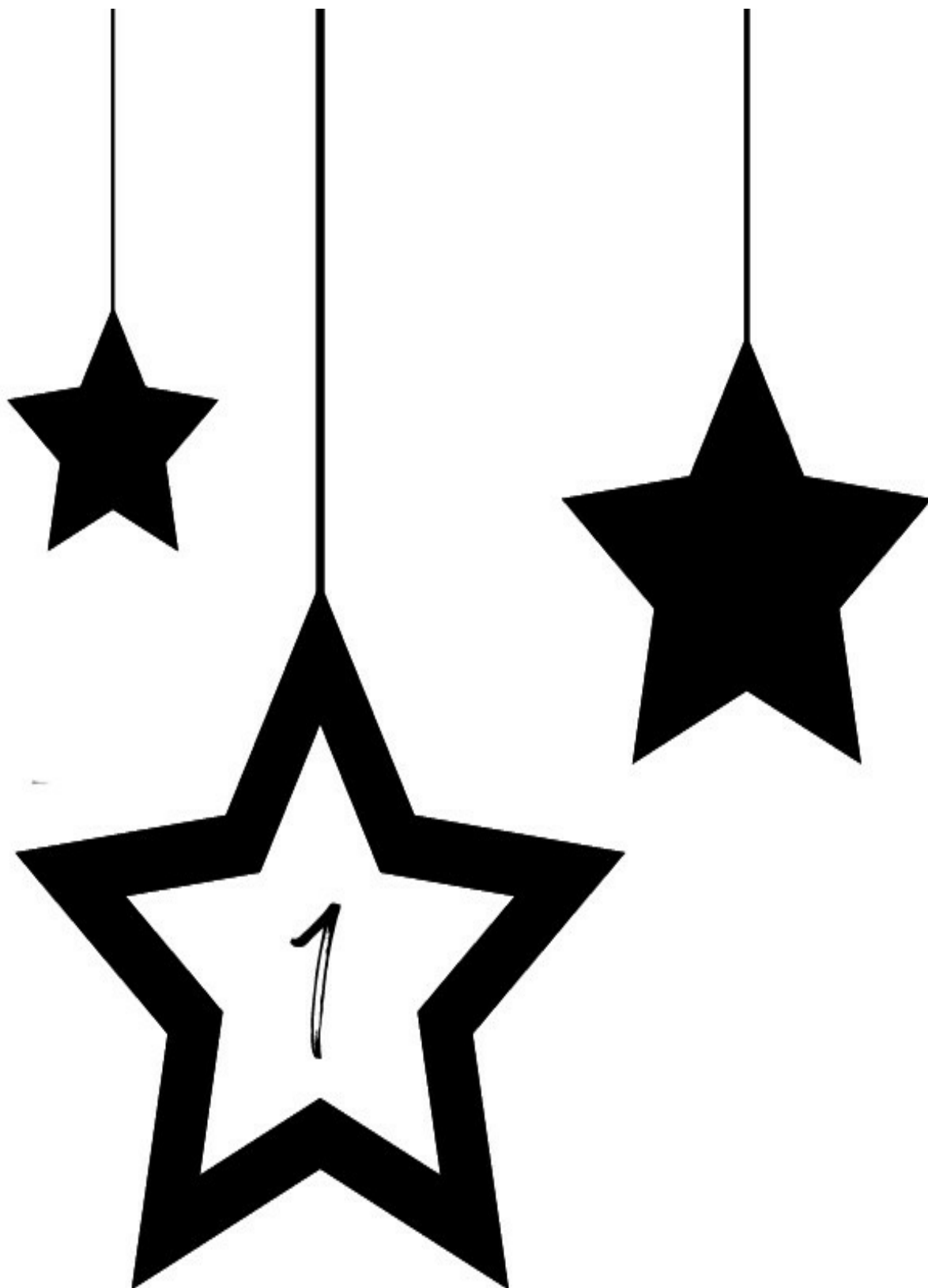
Prólogo

Quando criança conheci as histórias que começavam com “era uma vez” e terminavam em “felizes para sempre”. Cresci acreditando que o bem sempre triunfaria sobre mal e que pessoas ruins sempre estariam fadadas ao fracasso, mas descobri da pior forma que a vida está longe de ser o conto de fadas que nos é contado naquelas histórias de ninar.

Eu encontrei meu final feliz, acho que fui mais feliz do que qualquer outra pessoa no mundo naquele pouco tempo que me foi concedido. Achei que iria durar para sempre, como me foi ensinado, mas acabou rápido demais com um ponto final, sem reticências, sem mais, só fim.

Conto lhes de antemão para que não sejam pegos de surpresa, a história pode até começar bem e você pode até se apaixonar, mas espero que quando chegue a pior parte não doa tanto quanto está doendo em mim.

Dizem que a dor do parto é a pior dor que qualquer pessoa pode sentir, neste exato momento eu não sei como isso pode ser verdade. Eu estou inteira, não há sangue pulsando para fora do meu corpo, nem um osso quebrado, não tenho sequer um arranhão, mas dói todo o corpo, dói furiosamente. Eu preferiria milhões de vezes qualquer dor física a sentir o que estou experimentando agora. Parece que minha alma está sendo rasgada ao meio e estão levando a melhor parte dela. A dor do parto pode ser amenizada com uma anestesia, mas não acho que isso funcionaria para essa dor que nubla meus pensamentos, invade meus sentidos e que faz eu achar que não posso suportar. Uma dor que dizem caber apenas ao tempo curar, e eu espero ansiosamente esse tempo vir para levá-la, pois agora a única coisa que passa pela minha cabeça é que nem o tempo será capaz de fazê-la parar.



Melissa

Você conhece o tempo? Os grandes poetas dizem que ele cura, que faz com que tudo eventualmente se torne mais fácil, transforma grandes problemas em risadas. Essa é a parte boa, mas existe também outro lado que não é muito falado. Ele é capaz de te torturar quando custa a passar e de reduzir os momentos felizes quando passa rápido demais, mas além dessas coisas amenas, ele pode ser destrutivo, consegue acabar até com aquilo que alguém jurou que duraria para sempre.



Hoje é o meu aniversário de seis anos. Eu sempre amei meus aniversários, porque todos eles foram os melhores dias da minha vida. Ano passado nós fomos ao parque aquático e eu gostei tanto que falei para a mamãe e o papai que eu queria passar todos os meus aniversários lá.

Eu não conseguia parar de falar sobre a próxima ida ao parque, que deveria ter sido hoje, mas quanto mais perto chegava o dia, menos animados meus pais pareciam ficar. Não sei por que o papai e a mamãe estavam tristes com meu aniversário, eu queria que eles ficassem felizes comigo.

Então, numa noite eu percebi que tinha tempo que eu não falava que amava os dois, só poderia ser esse o motivo deles estarem tristes.

Levantei na mesma hora da cama e fui correndo até o quarto deles, parei antes de chegar quando escutei alguém chorando. Olhei pelo canto da porta e minha mãe estava sentada no chão escondendo o rosto com as mãos. Eu fiquei com muita raiva do papai por fazer a mamãe chorar, mas quando olhei para ele, percebi que também estava chorando. Fiquei sem entender porque os dois estavam assim. Será que foi alguma coisa que eu fiz? Quis entrar no quarto e perguntar, mas tive medo de que brigassem comigo, eu deveria estar dormindo. Era estranho ver os dois desse jeito, eu nunca tinha visto nenhum deles chorar, achei que adultos não choravam.

— Fique, por favor, Flávia. Eu posso protegê-las — papai pediu se sentando ao lado da mamãe. Passou o braço em volta do ombro dela e a puxou num abraço.

— Você não o conhece. Ninguém pode nos proteger — minha mãe respondeu.

— Me deixe tentar — ele sussurrou.

Ela limpou as lágrimas que escorriam pela bochecha e balançou a cabeça negando o pedido.

— Você não pode tirar minha filha de mim assim — ele quase gritou. — Você quer ir embora, levar meu bebê e não vai me dar nem uma pista sobre onde está indo?

— É melhor assim.

— Melhor para quem, Flávia? — Dessa vez ele se afastou dela e não conteve o grito. Eu me encolhi, nunca tinha visto o papai gritar. — Você me aparece com essa história absurda e acha que vou engolir isso? Você não vai tirar ela de mim. Se você quer ir embora, eu não posso te segurar aqui, mas a Mel é minha também. Essa história não vai ficar assim. Se for preciso envolver os advogados, que seja!

Ela se levantou soluçando e o abraçou.

— Eu te amo, mas não posso fazer isso. Eu preciso ir, é melhor assim.

— Pare de ser dissimulada, Flávia. Você não pode dizer que me ama e falar que vai embora. Você não pode fazer isso comigo. Então apenas pare. Eu não quero mais ouvir suas desculpas e não quero saber o que ou quem te levou a deixar de me amar. Não quero te ouvir mais.

Ela falou mais alguma coisa, mas não fui capaz de escutar, pois o papai entrou no banheiro do quarto e bateu a porta com força. Eu também não queria ouvir mais.

Estava com medo. Não queria que a mamãe fosse embora, não queria ir embora. Eu quero ficar aqui com os dois para sempre.

Voltei para o meu quarto me segurando para não chorar. Não queria que eles soubessem que eu tinha escutado a conversa. Enfieei meu rosto no travesseiro e chorei baixinho. Eu não queria que nada mudasse, amo as coisas do jeito que são.

Alguns dias depois mamãe me pegou no colo no meio da noite e saímos enquanto o papai dormia. Não sabia para onde estávamos indo. Chorei e disse que não queria ir, mas ela não me ouviu, me obrigou a entrar no carro e me levou embora.

Eu costumava pensar que aniversários eram dias especiais onde só se pode ser feliz, todos os meus aniversários haviam sido assim. Dias em que ninguém pode ficar triste, assim como o natal, dia das mães e dos pais. Só que o dia de hoje mostra que isso não é verdade. Nós não estamos em um parque aquático e isso nem é o pior. Hoje nós estamos nos mudando para uma nova cidade, mas também não é a pior parte do dia. Hoje eu acordei em um quarto de hotel e não recebi um "bom dia, minha princesa" que o papai me dizia todos os dias, porque o papai não está mais com a gente. Ele ficou na nossa antiga casa, e isso é o pior. A partir de hoje eu odeio meu aniversário.

Coloquei a caixa com minhas coisas no chão do quarto que a mamãe falou que iria ser meu agora, as paredes brancas, tão diferentes das paredes do meu antigo quarto. Vou precisar de muitas canetinhas para colorir, branco é muito sem graça. Olhei pela janela, que dava para um quintal no fundo, procurando algum balanço, escorrega, ou talvez uma piscina, mas não tinha nada além de um gramado quase amarelo. Eu odeio essa casa também, não parece em nada com a casa antiga.

Saí do quarto e fui explorar o resto do local. Era tudo muito pequeno e todos os cômodos continuavam brancos e sem graça, assim como o quarto. A casa tinha dois quartos, dois banheiros, uma cozinha apertada e uma sala. O maior cômodo era a sala e ela não chegava nem ao tamanho do meu antigo quarto.

Fui pela porta dos fundos para conhecer o quintal, a porta fez um barulho alto ao abrir. Olhei em volta em busca de algo interessante, mas nada me chamou atenção. Fui até o gramado e

me sentei encostada na escada, querendo me esconder da minha mãe um pouquinho. Ela estava triste e eu estava brava por ela estar triste, já que foi ela quem quis se mudar.

Olhei em volta mais uma vez e nessa hora, percebi que tinha algo escondido embaixo daquele último degrau, algo com uma rodinha. Enfiei a mão lá dentro com um pouco de medo de ter algum bicho e segurei aquela rodinha. Levou um tempo até que consegui tirar a coisa de lá e todo meu mau humor do dia melhorou um pouco quando vi o que era. Um skate.

Sempre pedi um para a mamãe e o papai, mas eles falavam que isso era coisa de menino e que era muito perigoso. Nunca entendi o porquê dos meninos ficarem com todos os brinquedos legais enquanto as meninas ganham bonecas. Eu odeio bonecas, são tão sem graça. A única coisa legal que dá para fazer com elas é cortes de cabelos, mas só dá para fazer uma vez. Descobri tarde demais que o cabelo delas não crescia igual ao meu, o que foi bem chato para elas.

Escondi o skate novamente embaixo do degrau para que a mamãe não o achasse e sumisse com ele antes que eu tivesse a oportunidade de andar e voltei para frente da casa para procurar por ela.

A única coisa legal dessa nova casa era que não tinha muros, nos mudamos para dentro de um condomínio e nenhuma das casas tem muros, é igual a dos filmes.

— Mamãe — chamei quando não a vi do lado de fora de casa.

Ela não respondeu, então andei até a calçada para ver se ela estava ali perto, mas a única coisa que vi foi um menino sentado na calçada da casa ao lado com a cabeça enfiada no meio das pernas. Seu cabelo preto estava todo para cima e bagunçado. Ele virou o rosto para o meu lado e vi que estava todo vermelho, parecia que estava chorando. Quando percebeu que eu estava encarando fechou a cara para mim e voltou a esconder o rosto.

Mal-educado.

— Vai lá conversar com ele — minha mãe falou, aparecendo ao meu lado do nada.

Eu dei um pulo de susto. Achei que ela estava dentro da casa.

— Eu não — respondi balançando a cabeça.

O que vou falar com um menino que está chorando? Ele nem deve estar querendo falar com ninguém. Eu odeio quando alguém vem falar comigo quando estou chorando.

E ele me olhou de cara feia. Quase gritei a frase que minha mãe sempre diz: "Cara feia para mim é fome!", mas eu odeio quando ela fala isso e provavelmente só ia deixá-lo mais bravo ainda.

— Não seja boba, Melissa. Vai falar com ele. Ele deve estar precisando de uma amiga — minha mãe me encorajou.

Eu ainda não tinha certeza se queria falar com ele, não depois dele ter me olhado com cara feia, mas minha mãe parecia alegre com isso. Ela tinha chorado tanto durante a viagem, e agora estava feliz, eu não queria que ela tirasse o sorriso do rosto que tinha agora. Então, acabei fazendo o que ela falou, mesmo estando chateada com a mudança.

Andei até ele e parei ao seu lado.

— Oi — falei com um sorriso, tentando parecer legal.

— Oi — ele respondeu mal-humorado e sem me olhar.

— Porque você está chorando? — perguntei curiosa.

Ele me encarou com aqueles olhos vermelhos cheios de raiva, devia estar chorando há muito tempo para os olhos terem ficado vermelhos dessa maneira.

— Não te interessa — respondeu balançando a cabeça e abaixando novamente no meio das pernas.

— Eu nem queria saber mesmo — falei cruzando os braços e virei para voltar para a minha nova casa. Mal cheguei nesta cidade e já odeio tudo e todo mundo.

E odeio minha mãe também por ter nos mudado para cá e por ter falado para eu conversar com esse menino mal-educado. Eu odeio esse menino.

— Ei — ele chamou quando eu já estava quase no jardim da minha casa.

— O que foi?

Ele se levantou e andou na minha direção. Quando chegou perto percebi que ele era bem mais alto que eu, devia ser mais velho também.

— Desculpa. Eu só estou bravo — falou passando a mão mais uma vez pelo rosto para tentar limpar as lágrimas. — Você está se mudando para casa do meu melhor amigo. E minha mãe disse que é porque ele não vai voltar mais.

Eu também estava triste porque não veria mais minhas amigas da minha antiga casa ou as da escola, mas a mamãe me falou que eu iria conhecer muitos outros amigos aqui. E que eu poderia ligar e mandar cartas bonitas para todas as minhas amigas antigas, seria bem legal. Porém, eu também precisava fazer novos amigos aqui, acho que posso começar com esse menino, ele pode ser divertido quando não estiver tão mal-humorado.

— Eu posso ser sua melhor amiga! — disse feliz por ter conseguido uma solução para o problema dele.

— Meninas não podem ser melhores amigas de meninos — ele falou balançando a cabeça e rindo alto.

Não sei o que eu disse de engraçado para uma risada dessas. Então bati firme o pé.

— Claro que podem. — Coloquei a mão na cintura como minha mãe faz quando me xinga.

— E nós vamos brincar de que? De Barbie? — Ele riu novamente. Como se a ideia de ser meu amigo fosse coisa de maluco, mas eu estava certa de que podia provar que ele estava errado. Meninas podem ser melhores amigas de meninos.

— Se você quiser, mas vamos ter que brincar com as suas, porque eu não tenho nenhuma. Eu estava pensando em dar uma volta de bike ou skate. Ainda não sei.

Eu não sabia andar de skate, mas agora que eu tenho um, podia aprender.

Ele sorriu.

— Meu nome é Logan.

Lo - gan, guardei.

É diferente.

Nunca conheci alguém chamado Logan. Eu gosto desse nome.

— O meu é Melissa, mas todo mundo me chama de Mel — falei sorrindo. — Quantos anos você tem?

— Oito — ele respondeu. — E você?

— Estou fazendo seis hoje.

— Por que você não vai mostrar a ela seu quarto de brinquedos, filho? — uma moça com o cabelo escuro e curtinho falou saindo da porta da casa dele. Ela era alta, magra e muito bonita, parecia uma modelo.

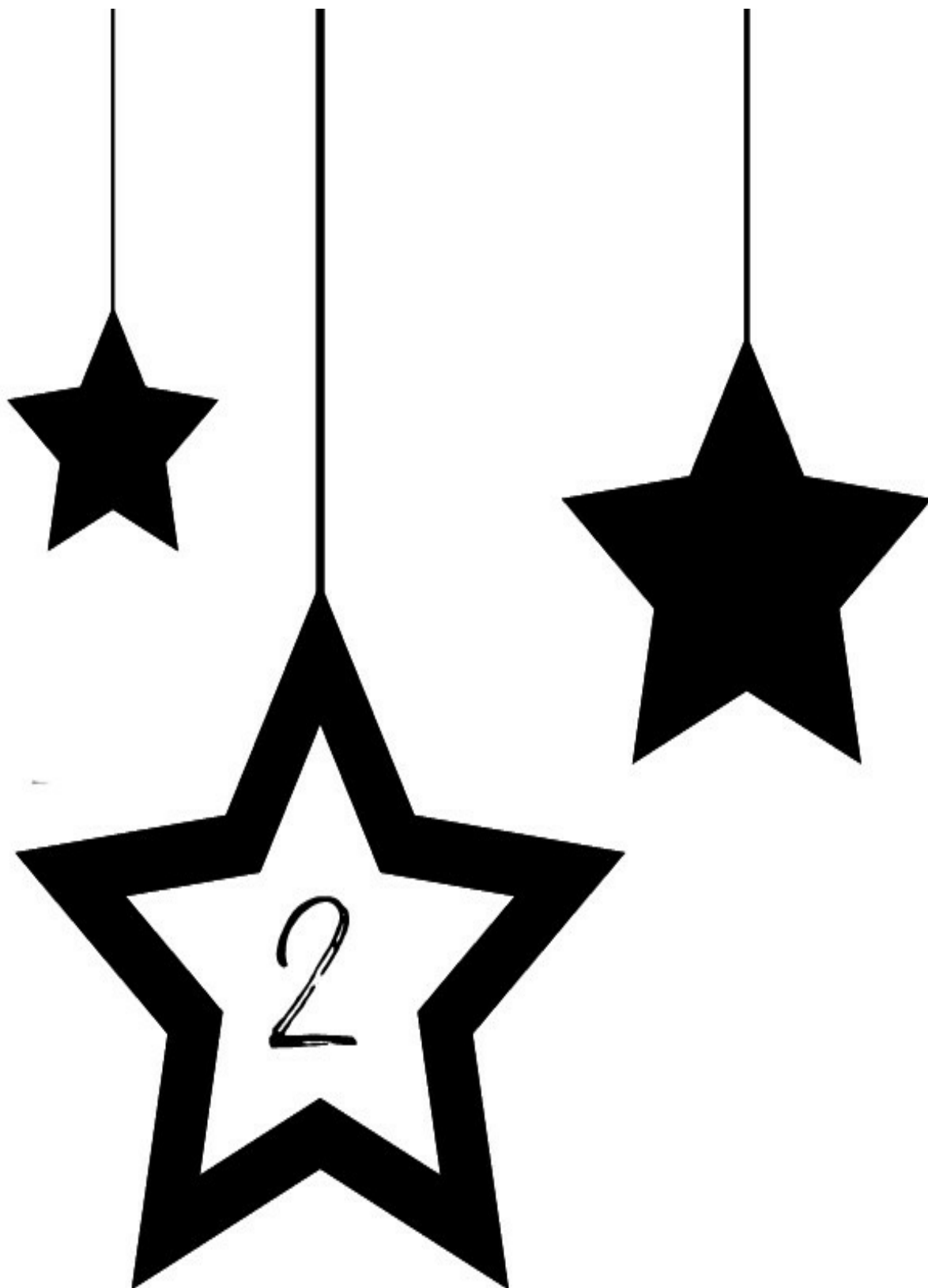
— Você pode brincar na minha casa? — ele perguntou.

Eu olhei para a mamãe que disse que eu podia ir.

De noite, o Logan, a mãe dele e a minha cantaram parabéns para mim com uma vela em cima de um cupcake que a mamãe comprou em uma padaria aqui perto. Parece que nossas mães também tinham ficado amigas.

Foi nessa hora que percebi que talvez a mudança fosse uma coisa boa, como a mamãe falou. Pelo menos eu acho que acabei de fazer meu primeiro amigo.

Acho que não odeio tanto assim meu aniversário. Odeio por não ter o papai aqui, mas o dia não foi tão triste quanto imaginei que seria.



Giovana

Não eram nem seis horas da manhã e eu já estava suando de calor. Entrei no chuveiro e deixei a água escorrer por todo o meu corpo. Não posso sequer aproveitar por muito tempo, pois estamos enfrentando uma tremenda seca. E como não quero ficar sem água mais tarde, faço tudo o mais rápido possível.

Estou terminando de tirar o creme do cabelo quando escuto a porta do banheiro abrir. Não tenho nem tempo de tirar a água dos olhos para confirmar quem é quando ela começa a tagarelar.

— Nossa, Giovana, está na hora de marcar uma depilação aí pra baixo, não acha?

Amaldiçoo essa mania de entrar no banho e não trancar a porta. Só porque estou no meu quarto, não significa que vão respeitar minha privacidade. Principalmente quando se mora com alguém como a Camila, que não tem noção nenhuma de limites.

— Merda, Camila! Me espera no quarto, já estou saindo — disse tentando cobrir minhas partes íntimas com as mãos.

Claro que era tarde demais, essa hora ela já poderia descrever os detalhes do meu corpo para alguém desenhar, mas a timidez falou mais alto me fazendo pelo menos tentar esconder alguma coisa.

Ela colocou a mão na cintura e virou a cabeça de lado, como se estivesse estudando todas as minhas curvas antes de voltar a falar.

— Não mude de assunto, vou marcar uma depilação para amanhã — falou e tirou o celular do bolso de trás da calça para responder alguma mensagem que recebeu.

— Sai daqui! — gritei jogando água nela por cima do box, mas não consegui atingi-la.

Ela balançou a cabeça e fez sua melhor cara de desapontada.

— Para com isso, você não tem nada aí que eu não tenha aqui também. — Ela respirou fundo e vi a sombra de um sorriso em seu rosto. — A não ser esse tanto de cabelo, isso é normal? — perguntou sentando-se no vaso sanitário sem se importar se eu estava incomodada com a sua presença ali.

A Camila é minha companheira de apartamento, minha melhor amiga e também a coisa mais próxima que eu tenho de uma família. Depois que perdi minha mãe fiquei bastante tempo sem saber o que era ter alguém tão próximo assim. Claro que ninguém nunca vai substituí-la, mas é bom não me sentir mais sozinha no mundo. E por mais que às vezes tenhamos nossas brigas, eu saltaria na frente de um trem por ela.

Nós nos demos bem desde o dia em que nos conhecemos, o que foi completamente inesperado, pelo menos para mim, pois ela é aquela garota que todas nós odiamos no colégio, a riquinha, a maravilhosa, a rainha da cocada que todos os meninos querem. Aquela que faz todas as outras se sentirem como sombras perto dela, mas ao contrário do preconceito que eu tinha

formado, ela nunca me deixou sentir como se eu fosse uma sombra. Camila não projeta sua luz apenas para sua cabeça, ela acolhe todos a sua volta. E esta é uma qualidade que eu não esperava. Um mês depois estávamos morando juntas e nos inscrevendo para a mesma faculdade.

Nós somos como os polos extremos de um imã, eu sou o Yin e ela o Yang. Nós nos equilibramos, ela é o ponto de luz na minha escuridão. Mesmo sem saber, ela me ajudou a juntar os cacos do meu passado. Foi a primeira pessoa que me fez rir e a ter uma vida sem tanta lamentação. Não sei o que seria de mim se não tivéssemos nos encontrado. Por outro lado, eu sou o ponto escuro na sua claridade, mantendo-a com os pés no chão. Acho que se eu não estivesse ao seu lado dando doses de realidade, Camila poderia voar e estou falando literalmente, talvez ela saltasse do topo de um prédio achando que tem asas.

— Eu juro que não sei como somos amigas até hoje. Você é uma vaca! — falei rindo enquanto pego a toalha para me enrolar.

— Uma vaca extremamente magra e maravilhosa, pelo menos — completou. — E vou ignorar isso porque eu sei que você me ama e porque vou marcar uma depilação para amanhã.

Saí do box com a toalha enrolada no meu corpo e passei por ela indo em direção ao meu quarto.

— Passo — respondi.

Comecei a vestir as roupas que já estavam separadas. Ela se sentou na beirada da cama e me olhou contemplativa.

— Amiga, as florestas amazônicas já saíram de moda há muito tempo.

— Minha floresta não tem turistas — respondi dando a deixa para que ela parasse de falar sobre isso.

Da maneira que ela fala parece que eu deixo tudo como Deus criou, as coisas não são bem assim. Tenho meus métodos para deixar tudo em ordem. Só andam um pouco atrasados.

— Isso tá na cara, né?

— Vai se foder, Camila. Mesmo se eu tivesse muitos “visitantes” ainda assim eu não encararia uma sessão de tortura por nenhum deles. Se me quiserem, vão me aceitar do jeitinho que eu sou, até com minha floresta. — Olhei para ela e mostrei o dedo do meio, achando que finalmente a faria mudar de assunto, mas não tenho essa sorte.

— Para de me chamar de Camila! — ela falou cruzando os braços, deixando o decote da sua blusa mais aparente do que já estava.

— Só depois que você parar de encher a porra do meu saco. E até onde eu sei, esse é seu nome. — Fiquei de costas para ela e fui para a gaveta da minha penteadeira a procura do meu creme de modelar, sem ele meus cachos ficam um pouco revoltados e pensam que podem saltar da minha cabeça na direção que quiserem.

— Você não tem saco, tem uma floresta — ela respondeu fazendo bico.

Ela odeia que a chamem pelo nome ao invés do apelido. Confesso que sei que estou sendo meio babaca por chamá-la assim sabendo os motivos disso.

A Camila é maravilhosa, praticamente uma Barbie ruiva. Seus cabelos não são naturais, ela

me confessou bêbada certa vez, e também disse que seus peitos perfeitos custaram algo em torno de cinquenta mil reais e que foram essas as mudanças que ela precisou para conquistar toda a confiança que lhe foi roubada na adolescência.

Eu vi algumas fotos dela mais nova, ela nunca foi feia, e apesar de não ter peitos enormes, eles não eram nem tão pequenos quanto os meus, mas parece que alguns babacas a fizeram acreditar que ela era feia por isso. Então, depois de suas mudanças radicais no visual, ela voltou também com outro nome e se “reinventou”. Adotou o apelido Cami e deu um incrível dedo do meio para todos que antes a zoavam. E eu confesso que a admiro muito por isso.

Consegui ignorá-la o resto da manhã, mesmo não sendo uma tarefa fácil. Requer uma habilidade sobre-humana ser capaz de negar algo a ela. Estava me sentindo vitoriosa por ter chegado à faculdade e ela ainda não ter achado um argumento bom o suficiente que me fizesse passar horas sofrendo na mão de uma depiladora.

— Caramba, é a porra do seu aniversário de namoro hoje! — ela gritou como a última tentativa desesperada no momento em que parei o carro na vaga.

Um tremor cruzou todo meu corpo quando escutei essas palavras, não era um tremor positivo de antecipação, muito pelo contrário, era um tremor de puro desespero. EU ESQUECI!

Estava tão empolgada com a volta as aulas que esqueci completamente.

Sei que vocês devem estar pensando “Que tipo de pessoa se empolga com a volta às aulas?”. Para você ver, minha vida anda tão na merda que me empolgo com a volta às aulas.

Por sorte não é nenhuma grande marca, é só o primeiro mês de namoro.

Talvez nem ele tenha se lembrado, homens nunca se lembram. Pelo menos é isso que todas as mulheres falam e eu estou torcendo para que realmente seja verdade. Nunca comemorei nenhuma data dessas antes para confirmar isso.

— Não me diga que você esqueceu? — Camila me perguntou com um olhar que fez com que eu me sentisse a pior pessoa do mundo.

— O que eu vou fazer? — perguntei sem olhar para ela, não queria encarar aqueles olhos incriminadores.

— Que merda, Gi. Ele está programando esse aniversário há dias. — Ela balançou a cabeça. — Veio até pedir uma ajudinha para mim.

Olhei em sua direção na esperança de que me desse uma luz, mas seu olhar continuava de reprovação. Quando um sorriso surgiu em seu rosto, me senti relaxar, mas depois percebi que foi cedo demais.

— Vamos a uma depiladora hoje — disse triunfante.

— Não! — falei quase junto com o final da sentença dela.

Com certeza ela percebeu que eu repudiei a ideia.

Só eu sei o tamanho do clichê que sou. Uma “mulher”, sim entre aspas, pois apesar de já ser independente e toda essa baboseira de adultos, eu ainda me sinto uma menina que precisa do colo da mãe. Então sou uma “mulher” de vinte e três anos que tem medo de se envolver intimamente. Pelo menos é isso que a maioria das pessoas que sabem que não tenho relações

sexuais deve pensar, mas o problema é um pouco maior do que isso.

Depois que a minha vida virou de cabeça para baixo, eu tentei encontrar consolo em todos os tipos de coisas — bebidas, drogas e algumas vezes até no sexo — mas percebi, tarde demais, que isso só me deixava pior. Eu me odiava mais e mais no final de cada noite. Nunca fui do tipo de garota festeira e, definitivamente, não servia para ser. Então acabei deixando esse meu breve período de rebeldia de lado.

Mesmo durante minha momentânea falta de noção, eu não aguentava pessoas que diziam “não se preocupe, é só sexo”. Para mim nunca foi “só sexo”, nada com ele era “só”. Com ele sempre era “tudo” e quem teve “tudo” não se contenta com “só”.

Eu não tenho medo de sexo, só não quero ter só sexo. Só sexo não tem amor, só sexo não tem paixão, só sexo só tem luxúria; entendo quem se contente com isso, mas é só, depois do sexo você fica só.

Infelizmente, demorei um tempo para descobrir que se não for “tudo” eu mesma posso fazer o trabalho “só”.

Quando eu comecei a namorar o Vitor eu sabia que alguma hora ele esperaria que eu cedesse, mas não pensei que essa hora chegaria tão rápido. Eu ainda não estou pronta para pensar nisso, muito menos fazer.

— Gi, eu não quis dizer que você precisa fazer isso, mesmo que ele espere que faça — Cami falou percebendo minha inquietação.

Ela está certa, é por isso que ele deve ter planejado uma noite maravilhosa, ele deve estar esperando que alguma coisa aconteça.

— Fala alguma coisa Giovana, para de neura. Vocês se gostam, deixa rolar, se você achar que não está pronta ainda é só o mandar parar — ela falou.

Eu realmente gosto dele, não sou apaixonada, não o amo, mas nos damos bem. Ele sempre foi bom para mim, foi por isso que aceitei sua proposta quando me pediu em namoro.

Nos conhecemos dois meses atrás, ou melhor, ele me conheceu. Ele é o cara mais conhecido da faculdade, então já o conhecia desde quando cheguei aqui, mas só fomos devidamente apresentados há dois meses. E por incrível que pareça, ele me notou, mesmo com a Cami do lado. A princípio me deixou um pouco desconfortável com a situação, mas depois passei a gostar de ter alguém prestando atenção em mim, ainda mais alguém que todas as meninas da faculdade se matavam por poucos minutos de atenção. Isto fez com que eu desse uma chance, pois ele devia ter visto algo em mim que não viu nas outras garotas.

Claro que tive meus rolos durante a faculdade, mas todos os caras pulavam fora no momento que eu falava que queria esperar para fazer sexo. A maioria perguntava com os olhos brilhando se eu era virgem, não entendo a fissura desses caras em querer tirar a virgindade das meninas, no final eles acabavam desapontados quando eu dizia que não. Só não queria sair pulando de colo em colo, então, só faria se tivesse certeza que o relacionamento estava indo para algum lugar. Tive esta conversa com o Vitor, provavelmente ele está pensando que um mês de namoro mostra que ele quer algo sério comigo.

É bom ficar com ele, não posso negar que ele tem uma bela pegada, mas não sinto aquelas borboletas no estômago, meu coração não acelera e tenho certeza que minhas pupilas também

não dilatam. Contudo, não acho que eu seja capaz de sentir isso novamente. Tudo que aconteceu me quebrou, e por enquanto, nem o tempo que todos dizem ser capaz de consertar qualquer coisa, conseguiu fazer isso.

Então, não posso culpar o Vitor por ainda não ter me feito sentir algo. Pode ser tudo culpa minha, eu me fechei e não dei chance para ele tentar se aproximar. Talvez se eu não for tão medrosa e consiga dar meu coração a alguém, perceba que consigo me apaixonar novamente e que esse papo de que cada um só tem uma metade seja uma mentira do caramba.

Talvez seja o Vitor a pessoa que me fará esquecer tudo que ainda dói.

Talvez eu deva dar uma chance, não é como se isso pudesse realmente me machucar. Pelo menos não emocionalmente, porque fisicamente tenho quase certeza que será como a primeira vez. Depois de tanto tempo, já devo ser virgem de novo.

Uma careta retorce o meu rosto com o pensamento.

Não custa tentar, não é como se eu precisasse do príncipe encantado em seu cavalo branco.

Só saí do meu transe quando a Camila caiu na gargalhada ao meu lado e eu quase cogitei a ideia dela estar lendo meus pensamentos.

Eu a olhei assustada, por que diabos ela estava rindo? Eu estou tendo um ataque de pânico e ela rindo como uma hiena.

Levantei minhas sobancelhas a interrogando.

— Ele está fazendo engenharia florestal, não acho que precise se preocupar com nada mesmo — ela explicou enquanto tomava fôlego para respirar.

Lembra quando eu disse que nós nos equilibramos? Era exatamente disso que eu estava falando.

Enquanto eu sou a rainha das neuroses, ela consegue fazer uma piada que me faz chorar de tanto rir com o assunto que está me deixando de cabelos em pé. Eu agradeço silenciosamente por ela ser assim.

Claro que nunca direi isso a ela, seu ego já é grande demais sem meus elogios.

Para contrariá-la eu tentei não rir, tentei fingir estar indignada com aquilo, afinal foi uma péssima piada. Entretanto, ela riu ainda mais quando olhou para mim e eu não consegui me segurar. Alguns minutos depois estávamos as duas abrindo as portas do carro e limpando as lágrimas que haviam escapado. Não sei como ela consegue fazer uma piada tão inoportuna ter tanta graça.

Ela segurou minha mão e nós duas recitamos um “boa sorte” silencioso uma para a outra.

Seguimos pelo corredor principal. A Faculdade transbordava a leveza do início do semestre, todos sorrindo, sem nenhuma preocupação com notas e provas, sem lágrimas atrás dos professores implorando por alguns pontinhos extras. Isso nunca durava muito tempo, dou no máximo duas semanas para ver pessoas se descabelando por algum trabalho.

Andamos pelos corredores quase correndo até chegar ao quadro de avisos, que ficava perto da sala da coordenação do nosso curso. Corri meus olhos por todo o quadro até achar o que eu estava procurando no canto.

O motivo da minha ansiedade para a volta às aulas. Respirei fundo antes de encarar aquele papel e ver se eu tinha conseguido.

Achei meu nome. Meu coração começou a martelar dentro do meu peito.

Ele estava lá.

O nome da Camila também estava lá.

Eu passei em primeiro lugar. Primeiro.

— Nós conseguimos — ela gritou empolgada e enlaçou os braços no meu pescoço me balançando.

Mordi meus lábios para conter o sorriso que insistia em atravessar meu rosto. Eu mal podia esconder a satisfação que aquilo me proporcionou. *Eu consegui!*

Eu sei que disse que gosto de passar despercebida, mas os professores não contam, eu quero impressioná-los sempre. Posso não ser a melhor da turma, mas eles sabem que sou a que mais tem vontade de aprender. Desde que percebi que minha vida não iria para frente caso eu não fizesse alguma coisa, decidi me esforçar independente da carreira que escolhesse, e foi assim desde o dia que pisei aqui.

Todo ano a faculdade oferece alguns estágios para alunos que têm interesse na área acadêmica. Muitos se candidatam para ter a chance de trabalhar com os melhores professores do curso. Por isso, o processo seletivo é bem difícil e ser selecionada em primeiro lugar é motivo de muito orgulho.

Fiz a prova há algumas semanas e depois de conferir a resposta com algumas pessoas que também haviam feito, eu estava quase certa que tinha ido muito mal. Foi um alívio ver que elas que estavam erradas e não eu e a Cami. Eu sabia que poderia ser uma nerd se eu quisesse.

Pulei mais alto ainda quando vi o nome do professor que eu tinha sido designada.

— Eu vou trabalhar com o Alexandre, eu não acredito!

Ele é o coordenador do curso de administração, ele viaja o mundo inteiro dando palestras, é simplesmente o melhor que eu conheço. Eu não poderia ter ficado com professor melhor.

— E eu vou trabalhar com esse tal de Adrian Scott. Não conheço esse professor.

— Eu também não. Com esse nome deve ser estrangeiro — respondi.

Ao final da lista, havia um aviso informando que os alunos aprovados deveriam pegar os formulários a serem preenchidos para o estágio com os professores aos quais foram designados.

— Estou indo procurar esse professor, nos vemos no intervalo — Cami falou e saiu andando antes que eu tivesse a chance de responder.

Com essa deixa, virei às costas para o quadro e segui para a coordenação.

Tive que esperar pouco mais de dez minutos antes do coordenador ficar livre e eu entrar na sala.

O Sr. Alexandre havia mudado os móveis de lugar, colocou algumas frases motivacionais em quadros na parede. Ele sempre amou esse tipo de frase, sempre cita alguma quando tem a oportunidade. Tudo ficou com a cara dele.

Em cima da cabeça dele havia um quadro escrito: “Acreditar que você pode, já é meio caminho andado.”. Minha mãe sempre me falava isso, era reconfortante ver as mesmas palavras que ela usava para me dar conselhos.

— Bom dia, Sr. Alexandre. — Entrei na sala lançando um sorriso para ele.

Sr. Alexandre é o único professor da faculdade que eu conheço que não gosta de ser tratado pelo segundo nome.

Ele me olhou por trás dos óculos e sorriu de volta. Seu cabelo estava começando a entregar sua idade, com alguns fios brancos, se não fosse por isso ninguém daria a ele mais do que trinta e cinco anos. Devia ser pelo menos dez anos mais velho que isso.

— Giovana, bom dia. Parabéns pelo seu resultado — ele disse e levantou estendendo a mão para me cumprimentar. — Eu disse que conseguiria.

— Pois é. Você estava certo e eu errada.

Foi ele que me incentivou a fazer esse teste, eu sinceramente não achava que conseguiria. Só os melhores passam e apesar de esforçada, eu nunca fui a melhor. Pelo menos não até agora.

O Sr. Alexandre foi como um pai desde que cheguei aqui. É sempre o primeiro a me incentivar e dizer que sou capaz, mas também é o que mais me cobra resultados, e eu faço de tudo para não o desapontar. Se não fosse por ele talvez eu nem estivesse mais na faculdade, já teria desistido há muito tempo.

— Veio pegar a pasta de estágio para preencher? — ele perguntou voltando para sua cadeira.

— É, quero começar logo — respondi empolgada.

— É assim que se fala. — Ele sorriu e abriu a gaveta para tirar algumas folhas grampeadas.

— Mal posso esperar para começar a trabalhar com o Senhor. Fiquei tão empolgada quando vi seu nome lá.

Ele riu com o meu comentário.

— Posso dizer o mesmo sobre quando vi sua colocação na prova.

Sorri sem graça.

— Muito obrigada, Sr. Alexandre. Você é o melhor — respondi me levantando e pegando minhas coisas que tinha colocado em cima da mesa junto com as folhas que ele me entregou.

Saí da sala dele e olhei para os meus horários, eu já estava dez minutos atrasada e a caminhada até o pavilhão que teria a aula levaria pelo menos mais dez. Apressei o passo e consegui chegar até ele em menos de cinco. Estava ofegante quando virei o corredor da sala.

Assim que encarei o corredor que deveria estar vazio, avistei o Vitor parado em frente da sala de aula.

Maldição, como ele descobriu meus horários? A resposta veio assim que fiz a pergunta, Camila.

Desacelerei meus passos, não sei por que motivo eu não queria encontrá-lo agora, ou talvez hoje, quem sabe essa semana inteira. Eu devo ser a pior namorada do mundo por desejar isso em

pleno aniversário de namoro. Ainda mais depois de concordar que ele pode ser o cara que fará meu coração bater descompassado, algum dia.

Respirei fundo e lembrei a lista de “talvez” que eu fiz em minha cabeça mais cedo.

Talvez com ele não seja “só” se você realmente der uma chance. Preciso tentar, uma vez.

Ele estava segurando um buquê de rosas vermelhas nas mãos e olhava impaciente para o relógio. Foquei no buquê. Rosas. Flores. Pólen. Ferrou. Ele ainda não tinha me visto ali, talvez eu ainda tivesse tempo. Seus olhos encontraram os meus no momento que tive o pensamento. Não tenho mais tempo algum, um sorriso brilhou no seu rosto e me senti mais culpada ainda por ter desejado não o encontrar. Meu coração acelerou quando me aproximei, não da maneira que eu queria, apenas da maneira normal quando estamos em uma situação desconfortável.

Vitor veio andando na minha direção, laçou seu braço que não estava com as rosas em volta da minha cintura e me puxou para um beijo caloroso, sem dizer uma palavra antes. O beijo foi um tanto exagerado, levando em consideração que estávamos em um local público, mas não o afastei. Isso faria eu me sentir mais culpada ainda. E não havia ninguém no corredor.

Ele se afastou por um segundo e me olhou. Seus olhos eram como um livro aberto, eu podia ler tudo que passava por ali, ou pelo menos eu achava que sim, todos diziam que ele tinha tanto talento quanto o pai para atuar. Eu enxergava desejo em seus olhos e estava claro naquele sorriso que ele mantinha no rosto, que estava com grandes expectativas para o dia de hoje.

Meu namorado estava incrível, como sempre. Seu cabelo loiro bem arrumado, seus olhos azuis chamando para um mergulho, e as covinhas, ah as covinhas. Acho que aceitei o pedido de namoro dele só pelas covinhas, eu queria dizer a elas que eu as amo. Como buraquinhos que são causados por deformidades no músculo podem ser coisas tão lindas?

Ele consegue ser ainda mais bonito que o próprio pai, que foi considerado no ano passado um dos atores mais bonitos da televisão brasileira. É o tipo de cara que babamos a vida inteira quando aparece na televisão, mas que na “vida real” não existe. Acho que eu sou realmente sortuda por ter encontrado um de verdade. Por que não consigo me apaixonar por ele?

— Feliz um mês de namoro, Gi — ele sussurrou no meu ouvido e me entregou as rosas. Fiz o máximo de esforço para mantê-las o mais longe possível do meu rosto sem que ele percebesse. — Que este seja o primeiro de muitos outros.

— Feliz um mês — disse dando-lhe um sorriso sincero. Prometendo tentar.

— Eu te pego às oito hoje à noite? — perguntou se afastando de mim.

— Sabe, eu consegui o estágio, não sei se é uma boa ideia sair hoje — balbuciei nervosa. Prometo tentar, mas não hoje.

Ele riu, fazendo as covinhas reaparecerem.

— Eu fiquei sabendo, parabéns, eu sabia que conseguiria. E também sabia que você fugiria de compromissos no meio da semana, mas sexta feira, não tem desculpas.

Sexta feira. Hoje é segunda. Tenho quatro dias para me abrir à ideia. Não é muita coisa, mas é melhor do que hoje.

— Tudo bem — concordei, me lembrando da promessa que fiz.

— Mal posso esperar — ele respondeu dando um beijo rápido nos meus lábios. — Agora preciso correr, estou muito atrasado.

E assim, ele me deixou plantada no corredor com aquele enorme buquê nos braços.

Eu não vou entrar com isso na sala de aula, ainda mais atrasada, chamaria atenção de todos e eu não quero isso.

Não gosto de ser o centro das atenções. A maioria das mulheres adora quando seus parceiros fazem grandes gestos para declararem ao mundo seu grande amor, mas sempre quando vejo algo assim acontecendo eu fico imaginando que eu iria querer sumir do mapa se fosse comigo.

Algumas semanas atrás, eu estava no shopping com a Cami e um cara fez uma megaprodução para o pedido de casamento, com direito a dançarinos e cantores. Todos em volta ficaram encantados, a mulher se derramou em lágrimas ao aceitar o pedido, tudo muito lindo, mas nada que me agradaria. Eu no lugar da mulher teria passado direto e fingido que não era comigo. Preferiria mil vezes um pedido simples, com um sussurrar no pé do ouvido, como se o pedido fosse um segredo só nosso, um momento que ninguém mais teria a lembrança, a não ser nós dois.

Então fiz meu caminho de volta até o estacionamento e joguei o buquê lá dentro. Por fim, acabei matando a primeira aula, já estava meia hora atrasada, e eu conhecia muito bem esse professor para saber que eu perderia mais pontos com ele por chegar atrasada do que por não ir à aula. Então acabei fazendo hora até o sinal da próxima aula.

No intervalo encontrei a Cami sentada no gramado, perto de uma árvore que fazia uma sombra maravilhosa.

— Como foi com o Vitor? — ela perguntou sorrindo.

— Você não deveria sair dando meus horários para todo mundo — a repreendi.

— Ele é seu namorado, sua sonsa — retrucou.

Eu revirei meus olhos.

— Tive alguns problemas florais.

— Ele te deu um buquê? — ela perguntou já gargalhando.

— É um gesto fofo — disse dando de ombros.

— Claro, é uma fofura quando sua garganta fecha e você não consegue mais respirar. Tipo...

Ela fez uma cara torta, que provavelmente era para parecer alguém sufocando, mas na verdade parecia que ela estava tendo um ataque epilético ou algo do tipo e sussurrou sem ar “Você é um fofo”.

Pois é, eu tenho alergia a pólen, mas ele não sabe disso, e não sei por qual motivo não contei no momento que vi aquele buquê. Acho que foi um pouco pela culpa, não queria ele se sentindo mal por um gesto bonito, quando eu era quem tinha esquecido o nosso aniversário de namoro.

— Hoje você tirou o dia para encher a porra do meu saco — falei me sentando ao lado dela.

Não ajudaria no meu plano de me apaixonar por ele escutar coisas negativas. A culpa disso tudo era só minha por nunca ter comentado sobre essa alergia com ele.

— Eu já disse que você... — ela começou a dizer, mas a calei mostrando o dedo do meio antes que tivesse a oportunidade de terminar a frase.

— Enfim, não quero mais falar sobre você. Quero falar sobre o pedaço de mau caminho que é meu tutor do estágio.

— Qual é mesmo o nome dele? — perguntei.

— Dr. Scott — ela respondeu mordendo os lábios. — Esse professor novo é sem sombra de dúvidas o cara mais gato do mundo.

— Semana passada o cara mais gato do mundo era sem sombra de dúvidas o Ian Somerhalder — comentei.

Cada semana a Cami decide admirar um cara diferente e cria paixões platônicas impossíveis.

— Tudo bem, ainda é. Mas ele definitivamente é o mais gato da faculdade, talvez da cidade, ou melhor, do país! Definitivamente só perde para o Ian.

Eu ri e balancei a cabeça.

— Você por acaso conhece meu namorado? Um metro e noventa de pura gostosura, louro e olhos azuis? Se não me engano foi assim que o descreveu antes de me apresentar a ele.

— Gi, ele é seu namorado agora, namorado de amiga é proibido de ser analisado. Mas já que o citou, até ele perderia fácil para dois metros de pura perfeição. Ele é tipo um experimento do professor Utônio.

A altura que ela fala não significa realmente que o cara é alto, é como uma nota, o que conta é depois da vírgula, como os centímetros depois de um metro. Por exemplo, a nota do meu namorado era noventa e a desse professor novo era cem, ela nunca deu uma nota tão alta para alguém que realmente conhecemos. Ele deve ser realmente alguma coisa, mas ela sempre desenvolve quedas por caras improváveis, principalmente esses professores quarentões.

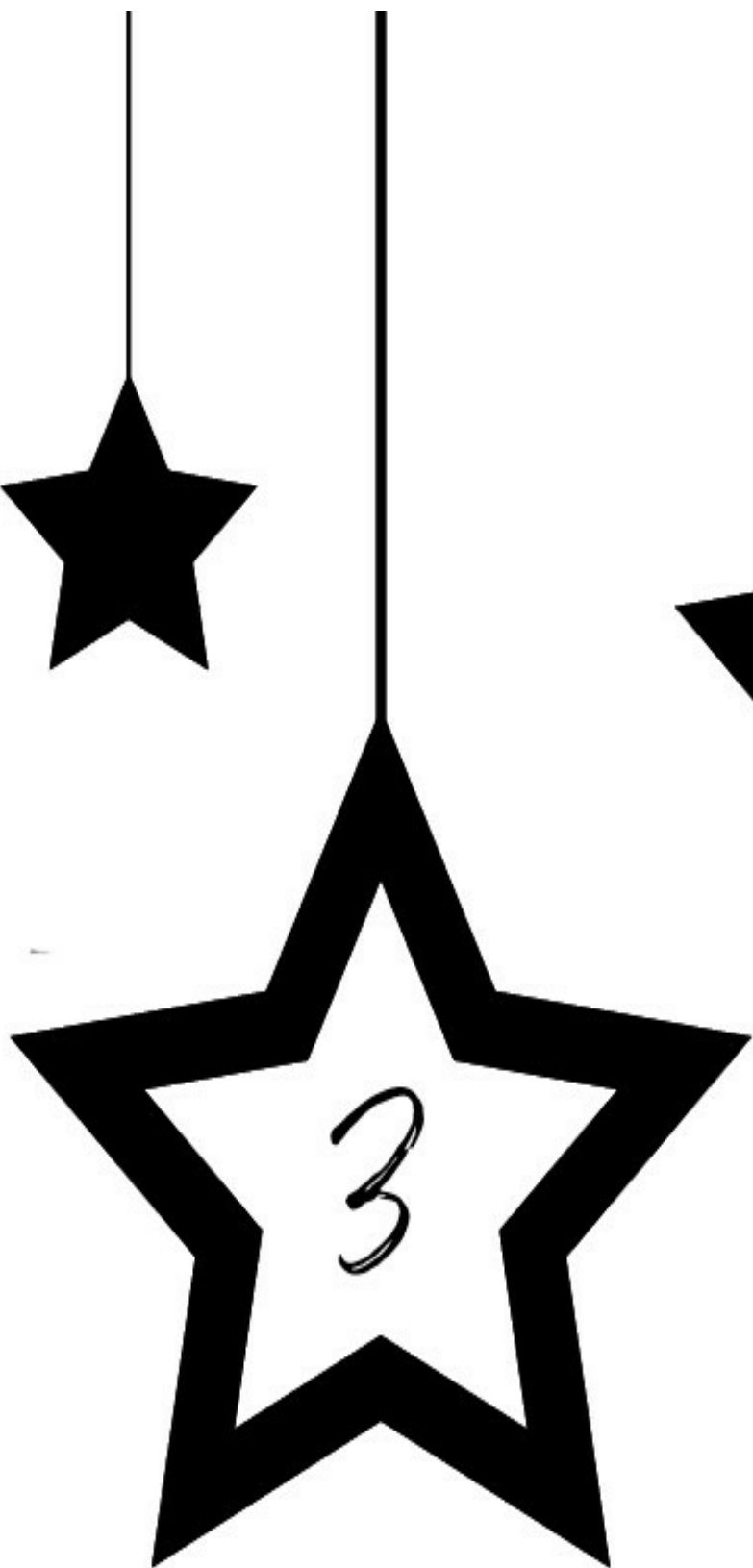
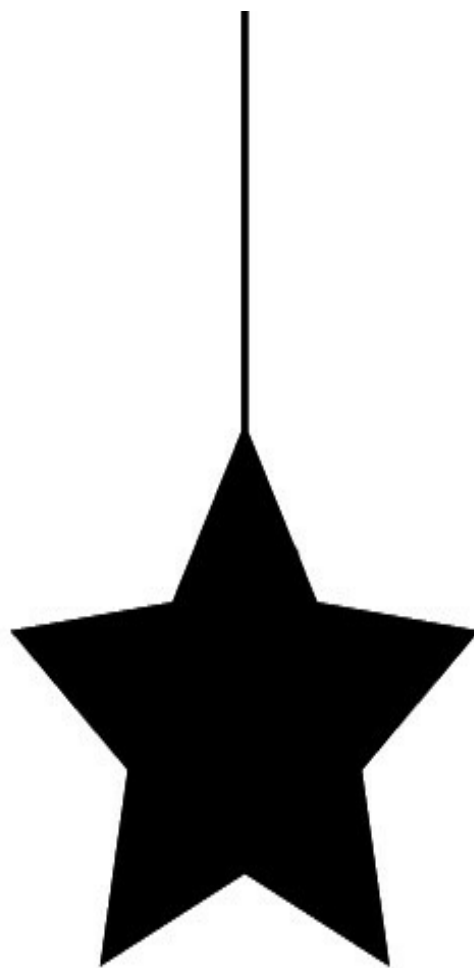
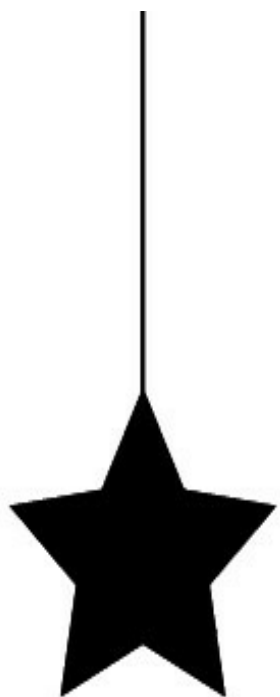
— Só não entendi qual é a do experimento desse professor — comentei.

— Caramba, onde você se escondeu na última década? Professor Utônio, criador das meninas superpoderosas. Tipo açúcar, tempero, tudo que há de bom e acidentalmente acrescentou um elemento extra na mistura, o elemento X! — falou tentando imitar a voz do narrador. — E assim nasceu o homem perfeito, usando seu ultra superpoder para combater a castidade e as forças de vontade.

Cai na gargalhada antes que ela terminasse. Isto é tão ridículo.

— Você é ridícula, Cami. Tem certeza que tem mais de quinze anos?

— Vou conferir na minha certidão e depois te aviso.



Melissa

Se eu pudesse congelar o tempo, seus lábios nunca teriam deixado os meus.



— Eu te odeio, Logan! — gritei batendo a porta na cara dele.

André foi o primeiro garoto que mostrou interesse em mim nos quase quinze anos da minha vida e logo quem deveria ser meu melhor amigo acaba de arruinar tudo. Eu gostei de me sentir desejada por alguém, de ser chamada de linda por outra pessoa que não fosse a minha mãe. E agora tudo isso foi pelo ralo.

Logan havia acabado de contar para o André, menino que queria ficar comigo, que eu nunca tinha beijado. Todos tiraram sarro de mim. Eu só queria desaparecer do mundo. Ninguém mais na minha idade é BV (boca virgem), e agora parece que continuarei assim por um bom tempo.

— Desculpa, Mel. Abre a porta — ele gritou do outro lado.

— Vai embora, Logan.

Ele deveria voltar para aquela faculdade e esquecer que eu existo. Fiquei muito bem o último ano inteiro sem ele por perto. Não preciso do gênio que entrou para faculdade com dezesseis anos para me dizer o que tenho que fazer. Sei muito bem me virar sozinha.

Quando escutei uma chave do lado de fora destrancando a fechadura, senti raiva até da minha mãe por ter uma maldita chave reserva debaixo do tapete. Sim, é idiota esconder uma chave embaixo do tapete, todo mundo sabe que é o primeiro lugar que se deve procurar uma chave reserva. Só que a dona Flávia acha que a psicologia reversa funciona nesse caso, já que é uma coisa que todo mundo sabe, ninguém vai esperar realmente que alguém guarde a chave ali. O que é uma teoria ridícula, porém nunca falei para não magoá-la, mas falarei na próxima vez que a encontrar, pois estou com raiva dela por isso.

Tentei correr para o meu quarto. Não fui rápida o suficiente, ele me alcançou no meio do corredor, antes que eu chegasse lá e me segurou contra a parede. Tentei passar por baixo dos braços dele, o que só serviu para que me apertasse mais contra a parede e bufasse de frustração.

— Deixa de ser criança, eu falei aquilo para que o cara não tentasse se aproveitar de você logo no seu primeiro beijo — ele falou me olhando com ternura.

— Eu não me importo, só não queria mais ser a única garota de quinze anos do colégio que nunca foi beijada — esbravejei. — Você sabe como me sinto sobre isso, já te falei várias vezes. É uma droga.

Ele me olhou por um momento.

— Sua única preocupação é ainda ser BV? Não porque “estraguei” sua chance com aquele babaca? — disse fazendo sinal de aspas com as mãos, me liberando por um breve momento, mas acabei desistindo de tentar correr dali. Eu sabia que não conseguiria dormir se estivéssemos brigados, como aconteceu das últimas duas vezes que ficamos sem nos falar por quase doze horas.

Pensei por um instante e percebi que era exatamente isso, eu nem me importava com quem seria, apesar de ter gostado de ter a atenção de alguém, só queria poder entrar no assunto quando as garotas comentam sobre beijos. Todas as minhas amigas ficam contando vantagem sobre os beijos que já deram e me olham com aqueles olhos de pena quando tento mudar de assunto. Sei que a maioria das garotas quer ter o primeiro beijo com a paixão da vida, mas nunca me apaixonei e não pretendo formar sendo a única garota que não sabe o que é um maldito beijo na boca quando a maioria já se aventurou até em outras áreas.

— Acho que sim — respondi meio sem jeito.

Antes que eu pudesse reagir sua boca estava em cima da minha e meu estômago virou uma cambalhota com aquele gesto repentino. Ele me pegou desprevenida, não que eu esteja reclamando.

Não foi nada como eu esperava que seria a sensação de ser beijada, nossas bocas pareciam não se encaixar, eu estava tensa e os meus movimentos não combinavam com os dele, enquanto eu abria a boca, ele a fechava e nossas línguas mal se encontravam. Sua mão estava na minha cintura e eu não sabia onde colocar a minha, tentei colocar na cintura dele também, mas pareceu uma posição estranha. Estava prestes a jogar meus braços em torno do seu pescoço, como vejo nos filmes, quando senti seu corpo começar a tremer. Demorei alguns segundos para perceber que ele estava rindo enquanto tentava me beijar.

Ele está rindo do meu beijo.

Maldito seja!

Senti a raiva voltar a transbordar em questão de segundos. O empurrei para longe de mim antes de gritar.

— Vai se foder, Logan. Seu beijo é horrível!

Beijar é horrível, não sei o que as pessoas tanto falam disso.

— Ei, não venha pôr a culpa em mim — respondeu por entre as gargalhadas.

— Está insinuando que eu beijo mal? — perguntei me virando para ele quando já estava quase na porta do meu quarto.

— Não. — Ele sorriu com os olhos, mas sua boca continuava apenas uma linha fina. — Só estou dizendo que não tem prática ainda.

— Não se preocupe, agora posso arranjar alguém para treinar. Ninguém mais se assustará, já que não sou mais BV.

— Não seja boba, pode treinar comigo — disse me puxando para cima dele novamente. — Relaxa um pouco! Deixa rolar e pare de pensar por um momento.

E eu parei.

Ele voltou com os lábios para cima dos meus e dessa vez eu deixei que ele me conduzisse, não tentei apressar. Sua boca encostou na minha, enquanto sua respiração fazia cócegas na minha pele. Ele me beijou apenas com os lábios por um momento, então sua língua passou pela minha boca pedindo entrada e eu a deixei passar. Nessa segunda tentativa eu consegui acompanhar o ritmo dele e não pareceu tão ruim quanto o primeiro. E o terceiro foi melhor ainda. E depois que perdi as contas, fiquei triste quando nossos lábios tiveram que se separar. Pelo menos ter um melhor amigo homem serviu para alguma coisa.



Logan

EU SOU UM MALDITO DESGRAÇADO, QUASE VOEI NA garganta daquele idiota por insinuar que levaria a Mel para cama hoje e estou quase fazendo a mesma coisa. Seus dedos estão enfiados no meio do meu cabelo enquanto brinco com a sua boca. Cada vez que ela aperta seu corpo contra o meu tenho que me concentrar para não passar meus braços em volta dela e carregá-la até o quarto que está a menos de um metro de distância daqui.

Ela era Bv até cinco minutos atrás seu idiota. Ela é virgem. Ela ainda não tem nem quinze anos! Eu repetia isso na minha mente todas as vezes que algum pensamento devasso cruzava meus sentidos. Não que eu seja muito mais velho do que ela ou tenha muita experiência no assunto, mas o fato de ser a garota dos meus sonhos aqui nos meus braços, não ajudava em nada no meu controle.

Ela mordeu meu lábio inferior me fazendo suspirar na sua boca. Fui obrigado a me afastar. Eu não tenho autocontrole suficiente para continuar isso sem avançar mais nada.

Ela arregalou os olhos e mordeu o próprio lábio. Droga, ela realmente não faz ideia do quanto isso piora ainda mais a situação. Desviei meus olhos para acalmar meus sentidos.

— Eu te machuquei? Mordi muito forte? — perguntou preocupada. — Desculpa.

— Não, Mel. Não é nada disso — falei tentando acalmá-la. — Acho que você pegou o jeito.

— Oba! — ela gritou e me lançou um sorriso largo. — Você foi um ótimo professor. — falou jogando os braços em meu pescoço para um abraço. Encostou os lábios no meu ouvido e sussurrou um agradecimento que fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. E antes que eu tivesse a oportunidade de responder, ela completou. — Obrigada por ser meu melhor amigo — E me deu um beijo na bochecha.

EU NÃO FIZ ISSO PORQUE QUERO CONTINUAR SENDO A PORRA DO SEU MELHOR AMIGO! Gritei na minha cabeça, mas minha boca permaneceu imóvel. Apenas sorri e

acenei positivamente.

Eu estou indo embora novamente amanhã, não posso jogar uma bomba dessas para cima dela e depois sumir por mais não sei quantos meses.

Se ela dissesse que não sente o mesmo eu estragaria o pouco que tenho por nada.

E se por um milagre ela correspondesse aos meus sentimentos, como eu poderia deixá-la? Como eu voltaria para faculdade sabendo que ela também me ama?

Eu sei que muita gente poderia falar que sou muito novo para ter certeza de que ela será a única garota. Porém, desde aquele dia quando eu tinha oito anos e ela admitiu gostar de skate, o que na minha cabeça era algo exclusivo para meninos, eu deixei de odiar as garotas e passei a amá-las. Principalmente aquela garota com o sorriso com um dente faltando e sempre com uma resposta esperta na ponta da língua. Eu era muito novo, mas até hoje ela é a única garota que atormenta meus pensamentos.

Então me despedi. Ela sorriu e me abraçou.

Não teve outro beijo.

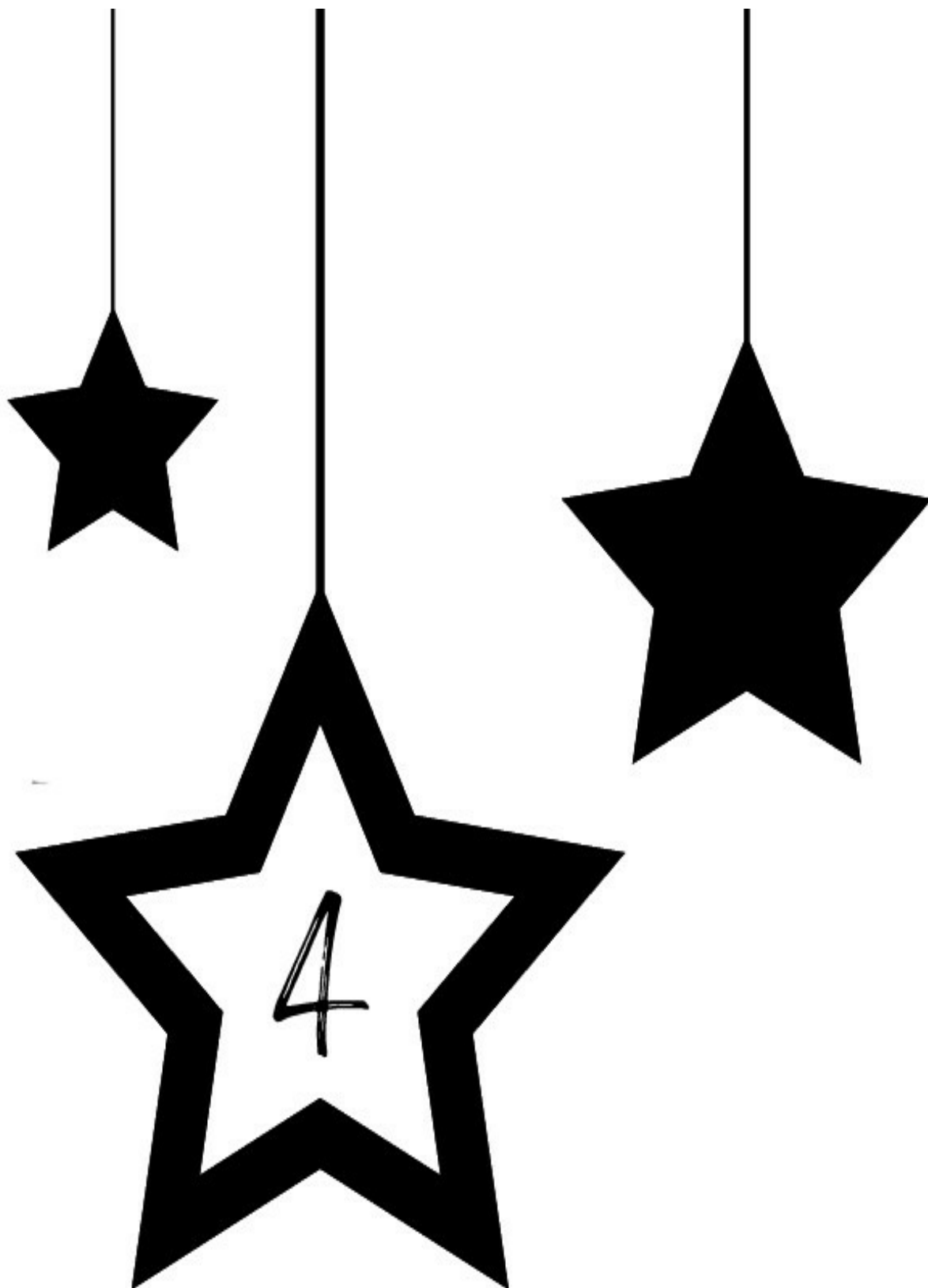
Eu ainda podia sentir o gosto de Tictac de laranja da sua boca, ela não vive sem um pacote destes, e agora esse é o meu gosto preferido.

Eu queria poder sentir seu gosto sem nada, puro. Deve ser melhor que qualquer outro. Mas não posso fazer isso, não agora.

Só acenei de volta e fui embora.

Ela nunca mais falou sobre esse beijo.

Eu voltei a ser seu melhor amigo. Só melhor amigo.



Giovana

As horas passaram tão devagar durante a manhã que eu jurei que poderia morrer de tédio durante as aulas. Odeio esses primeiros dias que os professores só enrolam ao invés de já começar dando a matéria.

Saí da aula ao último sinal e fui até a sala do Sr. Alexandre devolver a pasta de estágio. Ele pediu para que eu sentasse por um momento para conversarmos sobre quais seriam minhas obrigações dali para frente.

— Então, Giovana, você pode começar amanhã?

— Claro, poderia até hoje — respondi animada.

— Não é necessário. — Ele sorriu. — Seu horário será de uma às seis. E sempre que tiver palestras ou congressos você está liberada para ir. Tem alguma dúvida?

— Por enquanto não, mas se surgir alguma eu te aviso.

— Então é só isso, te vejo amanhã.

Despedi-me dele e fui encontrar a Cami em frente ao carro.

Ela já estava me esperando, conversando com um homem alto, ombros largos e a pele escura, alguns tons mais escura do que a minha. Conforme fui me aproximando percebi que ele era bem bonito e me parecia familiar, mas não consegui me lembrar de onde.

A Camila sorria e passava a mão pelos cabelos. Ela estava obviamente dando mole e o cara estava fazendo bom proveito da atenção.

Cheguei mais perto e sorri para os dois.

— Oi — falei.

— Gi — Camila falou saindo do transe. — Esse é o Bruno, ele mora no nosso prédio.

Agora está explicado porque ele me parece familiar.

— Oi Bruno, acho que já te vi por lá.

— Já trombamos algumas vezes — ele respondeu com aquele tipo de sorriso que toca os olhos. Fazendo com que esses fiquem apenas como uma fina linha.

— Ele viu meu recado no mural procurando por um novo guitarrista para a banda. E acho que acabamos de encontrar quem estávamos procurando.

A Camila tem uma banda de Rock desde a época do colégio, mas recentemente ela perdeu quase todos os seus integrantes por “não terem mais tempo para brincar de músicos”. O que foi uma afronta para ela, pois minha amiga nunca tratou isso como uma brincadeira. Agora colocou na cabeça que vai remontar a banda e vai fazer muito sucesso só para esfregar na cara de todos que a deixaram na mão. Inclusive seus pais que não concordam com isso.

— Isso é ótimo, Cami — respondi. — Espero que você seja um guitarrista excepcional, não aguento mais audições — completei me dirigindo ao Bruno.

— Então nos encontramos lá em casa daqui a pouco — Camila falou e nos dirigimos para o carro.

Assim que entramos senti meu nariz começar a coçar. Acho que não deveria ter deixado o carro fechado com esse buquê dentro nesse calor, mas eu seria uma péssima pessoa se o jogasse fora. Então, encarei o carro do jeito que estava. Quando chegamos em casa meus olhos estavam coçando e eu parecia ser o Rudolf, aquela rena do Papai Noel que tem o nariz vermelho.

— Que gesto fofo... — Cami murmurou saindo do carro e rindo da minha cara.

Peguei o buquê e carreguei para dentro do apartamento, colocando-o em uma jarra no canto mais distante da sala.

Passei o resto da tarde vendo a Cami flertar com o mais novo integrante da banda, que é incrível. Não sei por que nossos caminhos não se cruzaram antes, teria me poupado várias dores de cabeças que tive com os péssimos músicos que passaram por aqui.

Meu celular vibrou na minha mão avisando que eu havia recebido um novo e-mail. Fui até o computador para abrir. Não gosto de responder e-mails pelo celular, o corretor me odeia. No ano passado durante uma troca de e-mails com o Sr. Alexandre, eu estava meio cansada e não reli antes de enviar, só fui reparar que havia algo errado quando ele enviou uma resposta pedindo que “desse uma olhada” no que havia escrito. E o texto estava assim:

“Boa tarde, Alexandre. Como boceta? (...)”.

Obviamente eu queria sumir do mapa, eu havia digitado “como você está?” e o corretor arruinou a minha vida.

Quem programou esse sistema de correção nos celulares sem sombra de dúvidas fez propositalmente para fazer as pessoas passarem vergonha, pois é a única explicação razoável para trocar “você está” por “boceta”. Pedi milhões de desculpas, evidentemente, mas até hoje meu rosto queima toda vez que me lembro.

Abri meu e-mail e vi que era do professor Adrian Scott, – a oitava maravilha do mundo – de acordo com a Cami, mas pelo jeito que ela está flertando com o guitarrista na nossa sala tenho certeza que já trocou a paixonite do dia.

De: Adrian Scott

Para: Giovana Rabello

Re: PARE DE ENVIAR E-MAILS!

Eu também te amo e sei que você está preocupada com o que pode acontecer a partir de agora, mas neste momento eu preciso muito me concentrar. Tenho uma lista de e-mails enorme para enviar e não consigo fazer isso com os seus chegando a cada dois minutos. Conversamos mais tarde.

Fiquei encarando a tela do notebook. Relendo aquelas palavras. Eu obviamente não era a

destinatária desse e-mail. Isto acabou de ficar muito estranho. Parece que o Deus grego está tendo problemas no paraíso, ou melhor, no Olimpo.

A Camila parou atrás de mim lendo o e-mail aberto na tela e começou a gargalhar.

— Meu Deus, ele te ama, mas eu quero que ele me ame. — Ela fez beicinho.

Eu coloquei o computador na bancada da cozinha e fui procurar algo para comer.

— Estou com vergonha de responder — admiti. — Será que devo informá-lo que enviou para pessoa errada ou deixo quieto e finjo que nunca recebi?

— Deixe que eu responda por você.

Eu neguei com a cabeça e continuei vasculhando a geladeira.

— Cadê o bonitão do Bruno?

— Foi embora, vamos fazer um ensaio com a banda completa mais tarde. Ele é bonitão mesmo, não é?

Acenei concordando, peguei uma maçã e voltei para o lado da Cami. Quase mordi a língua quando vi que ela havia acabado de apertar o enter enviando em meu nome um e-mail que eu não tinha permitido.

— O que você acabou de fazer? — perguntei quase gritando, com o pânico tomando todo o meu corpo.

Abri o e-mail para ler o que ela havia acabado de enviar.

De: Giovana Rabello

Para: Adrian Scott

Re: Pessoa errada...

Não nos conhecemos pessoalmente ainda, mas fico lisonjeada por já me amar. Espero ansiosa pela conversa mais tarde.

— Eu vou te matar. Eu juro que vou te matar.

Cobri meu rosto com as mãos enquanto meu coração acelerou no peito. Eu não acredito que ela acabou de fazer isso. Como vou olhar na cara desse professor agora? Precisarei trancar a faculdade por pelo menos vinte semestres para me recuperar dessa vergonha.

— Relaxa, é só falar que deixou o e-mail aberto e uma louca que mora com você respondeu. Ele nunca vai saber que moramos juntas mesmo — ela falou dando de ombros e indo para o quarto, me deixando com aquela enorme confusão para resolver.

Eu a xinguei silenciosamente e levei o notebook para o meu quarto. Assim que sentei na cama com ele no colo a janela no bate-papo do e-mail subiu, era ele, o professor. Minhas mãos tremeram sem saber o que fazer.

Adrian Scott:

Boa tarde, Giovana.

Gostaria de me desculpar pelo e-mail.

Estava com duas abas abertas e acabei trocando as correspondências. Só percebi quando já era tarde demais para corrigir o erro.

Ou ele não recebeu meu e-mail ou está fingindo que não recebeu. Eu espero que seja a primeira opção, mas agradeceria bastante se for a segunda.

Eu:

Não tem problema. Isso acontece.

Adrian Scott:

Agradeço pela compreensão.

Quanto a sua resposta, eu sei que foi uma brincadeira, porém é melhor que não se repita. Sou professor da faculdade e você uma aluna, se isso cair em mãos erradas podemos ter problemas. Não sou contra brincadeiras, mas limite tem que ser imposto neste caso.

Não aconteceu o que eu queria. Nenhuma das opções. Ele viu e falou sobre isso.

Eu:

Mil perdões pela brincadeira de mal gosto. Eu sei que vai parecer uma desculpa esfarrapada, mas eu havia deixado meu notebook aberto e minha companheira de apartamento respondeu sem que eu visse.

Prometo que nada parecido irá se repetir.

Adrian Scott:

Realmente parece uma desculpa, mas sou obrigado a acreditar para o bem de um relacionamento Professor/Aluna mais saudável.

Eu:

Eu sei que é difícil, mas obrigada.

Tenho que admitir que estou quase feliz pelo senhor não me dar aula.

Eu não saberia como entrar em sua sala depois dessa.

Adrian Scott:

Eu não ficaria tão feliz. Seu e-mail estava aberto aqui por um motivo.

Estou selecionando alunos que tenham interesse em desenvolver um projeto de Marketing. Seu nome foi citado por vários professores.

Estava prestes a te convidar para uma reunião na próxima quinta para discutirmos as possibilidades.

Eu:

E eu estraguei tudo?

Por favor, diga que não.

Sei que pareci desesperada, mas realmente quero muito isso.

Adrian Scott:

Não se preocupe. Essa inscrição não sairá daqui.

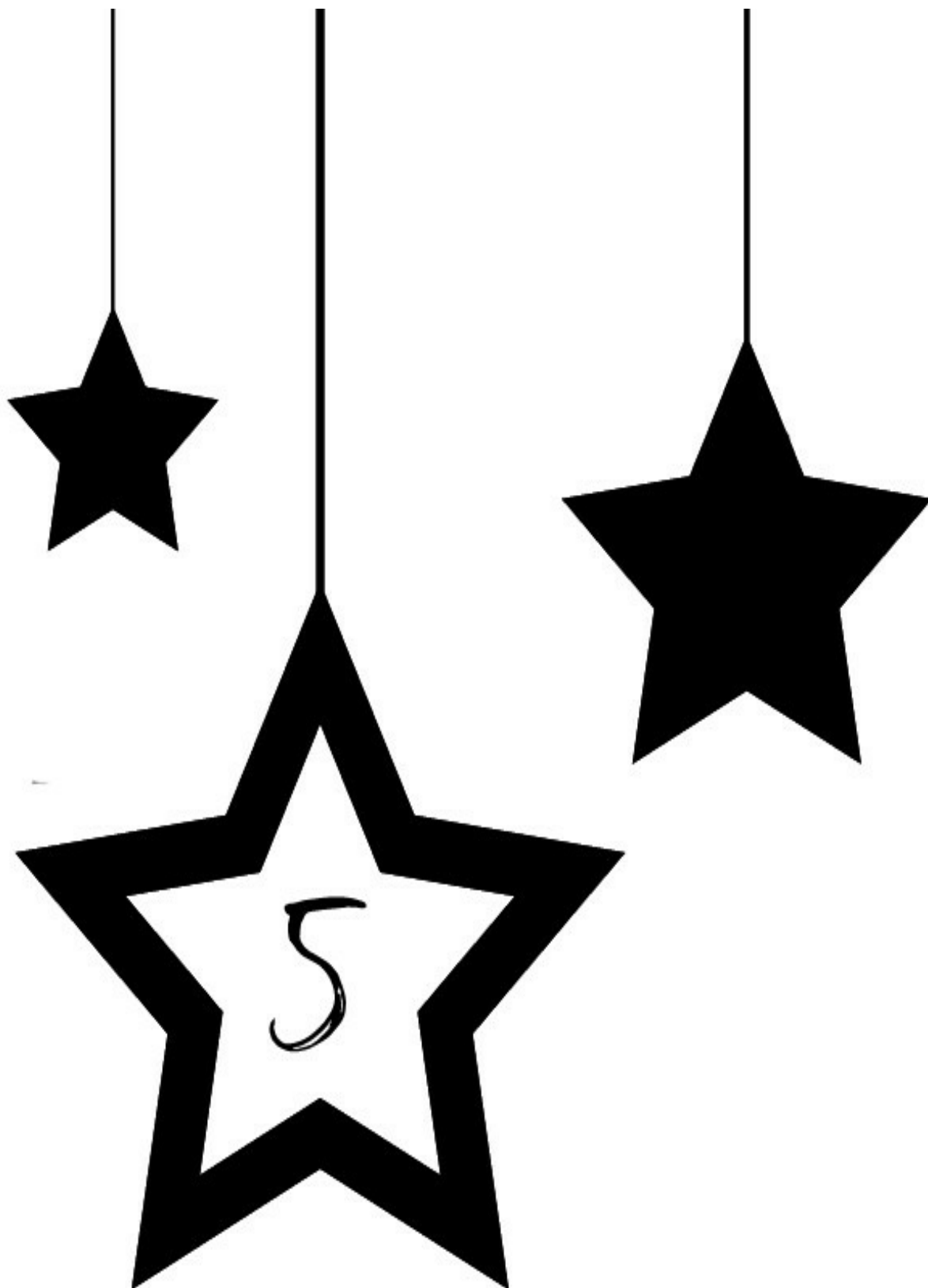
Mandarei todos os detalhes por e-mail.

Eu:

Muito obrigada, Dr. Scott.

Até quinta-feira.

Joguei-me de costas na cama e encarei o teto com aquelas estrelas que coleí na minha primeira noite aqui e ajudam a me acalmar para dormir. Fechei os olhos e desejei que desse certo, eu preciso que isso dê certo, para que todo o resto continue no mesmo caminho. Eu ainda tenho um dinheiro guardado, mas ele não vai durar para sempre. Pelo menos agora com o estágio já terei uma renda extra.



Melissa

Um segundo ao seu lado me faz mais feliz do que todas as horas ao lado de qualquer outra pessoa. É uma pena que esse segundo insista em passar tão rápido, logo quando eu desejava que passasse bem devagarzinho.



— Você é a melhor mãe do mundo! — gritei pulando no pescoço dela. — Eu te amo. Obrigada!

Ela riu.

— Nós duas vamos cair no chão se você não me soltar, Mel.

Eu a libertei do meu abraço de urso e encarei aquela passagem que ela tinha acabado de me entregar.

Já faz quase dois anos que o Logan não volta para casa. A última vez foi quando ele me surpreendeu com aquele beijo, que fui obrigada a esquecer para o bem da nossa amizade. Por mais que eu tenha ficado meses fissurada, uma hora eu tive que me obrigar a pensar em outra coisa, eu não poderia ter me apaixonado pelo meu melhor amigo por causa de um beijo. Quem se apaixona depois do primeiro beijo?

Bem, eu quase fui essa pessoa. *Quase!*

Claro que nos falamos todos os dias, só que não é a mesma coisa. Não podemos nos abraçar para nos consolar quando alguma merda acontece, nem ver a expressão do outro quando contamos alguma novidade, mas para mim o pior de tudo é não poder ter aquela conversa silenciosa que sempre tivemos. Sabe aquela conversa que só de olhar para os olhos um do outro já se desenvolve todo um diálogo na cabeça? Então, essa conversa. Ele é o único que entende meus olhares.

E agora eu estou prestes a vê-lo, daqui a dois dias. Quarenta e oito horas.

Eu estava pulando e cantando de alegria. Minha mãe é a melhor do mundo, e se você pensa que é a sua, serei obrigada a te corrigir.

Minha mãe me observava com aquele sorriso bobo no rosto por eu ter gostado tanto do meu presente de dezessete anos.

Meu aniversário mesmo é só daqui a mais alguns meses, mas ela me deu o presente antecipado para conciliar com as férias de janeiro do Logan. Por conta do estágio que conseguiu no início do terceiro período ele nunca consegue tempo para vir aqui, as férias do estágio nunca

são na mesma época das férias da faculdade, o que torna quase impossível a viagem.

Além disso, sei que esse presente também vem carregado com um pedido de desculpas. Há três meses ficamos sabendo que meu pai foi morto em uma tentativa de assalto. Apesar de só ter tido contato com ele por telefone desde que saímos de Curitiba para morar no interior de Minas Gerais, nossa relação nunca mudou, e doeu para caramba a perda dele. Na época briguei muito com a minha mãe por ter me tirado dele, até joguei na cara aquela conversa deles que me atormentava desde os seis anos de idade, mas depois de ver como ela ficou triste por sua morte, me arrependi das coisas que falei. Eu nunca entendi porque nos mudamos e o deixamos pra trás, seu sorriso ficava fácil quando conversava com meu pai por telefone, e ela chorou por dias quando ele pediu o divórcio e disse que se casaria novamente. Mesmo assim, ela nunca arrumou outro homem. Mesmo estando feliz em me presentear, seu sorriso não chega nem perto dos olhos. Ela ainda carrega a tristeza da perda em cada gesto.

Dei outro beijo nela e a agradei novamente antes de ir para o meu quarto.

Peguei o telefone e disquei aquele mesmo número que discava todo dia.

— Oi Mel — a voz que mais amo nesse mundo soou do outro lado.

— Lo, por que não me contou nada? — perguntei quase gritando ao telefone.

— Não te contei o que? — perguntou confuso.

— Sobre a passagem, dã.

— Que passagem?

— A passagem que minha mãe me deu para ir te visitar, caramba.

— O quê? — Agora foi ele que quase gritou ao telefone.

Ele murmurou uma desculpa de fundo. Alguém deve ter se assustado com seu grito.

— Eu estou indo te ver.

— Quando? — perguntou empolgado.

— Depois de amanhã!

— Isso é ótimo, Mel.

— Como está o tempo aí? O que eu preciso levar? — perguntei empolgada.

— Bem frio, pode trazer muitos casacos e cobertores.

— Tenho certeza que o hotel cinco estrelas que minha mãe está pagando deve ter cobertores de sobra. Você vai dormir lá comigo.

— Você poderia ao menos me convidar para um jantar antes de querer me levar para a cama. — Ele riu brincalhão do outro lado.

Eu sei que foi uma brincadeira, mas meu coração deu uma leve palpitada com a possibilidade e tive que lembrar novamente que ele era SÓ meu melhor amigo.

— Mel? — ele chamou quando demorei para responder. — Foi uma brincadeira.

— Eu sei — respondi rindo um pouco forçado. — Bem que você gostaria que isso fosse um

convite para entrar no meio das minhas pernas.

Ele riu novamente. Nunca me canso de escutar essa risada.

— Vou começar a arrumar minha mala então.

— Não vejo a hora de te ver.

— Nem eu. Até depois de amanhã, Wolverine!

Desde que assistimos x-men juntos e descobrimos que um dos personagens mais incríveis também se chamava Logan, meu melhor amigo ganhou um novo apelido.

— Tchau, Melzinha.

Desliguei o telefone e me joguei de costas na cama. Ficaria tudo tão mais fácil se ele não fizesse essas brincadeiras como se estivesse flertando comigo todas as vezes que nos falamos.



Ele ainda não havia me visto. Estava parado em frente à área de desembarque segurando uma plaquinha com meu nome nas mãos. Na verdade, não tinha meu nome, estava escrito “Mel-lequenta”, ele adorava fazer brincadeirinha com meu nome. Estava vestindo a jaqueta preta que eu havia lhe enviado no último natal, uma calça desgastada e um tênis azul marinho, que batia no chão impaciente, ele nunca gostou de esperar. Seu cabelo escuro estava um pouco mais comprido do que da ultima vez que nos encontramos e apesar de estar com gel e bem penteado, alguns fios insistiam em se rebelar, o que dava um certo ar rebelde no visual dele.

Todos que passavam ficavam olhando para aquela placa como se ela tivesse algum problema, mas para mim o único problema é achar fofa uma placa tão idiota. Só pensem comigo, ele teve todo o trabalho de fazer, outra pessoa nem perderia tempo.

Algumas pessoas saíram da minha frente e finalmente o Logan me viu, um sorriso instantaneamente brilhou em seu rosto. Quando ele sorri assim eu poderia jurar que ele também está apaixonado por mim. *Também não, porque eu não estou. Poderia jurar que ele está apaixonado por mim. Isso.*

Logan veio andando em minha direção ao mesmo tempo em que vou na dele, quando começamos a nos aproximar ambos aceleramos o passo. Eu não sei dizer em que ponto havia largado minha mala e ele jogado a plaquinha no chão. Eu sei que agora minhas mãos estavam livres e meu braço apertava forte seu pescoço enquanto ele me esmagava em seu abraço, me tirando do chão.

Ele afundou o rosto no meu cabelo e sussurrou que senti falta disso.

— Eu também — respondi.

O cheiro dele se infiltrava no meu nariz. Eu não me lembrava dele cheirar tão bem assim. Eu poderia viver nesse abraço com esse cheiro incrível.

— Ei — ele gritou no meu ouvido, me assustando, e começou a me soltar. — Deixe essa mala aí — continuou.

Quando me virei, para ver com quem ele estava falando, um homem vestido com um uniforme de segurança estava com a mão na minha mala.

— Essa mala é minha — falei indo na direção dele.

— Desculpe, Senhorita. Achei que fosse mais uma mala perdida, você não imagina com que frequência isso acontece — ele respondeu tirando a mão da mala.

— Sem problemas, mas esta não está perdida.

— Tudo bem, me desculpe novamente. — Ele se virou e sumiu no meio da multidão.

Quando voltei meu olhar para o Logan, ele estava se dobrando de rir.

— Por que diabos você está rindo?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Fala, caramba.

— Você mal chegou aqui e já está arrumando confusão. Imagine como será este final de semana.

Ele pegou a mala da minha mão, eu peguei a plaquinha no chão e começamos a caminhar em direção a saída do aeroporto.

— Falando assim parece que eu sou o furacão em pessoa.

— Você é um furacão, Mel, só não se deu conta disso ainda.

Eu não entendi o que ele quis dizer com isso, mas concordei como se tivesse entendido.

Ficamos quase uma hora e meia presos no engarrafamento para chegar ao hotel. Eu acho que não serviria para ser motorista aqui em São Paulo, esse trânsito me deixaria louca.

O Logan falou que conseguiu uma folga amanhã e não precisará ir trabalhar, então o terei para mim durante todo sábado e domingo.

O hotel é maravilhoso, todo em mármore creme, vidro e detalhes dourados. Eu estava me sentindo em um filme de Hollywood. Quando paramos na porta um cara com um uniforme veio pegar minhas malas para levá-las ao quarto. Cada centímetro do hotel era impecável, até as pessoas que estavam lá eram lindas, todas vestidas como se estivessem indo para a premiação do Oscar.

Olhei para baixo analisando meu all star surrado, minha calça jeans rasgada no joelho e o moletom azul marinho do Mickey maior do que deveria ser. O que posso fazer se moletons mais largos são os melhores? Sempre compro moletons no modelo masculino, na verdade este era do Logan, mas roubei dele há alguns anos. Eu já usei tanto que ele nem deve se lembrar de que um dia já foi dele.

Acho que terei que usar as roupas mais chiques que trouxe só para sair do quarto e ir tomar café.

— Do que você está rindo sozinha? — Logan perguntou do meu lado, fazendo me dar conta

de que realmente estava rindo sozinha com meus pensamentos.

— Não é nada — comentei com vergonha, não queria admitir que estava malvestida para ele me comparar com todas as outras pessoas aqui.

— Qual é, Mel, fala para mim a piada.

— Eu não vou te falar — respondi fazendo uma careta para ele.

— Se você não me falar agora eu juro que farei você se arrepender dessa decisão — ele falou balançando as mãos no ar. Eu sabia exatamente o que aquilo significava. Cócegas, a pior tortura já inventada.

Como eu sei que ele não faz ameaças em vão resolvi dobrar meu orgulho e soltar a língua.

— Você reparou como as pessoas aqui andam bem vestidas, maquiadas e lindas? Vou ter que me esforçar esse final de semana se eu quiser parecer alguém normal por aqui.

Ele não olhou em volta, como eu imaginei que faria, na verdade o único lugar pelo qual seus olhos viajaram foi pelo meu corpo, causando uma pequena queimação nos lugares onde seu olhar se demorava mais. Quase perguntei se ele tinha trocado de x-men e virado o ciclope, pois era a única explicação para ele fazer meu sangue ferver só com o olhar, o Wolverine não tem esse poder. O problema era que perguntar algo assim provavelmente geraria perguntas que eu não estou a fim de responder.

— Você não tem ideia do quanto é linda sem fazer esforço, né? — Ele deu aquele sorriso largo. — Enquanto todas essas pessoas se esforçam com roupas de grife e quilos de maquiagem, você consegue até quando acorda de manhã toda descabelada.

Ele não pode dizer coisas como essas, sorrir desse jeito e querer que eu finja que isso não me balança. Então resolvi responder brincando para desfazer a tensão que começava a tomar conta de mim.

— Você diz isso só porque nunca me viu levantando de manhã.

— Vou tirar minha prova amanhã, já que alguém me convidou para dormir aqui.

— Como está indo a faculdade? — perguntei querendo mudar de assunto.

— Último ano.

— E depois?

— Quero um mestrado fora daqui. Talvez uma MBA em Harvard — falou brincalhão.

— Não duvido nada que você consiga.

— Não exagera, Mel.

— Você não tem ideia do quanto é inteligente sem fazer nenhum esforço, né? — tentei imitar o tom de voz dele. — Enquanto todas as pessoas aqui se matam de estudar para tentar passar em um vestibular, você já nasceu com o Q.I. maior que o de Einstein. Se já não bastasse o colégio, você está concluindo a faculdade antes do tempo também.

Ele gargalhou. Anotei mentalmente que precisava fazer com que ele soltasse mais gargalhadas como esta antes de ir embora.

— Claro, Melzinha.

Lindo, inteligente e interessante. A vida é mesmo muito injusta com algumas pessoas.

Fizemos o check-in e subimos para o quarto, que parecia saído de um palácio, tudo decorado com o maior bom gosto. Joguei-me na cama enorme, finalmente sentindo o cansaço da viagem.

— Mel — Logan chamou.

— Oi?

Levantei minha cabeça para olhá-lo.

— Eu preciso ir em casa trocar de roupa, você quer ir comigo ou quer ficar aqui e eu te pego daqui a mais ou menos duas horas?

Eu queria muito conhecer a casa que ele dividia com vários meninos, mas eu realmente precisava de um banho e uma meia hora de cochilo caso pretendesse sair à noite. Então o dispensei, liguei para a minha mãe para avisar que correu tudo certo com a viagem e programei o celular para despertar em meia hora.

A meia hora passou e eu não consegui pregar o olho nem por um segundo, apesar do cansaço. Eu estava ansiosa demais para conseguir dormir.

Desisti de tentar e fui tomar um banho.

Abri a mala para escolher a roupa, eu não tinha ideia de como era a boate que o Logan me levaria, pesquisei na internet para ver as fotos das meninas que frequentavam e tentar me arrumar de acordo, mas no final acabei me arrependendo de fazer isso. Eu não conseguia achar nenhuma menina feia nas fotos, isso seria um terror.

Acabei optando por um vestido tubinho preto, bota de cano longo, um sobretudo de casimira e um lenço para ajudar a proteger do frio.

Para maquiagem decidi não arriscar muito e só fiz um olho de gatinho e passei um batom vermelho matte. E o cabelo, eu apenas ajeitei os cachos negros com um modelador. Simples e eficaz.

Estava conferindo tudo no espelho quando a campainha tocou.

Abri a porta e o queixo do Logan caiu quando me viu. Eu sorri, era bom impressionar alguém assim, ainda mais quando tem tanto tempo que ele não me vê arrumada, mas apesar da reação visivelmente positiva, ele não comentou nada. Como sempre.

— Vamos? — perguntou estendendo o braço para mim.

— Só preciso pegar minha bolsa.

Corri para dentro do quarto e a peguei antes de aceitar seu braço.

Jantamos no restaurante do hotel e dei graças a Deus por ter me arrumado, as pessoas aqui estavam mais chiques ainda do que no lobby, se é que isso é possível.

Acabamos nos distraindo enquanto conversávamos e quando fomos para a boate já era quase meia noite. Minha mãe se estivesse aqui nunca me deixaria sair esse horário. Que bom que ela não está.

Chegamos à porta e ele me puxou para um canto antes de entrarmos na fila. Tirou alguma coisa do bolso e estendeu para mim.

— Isto é para você.

Analisei o que ele estava me dando.

— Você fez uma identidade falsa para mim? — perguntei sorrindo.

— Fala mais alto, acho que o segurança não escutou — ele respondeu. — Isto é uma boate, Melissa, precisa ser maior de idade.

Eu sorri e peguei a identidade da mão dele.

— Só lembrar que nasceu em 1990 e não em 1992. O resto está tudo igual.

Entramos na fila e apesar do nervosismo conseguimos entrar sem maiores problemas.

Fui até o bar com o Logan e pedi uma caipirinha, ele me olhou torto e balançou a cabeça.

— Você nunca bebeu, Mel.

— Tem a primeira vez para tudo.

— E a primeira vez tem que ser quando sua mãe confiou em mim para te vigiar?

— Eu não preciso de uma babá, Logan, preciso do meu melhor amigo — respondi seca. Não o quero me tratando como uma criança logo no meu primeiro dia de “liberdade”.

— Eu sou seu melhor amigo e por isso mesmo não quero que você beba.

— Não, você está sendo a porra de um chato.

Minha caipirinha chegou, eu peguei e virei às costas para ele indo dançar no meio da pista de dança. Não ligava de estar sozinha, eu amo dançar e não preciso de ninguém para fazer isso comigo.

Coloquei o canudo na boca e bebi a caipirinha, imediatamente uma careta contorceu meu rosto, achei que o gosto disso seria melhor, tantas pessoas dizem amar.

— Oi — um cara alto e musculoso com cabelo escuro no estilo Justin Bieber no início de carreira falou dançando na minha frente.

— Oi — respondi um pouco assustada.

— Você sabia que é a menina mais gata por aqui — ele falou sorrindo, mostrando todos os dentes perfeitamente alinhados.

Eu corei, não estou acostumada a receber elogios assim, acho que por isso demorei alguns segundos para perceber que eu deveria agradecer.

— Obrigada, eu acho — respondi sem graça.

— Qual o seu nome?

— Luciana — menti.

Não sei por que menti, mas não queria dizer meu nome verdadeiro.

— Prazer, Luciana, eu sou Flávio.

— Prazer.

— Você é daqui, Luciana? — ele perguntou.

Neguei com a cabeça enquanto tomava o último gole da caipirinha. O gosto podia não ser tão bom, mas eu estava começando a entender o porquê das pessoas gostarem tanto.

— Isso explica o sotaque diferente.

— Posso te pagar outra dessa? — ele perguntou apontando para o copo na minha mão.

— Claro — respondi sorrindo. Se podia ganhar, para que gastar?

Voltamos até o bar e percebi que o Logan estava conversando com uma morena com o cabelo escorrido até na bunda. Não sei por que um ódio descomunal tomou conta de mim, eu queria ir até lá e arrancar aquela mulher para longe dele, mas eu tive que me obrigar a permanecer no lugar. Pois eu sabia que não tinha o direito de fazer isso.

O Flávio estendeu a bebida para mim e eu a peguei, mas não voltamos para a pista de dança, ficamos ali conversando. O Logan não estava mais conversando com a morena, estava sozinho no bar, olhando fixamente para mim, enquanto eu me esforçava para parecer que não estava ligando para os seus olhares. A verdade é que o peso deles me incomodava tanto que eu mal estava prestando atenção na história sobre como o Flávio ganhou seu primeiro carro, ou cachorro, não sei bem, apenas concordava com a cabeça e dava alguns sorrisos de vez em quando.

De repente, ele passou o braço em volta da minha cintura e me puxou para cima dele. Eu estava prestes a me afastar quando nós dois caímos no chão. Olhei em volta para saber o que estava acontecendo, foi quando me dei conta que Logan tinha o empurrado, provavelmente tentando afastá-lo de mim.

— Ei — gritei. — Por que você fez isso? — perguntei enquanto ele me levantava de cima do Flávio.

— Você ficou maluco, cara? — Flávio gritou também se levantando e avançando para cima do Logan.

Eu entrei na frente dele, o impedindo de chegar mais perto do Logan. Ninguém tem o direito de bater ou gritar com ele a não ser que seja eu e a mãe dele.

— Desculpa, Flávio, ele é meu irmão super protetor — menti novamente.

Ele olhou para o Logan, depois para mim. Provavelmente percebendo que não tínhamos semelhança nenhuma. Ele é branco, eu sou negra, ele tem cabelos lisos e eu muitos cachos. Se ele notou que era uma mentira deslavada, preferiu não falar.

— Eu também seria se tivesse uma irmã dessas — ele comentou e riu.

— Me desculpe mesmo, mas acho melhor eu ir.

— Espera. Me passa seu telefone pelo menos — ele pediu segurando minha mão.

Eu falei o número e me virei para sair dali com o Logan.

— O que deu em você? — perguntei quando já estávamos longe o suficiente. — Depois sou eu quem precisa de babá.

— Obviamente você precisa. Aquele cara tem idade para ser seu avô. Além de ter bebido do copo que ele te ofereceu sem nem prestar atenção se ele havia colocado alguma coisa.

— Não exagera — comentei revirando os olhos. — Ele não deve ser muito mais velho que você. E olha bem pra cara dele, não acho que colocaria nada na bebida de alguém.

— Como se pessoas ruins tivesse alguma característica que as diferenciasssem das demais. Não é sempre que vou estar vigiando para você, então não faça mais isso, não aceite bebidas de estranhos.

— Ok, mãe! — respondi sem muito saco para sermão depois de um copo e meio de bebida.

Ele cerrou os olhos para a minha resposta, mas acho que percebeu que não seria uma boa hora para me chamar atenção.

— Eu só te perdoo porque aquele número que você passou não está nem perto de ser o seu — ele comentou e gargalhamos juntos.

Posso estar levemente alterada, mas nunca passaria o número do meu celular para um cara que eu acabei de conhecer.

Nos sentamos em uma mesa ao lado do bar.

— Eu meio que gostei de ver você me protegendo — comentei sorrindo.

— Você sabe que não deixaria ninguém aqui te encostar o dedo.

— A única pessoa que eu quero que me encoste é a única que eu tenho certeza que não vai fazer isso mesmo — rebati cobrindo minha boca assim que as palavras saíram. *Droga.* Esse álcool está começando a fazer efeito.

Ele me olhou confuso.

— O que você quer dizer com isso?

Eu estava prestes a responder quando uma mulher loira e a morena que o Logan estava conversando mais cedo no bar apareceram do nada.

— E ai, pensou na minha proposta? — a morena perguntou colocando a mão no braço dele.

Piriquete, atirada, vagaba. Tira a mão dele!

— Eu já te falei que não vai rolar hoje, Lud — ele respondeu.

Hoje! Ele não falou que não vai rolar nunca, não vai rolar hoje. Porque hoje a empata foda da melhor amiga está na cidade.

Ela lançou um olhar feio para mim, tirou um guardanapo da bolsa e colocou no bolso da frente da calça do Logan. Ele se afastou um pouco, mas ela não desistiu enquanto não estivesse com a mão no bolso dele.

— Caso mude de ideia. Eu e a Sah estaremos lá em casa te esperando — ela comentou e saiu de perto rebolando, junto com a amiga pendurada no seu braço.

Que tipo de nome é Sah e Lud? Quem se chama assim?

Ai meu Deus! Eu estou com ciúmes dele. Estou implicando até com o nome das mulheres. PARA AGORA CÉREBRO!

Pedi mais uma caipirinha no bar e não comentei nada sobre o que tinha acabado de acontecer. Eu não queria imaginar essa proposta para um ménage à trois por duas garotas maravilhosas.

O que eu estava achando? Que eu era a única garota por aqui que acha o Logan tudo de bom? Espera, eu acho isso? Não. Claro que não. Eu acho que ele é tudo de bom como meu melhor amigo.

— Mel — ele me chamou, me arrancando dos meus pensamentos.

— Oi? — perguntei sem olhá-lo.

— Por que você está com essa cara?

— Eu não estou com cara nenhuma.

Ou Estou?

— Claro que está.

— Deve ser cansaço — menti pela terceira vez na noite.

O que mais eu iria falar? Que foi pelo meu melhor amigo, por quem eu acho que estou apaixonada, ter acabado de mostrar o quanto as meninas o adoram e eu não ser nem de longe uma das melhores candidatas?

Merda. Eu não acho isso. Eu não acho isso. Eu não estou apaixonada por ele.

— Você quer ir embora? — ele perguntou.

Aceitei logo depois de beber a quarta caipirinha. Não quero correr o risco de ver mais garotas gostosonas como aquelas duas virem fazer propostas indecentes para ele.

Pegamos um taxi para o hotel e fomos até o quarto em total silêncio, ele provavelmente estava pensando na proposta maravilhosa que estava perdendo.

Vesti meu pijama e me deitei na cama.

— Eu não trouxe pijama — Logan falou.

— Acho que minhas roupas não vão te servir — retruquei mal-humorada.

Eu sabia onde isso iria chegar.

— Esta hora eu consigo ir para casa e voltar em menos de meia hora.

Eu sentei na cama e gritei.

— Claro, porque você está louco para ir para casa pegar o pijama, porque você nunca dormiu só de cueca. — Ele estava obviamente tentando arrumar uma desculpa para dar uma fugidinha e isso fazia meu sangue ferver. — Você não precisa mentir para mim, eu sou sua melhor amiga. Todo cara sonha com um ménage, pode ir aproveitar sua proposta irrecusável.

— Do que você está falando, Mel? — ele perguntou com a sobrancelha erguida. — Você está achando que eu quero encontrar aquelas duas lá da boate?

— Não precisa fingir que essa não é a sua intenção.

Ele sorriu. Filho da puta!

— Você está com ciúmes de mim?

— Por que diabos eu teria ciúmes de você? — perguntei como se fosse ridículo ele imaginar isso. Mesmo sabendo que não tinha nada de ridículo nisso.

— Porque você está apaixonada por mim — ele falou sério.

Meu corpo tremeu de medo da verdade e o álcool no sistema me fez gargalhar. Eu estou apaixonada por ele e ele sabe disso. Eu o odeio por fazer me sentir assim e não corresponder, e o odeio mais ainda por me forçar a enterrar isso no fundo da minha alma quando o culpado de tudo é ele. Foi ele quem me beijou e fez tudo embaralhar na minha cabeça, foi ele quem fez meu coração palpitar e meu estômago revirar, ele é o culpado por eu sentir isso.

— Você só pode ter ficado louco — falei com a voz trêmula.

— Fiquei? — ele perguntou andando na minha direção e eu prendi minha respiração temendo fazer qualquer movimento brusco.

Ele parou do lado da cama.

— Então, somos só melhores amigos, você não se importa que eu durma do seu lado só de cueca, não é? — Ele fez questão de enfatizar o “só”.

Eu balancei a cabeça em negativa.

Então ele puxou a blusa por sobre a cabeça, deixando a mostra aquele abdômen que apesar de magro, já apresentava alguns gominhos lindos. Eu desviei o olhar.

— Melissa — ele chamou. — Olha para mim. Por que está desviando o olhar?

— Eu só-só que-queria te dar pri-privacidade — gaguejei.

— Eu não ligo — ele falou dando de ombros e abrindo o zíper da calça. — Você já me viu milhões de vezes assim.

Já vi milhões de vezes mesmo, mas nessa época meu corpo não tinha reações estranhas por te ver assim, seu idiota. Queria gritar para ele, mas me contive em gritar só na minha cabeça.

Desceu a calça pelas pernas ficando apenas com uma cueca box cinza. Eu me esforcei para manter meu olhar na parte de cima do seu corpo.

Então, ele se afastou novamente e apagou a luz do quarto, deixando só abajur aceso e deitou ao meu lado.

Meu coração batia descompassado e minha respiração estava ofegante, mas tentei agir como se não houvesse nada errado, virei de costas para ele fingindo que iria dormir. Como se eu conseguisse fazer isso agora com ele ali do lado.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, quando eu achei que ele já havia dormido me virei para olhá-lo, mas seus olhos ainda estavam bem abertos me encarando.

— Sem sono? — ele perguntou com um sorriso totalmente desnecessário.

Meus pensamentos estavam tão anestesiados pelo álcool que eu não conseguia raciocinar direito sobre o porquê de não poder tocá-lo.

Então estiquei meu braço e coloquei a mão no seu peito.

Seus olhos acompanhavam cada movimento.

— O que você está fazendo, Mel? — perguntou com uma voz rouca.

— Só quero te tocar.

Ele assentiu e estendeu o braço também colocando a mão sobre a minha cintura.

Eu me aproximei mais, até nossos corpos estarem o mais próximo possível.

Uma voz no meu subconsciente gritava “*Que merda você pensa que está fazendo?*”, mas eu não conseguia prestar muita atenção no porquê disso com as mãos dele em mim.

Deixei nosso rosto a centímetros de distância, livre para ele dar o próximo passo.

Ele passou os dedos de leve pelo meu rosto, parando na minha boca, desenhando com os dedos meu lábio inferior. Ele ia me beijar, eu podia ver em seus olhos que ele iria fazer isso. Ele queria fazer isso mais do que qualquer outra coisa. Eu estava sofrendo de antecipação, eu precisava daqueles lábios nos meus, eu precisava senti-los novamente.

— Eu não vou te beijar, Mel — ele sussurrou.

Eu ouvi meu coração quebrar, como um copo que caiu no chão, foi alto e doloroso.

Por que não? Eu quis perguntar, mas optei por enfatizar o quanto eu queria.

— Mas eu quero — sussurrei de volta. Tentando convencê-lo. — Muito.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Você não deveria dizer coisas assim para mim — falou ainda com os olhos fechados. — Você bebeu demais hoje, não quero você amanhã falando que nada disso deveria ter acontecido.

— Eu não me importo com o amanhã.

— Eu me importo. Eu não consigo fazer isso com você se não for do jeito certo.

— Eu odeio você — falei magoada.

— Não mais do que eu me odeio nesse momento.

Eu senti meus olhos aquecerem devido à rejeição, não deixei as lágrimas saírem, apenas me afastei dele e forcei meus olhos a se fecharem, mas assim que fiz isso parece que a cama começou a girar e instintivamente cobri minha boca com as mãos antes de correr para o banheiro.



— Meu Deus, alguém mande eles pararem com isso — reclamei com o Logan das crianças correndo e gritando pelo salão quando estávamos almoçando.

Ele riu.

— Por que você me deixou beber tanto? — perguntei irritada.

— Você não precisa de babá — ele respondeu usando as mesmas palavras que eu tinha falado para ele ontem.

Acordei hoje cedo com a boca com um gosto horrível, minha cabeça prestes a explodir e deitada no peito nu do Logan em frente à privada, parece que passamos boa parte da noite ali. Não consigo lembrar ao certo se fui direto para lá quando chegamos ou se acordei no meio da noite passando mal. Nem como o Logan acabou sem roupa, só de cueca, mas eu estava envergonhada demais para perguntar se tinha acontecido alguma coisa.

— É óbvio que eu precisava. Você deveria ter insistido.

— Você é a pessoa mais estranha desse mundo.

— Não acredito que desperdicei a noite em um hotel desses vomitando. Eu nem lembro muito sobre o que aconteceu depois que voltamos para o hotel. Diz para mim que eu não troquei de roupa na sua frente.

— Bem que eu queria — ele comentou sorrindo.

Joguei um pãozinho que estava na mesa em cima dele.

— Estou falando sério caramba, não fiz nada para me envergonhar, né?

— Tirando dar em cima de mim, não.

Eu senti a cor sumir do meu rosto quando ele falou isso.

— Eu dei em cima de você? Nós fizemos alguma coisa?

— Caramba, Mel, assim você me magoa, não se lembra da nossa noite?

— É brincadeira, certo? — perguntei ainda alarmada.

— Sim, é brincadeira.

Não sei por que ele soou triste ao responder isso.

Ele queria que não fosse brincadeira? Ou será que não foi brincadeira e ele está chateado porque nós fizemos alguma coisa e eu não me lembrava? Eu realmente não queria saber a resposta, então só fingi não ter percebido o tom triste em sua voz.

Passamos o resto do dia dormindo, repondo as energias para fazer alguma coisa mais tarde, mas ao anoitecer nenhum dos dois estava animado para ir a nenhuma festa. Então, decidimos aproveitar os benefícios de um hotel cinco estrelas assistindo um filme embaixo das cobertas.

No dia seguinte ele me levou para conhecer os pontos turísticos da cidade e sua casa. Voltamos tarde e pegamos no sono enquanto conversávamos.

Agora eu estou de frente para ele pronta para pegar meu avião de volta para casa e sabe-se lá quando o verei novamente.

Meus olhos estavam lacrimejando quando me obriguei a soltá-lo.

Ele passou a mão pela minha bochecha e limpou uma lágrima que escapou.

— Pare com isso, até parece que nunca mais nos veremos.

— Você sabe que sou chorona — comentei dando de ombros.

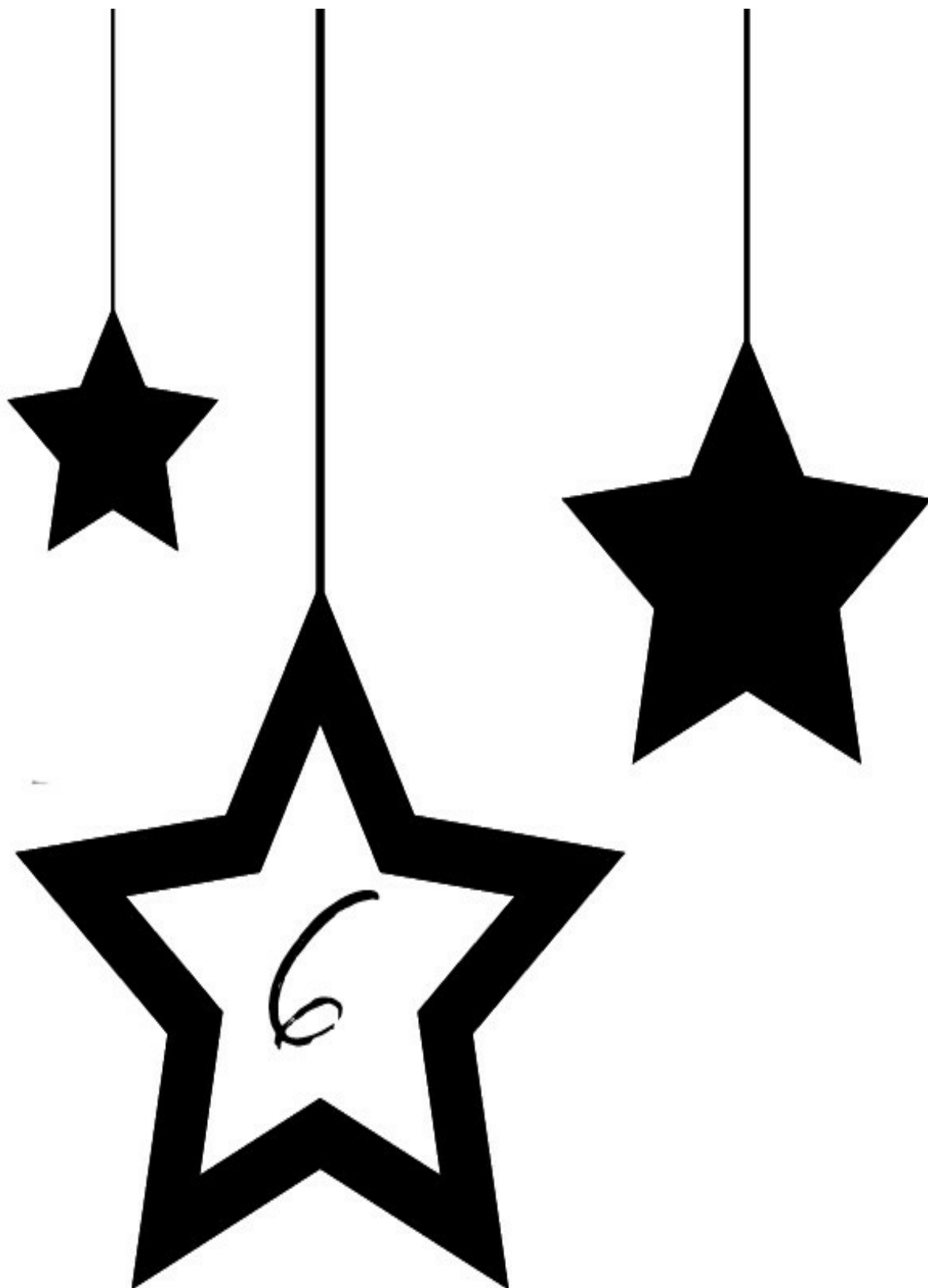
Ele me abraçou novamente e me deu um beijo na testa.

— Meu estágio termina no final do ano, junto com a faculdade, onze meses e você me verá novamente.

— Promete?

— Prometo!

Nos abraçamos mais uma vez e entrei naquele avião com o coração partido.



Giovana

— Eu achei que você iria sair com seu boy magia hoje — Cami comentou por cima do ombro quando me joguei no sofá ao lado do dela.

— Deixamos para sexta feira.

Ela apertou o mute no controle remoto, tirando o som da televisão, e se ajeitou no sofá para me olhar.

— Desculpa pela brincadeira mais cedo. Eu sei como você se sente em relação ao sexo, mesmo sem nunca ter conversado muito comigo sobre isso.

Eu sorri.

— Eu sabia que era só brincadeira, Cami. Não me chateou.

Ela veio mais para o meu lado e me puxou para um abraço.

— Sei que você é uma cabeça dura, mas sempre que precisar conversar sobre qualquer coisa, pode falar comigo. Prometo que nunca irei usar nenhum segredo para te chantagear, já tenho suas fotos nuas no meu celular para isso.

Nós duas gargalhamos. Quando os risos cessaram, eu me senti engasgada, uma lágrima escapuliu dos meus olhos e depois outra. Ela me abraçou pacientemente sem fazer nenhuma pergunta.

— Cami, você já entregou seu coração a alguém?

— Você quer saber se já me apaixonei? — perguntou parecendo confusa. — Várias vezes. — completou antes que eu tivesse a chance de responder.

— Não assim, Cami, não estou falando de paixonites. Estou perguntando se você já amou alguém tão profundamente que não conseguia imaginar uma vida onde a pessoa não estivesse inclusa.

Ela negou com a cabeça.

— Isso só existe em filmes, Gi. Amores são condicionais, não duram para sempre.

— Naquele momento existiu na vida real. Poderia acabar dali a uma semana, acho que nunca vou saber, mas esse não é o ponto — falei tentando voltar ao raciocínio inicial. — Quando eu estava com ele tudo era diferente, eu não conseguia deixar de sorrir nenhum segundo, minhas bochechas chegavam a doer, mas não conseguia parar. Ele fazia eu me sentir a garota mais sortuda e linda do mundo.

“Não vou dizer que ele me completava, pois sei que não preciso de ninguém para isso. Ele me acrescentava, me somava, ele fazia minha vida comum ser espetacular e depois que se sente isso é difícil se contentar com o normal outra vez, ele estragou todos os outros para mim. Sempre que fico com outra pessoa as comparações são inevitáveis e ninguém nunca chegou nem perto.”

Ela suspirou e encostou-se ao sofá.

— Isso foi bem profundo, Gi. Você acabou de estragar todos os homens para mim também, eu quero isso aí.

Eu ri e dei um soco fraco no seu braço.

— Um dia você vai me contar o nome desse cara dos sonhos? — ela perguntou.

— Quem sabe um dia...

Ela passou o braço pelo meu ombro e me puxou para um abraço.

— O dia que conseguir falar mais sobre isso, eu estarei aqui para escutar — sussurrou.

Agradei a ela e apertei o botão do mute no controle remoto para o som da televisão voltar, nos concentramos no programa que estava passando e deixamos a conversa de lado.



Abri os olhos incomodada com o sol na minha cara, o celular da Cami estava berrando, não sei como ela ainda não tinha acordado com aquilo.

— Desliga essa merda! — gritei jogando uma almofada nela.

Acho que pegamos no sono enquanto assistíamos a televisão ontem. A Cami acordou meio bamba e colocou o celular na orelha falando um “Alô?” mole. Em questão de segundos seus olhos se arregalaram, ela se ajeitou no sofá e começou a usar um tom profissional. Quando terminou ela olhou para mim, começou a cuspir ordens e em menos de dez minutos estávamos a caminho da faculdade. Só fizemos uma parada para comprar um café.

Parece que o Dr. Scott foi convidado para participar da banca de uma revista científica muito renomada, a qual Camila não perguntou o nome, e a convidou para participar com ele. Pelo que ela entendeu um dos integrantes sofreu um acidente logo depois do primeiro dia, que foi ontem, e não iria poder participar o resto da semana. Os ingressos eram limitadíssimos e esta era uma oportunidade única. Eu tenho que confessar que estou com muita invejinha dela agora, além de bem triste por ser obrigada a ficar sozinha a semana inteira. Odeio ficar sozinha.

— Não se preocupe, expulsei os monstros debaixo da sua cama antes de sair. Você vai sobreviver essa semana — ela disse me dando um abraço antes de correr na direção oposta a que eu tinha que ir.

Depois das aulas fui para sala do Sr. Alexandre. Ele abriu um sorriso acolhedor quando me viu na porta.

— Aí está você — ele falou saindo da sala e fazendo sinal para que eu o seguisse.

— Estou atrasada? — perguntei olhando para o relógio no meu pulso, que mostrava que eu estava até adiantada.

— Não, mas devido à viagem repentina do Dr. Scott, tive que cobrir a falta dele por aqui.

Agora preciso que você faça isto para mim.

— Mas como eu farei isso?

— Você só precisa ficar na sala dele e receber os pré-projetos dos alunos que estão agendados para hoje. Ele está selecionando alguns para um grande projeto de marketing da faculdade, cada professor indicou um aluno e desses indicados, ele irá selecionar cinco. Outros cinco serão selecionados através dos pré-projetos que apresentarem.

— Você me indicou.

— Sim, eu te indiquei e mais outros quatro professores. Você foi bem cotada. — Ele riu.

— Obrigada.

— Não te indiquei em troca de agradecimentos, Giovana, te indiquei porque acredito no seu potencial.

Ele me deu mais algumas dicas e me deixou na porta da sala do Dr. Scott. Era estranho estar na sala de alguém sem a pessoa lá, livre para desvendar tudo sobre o que aquele lugar poderia me falar sobre ele.

A sala era extremamente arrumada, os livros estavam organizados por ordem alfabética na prateleira. Perdi algum tempo olhando os títulos, eram livros famosos de administração, a maioria em inglês e espanhol, e uns poucos em francês e português. Poliglota.

Em cima da mesa havia uma pequena estátua de uma mão com garras, era a mão do Wolverine. Eu tinha uma dessa no meu quarto quando era mais nova.

A memória veio carregada de uma dose da felicidade simples que eu vivia naquela época, mas logo fui preenchida pela tristeza de algo que nunca voltaria.

Peguei e passei os dedos pelas garras. Sempre foi meu personagem preferido. Eu era meio que obcecada por todos os tipos de filmes de super-heróis. Queria que eles realmente existissem, talvez tivessem sido capazes de impedir tudo que aconteceu. Se bem que já temos problemas demais com “vilões” que não tem superpoderes.

Alguém bateu forte na porta me assustando e quase deixei a estátua escapar por meus dedos. Segurei-a firme e coloquei no lugar.

Fui até a porta e abri, um homem alto com o cabelo castanho curto, milimetricamente arrumado, e grandes olhos negros me encarava. Eu já havia feito algumas matérias com ele, era um aluno da faculdade, mas não me lembro qual era seu nome. Ele me olhou por alguns segundos e continuou calado, então resolvi tomar a iniciativa.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntei.

— Essa é a sala do Dr. Scott?

— É sim — falei apontando para a plaquinha bem legível com o seu nome na porta.

— Eu queria deixar meu pré-projeto com ele.

— Ele infelizmente teve que fazer uma viagem, mas pode deixar comigo que entregarei a ele — falei com um sorriso, feliz por poder estar sendo útil em alguma coisa.

— Não me leve a mal, mas prefiro entregar para ele em mãos. Eu volto amanhã —

respondeu um pouco sem jeito.

— Ele não vai estar na faculdade durante a semana inteira.

— Mas o prazo é até sexta — ele falou desapontado. Como se deixar aquilo comigo fosse o fim.

— Só para você saber eu não sou o tipo de pessoa que jogaria o seu trabalho fora com medo de que seja melhor que o meu — falei.

Ele me olhou desconfiado.

— Até porque eu sei que o meu é melhor — continuei.

Ri um pouco para mostrar que eu estava brincando, antes que ele pensasse que eu realmente era esse tipo de pessoa.

— Tudo bem, mas você pode pedir para que ele me dê um feedback pelo menos? Mesmo que eu não seja um dos escolhidos.

— Eu falo com ele, mas não posso garantir nada. Eu te aviso quando entregar.

— Obrigado. Qual é seu nome? — ele perguntou.

— Giovana.

— Obrigado, Giovana, eu sou o Lucas!

— Não há de que! — respondi.

Alguns minutos depois que ele saiu meu celular apitou, olhei com pressa pensando que poderia ser alguma mensagem do Vitor, não o vi hoje na faculdade, ele nunca falta sem me avisar, mas era uma mensagem do Dr. Scott no chat do e-mail.

Adrian Scott:

Parece que teremos que trabalhar juntos antes do previsto.

Eu:

Isso é um problema?

Prometo que não será estranho.

Adrian Scott:

De maneira alguma.

Foi você quem disse que pretendia não me ver tão cedo.

Eu:

Tecnicamente não irei te ver mesmo.

Adrian Scott:

Você é sempre tão perspicaz assim?

Ele acabou de me zoar? Inacreditável. Isso sim é uma afronta.

Eu:

Sempre. Por isso que o coordenador do curso e outros quatro professores me indicaram para você.

Depois que li a frase novamente percebi que o “para você” deixou coisas no ar. Espero que ele não ache que eu esteja insinuando segundas intenções novamente.

Adrian Scott:

Touché!

Voltando ao tema desta conversa. Preciso que leia as introduções dos trabalhos que receber e faça um breve resumo de cada um para mim.

Assim ficará mais fácil para eu saber quem está usando um tema já batido e quem realmente está com ideias inovadoras.

Eu:

Sim, senhor.

Adrian Scott:

Por favor, não me chame de Senhor.

Me sinto um velho gagá quando se referem a mim assim.

Eu:

Tudo bem, Doutor Scott.

Adrian Scott:

Minha estagiária, Camila, irá te enviar a pauta do que preciso no resumo.

Írá começar uma palestra agora, ficarei off-line.

Qualquer dúvida pode enviar que responderei assim que tiver algum tempo livre.

Mal sabe ele que essa estagiária foi quem arrumou a minha dor de cabeça.

Cami:

Te mandei no e-mail a pauta.

Eu o vi rindo com uma de suas respostas.

Não me diga que a resposta do e-mail rendeu alguma coisa?

Eu:

Rendeu uma bela dor de cabeça.

Ele acha que eu menti quando falei que foi uma amiga.

Quem não acharia?

Cami:

Você precisava ver como ele riu.

Fica ainda mais bonito quando faz isso.

Eu:

PARE COM ISSO!

Preciso trabalhar.

Cami:

Faça meu trabalho direitinho.

As apresentações aqui estão incríveis.

Eu:

Eu te odeio!

Cami:

Eu sei que é mentira.

Beijos.

Haviam trabalhos realmente legais, alguns daqueles que a gente fala: “como não pensei nisso antes?”. O dia de trabalho já estava quase no final, eu mal vi a hora passar. Escutei alguém bater na porta e falei alto que a pessoa podia entrar, não aguentava mais ficar naquele vai e vem.

Uma mulher com o cabelo loiro e um corte Chanel, vestida impecavelmente cruzou a porta,

um vestido tubinho descia até quase no seu joelho, por cima dele um blazer branco com detalhes pretos que dava um ar mais sério e para finalizar ela desfilava em cima de um salto maravilhoso, daqueles que fazem meus pés doerem só de olhar. Parecia uma modelo saída de uma revista de negócios.

Ela me olhou por um momento, parecia estar me estudando.

— Posso ajudar? — perguntei.

Lançou um sorriso de lado, totalmente encantador. Ela é maravilhosa, confesso que estava com uma pontada de inveja de toda sua perfeição, não havia um fio sequer fora do lugar.

— Você deve ser a Camila, ouvi muito sobre você.

Estranhei aquele comentário.

— Na verdade não sou a Camila. Meu nome é Giovana.

Ela me olhou como se esperasse algum tipo de explicação, mas por algum motivo que não sei, me senti tentada a jogar com ela. Quem ela pensa que é para entrar aqui, me lançar esses olhares gelados e exigir todas as respostas? Não vou cooperar tão fácil.

Ficamos naquele impasse por alguns segundos, então ela desviou os olhos para a pequena garra, que eu havia quase deixado cair mais cedo e respirou fundo.

— Bom, Giovana, não irei atrapalhar seu trabalho — ela disse caminhando até a lateral da mesa. — Só preciso pegar uma coisa.

Então ela colocou a mão na gaveta para abri-la, quase no mesmo momento coloquei a minha mão na frente para impedir que prosseguisse.

— Me desculpe, mas não sei quem você é e definitivamente não deixarei que pegue nada aqui na sala do Dr. Scott.

Ela revirou os olhos e tirou o celular do bolso. Nem se deu ao trabalho de me responder. Alguém atendeu do outro lado e ela respondeu:

— Essa nova estagiária que você contratou não me deixa pegar a chave do meu carro.

A pessoa do outro lado falou por alguns momentos.

— Não quero ouvir sermão agora, Adde, estou atrasada — outra pausa. — Ok. Te ligo quando chegar em casa.

Ela desligou o telefone e voltou sua atenção para mim.

— Eu sou a mulher do Adrian e preciso muito pegar minha chave que está dentro dessa gaveta — ela falou com um pinga de irritação na voz.

Na mesma hora o computador apitou com uma mensagem no chat do e-mail.

Adrian Scott:

Giovana, preciso que entregue a chave que está na primeira gaveta para a Sarah.

Até o nome dela era delicado, com significados reais, uma verdadeira princesa.

Tirei minha mão da frente da gaveta e deixei que ela pegasse.

— Obrigada — ela respondeu sem muita vontade e saiu da sala.

Eu:

Chave entregue.

Me desculpe por arrumar confusão com a sua mulher, mas não poderia deixar alguém que não conheço mexer nas suas coisas.

Adrian Scott:

Não se preocupe. Ela não é uma pessoa muito fácil de lidar, tende a ser um pouco autoritária com pessoas que não conhece.

Obrigado!

Eu:

Estou aqui pra isso.

A semana passou praticamente da mesma forma, só que sem a interrupção da desagradável e perfeita mulher do Dr. Scott.

Almocei todos os dias com o Vitor, menos na quinta e na sexta, pois ele precisou viajar para encontrar com o pai. Apesar dos almoços serem bem tranquilos, quanto mais sexta-feira se aproximava, mais eu me sentia apreensiva. Não tinha conseguido trazer o tema que me assombrava durante as nossas conversas, mas era a única coisa que eu conseguia pensar nos raros momentos que ficávamos sozinhos e ele me beijava com mais desejo.

Assim que cheguei em casa na sexta-feira fiquei aliviada em finalmente ver a Cami de volta. Joguei os braços ao redor dela.

— Foi um saco ficar sozinha, nunca mais me deixe.

Ela riu.

— Tudo bem, drama Queen. Nunca mais te deixarei. Agora vamos que eu preciso te deixar maravilhosa para essa noite.

Ela encaixou seus braços nos meus e me puxou até o meu quarto, onde ela já havia separado as opções de roupa e preparado sua cadeira de maquiagem para fazer sua arte em mim. Não que eu não saiba me maquiar, mas a maquiagem da Cami é um nível totalmente superior ao meu, ela é uma artista.

— Estou nervosa — admiti assim que pisamos no quarto.

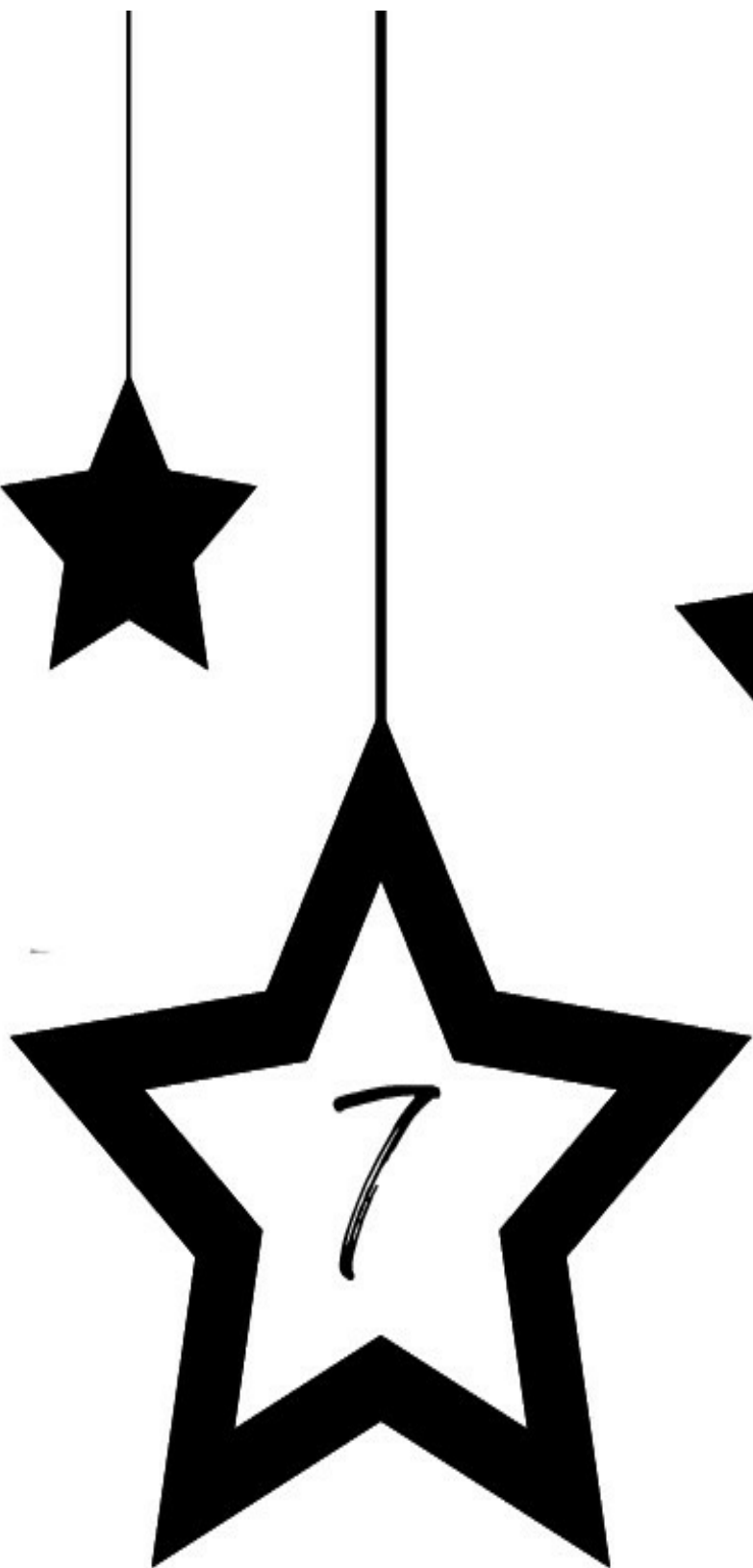
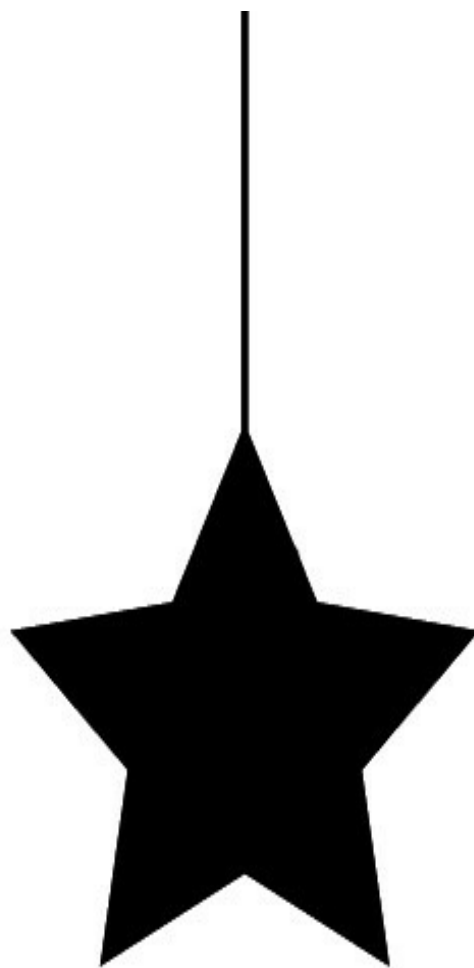
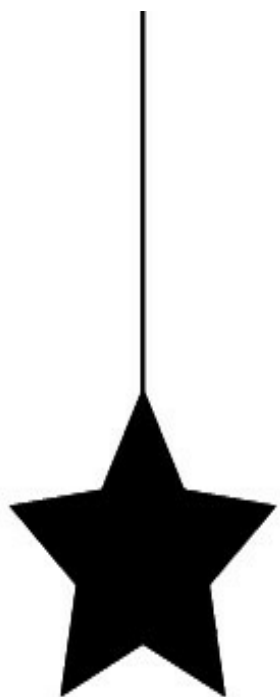
— Você conversou com ele sobre isso?

— Não.

— Eu conversarei então — ela falou levantando o celular.

— Não, não precisa bancar a mãe preocupada, eu sei me cuidar. Pode deixar que tenho certeza que conversarei sobre isso em algum momento essa noite.

Ela colocou o celular no bolso novamente se dando por vencida e se concentrou em me deixar maravilhosa.



Melissa

Depois que você entrou na minha pele e marcou meu coração. Ficou claro que mesmo que eu viva o resto da minha vida ao seu lado ainda não terei o suficiente de você



— Filha, o que você acha desse aqui? — perguntou minha mãe enquanto girava na minha frente dentro de um vestido preto com as laterais brancas que afinavam sua cintura. Deixando-a com um corpo escultural.

— Fiu fiu. É esse! — eu disse batendo palminhas.

Ela tinha um encontro hoje e eu estava empolgada. Ela e o Marcos estão saindo há duas semanas, este é o quinto encontro. Ela tem estado com um sorriso radiante desde que o conheceu e quero que ela fique assim para sempre.

— Você me ajuda com a maquiagem? — ela perguntou. Minha mãe nunca foi adepta a maquiagens e quando tenta se aventurar sozinha por essas terras desconhecidas nunca sai uma coisa muito boa. Não que eu seja muito melhor, mas pelo menos consigo fazer um delineado gatinho sem borrar, o que já é mais do que a maioria consegue.

— Claro, vamos lá — respondi sorrindo.

Fiz a maquiagem e preendi seus cabelos na lateral, jogando seus cachos pesados e escuros como os meus todos para um lado só. Ela já estava na casa dos quarenta, mas nunca ninguém dava esta idade a ela, sempre foi muito elegante e bonita. Odeio quando meus amigos ficam falando o quanto ela é linda, nunca sei o que responder.

— Você sabia que é a mãe mais linda do mundo? — perguntei admirando meu trabalho.

— Claro! A quem mais você teria puxado? — ela falou me dando um beijo na bochecha e depois me empurrou da frente do espelho.

A campainha tocou e seus olhos brilharam como os de uma criança prestes a ganhar um presente.

— Como estou? — perguntou colocando a mão na cintura.

— Você está linda, agora vai logo.

Ela me abraçou forte e me deu um beijo no rosto.

Ano que vem faço dezoito anos, prestes a me tornar uma “adulta”, mas ainda me sentia um bebê em seus braços. Será que algum dia essa sensação muda? Ela me soltou e seguiu em direção

à porta.

— Eu te amo — ela gritou antes de sair.

— Eu amo mais.

— Você sabe muito bem que isso é impossível — falou antes da porta bater e eu ficar sozinha em casa.

Desde que meu pai morreu eu não a vejo tão bem quanto ela tem estado com o Marcos, é reconfortante, ela não pode sofrer a vida inteira por uma pessoa. Mesmo que meu pai tivesse sido sua alma gêmea, como ela sempre se referia a ele.

Eles estavam separados desde que nos mudamos, mas eu podia ver nos olhos dela todos os dias a dor que isso causava. O que eu não entendia muito, já que lembro muito bem que foi ela quem quis ir embora. Acho que lá no fundo ela sempre teve esperança que eles poderiam voltar um dia, até acontecer o maldito assalto que tirou a vida dele.

Algun desgraçado achou que um celular e cem reais valiam mais do que a vida do meu pai e o tirou de nós. A bala acertou bem no centro de sua cabeça. Os médicos disseram que ele não sofreu, que foi instantâneo, mas aquilo acabou com a minha mãe. Ela ficou meses em depressão, foi bem difícil, pois eu estava sofrendo também, mas tinha que parecer forte para ela. Com o tempo ela ficou aparentemente bem, mas eu ainda via a tristeza nos seus olhos, até que o Marcos apareceu e trouxe de volta o sorriso que eu tanto amo.

Saí logo depois dela e fui para casa do Logan. A porta da casa dele estava aberta então fui entrando. A casa dele é praticamente uma extensão da minha, então nunca nos preocupamos em anunciar nossa chegada, a não ser que a porta esteja trancada, mas fora isso, já vou logo entrando.

Ele realmente cumpriu o que prometeu, veio para casa. Era uma pena que não ficaria muito antes da próxima etapa da sua formação. Tenho certeza que ele será aprovado em algum mestrado fora do país nas universidades que se inscreveu.

— Lo? — chamei.

— Aqui na cozinha — ele gritou.

Andei até a cozinha, que diferente da minha, era bem espaçosa. Uma grande ilha com bancos altos ocupava o centro, os armários planejados de madeira escura e um granito claro faziam a composição da bancada. O chão de porcelanato claro estava sempre brilhante, eu não sabia como a Vivian conseguia manter tudo assim, mas era de se esperar já que ela considera a cozinha o melhor cômodo da casa. Quase todas as noites nós nos reunimos aqui, eu, minha mãe, Vivian e o Logan, passávamos horas conversando e comendo as coisas deliciosas que a Vivian cozinha.

O Logan estava de costas lavando a louça. Como só vem para a cidade de vez enquanto, quando está aqui tenta fazer tudo em casa para que a mãe dele chegue do trabalho e possa descansar. Ela trabalha dobrado para conseguir ajudá-lo com a faculdade, então ele acha que isso é o mínimo que pode fazer enquanto está aqui, e não tiro a razão dele, pois sei o tanto de sacrifício que ela já fez para que ele sempre tivesse do bom e do melhor. Agora ele tem milhões de tarefas durante o dia e por mais que eu insista, nunca me deixa ajudá-lo.

Ele chegou há alguns dias e vai ficar por um mês. Sua formatura será daqui a dois meses, e estou economizando desde o ano passado para conseguir comprar a passagem para vê-lo pegar o diploma. Depois disso, se tudo correr como ele espera, estaremos separados por um oceano inteiro durante um bom tempo. Se já era difícil encontrá-lo quando ele estava em São Paulo, agora ficará impossível.

Claro que eu fico feliz por ele, só que às vezes pego minha parte egoísta desejando que ele não consiga nenhuma bolsa, só para ficar aqui comigo. Me obrigo a reprimir esses pensamentos, ele merece o mundo e não sou eu que vou negá-lo isso.

Terminei o ensino médio esse ano, mas ainda não tenho ideia do que quero fazer da vida. Todos têm pegado no meu pé para que eu escolha alguma coisa, mas sinceramente não acho tão simples como os outros fazem parecer decidir uma única coisa para fazer por todo o resto da minha vida.

Mamãe mesmo me contou que teve alguns caminhos errados antes de escolher o certo. Ela era médica, mas apesar de contar o quanto ama essa profissão, hoje em dia ela trabalha em casa atrás de um computador como designer, e mesmo sabendo que ela não ama fazer isso, nunca perguntei por que ela largou a carreira de médica.

Logan, percebendo minha presença ali, olha para trás e me lança um sorriso. Meu coração balança dentro do peito, mas me mantenho firme fingindo que nada mudou entre nós.

— Mel, pega esses pratos que estão na mesa para mim — pediu apontando com a cabeça para os pratos na beirada da mesa.

Peguei os pratos, coloquei na pia ao lado da que ele estava lavando e comecei a lavá-los com uma esponja extra que tinha ali, mesmo sabendo que ele protestaria, mas queria que ele acabasse logo com tudo isso. Talvez nós pudéssemos ir ao cinema hoje ver o filme que perdemos ontem.

— Solta isso — ele ordenou.

— Não — respondi começando a esfregar os pratos.

Percebendo que eu não ia parar ele abriu a torneira e jogou água em mim.

Eu o olhei, desafiando-o a fazer de novo. E ele fez, só que dessa vez eu estava preparada e enquanto ele jogava água na minha roupa eu joguei na cara dele.

Ele passou a mão no rosto tirando o excesso de água e sorriu.

— Você não fez isso — ele falou rindo.

Antes que ele tivesse tempo de reagir eu sai correndo pela casa, em pouco tempo ele me alcançou. Seus braços passaram pela minha cintura, ele me levantou do chão e me jogou no sofá da sala.

Meu corpo começou a se contorcer antes mesmo de suas mãos me encostarem, eu mal conseguia respirar de tanto que estava rindo. Ele sabia que cócegas era meu ponto fraco.

— Para, por favor — consegui dizer entre uma das gargalhadas.

Ele parou, mas não me soltou.

— Isto é para você aprender a nunca me desobedecer — falou com um tom sério.

— Tá bom, mãe — respondi ainda rindo.

Ele sorriu largo e balançou a cabeça por ter falhado em parecer zangado. Eu acompanhei seu sorriso, era impossível ver e não ficar contagiada por ele. Seus olhos desceram até o meu sorriso e instintivamente eu mordi meu lábio para contê-lo no momento em que meu coração revirou no meu peito novamente. Assim que ele apareceu na minha porta eu cansei de me enganar, eu me apaixonei pelo garoto depois do meu primeiro beijo e que se exploda quem me julgar por isso.

A sala caiu em silêncio, parecia que eu era capaz de escutar cada batida do meu coração. Aqueles olhos intensos me deixavam sem reação, eu queria que ele fosse em frente, eu tinha medo de ser quem daria o próximo passo.

Sua mão que até então segurava a minha no alto da cabeça cedeu e desceu pela lateral do meu rosto. Ele afundou os dedos no meu cabelo, fechou os olhos, desceu o rosto e descansou sua testa na minha. Instintivamente fechei meus olhos também, esperando. Meu corpo inteiro ansiava para ele continuar, o desejo de sentir sua boca novamente era quase palpável.

Entretanto, antes que pudesse sequer aproveitar a sensação, suas mãos já haviam ido e sua boca nem sequer chegou perto da minha. Meu coração afundou quando ele se afastou tão rápido, isso tem acontecido muito ultimamente. Toda vez que ficamos próximos demais ele dá um jeito de ir para longe, mas dessa vez eu não deixaria quieto.

Marchei atrás dele. Ele já estava de costas lavando a louça novamente.

— O que está acontecendo? — perguntei com a voz firme.

— Do que você está falando Mel?

— Eu sei que você sabe do que eu estou falando — falei irritada. — Nós ficávamos horas juntos conversando, escutando músicas, vendo filmes e hoje você mal fica do meu lado por alguns segundos antes que arrume alguma coisa para fazer. Tem sempre que lavar a louça, ou varrer o chão, arrumar a antena, jogar o lixo fora, nunca tem tempo para gente.

Ele demorou uns segundos para responder.

— Isso é coisa da sua cabeça. Só estou muito ocupado ajudando minha mãe.

Ele não olhou para mim.

— Não, você está me evitando e sabe disso. Só não consigo entender o porquê.

— Merda Melissa, você não quer saber o porquê — ele respondeu baixo.

— Sim, eu quero — falei cruzando os braços, pronta para qualquer bomba que ele fosse jogar em mim.

— Tudo bem. — Ele largou os pratos e secou as mãos.

Ele se virou e encostou na pia me olhando por um segundo, como se estivesse em conflito se deveria ou não falar alguma coisa, mas por fim decidiu soltar a língua.

— Quer saber o porquê não fiquei mais tempo ali com você na sala agora?

Balancei a cabeça em afirmativa, com medo de falar.

Ele veio andando até mim e me prensou contra a parede, colocando as mãos aos lados da

minha cabeça, bem semelhante à posição daquele primeiro beijo. Meu coração estava martelando alto em meu peito. Encostou os lábios nos meus ouvidos, fazendo uma onda de choque percorrer todo o meu corpo, e sussurrou:

— Porque a única coisa que eu estava pensando naquele momento era se seu beijo continuava tão bom quanto dois anos atrás, se seu gosto ainda seria de tic tac de laranja e eu quase me convenci a descobrir, passou muito perto. Você não faz ideia do quanto eu tive que me controlar para sair de lá, mas eu não quero mais ter que me controlar. — Quando acabou de dizer isso uma de suas mãos se arrastou pela lateral do meu corpo e envolveu minha cintura, me puxando para mais perto dele, meu corpo mal se movia, eu não ousava me mexer e estragar tudo que estava acontecendo. — Você não sabe o autocontrole que tive que ter para não fazer nada louco com você naquele hotel, quando você disse que queria que eu te beijasse.

Eu fiz o que?

— Eu fiz isso? — gaguejei.

Ele acenou com a cabeça afirmando e sorriu.

— Logo depois de mostrar que estava com ciúmes.

— Por que eu teria ciúmes?

Seus lábios voltaram ao meu ouvido e ele sussurrou.

— Por que você está caidinha por mim...

Eu ia protestar, mas seus dedos voaram até meus lábios me impedindo de abri-los.

— Assim como eu estou por você, há muito tempo — completou.

Ele beijou da minha orelha até chegar à beirada da boca, nessa hora eu já estava completamente entregue em seus braços, e devagar seus lábios se encontraram com os meus, a princípio apenas roçando de leve, mas eu não aguentei a tortura e apertei minha boca na dele. A outra mão que até agora ainda estava na parede se afundou no meu cabelo, me fazendo suspirar na sua boca. Ele se afastou relutante, sorriu sem abrir os olhos e encostou a testa na minha.

— Merda, é melhor do que eu me lembrava! — Ele riu.

Logan me segurou firme em seus braços, parecendo estar com medo de que eu fugisse dali, como se isso pudesse acontecer. Ele voltou ao meu ouvido e novamente provocou a mesma reação no meu corpo.

— Vou ligar o foda-se agora caso você venha falar que não podemos ser mais amigos, porque esse beijo valeu totalmente a pena, e você correspondeu. Ou melhor, você me beijou.

Eu permanecia sem palavras, então ele continuou.

— Ontem quando eu disse que não poderia mais ir ao cinema, foi porque você estava tão linda que eu tinha certeza que não iria conseguir me segurar durante a noite inteira ao seu lado. — Ele riu antes de acrescentar. — Você não tem ideia do efeito que esse seu sorriso tem em mim, ou como me deixa louco quando morde esses lábios. Esses olhos amendoados me destroem quando acompanham seu sorriso e toda vez que coloca o cabelo para cima tudo que consigo pensar é no sabor da sua pele, saber a textura dela na minha boca. — Logo após dizer isso ele afasta meu cabelo, beija meu pescoço e meu corpo inteiro parece acender em chamas.

Meu coração estava dando cambalhotas de alegria. Acabei de entender o significado de quando as pessoas dizem estar com borboletas no estômago, acho que havia milhões de lagartas esperando para fazer a metamorfose exatamente nesse momento. Minhas pernas estão bambas.

Passei a mão em volta do seu pescoço e seus olhos me fitaram de uma maneira que fez eu me sentir a garota mais sortuda do mundo.

— Você não imagina de quantas maneiras diferentes eu já sonhei com esse momento e nenhum deles foi tão perfeito quanto tudo que você falou — comentei sem conseguir tirar o sorriso do meu rosto.

Ele sorriu largo, e aquele sorriso derreteu cada parte de mim que ainda estava sólida.

— Eu te amo — as palavras saíram da minha boca sem que eu percebesse.

Seus lábios cobriram os meus no mesmo instante arrancando todo o meu fôlego. Ele apertou mais seus braços em torno da minha cintura e me puxou para cima, me sentando no balcão ao lado. Enrolei minhas pernas em torno dele e ficamos ali nos beijando, nos provando, nos entregando aquele sentimento que nenhum dos dois suportava mais guardar.

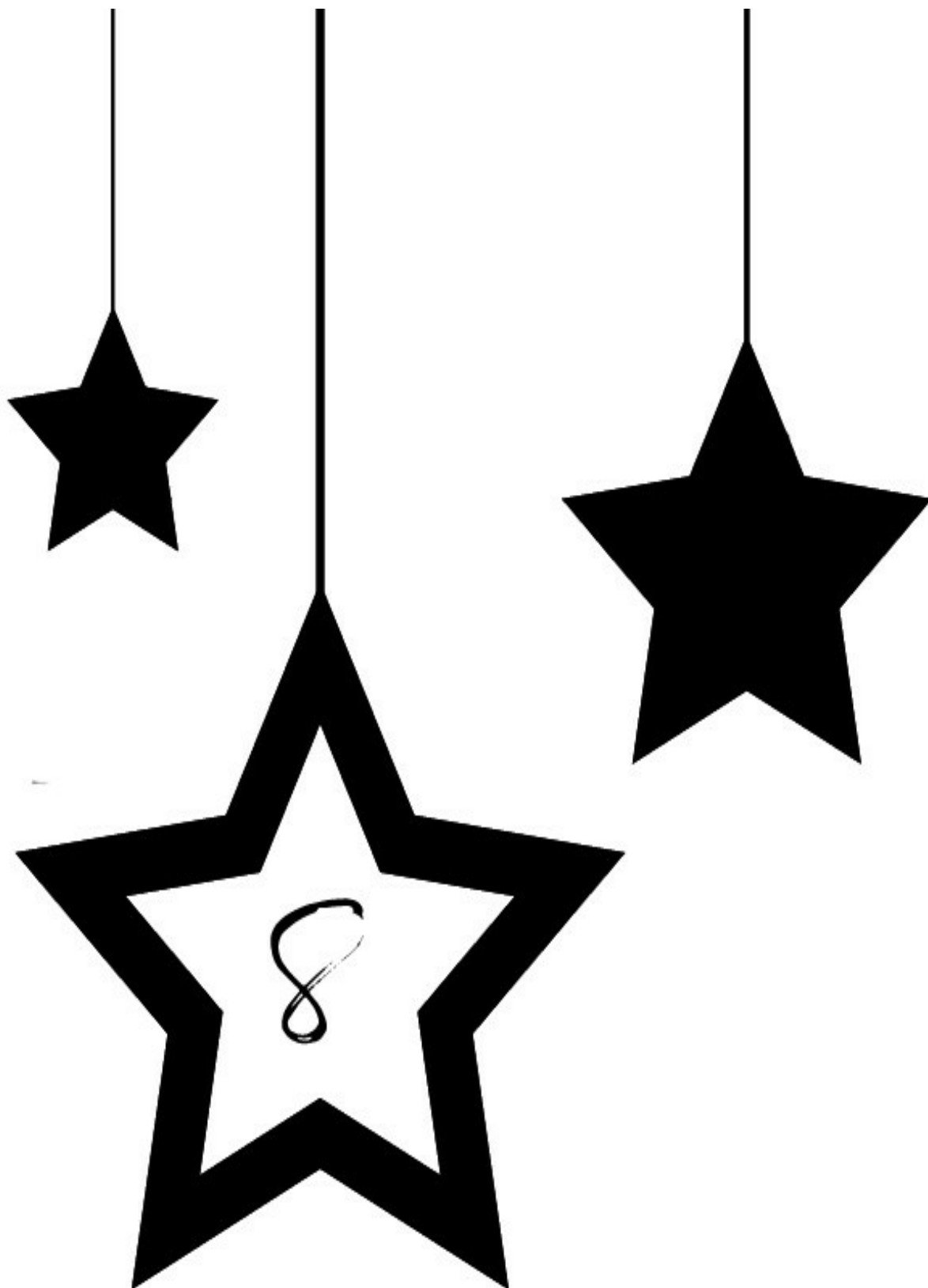
Quando me dei conta estávamos no seu quarto, com os braços, bocas, pernas e corações embaralhados, embaraçados, emaranhados.

Sua boca se afastou da minha e ele riu quando eu resmunguei.

— Você não vai falar que somos só amigos depois disso? — ele perguntou e eu neguei com a cabeça.

— Bom, porque eu sou apaixonado por você e não quero ser só seu amigo. Agora eu quero viajar pelo mundo que é seu corpo e conhecer cada segredo dele, quero saber cada pequeno detalhe do meu mundo que é você — Aquelas palavras fizeram meu coração palpitar de alegria.

Eu queria responder, falar que também estou apaixonada por ele, mas minha boca não conseguia mais ficar longe dele, minhas mãos queriam senti-lo, meu corpo queria estar envolvido em seus braços, meu coração queria sintonizar na batida do dele e minha pele queria seu toque, desesperadamente. Então eu apenas fechei os olhos e o beijei, e naquele momento eu e ele sabíamos que não precisávamos mais conversar.



Giovana

O interfone tocou e o porteiro avisou que o Vitor estava me esperando. Peguei minha micro bolsa, que mal cabia meu celular e minha carteira. Sai do apartamento e entrei no elevador, que por uma sorte do destino já estava ali me esperando. A Cami já havia saído para ensaiar com o pessoal da banda logo após terminar de me produzir, eu queria que ela tivesse ficado comigo mais tempo, fiquei rodando pela casa sem conseguir parar quieta enquanto esperava por ele.

Não entendo porque estou tão nervosa. Encontro com ele todos os dias, hoje não tem que ser diferente de nada do que estamos acostumados.

Cheguei à portaria ele estava lá de pé vestido em um terno que se encaixava perfeitamente bem em seu corpo. Ele ficava ainda mais bonito de terno.

Quando me aproximei ele me puxou pela cintura e sorriu.

— Você está maravilhosa.

Eu realmente havia me esforçado um pouco, estava com um vestido acinturado com a saia rodada de renda azul marinha. Meus olhos estavam com uma maquiagem esfumada, um batom vermelho e para finalizar meu cabelo estava com os cachos cheios que desciam até um pouco abaixo dos meus seios, do jeito que eu amo.

Antes de sair me olhei no espelho, eu estava tão parecida com a minha mãe que queria poder me abraçar para matar um pouco a saudade. Meus olhos brilharam com as lágrimas, mas me contive para não estragar a maquiagem que levei horas para fazer. Ou melhor, que a Cami levou.

— Você também — respondi com um sorriso.

Ele me beijou e entregou uma rosa solitária que estava escondida em sua outra mão.

O agradeci com meu melhor sorriso para ele não achar que não gostei.

Ele é romântico e isso é bem fofo. Repeti várias vezes para tirar da minha memória as palavras da Cami.

Não sei por que não falo logo que tenho alergia. Só acho que logo depois dele me dar esse presente não seria um momento muito oportuno para contar. Talvez amanhã, ou semana que vem.

Entramos no carro e o motorista nos conduziu até o hotel mais luxuoso da cidade, no extremo oposto do meu apartamento. Só de ver o local me assustei um pouco, não conversei nada sobre “não estar pronta” e agora estamos em um hotel, provavelmente temos um quarto para a noite e eu não quero esse quarto. Porém as palavras da Camila acabaram me acalmando. — *Se não quiser, é só falar não* — Eu falaria se chegasse a esse ponto, talvez eu não me sinta assim hoje, talvez ele me prove que será o cara que fará com que eu sinta algo novamente.

Ele me conduziu para o elevador e subimos até o último andar onde ficava o restaurante do

hotel. Só jantei aqui uma vez na vida, quando os pais da Cami vieram nos visitar, eles são podres de ricos, então era de se esperar que viessem ao restaurante mais caro da cidade. Porém pelo que me lembro é um restaurante que vive rodeado por paparazzis querendo a próxima manchete.

— Vitor, você não acha que muitas pessoas podem nos ver aqui? Lembra daquele termo de quando começamos a namorar. Manter tudo escondido da mídia? Se formos vistos aqui jantando vamos ser a primeira notícia de alguma revista de fofoca amanhã.

— Não se preocupe, linda. Ninguém vai nos ver.

— Vitor, é impossível ninguém nos ver aqui. — Mal pronunciei as palavras quando as portas do elevador se abriram para o hall do restaurante. Eu franzi o cenho com a cena que vi ali. Não tinha ninguém além da recepcionista, estava completamente deserto. Esse restaurante vive lotado. Isso é estranho.

— Eu acho que nunca vi esse lugar vazio — comentei.

— Eu não queria ninguém para atrapalhar nossa noite hoje e sei muito bem que você não quer ser vista comigo. Por acaso tem vergonha de mim? — ele perguntou brincalhão logo depois da recepcionista nos cumprimentar e nos conduzir para uma mesa no centro do salão.

ELE FECHOU O RESTAURANTE MAIS CARO DA CIDADE PARA NÓS DOIS? Estou em choque!

Eu já falei que o Vitor é mega rico também? Então, ele é filho de um mega astro da televisão brasileira que além de ator é um dos maiores empreendedores do país. Seu nome sempre está nas revistas e notícias de todo Brasil, ele nunca fica fora da mídia e seu querido filho, apesar de não atuar é tão popular quanto ele. Esse é o grande motivo pelo qual eu já o conhecia mesmo antes de sermos apresentados, e também o motivo dele ser um dos caras mais requisitados da faculdade, por isso me senti tão especial quando fui a escolhida.

— Sim, tenho vergonha de namorar o cara mais desejado e lindo da faculdade — brinquei.

— Então, por que não podemos ser vistos juntos?

— Eu já te expliquei.

— Mas eu não entendo, a maioria das mulheres se joga aos meus pés para poder ter seus quinze minutos de fama e você não quer nem meio minuto.

— Primeiro, eu sei que tudo isso de relacionamento é novo para você, mas não se fala de outras quando está com a sua namorada, de preferência nem quando estiver longe. Segundo, eu não sou como a maioria das mulheres, depois de um mês você já deveria ter percebido isso — respondi um pouco grossa demais, mas jogar na minha cara que ele tem várias outras aos seus pés em plena comemoração de namoro não é legal.

— Me desculpe. Você tem razão — ele falou arrependido, e eu como sempre, não consigo guardar rancor por mais de alguns segundos.

Chegamos à mesa que estava impecavelmente arrumada. Vitor puxou a cadeira para mim e me deu um beijo na bochecha antes de se dirigir para a cadeira dele, estava agindo como um verdadeiro cavalheiro, o que começou a me deixar um pouco desconfiada, mas obriguei a desconfiança ir para longe, claro que ele quer causar uma boa impressão, é nosso primeiro aniversário – ou mesversário? – de namoro.

— Você parece nervosa. — Ele sorriu, fazendo aquela covinha aparecer no canto da sua bochecha.

— Eu... Não... Acho...

— Aqui está o champanhe que o Senhor pediu. — O garçom apareceu, me cortando antes que eu conseguisse elaborar a frase.

— Obrigado.

O garçom serviu a nós dois e brindamos ao nosso primeiro mês juntos.

— Você ia me explicar porque está nervosa — ele voltou a falar e segurou minha mão que estava brincando com o guardanapo em cima da mesa.

Sua mão estava quente e acolhedora. Era bom ser tocada por ele. Não sei por que dessa neura toda. Estou parecendo uma adolescente com todo esse mimimi.

— Não é nada — falei dando de ombros. — Só acho que você está tentando me seduzir com todo esse luxo e esse cavalheirismo e eu não sei se estou pronta para o próximo passo.

Ele sorriu sedutor.

— Estou sempre tentando te seduzir, linda. Pare de ficar pensando no que pode acontecer, só relaxa e deixa a noite rolar.

— Desculpa, vou parar de neurose.

— Então, a tentativa de sedução está funcionando?

Sorri e assenti.

— Provavelmente estarei caída aos seus pés quando a noite terminar.

Ele levantou a taça e bateu na minha novamente.

— Mal posso esperar por isso.

Ficamos o resto do jantar jogando pequenos flertes um ao outro, conforme o tempo foi passando e o álcool começando a fazer efeito, eu comecei a enxergar o quanto o Vitor é engraçado e espontâneo, o quanto eu gosto quando sua pele encosta na minha. E assim, toda aquela neurose simplesmente sumiu da minha cabeça.



— Agora eu preciso que você não se apavore! — falou cauteloso.

Só estas palavras já foram suficientes para fazer meu coração quase saltar pela boca. Não sei por que as pessoas cismam em avisar antes de fazer ou falar algo que sabe que vai nos apavorar, as vezes nem é para tanto, mas as palavras sempre nos fazem pensar no pior.

— Fala.

— Eu quero que você coloque isso — ele disse levantando uma venda.

— Não! — respondi sem nem cogitar a ideia.

— Por favor, Gi. Confia em mim.

Ele me lançou um olhar de cachorro sem dono e acabei ficando com dó. Eu devia isso a ele, havia esquecido o nosso aniversário de namoro e com certeza ele não iria fazer mal nenhum a mim, ou pelo menos eu esperava que não. Não sei se aceitaria tão bem o quarto vermelho da dor quanto a Anastasia Steele em 50 tons de cinza. Sou o tipo de pessoa com tolerância zero para dor.

— Tudo bem — cedi.

Ele colocou à venda nos meus olhos e encostou seus lábios nos meus. Me guiou até o elevador e descemos alguns andares, pelo pouco tempo que o elevador levou para abrir as portas novamente eu sabia que não era o suficiente para termos voltado ao hall de entrada, então isso significava que havíamos parado em algum andar dos quartos.

Minhas pernas estavam um pouco bambas, percebi quando Vitor firmou a mão nas minhas costas indicando que deveria andar agora. Acho que passei um pouco da conta na bebida.

Andamos alguns metros depois de sair do elevador e escutei o “click” de uma porta se abrindo e o barulho dela fechando, depois que entramos.

Ele me puxou mais para dentro e passou os braços pela minha cintura.

— Eu preciso te contar uma coisa.

Outra frase que só serve para me deixar nervosa. Se você tem algo importante a dizer, apenas diga, não traga uma ansiedade desnecessária para a conversa dizendo que precisa falar algo.

Comecei a levantar a mão para tirar a venda, ele a segurou, me impedindo que fizesse isso.

— Preciso que esteja vendada.

— Tudo bem, mas diz logo, você está me deixando nervosa.

Senti sua respiração fazer cócegas no meu ouvido quando aproximou a boca para sussurrar.

— Eu te amo, Gi.

O que?

— Eee... Eu...

— Shhhh... Você não precisa dizer se ainda não sente isso. Por isso preferi que continuasse com a venda, não queria que olhasse para mim com pena por ainda não corresponder.

— Eu gosto muito de você, Vitor — falei firme. E era verdade, eu realmente gostava dele.

Consegui ouvir o sorriso dele, então ele me deu um beijo na testa e sussurrou:

— Para mim está ótimo por enquanto.

Dessa vez ele não me impediu de tirar a venda dos olhos. O olhei com um sorriso no rosto e beijei sua boca com vontade, um beijo de agradecimento por ele me amar. Meus olhos

lacrimejaram um pouco quando a intensidade do beijo me bateu. Eu o beijei com tanta força de vontade, mas só percebi o motivo depois de nossos lábios terem se separado. Eu o beijei assim, pois já faz sete anos que não escutava essas palavras. Tinha esquecido quão boa era a sensação de me sentir amada.

Eu sei que a Cami me ama, assim como a amo, mas não temos e nunca tivemos o costume de falar isso uma para outra.

Ele se afastou alguns passos para servir a bebida que estava dentro de um balde em uma mesa no canto do cômodo e pude finalmente observar onde estávamos. Era um quarto de hotel, um maravilhoso quarto de hotel, que é praticamente um apartamento. Havia velas aromáticas por todo o quarto, o cheiro delas transbordava o ar. A cama era quase do tamanho do meu quarto inteiro, acho que nunca vi uma cama tão grande.

Vitor voltou e me estendeu a taça que acabara de encher, então segurou minha outra mão e me puxou para a varanda com uma vista maravilhosa da cidade. O frescor da noite me abraçou quando saímos. Encostei no vidro que cercava a varanda e admirei toda aquela beleza. Ele se colocou atrás de mim e envolveu seus braços ao meu redor, senti sua respiração na minha nuca poucos segundos antes de sentir sua boca na minha pele. Joguei minha cabeça para trás para dar um maior acesso a ele e antes que eu percebesse estávamos nos beijando fervorosamente e ele me arrastava para dentro novamente.

Vitor me deitou na cama e veio delicadamente para cima de mim, evitando que ficássemos sem nos tocar por muito tempo.

Ele me ama.

Não intervi quando ele puxou o zíper do meu vestido e o tirou para fora do meu corpo.

Porque ele me ama. Então qual o problema disso?

Nem quando sua mão começou a percorrer lugares que nunca havia estado antes.

Ele me ama.

Ele tirou a própria blusa e voltou a me beijar. Sua pele estava fervendo. O calor emanava de todos os seus poros.

Ele me ama.

Eu queria corresponder, mas estava estática enquanto ele estava se esforçando. Minhas mãos apertavam forte o lençol, como se estivessem se negando a tocá-lo. Indo contra todos os meus pensamentos de tentar.

Eu não o amo. Eu não correspondo em nada esse sentimento.

Não é assim que as coisas deveriam acontecer.

Não posso fazer isso. Eu não o amo.

Eu prometi que tentaria, e tentei, mas não posso deixá-lo prosseguir com isso, posso sentir em cada terminação nervosa do meu corpo que isso não está certo e que não quero prosseguir.

Eu nunca vou amá-lo. Eu lembro a sensação e não é nada parecida com isso.

Segurei sua mão no momento em que ele estava prestes a abrir meu sutiã.

— Eu não consigo. Me desculpe, Vitor — disse o empurrando de leve para sair debaixo dele.

Ele levantou de cima de mim e se sentou na cama, afundando o rosto nas mãos, parecendo frustrado, mas ele sabia que não tinha garantia nenhuma de que isso aconteceria hoje. Eu não dei nenhuma esperança quanto a isso.

— Que merda, Giovana, o que mais você quer? A maioria das garotas acharia essa noite perfeita. Você nem sequer é virgem! Nós já namoramos há um mês. Você não cedeu nada! — falou alto.

Eu não consegui forçar nenhuma palavra a sair, porque ele estava certo em tudo que disse. Eu só sei que eu não quero, é a única certeza que eu tenho.

Levantei da cama, peguei meu vestido amontoado no chão e o vesti de volta, eu precisava me cobrir e sair dali o mais rápido que conseguisse.

— Me desculpe, Vitor, mas mais uma vez, eu não sou como a maioria das garotas, não consigo continuar isso. Estou danificada demais, você merece alguém melhor — falei rápido com as palavras se embolando enquanto saiam da minha boca. — Isto não vai dar certo. Eu não estou pronta agora e não sei se estarei um dia. Sinto muito mesmo por tudo.

Antes que eu fizesse mais qualquer movimento ele segurou firme meu braço e me prendeu contra a parede. Uma dor se espalhou pelas minhas costas e cabeça com o movimento brusco.

— Você me fez gastar mais de trinta mil reais essa noite para vir com papinho de que não consegue? Que sente muito por tudo? Eu fui compreensivo durante a merda de um mês inteiro! Eu até disse que te amava, o que mais você precisa para liberar para mim? — ele estava gritando, seu rosto transbordava de raiva. — Hoje você vai ser minha querendo ou não. Eu posso ter a garota que eu quiser e você não vai ser diferente.

— Eu não sou uma maldita puta que você pode comprar com trinta mil reais, seu idiota, poderia ter gasto milhões e eu ainda falaria não. Seu dinheiro não significa nada para mim. — Tentei me soltar, mas ele não cedeu. — Me solta!

Ele riu cínico e apertou mais ainda meu pulso.

— Você vai ser minha hoje, querendo ou não! — repetiu com raiva na voz.

Eu me encolhi com a suas palavras. Eu estava tão desesperada assim por atenção que não tinha percebido isso vindo?

— Você está bêbado, Vitor. Se você me ama, me solte antes que faça algo que se arrependa.

— Eu não te amo, idiota. Foram palavras para fazer com que você contribuísse com o que eu quero e já que não funcionou do jeito fácil, agora eu vou simplesmente pegar da maneira difícil.

Depois de sete anos, o primeiro “eu te amo” que escutei foi falso. Ok, isso doeu para caramba.

Ele lançou um sorriso falso.

— Meu Deus, você acreditou. Acho que posso seguir os passos do meu pai como ator.

— Me solta, Vitor, você está me machucando — falei tentando soar calma. Ele estava

alterado, mas é uma pessoa decente, ele não faria nada comigo, eu o conheço o suficiente para saber isso. Ou pelo menos era o que eu tentava acreditar.

Nesse momento eu só queria correr dali e gritar para mim mesma o quanto eu fui burra. Eu deveria saber que havia alguma coisa errada.

— Hoje você vai ser toda minha, Giovana, cada pedacinho desse corpo.

Retraio-me com medo. Eu estava mesmo tão enganada quanto a ele? Depois de tudo que passei me deixei enganar pela índole de uma pessoa?

Antes que pudesse agir, seus lábios forçaram os meus a se abrirem e suas pernas abriram as minhas sem esforço nenhum, enquanto uma de suas mãos segurou firme meus pulsos em cima da minha cabeça, a outra estava livre para explorar os lugares onde eu nunca deixei que ele chegasse perto.

Eu queria gritar por ajuda, mas sua boca não deixava a minha livre por um segundo sequer. Ele mordeu meus lábios e senti o gosto de sangue inundá-la.

— Eu sei que você está gostando, era isso que você queria que eu fizesse o tempo inteiro, não é? — ele disse e lambeu do meu pescoço até minha orelha. Aquilo só me deixava mais enojada. Como ele conseguiu me enganar por todo esse tempo?

Tentei gritar por ajuda nesse momento, mas logo sua boca estava em cima da minha novamente.

— Pode gritar, ninguém vai te ouvir daqui — disse com um sorriso assustador.

Quanto mais eu tentava empurrá-lo para longe, mais ele forçava seu corpo contra o meu, me prensando contra a parede. Ele havia colocado suas pernas entre as minhas de modo que eu não conseguia fechá-las, dando livre acesso para sua mão fazer o que quisesse. Ele rasgou minha calcinha fina de renda e a jogou para longe, sua mão era bruta e não se importava se estava me machucando. Ela percorria meu corpo, me apertando e apalpando de maneira impetuosa. Puxou meu vestido com tanta força que rasgou a frente, deixando meu sutiã à mostra, mas esses também foram logo tirados do caminho.

— Não, Vitor, por favor — choraminguei.

Ele me jogou na cama e tentei aproveitar o tempo livre para fugir, mas antes que tivesse a oportunidade ele já estava em cima de mim, me segurando novamente. Meu corpo tremia de medo e de raiva, eu não tinha forças o suficiente para tirá-lo dali, mas de repente ele ficou em uma posição que eu havia aprendido a me defender. Pelo menos aquelas aulas de defesa pessoal serviriam para alguma coisa. Em um único reflexo eu torci seu braço e usei minhas pernas como alavancas para jogá-lo o mais longe possível de mim.

Quando percebi que deu certo me levantei correndo e acelerei meu passo até o lado de fora do quarto enquanto o escutava me xingar com todos os palavrões possíveis. Desci correndo pelas escadas e cruzei a portaria sem me importar com a maneira que todos me olhavam. Cruzei meus braços para tampar o que estava à mostra e sai do hotel. Apenas corri sem saber em que direção eu estava indo. Eu só queria estar longe daquele lugar, o mais longe que meus pés conseguissem me levar.

Eu queria chorar, mas estava com muito medo das lágrimas atrapalharem minha visão,

forcei a engoli-las enquanto corria. Esbarrei em várias pessoas no caminho, murmurei vários pedidos de desculpas, minha mente parecia funcionar no automático, sem processar o que realmente estava acontecendo.

Quando meus pés começaram a doer eu olhei para trás para verificar se não estava sendo seguida e fui diminuindo a velocidade até estar andando. Assim que a adrenalina da fuga passou meu corpo começou a sentir as dores, meus pés estavam cortados, não tive tempo de resgatar as sandálias e devo ter pisado em alguma coisa. Eu sentia os lugares onde ele apertou mais forte latejar.

Não conseguia me localizar, não conheço esse lugar. Parei uma mulher que vinha andando com um neném no colo para perguntar onde eu estava, nunca estive neste lado da cidade antes e isso me apavorou.

Caminhei por mais algum tempo até achar um telefone público. Chamou algumas vezes antes da Cami atender com uma voz sonolenta depois da identificação da chamada a cobrar.

— Alô?

— Cami, vem me buscar — balbuciei nervosa.

— Gi? Onde você está?

— Eu não sei, vem me buscar — falei novamente, querendo sair dali o mais rápido possível.

— Calma, Gi. Cadê o Vitor?

Uma onda de desespero passou pelo meu corpo ao ouvir o nome dele.

— Vem me buscar, por favor — falei de novo desesperada, eu não conseguia raciocinar direito.

— Me fala o que você está vendo, onde você está?

Depois de algum tempo consegui explicar onde eu estava.

Toda vez que alguém começava a se aproximar eu prendia a respiração com medo de ser o Vitor. Todos que passavam me encaravam, mas a última coisa que estava me importando agora era o que eles estavam pensando de mim. Uma garota com o vestido rasgado e a maquiagem, provavelmente, toda borrada.

Ela demorou mais de uma hora para chegar. Entrei no carro correndo. Seu olhar me analisou dos pés à cabeça e percebi que ela entendeu de imediato o que havia acontecido.

— Eu vou matar esse filho da puta! — berrou nervosa. — Onde ele está?

— Eu só quero ir para casa, Cami. Por favor — falei engolindo as lágrimas que estavam loucas para sair.

E por me conhecer tão bem, percebeu que eu não queria conversar.

Dirigi sem falar nada, me deixou ficar ali encolhida no banco sem dizer uma palavra. Até que o carro parou e eu percebi que não estávamos em casa e o desespero retornou.

— O que você está fazendo? — Meu coração acelerou quando vi onde ela havia parado.

— Você tem que prestar queixa — ela respondeu.

— Não, vamos embora — respondi ríspida balançando a cabeça.

— Você não pode deixar ele se livrar de uma coisa dessas. Ele pode fazer isso com outras pessoas — ela argumentou.

— Eu não posso, Cami. Vamos embora, por favor. — Eu prefiro passar novamente pela mesma experiência a entrar naquela delegacia.

— Você tem que fazer isso, Gi — ela disse abrindo a porta do carro.

— Fecha essa porta agora e vamos embora, ninguém nunca vai saber disso. Nunca!

— Mas Gi...

— Não, ele é filho de um dos artistas mais adorados do país. Meu rosto ficaria estampado em todos os jornais — falei com a voz tremendo. — Eu não posso, por favor.

— E daí? Você não deve nada a ninguém!

— Me promete que isso não vai sair daqui — implorei.

— Eu não posso fazer isso — ela falou emburrada.

— Cami, eu preciso que você me prometa. — O desespero começou a tomar conta da minha voz só de pensar na ideia disto se tornar público. — Não quero meu rosto estampado em lugar nenhum. Eu não posso deixar que isso aconteça. Eu não posso ter meu rosto exposto em lugar nenhum, nunca.

— Ninguém te condenaria por isso, Gi — ela falou sem entender meu ponto.

— Você não entende, eu não posso. Prometa. Por favor!

— Tudo bem, vou te deixar em paz por hoje.

Ela não entendia e nunca vai entender o porquê de eu não poder fazer isso, por mais que cada célula do meu corpo ansiasse para que ele pagasse pelo que fez, eu não posso denunciá-lo. Um caso desses nunca passaria despercebido pela imprensa e eu não preciso de nenhuma complicação na minha vida agora.

Eu não a respondi.

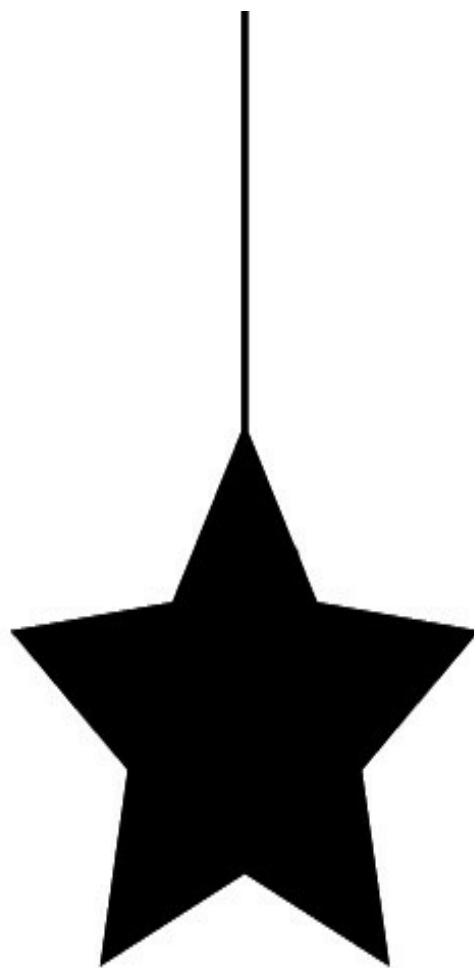
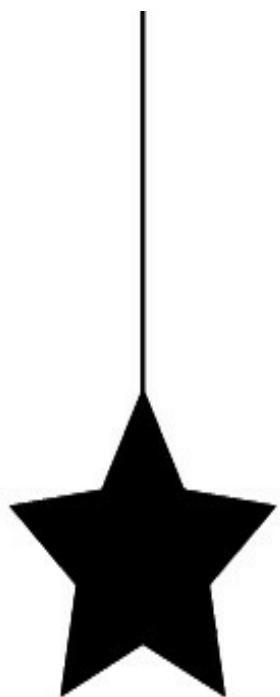
O motor do carro ganhou vida e eu consegui respirar aliviada por um breve momento de vitória naquela noite, porém logo as imagens de tudo que aconteceu voltaram e o medo novamente se apossou do meu corpo.

Cheguei em casa e entrei no banho, me esfreguei com força para limpar a sujeira daquele toque que ardia na minha pele. As marcas continuavam lá, agora começando a ganhar um tom arroxeadado e com isso a raiva transbordava dentro de mim. Como eu deixei isso acontecer? A esse ponto eu já deveria ter aprendido a não confiar em ninguém, eu deveria ter percebido, era minha obrigação ter notado que alguma coisa estava errada.

Deixei a água escorrer pelo meu corpo para que pudesse lavar tudo que aconteceu nesta noite, inclusive as memórias que assombravam minha mente. Eu estava com raiva, triste e sentindo várias coisas que eu não sabia definir, queria gritar e atirar coisas pela janela.

Deitei na cama e as lágrimas me consumiram. Eu chorei por hoje. Chorei pela minha mãe, pelo meu pai. Chorei por tudo que eu já amei ter sido tirado de mim, mas principalmente, chorei por não ter ido com todos eles. Por meu coração ter continuado batendo, por eu não ser capaz de fazê-lo parar, por mais que fosse tudo que eu desejasse. Não sobrou nada aqui para mim.

A Cami ficou me verificando toda a noite, não disse mais nada sobre o que aconteceu, como pedi. Quando me deitei ela se deitou ao meu lado e me abraçou forte. Era tudo o que eu precisava, alguém para me apertar e impedir que as peças que eu juntei nesses últimos anos se despedaçassem novamente.



Melissa

Tic Tac. O tempo acabou.



O ônibus estava lotado, levantei do meu assento para ceder a uma senhora que acabou me xingando por eu estar insinuando que ela é velha e precisa ficar sentada. Tudo porque ela entrou no ônibus pela porta dianteira com a carteirinha de idoso, mas preferi ficar quieta, não pega bem gritar com idosos. Alguém poderia me acusar de gerontofobia. Não que alguém vá saber o que significa essa palavra, que por sinal é o nome dado a pessoas que tem fobia a idosos. Me pergunto se alguém realmente sente isto desde que fiz um trabalho sobre fobias para a aula de biologia. Ainda não conheci ninguém.

O assento acabou sendo roubado por um bêbado que estava em pé enquanto a senhora me passava um sermão sobre como eu deveria aprender a respeitar os mais velhos. Quase gritei que era isso que eu estava tentando fazer, mas percebi que balançar a cabeça e pedir desculpas faria com que ela ficasse quieta mais rápido. Por conta disso terei que ficar os próximos longos quarenta minutos em pé.

Peguei meu celular para aumentar o som da música que estava tocando nos fones de ouvido, assim ninguém mais me incomodaria durante o resto do trajeto, quando notei que havia uma mensagem de voz. Aqui onde eu moro as pessoas não tem o costume de deixar esse tipo de mensagem, geralmente são só alguns sons de alguém que não conseguiu desligar o celular antes do sinal, mas pelo nome que mostrava na tela eu sabia que esse não era o caso. Disquei para ouvir e esperei a voz dele aparecer.

— Mel, esqueci de te dizer, você estava linda hoje. — Ele soltou riso fraco que fez meu coração pular. — E eu tenho uma novidade para te contar, acabei de receber uma boa notícia, mas quero contar pessoalmente. Estou indo encontrar minha mãe, acho que ela está precisando de alguma coisa, não entendi direito. Te pego as sete, qualquer coisa eu te ligo.

Olhei para baixo e analisei a roupa surrada de academia que eu estava usando quando nos encontramos mais cedo. Ele adorava fazer esse tipo de coisa, nunca me elogiava quando eu estava esperando um elogio. Todas as vezes que me encho de maquiagem e perfume para sair, não recebo sequer um “tá bonitinha”, mas nos momentos que estou me sentindo um trapo, seja com o uniforme do colégio, quando acabo de acordar, ou depois de fazer academia; quando o cabelo está todo pro alto e o corpo pingando de tanto suor, ele sorri e fala que estou linda, e por mais feia que esteja me sentindo, eu acredito nele.

Tocou o bipe do fim da mensagem e anunciou que tinha mais uma. Apertei o número um

para escutar a outra mensagem. E a voz dele surgiu novamente nos fones de ouvido.

— Esqueci outra coisa. Eu te amo, meu mundo! — É assim que ele me chama carinhosamente desde aquele dia que nos perdemos e nos encontramos um no outro.

Um sorriso bobo apareceu no meu rosto e desviei meu olhar para o chão para que as outras pessoas não reparassem que estava sorrindo para o nada. É o mesmo sorriso que insiste em permanecer nos meus lábios desde duas semanas atrás quando ele falou essas palavras pela primeira vez. Depois daquele dia todos os seguintes foram como se eu estivesse envolta em uma nuvem de alegria, nada me chateava, nada me abalava. Antes, eu talvez tivesse gritado com a senhora que me fez levantar e que ainda me deu um sermão, mas hoje mesmo se eu perdesse o ônibus e tivesse que ir andando para casa, eu não ficaria brava. Porque eu sei que mesmo o dia sendo uma merda, no final eu o terei ao meu lado.

Não consigo nem começar a explicar como eu tenho me sentido constantemente em um sonho. Forço-me a ficar acordada a noite, pois nada que minha cabeça inventar enquanto meus olhos estão fechados pode ser melhor do que o que já está acontecendo.

Enfiei o celular no bolso novamente, sem nem lembrar para que tinha pego a princípio. O sorriso que estava no meu rosto chegava a doer, mas eu não conseguia tirá-lo de lá.

Quando estava quase chegando ao meu ponto mandei uma mensagem para o Logan avisando que já estava chegando em casa e que passaria na casa dele para pegar o xampu que comprei mais cedo e havia ficado com ele; não queria ficar carregando sacola pela rua e pedi para ele segurar, mas acabei esquecendo de pegar de volta quando ele foi embora. Pelo menos nós moramos um ao lado do outro e não terei que ficar sem lavar a cabeça.

O ônibus para em um ponto e algum estranho passa a mão na minha bunda enquanto as pessoas se espremem para sair, viro o rosto procurando pelo engraçadinho, mas tem tantas pessoas espremidas ali que poderia ter sido qualquer um. Encolho mais no meu canto tentando fugir do toque das outras pessoas, mas quanto mais eu faço isso, mais os outros me esmagam contra a pessoa que está sentada. Peço desculpas quando quase caio em cima dela e respiro fundo enquanto tento andar um pouco mais para perto da porta de saída, já estou quase no meu ponto e não quero perder por não conseguir alcançar a porta a tempo. Sinto mais uma vez a mão na minha bunda, só podia ser brincadeira, mas dessa vez não consegui me manter quieta. Virei para trás já gritando.

— Quem é o engraçadinho?

Tudo bem, acho que exagerei um pouco na parte em que o amor dele me tornou uma pessoa mais calma e que não se chateia fácil.

Todos em volta viraram seus olhares assustados para mim. *Ótimo! Agora eu sou a maluca do ônibus.*

Graças ao bom Deus o ônibus chegou ao meu ponto. Atropelei as pessoas que estavam na frente e sai ignorando as risadas que eu sabia que eram destinadas a mim.

O ponto dava de frente para uma padaria e todo aquele estresse me deixou com uma vontade incontável de comer um chocolate. Atravessei a rua e comprei um Kinder Bueno. Não existe chocolate no mundo melhor do que esse. Não sei como ainda não proibiram sua comercialização, pois causa uma dependência descomunal, eu não saberia viver em um mundo

sem esse chocolate. Deveriam pelo menos colocar um aviso, como os que tem no cigarro, demonstrando o que o vício poderia causar. Eu nem teria provado, mentira, é óbvio que eu teria. Eu não me importaria com os malefícios, seria um preço justo a pagar por esse pequeno pedaço do céu na minha boca.

— Não dá para acreditar que isso aconteceu aqui do lado. Um assassinato assim tão brutal — uma mulher fofocava com o homem do caixa enquanto eu pagava pelo meu chocolate. — A polícia ainda está lá. Quem faz uma coisa dessas com pessoas tão boas? — Ela não parecia chocada com esse assassinato, mas ultimamente isso não é uma coisa tão anormal, a cidade tem ficado bem perigosa nos últimos anos.

— Eu só conhecia o garoto, era um bom garoto. É realmente muito triste tudo isso. — As palavras dele soaram mais sinceras, enquanto a mulher parecia estar mais interessada nas mãos dele em seu braço acalmando algo que ela nem estava parecendo se importar de verdade.

Atravessei a rua, entrei no condomínio cumprimentando o porteiro com um aceno e virei à esquina na rua da minha casa. A rua estava movimentada, uma multidão se acumulava ali perto, onde tudo que deveria ter era o carro da mãe do Logan estacionado. Meu coração começou a bater tão forte que eu mal conseguia escutar o que estava acontecendo ao redor, as únicas coisas na minha mente eram as palavras ASSASSINATO e GAROTO. Acelerei o passo com a curiosidade de saber o que estava acontecendo, mas foi quando vi uma faixa amarela da polícia cercando a casa do Logan que todo o meu corpo começou a tremer.

A mulher não poderia estar falando deles, nada aconteceu a eles. Uma cena de filme rodou na minha cabeça enquanto eu empurrava as pessoas, me espremendo para passar entre elas, que murmuravam alguns xingamentos pela força que eu estava usando para afastá-las. Quando consegui chegar até a faixa, eu a puxei para cima e corri em direção à porta, havia sangue pelo gramado, minhas pernas estavam bambas, mas forcei-as a continuar, estava quase chegando à varanda quando alguém envolveu os braços em torno do meu corpo e me puxou para longe.

— Me solta! — gritei.

Eu precisava entrar, precisava vê-lo, saber que ele está bem. Me debati para escapar daqueles braços, mas eles eram mais fortes. Eu estava gritando, só queria saber dele, meu Logan. Ele tem que estar bem, eles estavam falando de outras pessoas, ninguém ali foi assassinado, ele não pode ter sido assassinado, quem faria uma maldade dessas com alguém como ele? Não tem lógica nenhuma nisso. Eles não sabem o que aconteceu e estão fofocando coisas sem sentido. Era isso, eu só preciso achá-lo e nós vamos rir disso tudo, não passa de um mal-entendido.

— Logan! Vida! — gritei mais uma vez. Talvez se ele me escutasse viria até aqui para que eu visse que estava tudo bem, mas muito tempo se passou e ele não veio me acalmar, eu precisava vê-lo.

Várias pessoas entravam e saíam da casa, onde ele estava? Por que não vinha me atender? Não havia mais braços me segurando, mas meu corpo se recusava a sair do lugar. O medo nublava meus pensamentos, isto não pode estar acontecendo.

Uma mulher loira, com um rosto sereno estava falando comigo. Via seus lábios se mexerem, o som das palavras estava chegando aos meus ouvidos, só que eu não conseguia entender, nada estava fazendo sentido.

— Você tem que se acalmar. Eu preciso saber o seu nome — ela gritou tentando chamar

minha atenção.

— Melissa — minha voz saiu sussurrada.

— Muito bem Melissa, você conhecia as pessoas que moravam aqui?

— Não! Eu conheço as pessoas que moram aqui — respondi ríspida, não querendo absorver o que estava explícito na pergunta dela. — Eu conheço! — gritei, forçando as lágrimas que se acumulavam em meus olhos a não cair. Como se enquanto eu não chorasse nada disso se tornaria real.

— Melissa, eu sinto muito, mas a ajuda chegou tarde demais — ela falou colocando as mãos nos meus braços, como consolo. Como diabos isso serve para consolar? Ela não deveria falar uma coisa dessas. É uma mentira.

— Eles estão bem — eu gaguejei e sorri.

Balancei a cabeça em negativa, ela estava errada, o Logan esteve comigo há menos de duas horas, nós vamos nos encontrar hoje, ele disse que me pegaria às sete horas da noite. Olhei o horário no meu celular e já marcava seis horas, eu precisava me arrumar. Levantei do gramado e corri em direção a minha casa. A mulher que estava conversando comigo gritou meu nome para que eu parasse, mas eu não podia ficar conversando agora, só tenho uma hora para me arrumar, eu preciso estar pronta quando ele chegar para me buscar, ele odeia esperar.

Abri a porta da minha casa e o que vi dilacerou meu coração. Eu não desejaria nem ao meu pior inimigo vivenciar uma cena dessas. Um grito rasgou minha garganta, meus joelhos vacilaram e cai na poça de sangue onde ela estava. Seus olhos estavam em mim, mas eles não se mexiam, ela nem sequer piscava. Porque eles não se mexem? Eu preciso que eles se movam, eu preciso que eles me olhem, eu preciso disso.

Puxei seu rosto para o meu colo e vi o corte enorme na sua garganta, coloquei minhas mãos em cima para segurar o sangue lá dentro, mas já não estava saindo sangue nenhum.

— Mãe, acorda, me responde! — gritei desesperada. As lágrimas inundaram meus olhos.

— Eu te amo — falei com a esperança de que ela sorrisse e me respondesse “Eu te amo mais” e eualaria que isso é impossível, mas ela não sorriu. A resposta nunca veio.

Algumas pessoas apareceram na porta, policiais. Eles queriam me afastar dela, mas eu não podia deixá-los fazer isso. Abracei firme seu corpo para evitar que me levassem para longe. Não podia deixá-la ali daquele jeito, ela precisa de mim. Preciso dela, eu só tenho ela. Não posso deixar que me tirem dali.

— Melissa, precisamos que você se afaste para saber se ainda podemos ajudá-la. — A mesma mulher que havia falado sobre o Logan estava parada na minha frente. Eu não queria me afastar para depois ter que ouvi-la dizer novamente que a ajuda chegou tarde demais, esta não era uma opção, eu precisava da minha mãe viva, mas o pequeno fio de esperança de que houvesse alguma coisa a fazer fez com que eu a soltasse.

Senti meu corpo ser arrastado para longe dela, eu queria impedi-los, eles não tinham esse direito, mas as palavras estavam presas na minha garganta e meu corpo não respondia aos meus comandos, ele só ficava lá, imóvel, estático. Meu coração batia forte no meu peito, mesmo que meu único desejo fosse que ele parasse. Ele não pode continuar batendo quando as razões dele

bater não existem mais.

E foi nesse exato momento que a maior dor que já senti em toda a minha vida me consumiu. Ela se apossou dos meus pulmões tornando difícil respirar, do meu coração fazendo doer a cada pulsar, do meu estômago mandando para fora tudo que tinha dentro. Pior de tudo, ela se apossou da minha vida, era uma dor que eu não tinha a mínima ideia de como iria fazer parar.

Embalei meu corpo com meus braços e me balancei para frente e para trás, me adulando, me acalmando.

Eu não estou sozinha, eles estão bem. Nada disso é real, foi tudo um pesadelo! Minha mente repetia como um mantra em minha cabeça.



Um tempo depois, Marcos me arrastou para dentro da casa e me levou para o meu quarto, falando para eu pegar algumas coisas que me levaria para a casa dele. Eu não quero ir para casa de ninguém.

Havia um papel em cima da minha cama, corri para pegá-lo. Sorri ao ver a letra do Logan, ele me deixou um bilhete. Ele não poderia ter me deixado um bilhete se estivesse morto.

— Eles estão vivos — falei alto para o Marcos, o namorado da mamãe, que estava encostado na porta me olhando.

Ele semicerrou os olhos e percebi as lágrimas se formarem na beirada deles. Ele se ajoelhou na minha frente na cama e segurou minhas mãos.

— Melissa, eu sinto muito, você sempre terá a mim. Eu não vou te deixar sozinha.

Eu sorri para ele, era bom que minha mãe tivesse encontrado alguém assim, que além de cuidar dela, queria cuidar de mim também, apesar de não precisar de tantos cuidados.

— Obrigada, Marcos.

Ele me abraçou um pouco forte demais, mas não reclamei.

Ele mandou que eu pegasse minhas coisas para irmos para a casa dele, mas eu não queria ir para casa dele. Eu precisava me arrumar.

O enxotei do quarto e tranquei a porta antes de abrir o bilhete.

Meu mundo,

Eu sei que é clichê, mas preciso te dizer. Todas as palavras do mundo não seriam suficientes para expressar o quanto eu amo você.

Caralho! Sou um puta poeta!

Te vejo às sete horas.

Seu L.

Eu reli aquele bilhete que ele tinha deixado em cima da minha cama naquele mesmo dia mais cedo. O relógio na parede já estava marcando nove horas da noite.

Marcos tentou me levar para a casa dele novamente, mas eu não queria ir, eu precisava esperar o Logan vir me buscar.

Mas ele não veio.

Eu já estava pronta para sair a horas e ele não apareceu.

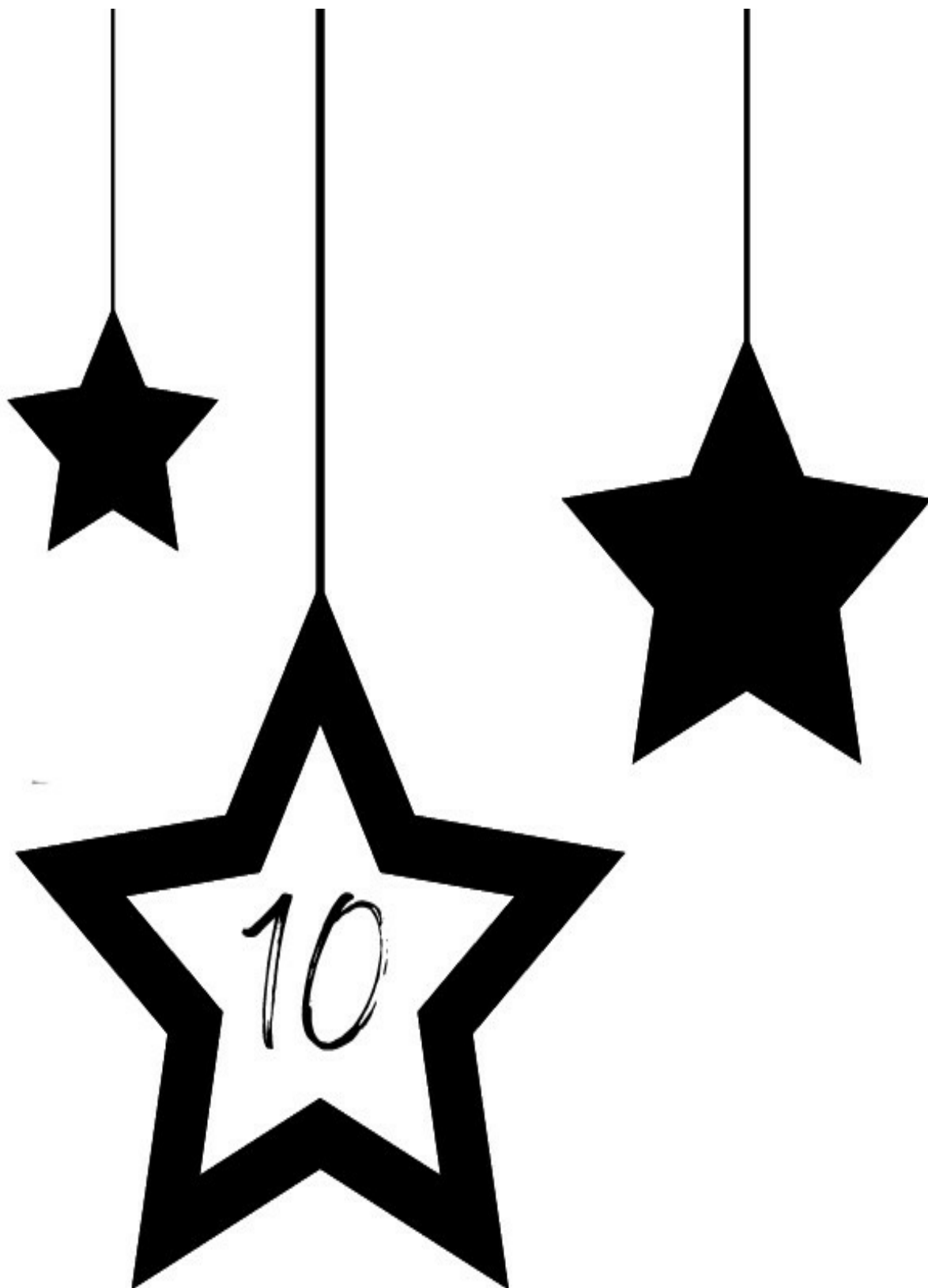
Porque ele não veio me buscar? Ele prometeu que viria às sete.

Marcos entrou novamente no meu quarto e tentou me dizer várias mentiras, falou que ele não viria me buscar, eu não acreditei nele nem por um segundo. Ele não sabia o que estava falando.

O expulsei do quarto, me joguei na cama e puxei a coberta para me esconder do vento gelado que entrava pela janela. Eu queria fechá-la, só que se eu a fechasse, como o Logan poderia se esgueirar para o meu quarto da maneira que faz quase todas as noites?

Então apenas encostei minha cabeça no travesseiro e fechei os olhos para esperar pelo momento que ele entraria ali e me pediria desculpas por ter me deixado esperando, e eu não me importaria, porque seus braços estariam em volta de mim e eu teria certeza que eu estou certa e todos os outros estão errados.

E eu estava certa. Ele veio. Assim como minha mãe veio me checar à noite. Todos eles estavam errados, todos.



Giovana

Adrian Scott:

Giovana, os resumos ficaram excelentes. Obrigado.

Espero trabalhar com você novamente.

Foi à primeira coisa que vi assim que cheguei para o meu estágio segunda feira. Pelo menos alguma coisa eu faço bem. Este elogio fez meu humor, que andava uma merda desde aquela noite com o Vitor, melhorar consideravelmente.

Eu ainda me sentia um lixo por ter sido usada daquela maneira, e nunca mais queria vê-lo na minha frente. Na verdade, me encho de medo só de pensar em reencontrá-lo. Eu queria que ele pudesse simplesmente sumir e nunca mais dar as caras por aqui. Era uma merda ter que me manter em silêncio, correndo o risco dele fazer isso com outras meninas, mas meu medo de virar notícia me mantinha calada.

Quando voltei para casa na quarta feira, uma onda de alívio me bateu. Foram três dias andando pela faculdade e não o encontrei nenhuma vez. Talvez a sorte esteja finalmente rodando ao meu favor.

Mal sentei no sofá e meu telefone começou a gritar dentro da bolsa. O peguei e atendi animada quando vi quem era.

— Oi, Cami.

— Alô? Gi? — ela gritou do outro lado. Havia alguma música tocando alto no fundo.

— Cami, onde você está?

— Gi? Não estou te ouvido — gritou novamente. — Só um minuto.

— Pronto, acho que melhorou agora. — O fundo parecia um pouco menos barulhento.

— Onde você está?

— Estou aqui no Jazz. Ligaram hoje à tarde perguntando se podíamos cobrir uma banda que não viria. Vem para cá.

Jazz é um barzinho de pop rock da cidade, que mesmo durante a semana sempre fica lotado. Esse seria o primeiro show com o Bruno, guitarrista novo.

— Não sei se é uma boa ideia.

Não estou no clima de festejar.

— Vem, vai ser uma boa distração para sua cabeça.

Realmente seria, mas amanhã eu vou finalmente conhecer o famoso Dr. Scott. Não quero

chegar lá com cara de cansada. Por mais que a minha vida esteja uma merda, alguma coisa me obriga a continuar, como se por algum milagre tudo fosse melhorar. Talvez eu devesse jogar na mega sena, porque não tenho dúvida alguma que no amor o azar chega a ser um termo chulo para definir o tanto de merda que já me aconteceu.

— Hoje é quarta Cami, temos aula amanhã.

— É só você voltar cedo.

— Acho melhor não, aproveite por mim.

— Tudo bem, até mais tarde, qualquer coisa pode me ligar.

— Tchau Cami.

Desliguei o celular e fui até a cozinha preparar um sanduiche para comer, liguei a televisão e me sentei no sofá. Estava passando uma novela que eu nunca tinha visto, mas não me incomodei em mudar de canal. Eu sei que não conseguiria prestar muita atenção em nada.

— *Me solta.* — *Choraminguei alto tentando me livrar dos seus braços.*

— *Você vai ser minha hoje.* — *Ele riu.*

Meu corpo parecia ser incapaz de obedecer às ordens que eu dava. Quanto mais o desespero tomava conta de mim, mais estático meu corpo ficava. E o Vitor estava em todos os lugares, na minha boca, nos meus braços, seios, pernas.

— *Não* — *gritei com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.*

Um barulho alto rompeu pelo quarto.

Dou um salto do sofá em alerta, minha respiração ainda está ofegante, meu coração disparou e meus olhos voaram para a porta, que continuava trancada.

Foi tudo um pesadelo, ele não está aqui, eu estou bem. Mesmo sabendo disso as lágrimas insistiram em saltar pelos meus olhos.

Só consegui relaxar quando encontrei o motivo do barulho. A vassoura que estava encostada na parede caiu em cima da mesinha de canto e empurrou uma bola de vidro vermelha para o chão.

Meu coração ainda estava disparado e por mais que tentasse me acalmar, não conseguia tirar o pressentimento ruim de que algo iria acontecer se eu ficasse ali em casa sozinha.

Eu não costumava ser tão medrosa assim, mas saber que eu não consigo me proteger caso ele apareça por aqui me deixa bem assustada.

Dirigi até o Jazz, já eram quase oito horas e as ruas estavam tranquilas. Desci do carro e puxei minha bolsa para o meu ombro. Quando vi a fila na entrada do bar quase dei meia volta, só não fiz isso, pois não queria mesmo voltar para casa e ficar sozinha. Fazia anos que eu havia superado esse medo, agora graças ao desgraçado ele retornou.

Peguei o celular reserva que fui obrigada a arrumar depois de esquecer o meu naquele maldito hotel. Mandeí uma mensagem para Camila falando que a fila estava enorme e que eu não tinha identidade, que também ficou para trás. Preciso tirar novos documentos, urgente.

Tranquei o carro e caminhei até a fila esperando que algum milagre acontecesse e o

segurança liberasse a entrada de todo mundo.

Alguns minutos depois a Cami saiu e abanou a mão para que eu chegasse lá na porta. Fui até lá e ela falou para o segurança que eu estava com a banda, ele me deixou entrar sem nem pedir identidade, e eu ganhei alguns xingamentos e resmungos de algumas pessoas que já estavam esperando ali há muito tempo.

O barzinho estava lotado, meus olhos demoraram um pouco até se acostumar com a pouca luz.

Cami me conduziu até a mesa perto do palco onde estavam os outros integrantes da banda. Cumprimentei todos eles, me sentei ao lado do Bruno e ela se sentou do meu outro lado.

— Experimenta isso aqui — disse o Guilherme, baterista da banda, empurrando um copo com alguma coisa azul dentro.

— Não vou beber hoje — falei empurrando o copo de volta.

— Não falei para você virar, falei para experimentar — ele disse balançando a cabeça.

— Estou dirigindo, só experimentar pode me custar uma multa e alguns dias na prisão — respondi.

— Eu chamo o taxi para você depois — ele falou.

— E eu faço o que com meu carro?

— Deixa a chave comigo, eu levo para você — o Bruno falou levantando a garrafinha de água que estava bebendo.

— Motorista da vez? — perguntei.

— Na verdade, não, nem vim de carro. Estou tomando antibiótico, então nada de álcool para mim hoje.

— De qualquer jeito, prefiro ficar no refrigerante, não quero correr o risco de ressaca amanhã.

Levantei e fui até o bar, que estava um inferno. Tive que me esmagar entre o muro de pessoas envolta do balcão.

— Uma coca — pedi.

O barman gritou novamente alguma coisa para mim depois de duas tentativas frustradas, e outra vez eu não entendi, mas fiquei com vergonha de pedir que ele repetisse de novo então achei que o melhor fosse apenas concordar, mesmo sem entender o que ele havia falado.

— Sim — respondi balançando a cabeça.

Ele provavelmente estava querendo saber se eu queria gelo e limão.

Ele me entregou a coca e pediu minha comanda para marcar meu pedido.

Virei-me para voltar para a mesa no mesmo instante que a mulher que estava atrás de mim tentou se enfiar no lugar de onde eu estava saindo, fazendo com que entornasse quase metade do que estava bebendo na minha blusa. Senti o líquido escuro cair no meio dos meus seios e escorrer pela barriga. No mesmo instante puxei a blusa branca do corpo para não marcar nada.

— Merda — gritei.

— Ops — a mulher falou e se voltou para os seus amigos rindo, sem se importar comigo.

— Ops? — gritei novamente olhando para minha blusa, e quando levantei o olhar para xingá-la, já não havia nem sinal dela por perto.

Caramba! Qual será seu próximo movimento destino? Já não me ferrou o suficiente?

Fui até o banheiro para analisar o estrago e vi que minha blusa estava toda manchada de alguma coisa meio avermelhada, que com certeza é impossível de remover. Tentei tirar o excesso com o papel, mas não adiantou muito, ainda estava sentindo a blusa colando no corpo.

Peguei minha coca e dei uma golada, no momento que senti aquilo descer queimando pela minha garganta percebi que havia alguma coisa errada.

Olhei a comanda para conferir o pedido e ao invés de refrigerante estava marcado um “x” em Cuba Libre. Parece que o Barman estava perguntando se eu queria Rum, não gelo e limão.

E o dia só melhorava.

Voltei à mesa e continuei bebendo aquilo mesmo, depois daquele primeiro gole eu não poderia voltar para casa dirigindo de qualquer maneira, então pelo menos vou beber o que estou pagando.

— Você leva meu carro, preciso dele amanhã às seis da manhã — falei com o Bruno.

— Chave? — pediu estendendo a mão. Eu a entreguei.

Sentei-me a mesa novamente e percebi que eles estavam jogando verdade e consequência, mas nem se eu estivesse tonta eu participaria disso. Esse jogo é para pessoas que a única coisa que tem a esconder é o nome do cara que ficou na outra noite.

— Vai Gi, sua vez — Guilherme gritou.

— Eu passo!

— Ahh para, vamos brincar, por favor — implorou a Cami.

— Não.

— Deixa de ser careta — Bruno gritou e todos começaram a me encher de súplicas.

— Vai, tudo bem. Mas não adianta me mandar dançar em cima da mesa porque isso não vai rolar, mesmo sabendo que todos vocês apreciariam muito — respondi.

Eles riram e concordaram que seria um bom desafio.

— Verdade ou Desafio? — Cami perguntou.

— Desafio. — Eu não tinha nem o que pensar, verdade está fora de questão. Ainda mais com a Camila louca para falar sobre a outra noite. Se bem que ela nunca usaria isso contra mim nessa brincadeira, eu sabia disso.

— Eu te desafio a conseguir o telefone daquele cara ali. Ele é definitivamente um dos mais gatos desse bar hoje. — Ela apontou para um cara sentado numa mesa no canto do bar sozinho, olhando para televisão.

— Assim você fere meus sentimentos, baby — Bruno falou, fingindo estar ofendido.

— Ele é um dos mais bonitos, você é o mais bonito — ela respondeu piscando para ele.

É impressão minha ou esses dois estão flertando?

Eu reviro os olhos e a amaldiçoo em silêncio, ela sabe que sou péssima para conversar com desconhecidos, mas é um desafio aceitável, então não vou questionar.

— Tudo bem, mas se prepare para o meu desafio — disse enquanto me levantava e fazia meu caminho até o bar.

— Eu nunca peço desafio — falou dando de ombros. Ela realmente não o faz, sempre pede verdade porque diz que não tem nada sobre ela que eu já não saiba.

Cheguei à mesa que estava o homem que eu tenho que conseguir o telefone, ele estava assistindo a um jogo de futebol que passava sem som na televisão de costas para mim. Eu me endireitei e falei oi, mas ele nem sequer se virou para me olhar. Tentei de novo, e mais uma vez fui ignorada, ele olhava fixo para a televisão. Olhei para trás e todos da banda estavam me olhando atentos, eu não podia deixá-los ganhar, era questão de honra.

Tomei coragem e o cutuquei, ele se virou para mim, até que a Camila tem um bom gosto para homens, ele tem a pele morena, o cabelo encaracolado e olhos verdes.

Ele me olhou confuso enquanto eu buscava uma forma de dizer. Sorri da melhor maneira que pude.

— Oi, meu nome é Giovana, eu sei que isso pode parecer estranho, mas será que você poderia me dar o número do seu celular? Pode ser até falso, mas não posso voltar para lá de mãos vazias — disse enquanto fazia um gesto discreto mostrando o pessoal que estava me olhando.

Ele ficou me encarando sem dizer nada. Já estava quase me virando e indo embora, provavelmente ele me acha louca. Ninguém com a sanidade perfeita se presta a um papel desses.

— Ele é surdo. — Me assustei com a voz de um homem a minha direita exatamente idêntico ao que eu estava conversando, ou melhor, tentando conversar.

Ele sorriu para mim tentando não rir da situação.

Eu queria sumir dali quando ouvi isso, principalmente quando ele começou a conversar com o irmão gêmeo fazendo sinais.

Olhei para trás e a Camila estava quase caindo da cadeira de tanto que estava rindo, eu tenho uma pequena impressão de que ela sabia disso. Eu vou matá-la. Agora que eu realmente preciso terminar esse desafio para poder esfregar na cara dela que consegui mesmo ela jogando sujo.

— Será que você poderia perguntar para ele se tem como me dar o número do celular dele? É que minha amiga meio que me desafiou a fazer isso — falei apontando para ela sem nem disfarçar.

Ele me estudou por alguns segundos antes de concordar.

— Vou quebrar esse galho para você.

— Obrigada.

Sorri para ele enquanto eles conversavam por sinais, a conversa pareceu demorar bastante para ele ter falado só o que eu havia pedido, mas como não entendo nada disso preferi ficar quieta na minha até que ele respondesse.

O gêmeo que eu deveria conseguir o telefone olhou para mim me estudando por um tempo e depois para o pessoal na mesa que eu havia apontado.

Então, fez alguns sinais para o irmão.

— Aquela é Cami Giardini? — perguntou.

— A própria — respondi confirmando com a cabeça para o outro irmão também entendesse. — Vocês a conhecem?

— Não pessoalmente, mas acompanhamos os vídeos dela pelo Youtube. Dirigimos uma hora até aqui para poder vê-la.

Sorri orgulhosa da minha melhor amiga.

— Então, tem como me passar o número do telefone? — perguntei mais uma vez.

Eles se entreolharam.

— Ele disse que passa o telefone dele, mas quer que você passe o da sua amiga para ele — Sorri de orelha a orelha com essa proposta.

— Fechado! — respondi levantando os polegares para ele.

Entreguei meu celular a ele e ele me entregou o dele. Escrevi o telefone dela, ou melhor, o telefone antigo dela, mas ele não precisa saber disso, e o devolvi.

— Obrigada, Mateus — falei depois de ler seu nome no meu telefone. — E obrigada a você também por traduzir a conversa.

— Sou Pedro.

— Giovana — respondi sorrindo. — Obrigada.

Voltei para a mesa vitoriosa. Cami ficou furiosa quando viu que eu realmente tinha conseguido.

— Eu não acredito que você passou meu telefone — reclamou.

Claro que não avisei que tinha passado o antigo e não o atual. Deixo que ela se enfureça um pouquinho, é minha vingança.

— Eu que não acredito que você me mandou ir conversar com um cara surdo sem me avisar. Aliás, você falou que ele era o cara mais gato do bar. Aposto que está comemorando por dentro por ele ter pedido seu telefone.

Ela revirou os olhos.

— Você não conhece o cara, Gi. Não deveria ter passado o telefone dela. — O Bruno me repreendeu.

— Está com ciúmes é? — perguntei rindo.



Depois daquele primeiro copo, por algum motivo eu achei que não teria problema pedir um segundo e nem um terceiro. Quando o show deles começou, eu já havia perdido a conta de quantos copos eu tinha tomado, acho que acabei me empolgando com a brincadeira.

Eu sei que não deveria beber assim, mas essa bebida me deixou tão leve que não vi mal algum, com a minha consciência de bêbada, de continuar.

Era a primeira vez em dias que eu não estava preocupada com o que aconteceu naquela noite.

Eu estava com o foda-se ligado.

A depressão se foi. As lembranças se foram. Só tinha o agora na minha cabeça, e eu queria que isso durasse para sempre.

Estou começando a entender o porquê as pessoas viram alcoólatras. Tudo fica tão mais fácil.

Fui para frente do palco pagar de tiete, a cada música que eles começavam eu gritava mais empolgada.

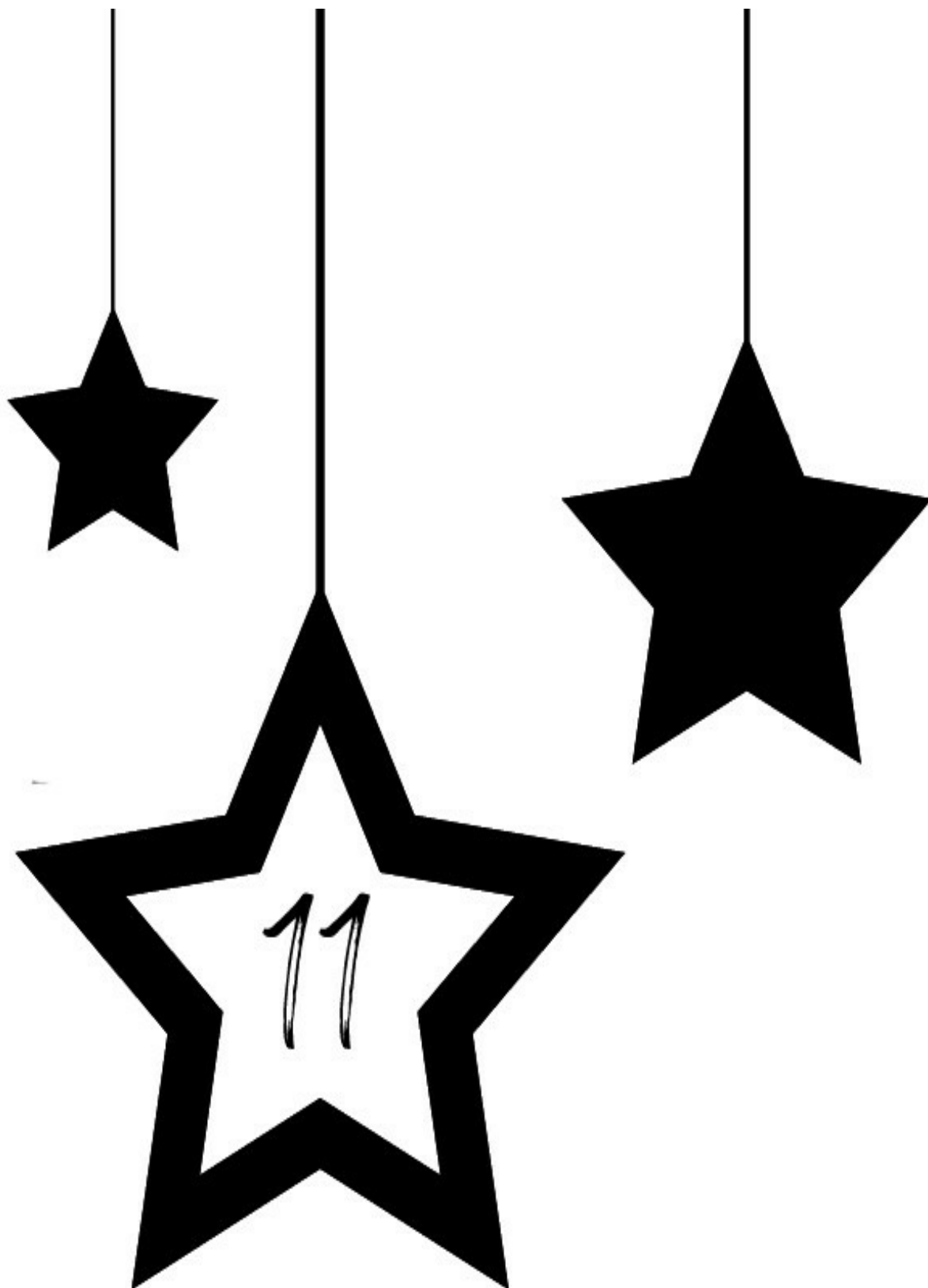
A Cami parecia uma verdadeira Deusa do rock em cima daquele palco. Balançava seu corpo de uma maneira que faziam os homens babarem e as meninas desejarem ser ela. Seu cabelo parecia em chamas, ela estava em chamas. Ela ainda vai fazer muito sucesso. Eu sei disso.

O show ainda estava rolando quando meus pés começaram a doer por conta dos saltos, eu voltei para me sentar à mesa. Tirei os saltos e olhei a hora no relógio, minha vista girou enquanto eu tentava enxergar aqueles números que pareciam ter ficado menores. Já era quase meia noite, eu precisava dormir.

Fui até o palco e dei tchau para a Cami, para que visse que eu estava indo embora, ela me mandou um beijo e acenou com a cabeça.

Caminhei devagar até a saída e pedi que o segurança chamasse um taxi para mim, ele disse que não era porteiro, que eu mesma deveria chamar o taxi. *Maldito mal-educado.*

Sai de lá e mexi da minha bolsa em busca do meu celular, enquanto andava em direção ao meu carro, mas eu não conseguia achar meu celular e nem as chaves do carro, acho que perdi minhas chaves. Custei a lembrar que havia deixado com o Bruno, acho que ultrapassei um pouco o limite da bebedeira.



Melissa

Só mais um segundo, só mais um abraço, um último beijo, mais um sorriso, era tudo que eu queria.



— O nome dele é Robert Clarke, é um dos foragidos mais perigosos do mundo. Seu nome está em todas as listas de procurados desde que a Flávia e a Vivian entraram para o programa de proteção à testemunha anos atrás. Ele costumava ser um dos homens mais ricos do mundo, tinha uma empresa mundialmente famosa que usava para lavar o dinheiro que recebia por meios criminosos — explicou o policial mais velho. — Vivian descobriu tudo sem querer poucas semanas antes de perceber que estava grávida, ela amava o marido, mas quando ficou sabendo da criança contatou a amiga, sua mãe, Flávia em busca de ajuda.

“Flávia conseguiu ajudá-la, mas as duas perderam tudo no processo. O nome de Robert que até então era conhecido como benfeitor, passou a ser repudiado. Em troca, ele assassinou toda a família das duas e jurou que não pararia enquanto não matasse elas e todos que amavam. ”

— E vocês não conseguiram pegá-lo? — Marcos perguntou com a voz trêmula.

— Infelizmente não, e é por isso que precisamos colocar a Melissa no programa de proteção à testemunha. Ela já está correndo perigo demais continuando aqui por tantos dias, mesmo com a viatura da polícia acampando a porta.

— E quando vocês pretendem levá-la?

— O mais rápido possível.

Marcos respirou fundo, enterrou o rosto nas mãos em cima da mesa, seus dedos afundaram em seu cabelo.

— Eu prometi para a Flávia que eu cuidaria de você como minha própria filha quando estivéssemos finalmente juntos, mas eu não posso fazer isso, não posso largar tudo que tenho aqui por você, Melissa — Marcos sussurrou.

— Ela pode ficar sobre a tutela do governo até completar dezoito anos e nós iremos realocá-la.

Eu não estava entendendo direito a conversa. Porque o Marcos precisaria abandonar alguma coisa por mim? Eu tenho minha mãe, não preciso dele ou do governo para ficar comigo. Eu não iria a lugar nenhum, nem minha mãe. Eu não iria para qualquer parte que fosse longe do Logan.

— Eu não vou a lugar algum, vou ficar aqui na minha casa com a minha mãe e com o

Logan.

— Você pode mandar cremá-los e levá-los para onde for — o policial sugeriu.

Isso é alguma piada? Se for, não tem a menor graça. Como contratam policiais que falam coisas desse tipo?

— Acho que é assassinato isso que está sugerindo, policial — respondi firme.

Ele franziu o cenho com a minha resposta e olhou para o Marcos, que havia se levantado da cadeira e estava agora em pé atrás de mim. Ele não desgrudava mais, não sei por que acha que preciso de uma babá, como se já não bastasse a minha mãe aparecendo sempre que estou com o Logan.

— Vocês procuraram algum médico? — perguntou o policial.

— Para que médico? — interoguei. *Por que precisaríamos de um médico? Tem alguém doente?*

— Eu não sei o que fazer, ela continua agindo assim, como se nada tivesse acontecido — Marcos respondeu com uma voz cansada. — Ela encontrou uma carta do menino na cama dela quando foi para o quarto e desde então é como se tivesse deletado tudo que viu, ela não aceita.

Revirei meus olhos cansados da mesma ladainha de todos os dias. Ele dizia que minha mãe e o Logan estavam mortos, com os dois presentes no mesmo cômodo, era irritante, não sei como minha mãe ainda não o largou. Eu não aturaria alguém assim.

Eu virei minha cabeça para trás para olhá-lo, duas bolas negras contornavam seus olhos, sua postura estava curvada e cansada. Eu precisava falar com a minha mãe que ela deveria me deixar um pouco para dar atenção a ele.

— Nós podemos indicar algumas clínicas que ela ficará segura, temos algumas dentro do programa de proteção a testemunha. Depois que a movermos, vocês não poderão mais entrar em contato um com o outro — falou o policial.

— Não será problema — Marcos disse.

— Do que vocês estão falando? Eu não vou para lugar nenhum! — gritei. — Parem de falar que estou louca! Loucos estão todos vocês! Vocês é que precisam ser internados por continuarem nessa loucura de assassinato! Está tudo bem, parem com isso.

Levantei da cadeira e estava prestes a marchar para o meu quarto quando o Marcos me segurou pelo braço.

— Melissa, olha para mim — ele implorou e eu olhei. — Sua mãe, a Vivian e o Logan estão mortos.

Revirei os olhos, cansada daquela conversa. Eu queria gritar com ele, falar que ele não era meu pai para me obrigar a fazer essas coisas, mas provavelmente a mamãe ficaria chateada se eu fizesse isso.

— E o Papai Noel existe. Posso ir? — rebati fria.

Ele me libertou e eu fui para o meu quarto. Mamãe e Logan estavam sentados na minha cama, eles riram quando contei que agora havia policiais tentando me convencer que eu estava louca e que eles estavam mortos.



Estava finalmente sozinha com o Logan no meu quarto, ele me abraçou, da mesma maneira que fez da primeira vez que revelou seus sentimentos. Eu estava perdida em seus braços quando a porta do meu quarto se abriu, revelando um Marcos assustado. Olhei furiosa para ele, não existia mais privacidade nessa casa?

Estava prestes a reclamar quando percebi que ele não estava sozinho. Dois homens vestidos de branco vinham logo atrás dele. Marcos abriu passagem e eles entraram no quarto.

— O que vocês pensam que estão fazendo? — gritei.

— Melissa, nós precisamos que venha conosco — o mais alto falou.

Eu ri nervosa.

— Até parece que vou a algum lugar com vocês.

Eles vieram em minha direção e eu me encolhi na cama. O Logan estava no canto do quarto e só me observava. Por que ele não fazia nada?

Eles se aproximaram mais e eu me levantei tentando escapar de suas mãos.

— Não encosta — gritei quando um deles segurou firme o meu braço.

— Me desculpe, Melissa — ele falou, mas não me soltou, apenas firmou mais a mão e me imobilizou facilmente enquanto eu me debatia.

— NãAAAO — gritei novamente. — ME AJUDE LOGAN!

Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu continuava fazendo força. Contorci mais ainda quando vi a agulha na mão do homem que não me segurava, mas não fez diferença. Em alguns segundos o mundo inteiro sumiu.



— Por que você não toma seus medicamentos? — o Logan perguntou encostado na janela com as grades que me impediam de pular.

— Porque eu não quero te perder — respondi.

Que pergunta idiota.

— Meu mundo, eu vou sempre estar com você — ele falou se virando para mim.

— Sempre estaremos com você, meu amor — Minha mãe, que estava sentada ao pé da cama, concordou com ele.

— Não é a mesma coisa se eu não estiver vendo vocês. Parem de me forçar a viver sozinha!
— gritei.

— Nós só queremos te ver melhor — minha mãe continuou.

— O melhor é ter vocês aqui, não quero mais falar disso.

A porta se abriu e a médica entrou. Ela vinha todos os dias, tentava conversar e me obrigava a tomar os medicamentos, que eu fingia que tomava. Ela sempre está muito bem vestida, o cabelo escuro sempre preso em um rabo de cavalo alto e o sorriso sereno que permanece até quando eu grito com ela e a mando embora.

— Como você está hoje, Melissa? — ela perguntou com a voz calma.

Eu não respondo. Ficar calada sempre acaba com isso mais rápido.

— Sua mãe e o Logan estão aqui hoje? — continuou se sentando no banquinho que trouxe com ela para dentro do quarto.

Eu olhei para os dois sentados na beirada da cama, mas continuei calada.

— Eu pesquisei um pouco sobre sua mãe, você sabia que ela era médica antes de ter que entrar para o programa de proteção a testemunha?

Continuei calada.

— O nome verdadeiro dela é Tatiana.

— O nome da minha mãe é Flávia, nunca foi Tatiana — rebati, não aguentando ficar mais calada.

— Tatiana trabalhou por alguns anos para os médicos sem fronteiras, as crianças a amavam.

Meus olhos começaram a lacrimejar pela maneira que ela falava. *Essa não é minha mãe.*

— Eu não conheço essa Tatiana, minha mãe se chama Flávia, ela é formada em medicina, mas depois que eu nasci ela largou a profissão porque não tinha tempo para mim. Ela nunca fez nada disso que você está falando.

— Eles te amavam, Melissa, eles iriam querer que você tomasse seus remédios e superasse tudo isso — ela falou colocando a mão na minha perna, eu me encolhi e fugindo do seu toque.

— Eu estou tomando meus remédios — menti.

— Não está. Nós achamos seus comprimidos enterrados nas plantas da ala de recreação — respondeu calma. — Você precisa tomar seus medicamentos.

— Eu não posso — respondi me encolhendo mais. — Não consigo ficar sem eles, não me obrigue — implorei.

— Eu sinto muito, Melissa, mas preciso fazer isso — ela falou tirando algo de dentro do bolso do jaleco.

Eu levantei num pulo da cama e corri para a parede mais distante dela.

— Por favor, eu prometo que irei tomar os comprimidos — choraminguei.

Ela veio em minha direção pedindo que eu me acalmasse, mas o desespero me consumia

por dentro. Podia sentir meu coração martelando no meu peito, minha cabeça girava procurando uma saída, quando ela aplicasse aquilo em mim eu perderia eles, eu não podia deixar que ela fizesse isso.

Ela se aproximou mais, não havia saída.

— Calma, Melissa — ela falou novamente.

Nesse momento o desespero tomou conta de mim e eu a empurrei e corri em direção à porta, eu não deixaria que ela os tirasse de mim. Corri pelo corredor e pela primeira vez senti que talvez pudesse fugir daquele lugar. O portão do corredor também estava destrancado e consegui passar por ele, a médica gritava e corria atrás de mim. Estava tudo correndo muito bem, até que me deparei com dois guardas no final das escadas, eles me seguraram e eu soube que mais uma vez eu tinha sido derrotada. Senti uma picada e todo meu corpo amoleceu em questão de segundos.

Acordei agitada com as memórias na minha cabeça.

— Logan? Mãe? — gritei para o quarto vazio.

A médica entrou e eu me encolhi na cama.

— Melissa, sua mãe e o Logan morreram. Você tem que aceitar isso — ela falou calmamente.

— Por que você continua dizendo isso? Eles foram embora porque você me obrigou a tomar o maldito remédio — gritei. — Eu odeio você. Eu odeio todos vocês. Deixe-me sair daqui — raiva pulsava na minha voz a cada palavra.

— Eles foram embora porque estão na sua cabeça, eles não são reais.

Mentirosa! PARE DE FALAR MENTIRAS!

— Só porque você diz que eles não são reais, não significa que isso é verdade.

Eles querem me fazer acreditar nas mentiras sujas deles, eu não vou cair nessa.

— Você estava lá, você viu. Você encontrou sua mãe.

— Não, isso não aconteceu! — eu gritei para ela e tampei meus ouvidos.

— Você tem que se acalmar — ela falou segurando minha mão.

— Vou me acalmar quando você parar de falar que eles estão mortos.

Ela saiu e me deixou sozinha novamente naquele quarto branco, sem vida, sem nada. Todos os dias ela voltava e me dizia as mesmas coisas, explicava que eu estava com Amnésia Pós-Traumática e que isso estava causando uma psicose, por isso eu continuava vendo o Logan e a mamãe, e isso não melhoraria enquanto eu não me lembrasse ou aceitasse o que aconteceu. Aos poucos as conversas foram se tornando mais longas, e algumas coisas foram voltando a minha memória, até finalmente descobrir que ela esteve certa o tempo todo.

Ela curou minha psicose, mas esfaqueou meu coração.

Minha mãe morreu.

O Logan morreu.

A Vivian, mãe do Logan, também morreu.

Eu sobrevivi, ou pelo menos foi isso que ela disse, pois me sinto morta. Logan era minha vida, como se vive sem vida?

É uma merda sobreviver.

Não quero sobreviver, quero viver.

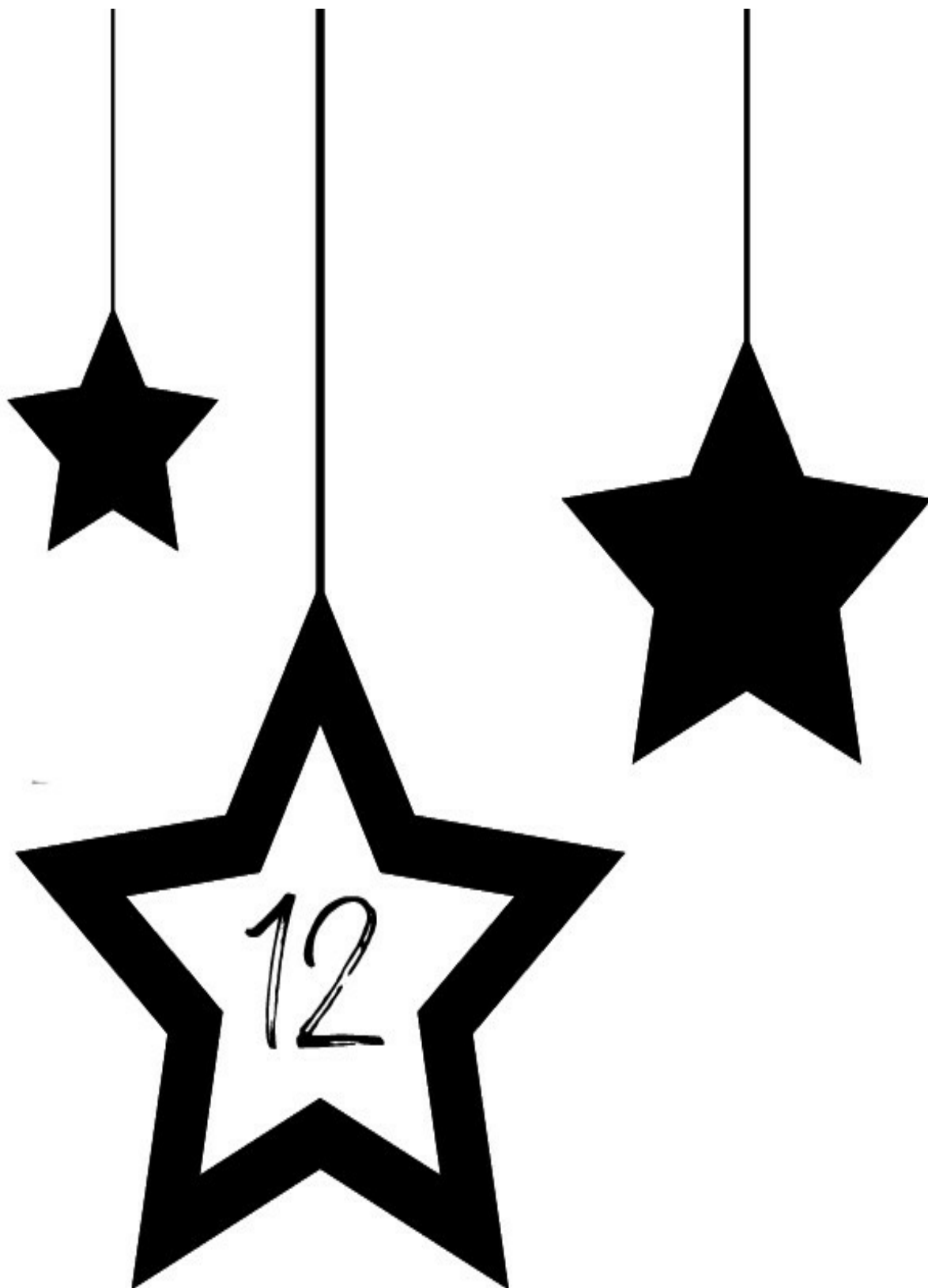
Desde aquele dia eu sobrevivo, um dia após o outro.

Depois de um ano trancafiada naquela ala psiquiátrica, quando recebi alta a polícia veio me encontrar novamente.

— Sua nova documentação está no envelope — o policial falou.

Eu abri o envelope e lá estava minha identidade. Mudaram os nomes dos meus pais, minha data de nascimento e toda a minha história.

Meu nome a partir de hoje é Giovana Rabello, mas acho que isso você já sabia.



Giovana

Já estava rodando a procura de um taxi há quase dez minutos. Apesar do horário e de ser um dia de semana, as ruas estavam bem movimentadas.

Peguei o celular para olhar novamente se tinha algum sinal do 3G, continuava sem nenhum. E para piorar a bateria também começava a piscar sinalizando que estava quase no fim. Hoje realmente não é meu dia de sorte.

Não sei se foi devido ao álcool ou só a distração com o celular, mas bati com tudo em alguém. Quando me dei conta eu estava deitada no chão com a bunda latejando. Claro que se eu ficasse com marcas roxas no corpo a noite ainda não estaria completa.

— Meu Deus, me perdoe — uma voz rouca, masculina, familiar, cortou o ar.

Meu corpo gelou e esquentou ao mesmo tempo, não sei explicar a sensação, mas antes mesmo de erguer os olhos eu sabia o que encontraria. Eu não esqueceria aquela voz nem em um milhão de anos. E eu estava certa, aqueles olhos cinzentos, meus preferidos, me fitaram espantado. Ele abriu e fechou a boca várias vezes enquanto me encarava estarrecido.

Eu deveria estar apavorada, faz seis anos que não o vejo, seis anos que vivo entupida de medicamentos para bloqueá-lo da minha mente, o que quer que tenha acontecido essa noite para que isso voltasse a acontecer, eu estou grata. Por mais que eu ame ser sã, é incomparável a sensação que meu coração está me proporcionando agora, é como se ele todo se enchesse de alegria, e logo depois todo o meu corpo, cada terminação nervosa transbordando.

— Mel? — perguntou em um sussurro.

— Logan — eu gaguejei um pouco nervosa.

Eu estava com medo de piscar os olhos e ele evaporar na minha frente, ainda mais com essa minha cabeça nublada pelo álcool. Eu não posso perdê-lo de vista.

Ele se abaixou e olhou nos meus olhos, segurou meu rosto entre suas mãos e continuou me olhando, sem dizer uma palavra, uma lágrima escorreu de seus olhos. Eu continuei imóvel, não ousava me mexer e perder aquele momento, pois suas mãos estavam em mim, podia sentir seu toque, só queria poder ficar assim para sempre, congelada em suas mãos. Seus olhos observavam cada detalhe de mim, cada centímetro, e eu fazia o mesmo com ele.

— Você tem barba — comentei achando engraçado como meu cérebro manipulou a imagem dele só pelo fato de hoje em dia eu ter uma leve atração por barbas.

Ele solta uma risada espontânea e eu posso jurar que aquelas borboletas que estavam desaparecidas há anos se reviraram em meu estômago.

— Não nos vemos há tanto tempo e isso é a primeira coisa que você me fala? — ele perguntou.

Eu dei de ombros.

— Você fica bem de barba, eu amo essa barba.

Falei e estiquei minhas mãos para tocá-lo. Eu queria senti-la pinicando meu rosto, minha pele, meus lábios.

Seus olhos percorreram meu rosto até minha boca, do jeito que eu queria. Acho que posso garantir que esse é um benefício das alucinações, elas sabem exatamente o que fazer para te deixar feliz, mas de repente o contato quebrou e ele se levantou e estendeu a mão para me levantar. *Droga!*

Aceitei sua ajuda e me ergui, porém meu equilíbrio não estava dos melhores e se não fosse os braços fortes que me envolveram, eu com toda certeza teria arrebentado a cara no chão pela segunda vez na noite.

— Acho que alguém bebeu demais hoje — ele comentou.

— Eu só pedi uma coca — protestei.

— E esse seu cheiro é de coca então? — perguntou sarcástico.

— Uma idiota entornou bebida em mim — falei apontando para minha blusa.

— Claro — ele falou irônico. — Para onde você está indo?

— Procurando um táxi, estou rodando há um tempão e não achei nada.

— Eu sei onde podemos conseguir um táxi.

Logan passou o braço pela minha cintura e eu deixei ele me sustentar. Andamos em silêncio, aquele silêncio onde na verdade estávamos tendo uma conversa inteira. Uma conversa sobre saudade, sobre a dor, sobre a falta um do outro, sobre não saber continuar em um lugar onde ele não existe.

Com ele ali me segurando eu não consigo entender qual lógica eu usei para começar a tomar aqueles remédios. O mundo pode ser um lugar maravilhoso, mas nesse momento não existe nenhum lugar melhor do que o mundo que minha cabeça inventou, o meu mundo.

— Eu ainda não acredito que é realmente você — ele falou assim que encontramos um táxi. — Você não faz ideia do quanto te procurei.

— Foram os remédios, eles me mantiveram longe de você.

Nós paramos do lado do táxi e eu sorri para o motorista, eu queria sorrir para todo mundo.

— Do que...

— Boa noite — o motorista do taxi o cortou. — Precisa de um táxi?

— Boa noite — eu respondi. — Quero ir para casa.

— Entre no carro.

Falei o endereço e entrei, o Logan veio logo atrás. Ele passou o braço envolta de mim novamente, e eu o agradeci silenciosamente. Deitei minha cabeça em seu peito e deixei meus olhos fecharem tranquilos.

Parecia que eu havia acabado de fechá-los quando ouvi o Logan chamando meu nome.

— Mel.

Abri uma fresta dos olhos.

— É aqui seu prédio, moça? — perguntou o taxista.

Eu olhei para aquela fachada familiar e acenei com a cabeça em afirmativa. Essa foi rápida.

— Obrigada.

O Logan saiu do carro e me ajudou a descer. Entramos no apartamento e conferi se ele estava atrás de mim. Eu o abracei forte depois de fechar a porta, o pegando de surpresa, mas ele me segurou em seus braços e me apertou também.

— Não vai embora — implorei.

— Acabei de te encontrar, não pretendo ir a lugar nenhum.

— É tão ruim ficar sozinha — choraminguei e seu abraço se tornou ainda mais forte. Como se ele soubesse que eu precisava ser apertada para que minhas peças não saíssem do lugar. — Foi tão difícil, Lo.

Ele se afastou por um segundo e uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Ele a limpou e deu um beijo no lugar onde ela desceu. Fazendo queimar onde seus lábios encostaram.

— Você não precisa mais ficar sozinha, eu estou aqui com você — ele sempre sabe o que eu quero ouvir.

Claro que sabe. Ele é fruto da sua imaginação!

Passei minha mão no seu rosto, querendo memorizar cada pedacinho novamente, não posso me deixar esquecer. Meu dedo viajou pelos seus lábios, tão macios. Eu amo seus lábios.

O puxei para mim e o beijei, uma dor imensa invadiu o meu peito quando senti aqueles lábios nos meus. Eu não queria soltá-lo, pois eu sabia que ele desapareceria. Deixei minha mão correr pelos seus braços, ele parecia ainda mais forte do que o que eu me lembrava. Eu queria cada parte dele só para mim.

Sim, sou uma filha da puta egoísta. Não o dividiria nem se a minha vida dependesse disso.

Ele me parou de repente e perguntou o que eu estava fazendo.

— Fica comigo essa noite — eu sussurrei, sem forças para falar mais alto.

Eu definitivamente preciso beber mais e bater minha cabeça.

— Mel, eu não vou fazer nada com você nesse estado — ele respondeu acariciando meu rosto, mas ainda sim foi um fora mascarado.

Eu cruzei meus braços, dei as costas para ele e fui pisando forte até o meu quarto, deixando-o para trás. Sei que não é uma atitude muito madura, mas vamos levar em conta que eu estou bêbada e acabo de ser rejeitada pela minha própria alucinação.

Ele veio atrás de mim e segurou meu braço assim que atravessei a porta do meu quarto.

— Para com isso, meu mundo.

Mundo, meu apelido, eu amava ouvi-lo me chamar assim, eu ainda amo. O ódio

desapareceu tão depressa quanto tinha aparecido. Meu coração amoleceu, derreteu e se jogou aos pés dele.

— Me deixa cuidar de você — ele pediu carinhoso.

Estamos de frente um para o outro, ele me abraçou novamente e beijou minha testa.

— Vamos te tirar primeiro dessa roupanojenta — falou baixinho no meu ouvido.

— Então você quer tirar minha roupa, mas não quer dormir comigo? — perguntei fingindo ainda estar brava.

— Eu quero te deixar limpa para poder dormir bem e amanhã termos uma conversa decente enquanto estiver sóbria.

— Isso eu posso fazer sozinha — rebati me virando para entrar no banheiro. Entrei no banheiro e bati a porta, mas no mesmo segundo abri novamente com medo dele desaparecer.

— Eu não vou a lugar nenhum — ele respondeu como se estivesse lendo meus pensamentos.

Tomei meu banho e escovei os dentes.

Meu coração apertou no peito quando fui abrir novamente a porta para voltar para o quarto. Segurei a maçaneta por uns segundos com medo de virá-la e ele não estar mais lá, mas ele estava.

Ele sorriu ao me ver com pijama de mulher maravilha.

— Sempre desconfiei que você fosse uma princesa amazona.

Eu fiz uma careta e fui para cama. Ele sentou na poltrona e ficou me olhando.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Ele me olhou confuso.

Eu levantei e segurei a mão dele, o puxando para a cama comigo.

— Eu preciso de você aqui — falei. — Mesmo com todo esse moralismo de “não vou fazer nada com você nesse estado”. Só me abrace, ok? Eu preciso disso.

Ele concordou e fez o que eu pedi. Tirou os sapatos e se deitou ao meu lado, passando o braço pela minha cintura e envolvendo meu corpo no seu.

— Você tem estrelas no teto — ele comentou.

Olhei para as estrelas, lembrando da primeira vez que sentamos no quarto escuro dele encarando as estrelas fluorescentes.

— Só assim eu poderia ver as estrelas toda noite e implorar para sonhar com o tempo em que as via em outro lugar — sussurrei.

Deitei no seu peito e ele passou os braços ao redor de mim. Ele me apertou e eu chorei. Chorei pela dor que eu estava sentindo no peito por saber que não era real, e por mais que eu ame vê-lo, eu preciso ser considerada sã e amanhã assim que eu acordar terei que tomar meu remédio e o ver desaparecer. Ele levantou meu rosto para olhar nos olhos dele.

— Me desculpe Mel. Eu nunca quis te causar toda essa dor. — Eu podia sentir que ele também sofria com tudo isso pelas suas palavras, eu sabia que o meu Logan nunca me deixaria passar por isso sozinha, mas ele não estava aqui para impedir.

— Eu só queria que fosse real.

— Durma um pouco. Amanhã nós conversamos.

Bocejei e fechei meus olhos.

O sono me levou fácil, pois eu não tinha medo de dormir e alguma coisa acontecer, nada poderia acontecer enquanto eu estivesse dentro daquele abraço. Ali eu tinha todas as razões para viver.



Acordei com um som gritando no meu ouvido, abri meus olhos devagar demorei um tempo para perceber que era o despertador na cabeceira. Olhei ao redor do quarto procurando minha bolsa e a achei na poltrona no canto. Levantei da cama devagar com medo da ressaca que me atingiria assim que eu levantasse, mas por incrível que pareça ela não veio, apenas uma leve dor de cabeça. Peguei a bolsa e cacei meu celular, que acabei descobrindo não ter nenhuma bateria.

Olhei ao redor do quarto novamente e as lembranças da noite passada vieram como uma brisa leve levantando meus lábios. Eu sabia que nada daquilo realmente aconteceu, mas foi bom me sentir protegida por pelo menos uma noite. Infelizmente isso não pode voltar a acontecer. Eu preciso marcar uma consulta com a Doutora Eliane.

Arrumei-me e sai do meu quarto. Eu não estava nos meus melhores dias, mas teria que ser suficiente.

A porta do quarto da Camila estava aberta e a cama completamente arrumada, isso era estranho. Ela nunca arruma a cama quando levanta. Encontrei-a na cozinha preparando o café, o que também era uma coisa que ela não tinha nenhum costume de fazer, essa sempre foi a minha tarefa.

— O Bruno deixou a chave do seu carro aqui — ela falou apontando para chave em cima do aparador perto da porta.

— O que temos de café? — perguntei.

Ela pegou um papel na mão e colocou em cima da bancada.

Eu o desdobrei. *Merda!*

Bom dia,

Desculpa sair sem avisar, mas não queria te acordar. Eu passo aqui novamente a noite para conversarmos quando estiver sóbria. Agora que sei onde te encontrar, você não vai se livrar de mim tão fácil.

L.

— Eu te deixo uma noite sozinha e você traz um cara para casa? — ela perguntou séria. — Por acaso é algum tipo de loucura pelo que aconteceu com o Vitor?

Como eu poderia explicar que fui eu quem escreveu aquilo? Que eu alucino com meu namorado morto e escrevo cartas para mim como se fosse ele? Achei que isso nunca mais aconteceria. E caramba, dessa vez eu caprichei na imitação da letra.

— Eu não... não é... você... CARAMBA! — respirei fundo. — Não é o que você está pensando. Eu não dormi com ninguém, Camila.

— Mas alguém obviamente dormiu aqui — ela falou preocupada. — Eu quero que você supere o que aconteceu com o Vitor...

— Podemos não citar esse nome, por favor? — pedi.

— Tudo bem. Só que eu me preocupo com você, Gi. Não quero que termine machucada de novo por algum outro babaca.

— É só um amigo — respondi.

— E desde quando você tem amigos que eu não conheço?

— Desde sempre. É um amigo antigo, eu não o via há anos.

— Você promete que isso é tudo e eu não preciso me preocupar?

— Prometo! — falei cruzando os dedos de leve nas costas.

Ela me analisou por alguns segundos e percebi quando sua expressão relaxou.

— E ele é gato?

— Você só pensa nisso. — Balancei a cabeça rindo.



Chegamos à faculdade atrasadas depois de termos ficado atrás do caminhão de lixo por quase cinco quilômetros. Pedimos licença e entramos para aula mesmo assim. Por sorte minha primeira aula de hoje era com um professor mais tranquilo quando o assunto era atrasos.

No intervalo sentei perto de uma tomada colocando meu celular para carregar, e assim que liguei chegaram algumas mensagens da Camila avisando que não passaria a noite em casa.

Ela me distraiu tanto com o bilhete que acabei me esquecendo de perguntar sobre o porquê da cama dela estar arrumada naquele horário. Agora eu sei a resposta. Se ela não dormiu em casa onde mais estaria?

Levantei para ir a lanchonete comprar alguma coisa para comer, não dei nem dois passos

antes do meu corpo congelar no lugar. Eu me esqueci de tomar o remédio hoje cedo. *Isso não pode estar acontecendo novamente!*

O Logan estava parado do lado de fora do prédio. Usava um terno bem alinhado, e a barba de ontem havia sumido. *Maldita imaginação.*

Fechei meus olhos e repeti para mim que aquilo não era real, ao abrir ele não estava mais lá. Então fiquei repetindo na minha cabeça a frase que eu mais odiava, para garantir que ele ficasse longe de mim: *O Logan está morto!*

Peguei meu café e voltei para o canto onde eu estava sentada antes.

Precisava mesmo de uma consulta, isto não deveria voltar a acontecer.

Passei o resto da manhã recuperando tudo que eu havia perdido dois dias atrás por causa daquele atraso.

— Obrigada, Ana. Prometo te devolver amanhã — respondi pegando o caderno dela emprestado.

— Sem problemas — ela respondeu.

Já estava me virando para ir embora quando ela me chamou novamente.

— Posso te perguntar uma coisa? — ela falou um pouco sem jeito.

— Claro.

— Você e o Vitor terminaram?

Já estão comentando isso? Qual deve ser o motivo que ele usou? Espero que essa fofoca não saia do campus da faculdade.

— Terminamos.

— Oh, sinto muito. — Claramente ela não sentia. — Ele foi um babaca por te trair.

Traição? Do que ela está falando? Foi essa história que ele espalhou?

— Eu só sinto por não ter terminado antes — respondi forçando um sorriso para me livrar daquela conversa desagradável o mais rápido possível. — Obrigada novamente pelas anotações.

Ela me lançou um sorriso de pena e se afastou.

Queria alertá-la, contar o que aconteceu, mas as palavras não saíram. Não é como se ela fosse me ouvir de qualquer maneira, provavelmente acharia que eu estou inventando tudo. Como um cara tão legal como ele, filho do ator mais querido do Brasil faria uma coisa dessas, não é mesmo?

Assim que ela se afastou a Camila veio correndo na minha direção.

— O que foi? — perguntei assustada quando ela me agarrou pelo braço e me puxou para dentro de uma sala vazia.

Ela tirou uma revista de dentro da bolsa e abriu em uma página antes de virá-la para mim.

Demorei alguns segundos até perceber o rosto familiar, que agora me causava arrepios.

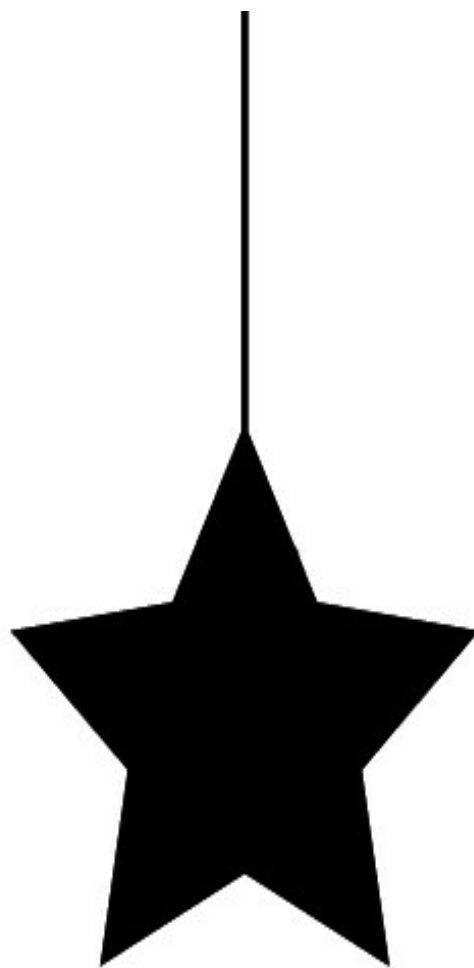
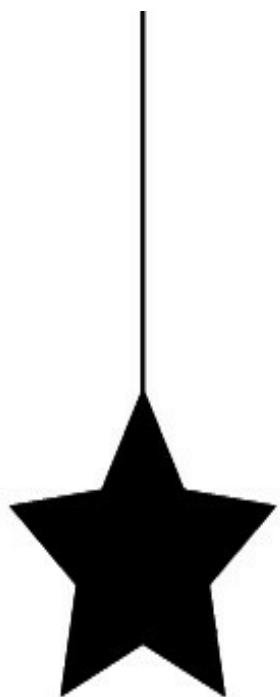
O Vitor estava beijando uma mulher com um longo vestido vermelho no meio de uma pista

de dança. Era alguma festa de celebridades, ele deve ter ido com o pai. A festa aconteceu semana passada de acordo com a data da foto, provavelmente naquele dia que ele teve que viajar para fazer uma “coisa urgente” para o pai.

Aquilo fez meu corpo borbulhar de ódio, não porque ele obviamente estava me traindo, mas porque se eu tivesse visto, se eu tivesse desconfiado, eu saberia e teria terminado tudo antes que aquele dia pudesse ter acontecido. Então meu corpo não gelaria todas as vezes que penso em seu nome. Nem me sentiria como se tivesse um peso sendo carregado em meu peito por não poder contar nada a ninguém.

Ao mesmo tempo aquela reportagem boba me mostra o quanto é importante que eu fique calada. Se um beijo ganhou um destaque desses, imagina a repercussão que teria caso seu nome fosse parar em um caso de tentativa de estupro? Eu ainda estou sobre a proteção à testemunha. Prefiro carregar esse segredo para sempre comigo do que correr o risco de ter que encontrar algum dia a pessoa que tirou de mim todos que já amei.

Concentrei em passar o resto da manhã afastando isso da minha cabeça. Precisava estar focada para encontrar com o Dr. Scott e discutir sobre minhas propostas, não posso lidar com meus problemas pessoais agora.



Logan

- O DIA QUE TUDO ACABOU -

O telefone chamou até cair na caixa postal, ela deve ter colocado no silencioso para a aula de inglês e esqueceu de voltar ao normal. Deixei a mensagem no correio de voz, como sempre fazemos e coloquei o celular no bolso.

O carro da minha mãe estava parado em frente de casa, ela deve ter voltado mais cedo do trabalho para resolver o negócio urgente do qual precisava de mim. Caminhei até a entrada, abri a porta e me assustei com o que vi, a casa estava toda revirada, tudo estava fora do lugar, parecia que havia passado um furacão por ali. Minha mãe parecia uma louca correndo de um lado para o outro e jogando coisas dentro de uma mala.

— O que está acontecendo, mãe? — perguntei confuso.

Ela me olhou, notando que eu tinha chegado.

— Nós precisamos ir, venha me ajudar! — ela falou afobada.

— Ir aonde?

Do que diabos ela estava falando?

— Agora não, Logan. Só me ajude com as malas. Precisamos levar para o carro — ela disse apontando para duas malas já cheias no canto da sala.

— Mãe, me explica o que está acontecendo — pedi perdido naquela bagunça.

Ela estava começando a me apavorar. Minha pulsação estava acelerada sem nem saber o motivo, eu nunca tinha visto minha mãe desse jeito, alguma coisa estava muito errada para deixá-la assim.

Antes que ela me olhasse para responder, a Flávia, mãe da Mel, rompeu pela porta gritando que nós tínhamos que ir agora.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — gritei novamente.

A Flávia me olhou e negou com a cabeça.

— Você vai ficar sabendo de tudo, mas agora precisamos que junte o máximo de coisas que conseguir e saia com sua mãe daqui o mais rápido possível — ela falou tentando soar calma.

— Para onde nós vamos? Eu preciso falar com a Mel.

— Deixa que dá Melissa eu cuido, vou explicar tudo para ela. Agora ajude sua mãe! — Ela então se virou para minha mãe e a apressou. — Rápido, Vivian, vocês precisam sair daqui agora.

Ela foi até minha mãe, escutei que conversavam sobre dinheiro. A Flávia falou que tinha cinquenta mil guardado em casa para esse tipo de emergência, que nos daria metade e usaria a

outra metade para ir com a Mel logo atrás.

— Vivian, eu vou buscar o dinheiro, não demorem a arrumar as coisas — ela falou e saiu da minha casa.

Para que nós precisamos de todo esse dinheiro? Para onde estamos indo? Eu estava apavorado sem saber o que estava acontecendo, mas parecia ser grave então resolvi fazer o que elas estavam me mandando.

Minha mãe me puxou quando eu passei por ela e me abraçou forte. Ela segurou meu rosto entre suas mãos, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Você é o amor da minha vida, e tudo que eu escondi de você até agora foi para te proteger. Eu vou te explicar tudo, meu anjo, mas agora preciso que você junte o necessário e vamos embora.

Ela me soltou e eu levei alguns segundos para digerir suas palavras, eu não sabia o que isso queria dizer. O medo começava a se enraizar dentro de mim, seja lá o que for, é algo muito grave.

Subi até o meu quarto e joguei tudo que deu dentro da minha mala, principalmente roupas e sapatos. Isso devia dar para algum tempo. Eu não sabia para onde estávamos indo, nem o que iria precisar, mas foquei no que é necessário.

Olhei para minha estante de livros, peguei a única coisa necessária ali para mim, a pequena garra do Wolverine, minha piada secreta com a Mel.

Escutei um barulho forte vindo da porta de casa, então a voz de um homem ecoou por ela. Saí correndo pelo corredor, mas antes de alcançar o primeiro andar escutei o grito da minha mãe.

— Robert, por favor!

Corri escada a baixo e vi um homem alto e forte segurando minha mãe contra a parede, quando rolei meus olhos para baixo percebi que ele tinha uma faca na mão e ela estava dentro da minha mãe. Corri na direção dele e me lancei com toda a minha força para tirá-lo de cima dela. Ele cambaleou para trás e ela escorregou pela parede deixando um rastro de sangue.

— Corra, Logan, vá embora! — ela gritou.

O homem veio para cima de mim, ele tentou me dar um soco, consegui desviar a tempo. Corri para cozinha a procura de algo para me ajudar, só que não fui rápido o bastante, ele me segurou pela cabeça e bateu forte duas vezes contra a parede, me deixando tonto. Depois me arrastou para a sala e me jogou com força no chão. Eu queria me defender, mas eu estava paralisado, eu não conseguia me mover. Ele pegou a faca e a apontou para mim.

— Eu vou matar você primeiro para ela assistir, depois acabo com essa vagabunda. — Ele sorriu.

— Como você tem coragem? Ele é seu filho! — ela gritou com o máximo de força que conseguiu. Tentou se arrastar até mim, mas ele agarrou os cabelos dela e a mandou ficar quieta, caso contrário eu sofreria mais.

Neste momento eu já não estava prestando atenção, esse cara é meu pai? Ela nunca havia me falado sobre ele, sempre dizia que meu pai não merecia que eu soubesse quem ele era. Parece que ela estava certa.

Ele veio novamente até mim e me olhou bem de perto, depois riu.

— Você é uma mentirosa, Laura. — Ele apontou para minha mãe negando com a cabeça. — Aposto que ele é de um daqueles policiais, que estavam te pegando, quando resolveu me dedurar.

Laura? Quem é Laura?

— Eu estava com medo, Robert. Medo de você machucar nosso bebê! — ela falou suplicante.

— Acho que você estava certa então — ele disse e me deu um chute no estômago que fez toda a bile subir a minha boca. — Pois eu vou adorar machucá-lo só para ver esse olhar no seu rosto.

Ele gargalhou.

— Não faz isso, ele não tem culpa de nada. Faça o que quiser comigo, mas deixe-o fora disso — implorou chorando.

— E qual seria a graça? — ele perguntou rindo. — Você sabia as consequências de me trair, meu amor, e decidiu fazer mesmo assim. Eu perdi tudo por sua culpa, eu te amava, Laura.

— Eu também te amava, Robert. Você me traiu. Você mentiu para mim primeiro, eu me casei com um homem trabalhador e honesto.

Ele gargalhou alto.

— Você era uma idiota se não desconfiou de nada por tanto tempo, merece morrer do mesmo jeito.

Ele foi até ela e fincou a faca novamente em seu estômago, eu gritei, mas meu corpo continuava imóvel. Minha cabeça girava e minha visão clareava e escurecia.

Eu não enxergava com nitidez o que estava acontecendo, mas a cada grito da minha mãe, meu coração afundava mais em meu peito. Ela estava sendo tirada de mim bem na minha frente e eu não conseguia fazer nada. Eu não fui rápido o suficiente para ajudá-la, e agora estou aqui sendo apenas um peso morto enquanto um pedaço do meu coração é arrancado do meu peito.

Senti algo pesado subir em cima de mim, era ele.

— Deixe-o, por favor — minha mãe suplicou em um sussurro tão fraco que não sei como fui capaz de escutar.

Ele riu enquanto segurava minha cabeça e a batia com força repetidas vezes contra o piso.

Escutei a porta se abrir, já não conseguia enxergar o que estava acontecendo.

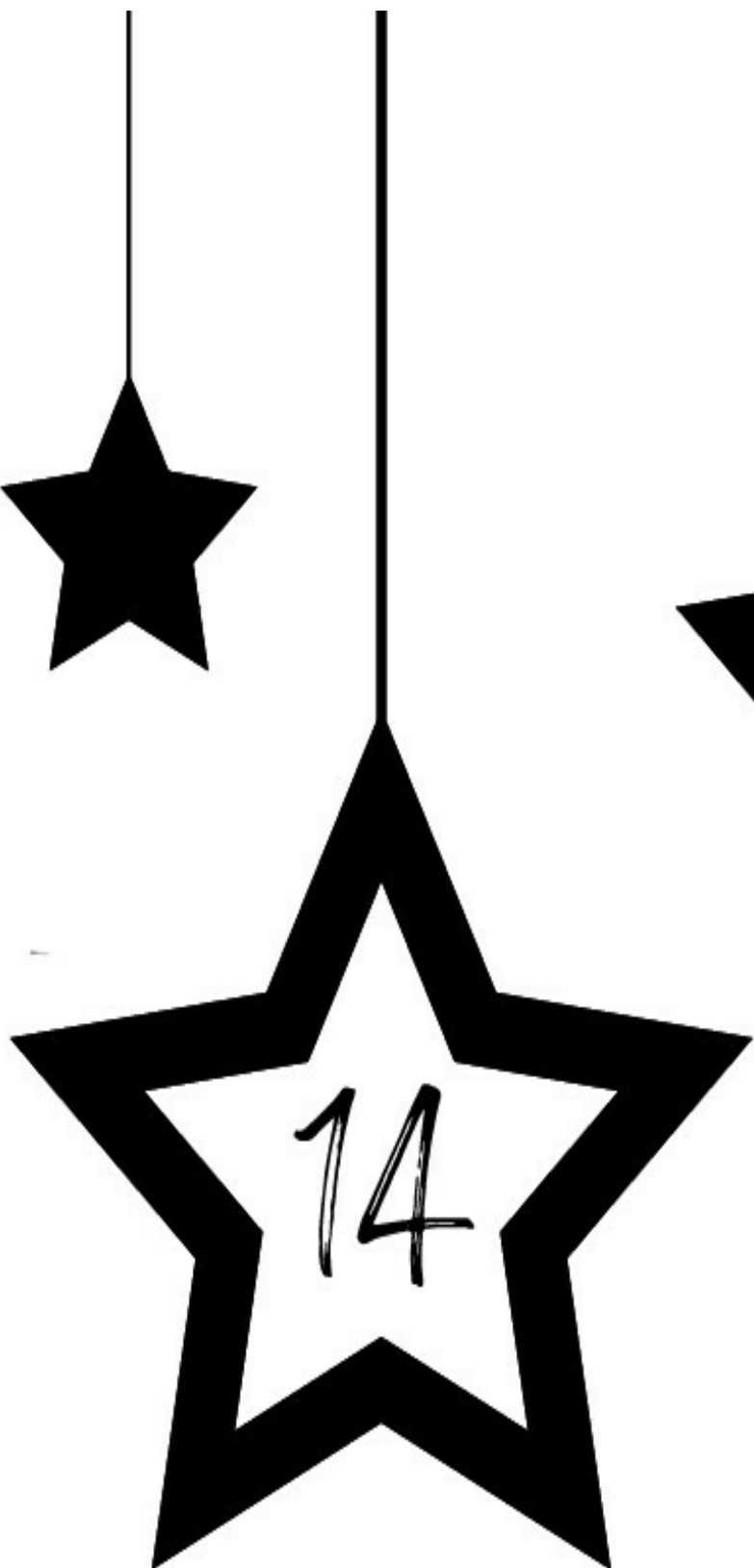
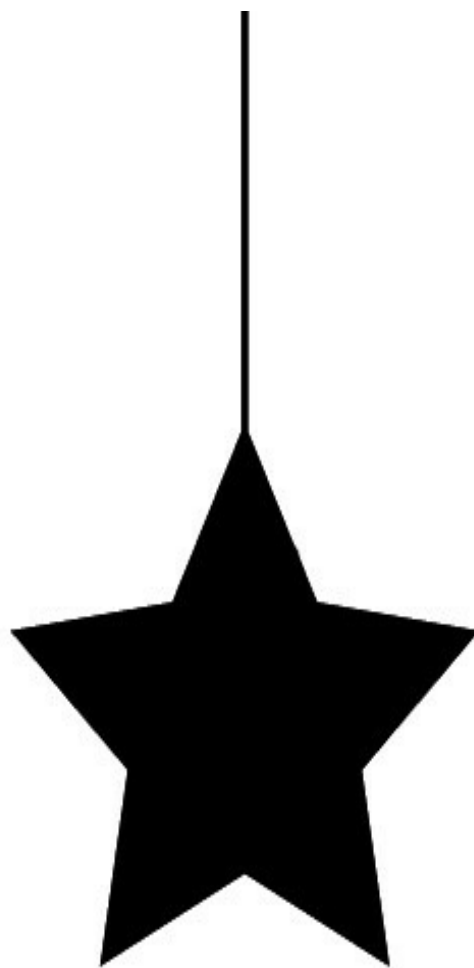
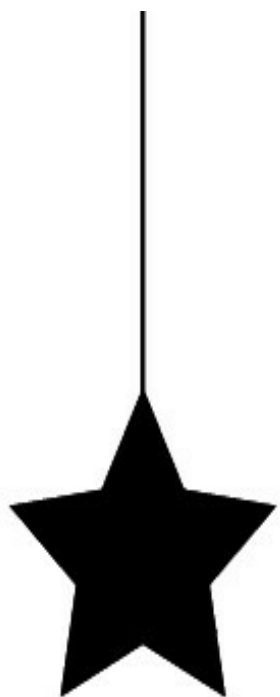
Um grito cortou o ar, o grito da Flávia.

— Solte-o, seu desgraçado! — ela gritou.

Ele desviou sua atenção de mim, ou eu acho que fez, pois parou de arremessar minha cabeça contra o chão.

— Vejam só se não é a outra puta, Tatiana! Eu vim pegar de volta o que você roubou de mim — ele falou antes de bater minha cabeça novamente no chão com mais força que das outras

vezes e tudo sumiu, não havia mais briga, só a paz, o silêncio, acabou.



Giovana

Depois de almoçar um salgadinho no refeitório da faculdade e dar uma passada no banheiro para garantir que tudo estava em ordem, segui meu caminho até a sala do Dr. Scott e bati na porta, minhas mãos tremiam de antecipação, mas recitei o mantra “Você consegue” em minha cabeça tantas vezes que eu tinha certeza que estava pronta.

Tomara que ele goste de mim.

— Pode entrar — aquela mesma voz de ontem a noite soou do outro lado.

Abri a porta devagar, desejando que eu estivesse imaginando coisas, que aquilo não fosse verdade, mas nada adiantou. Os olhos do Logan me fitaram dos pés à cabeça.

— Mel? — Ele me estudou confuso. — Achei que nos encontraríamos mais tarde. Como me achou aqui?

Fechei meus olhos com força e abri como havia feito mais cedo, mas dessa vez ele continuava lá.

Fechei novamente.

— O Logan está morto — recitei.

Abri e ele ainda estava lá.

Fechei a porta rápido atrás de mim, para não aparecer ninguém de supetão e presenciar minha loucura. Isto não pode estar acontecendo de novo. Eu não consigo lutar contra, não sou forte o suficiente para passar por isso novamente.

Ele levantou da cadeira e veio caminhando em minha direção.

Levantei as mãos para impedi-lo de chegar mais perto enquanto procurava meu remédio dentro da bolsa, consegui pegar um comprimido e o enfiei na boca, engoli a seco e fechei os olhos voltando a recitar meu mantra.

— Ele está morto. Ele está morto. Ele está morto...

— Mel, o que está acontecendo? — ele perguntou. Sinal de que ainda não havia desaparecido.

Abri meus olhos e encarei-o, próximos demais. Se ele continuar se aproximando eu não serei capaz de continuar me obrigando a falar que ele não é real. Na verdade, não vou nem ligar se estiver ficando louca novamente. Talvez eu precise aumentar a dosagem do remédio.

— Você não pode ficar aqui, Logan. Você tem que ir embora, eu aceitei o que aconteceu, você não pode ficar aparecendo para mim, não é assim que as coisas deveriam funcionar. — Balancei a cabeça tentando fazer com que ele sumisse, novamente, não adiantou. — Ela falou que se eu tomasse o medicamento corretamente isso nunca mais voltaria a acontecer. — Minhas mãos tremiam com a possibilidade de alguém entrar ali.

E se o Dr. Scott aparecesse? Meu Deus, eu poderia perder a melhor oportunidade que já apareceu na minha vida.

Eu poderia ser trancada naquele lugar novamente.

Eu não deixaria que isso voltasse a acontecer.

— Melissa — ele falou alto chamando minha atenção. — Do que você está falando? — a voz dele parecia desesperada.

Ele tentou se aproximar de novo, mas me afastei novamente. Sentei no sofá esfregando o rosto. O que estava acontecendo comigo?

— Mel, você está me deixando preocupado — ele falou vindo em minha direção.

— Não, Logan! Não chegue perto de mim. Eu não consigo pensar com você por perto, e eu preciso fazer isso. Eu não entendo por que estou te vendo. Eu não tenho mais dúvidas sobre você estar morto.

— Melissa, pelo amor de Deus, eu...

Alguém bateu na porta e a frase dele se perdeu no ar.

Eu não conseguia obrigar minhas pernas a funcionarem. Elas não queriam levantar daquele sofá.

E o pior de tudo, eu estava com medo de que alguém entrasse ali.

Ele foi até a porta.

O que ele estava fazendo?

— Não me chame de Logan quando outra pessoa estiver aqui — ele sussurrou.

Como?

Ele abriu a porta! ELE ABRIU A MALDITA PORTA! PUTA QUE PARIU! Como ele abriu a porta? Ele não pode fazer isso. É impossível uma alucinação abrir uma porta!

Uma aluna entrou, eu a encarava, ela não pareceu me notar ali, ela olhava diretamente para o Logan.

Ela também podia vê-lo?

Eles estavam conversando, óbvio que ela podia vê-lo.

Quem é ela? Será que também é uma alucinação? Isto não pode estar acontecendo novamente. As únicas alucinações que eu tive eram do Logan e da minha mãe, é a primeira vez que uma pessoa completamente desconhecida aparece.

A menina se virou e me olhou por um breve segundo antes de falar alguma coisa.

— Giovana? Você está bem? — ela repetiu vindo em minha direção, foi quando a reconheci, era a Cami. Ela pegou um papel que estava na mão e começou a me abanar.

— Giovana? — O Logan repetiu, percebendo que o nome estava errado, mas eu não poderia explicar agora como fui obrigada a abandonar meu nome antigo depois que parei de alucinar com ele. Ou melhor, eu não preciso explicar, ele é fruto da minha imaginação.

Ele me observou atento, assim como a Camila.

Eu intercalava meu olhar entre os dois, como a Camila pode vê-lo? Será que ela também é uma alucinação? Será que a inventei quando percebi que não conseguiria mais continuar sozinha?

Não, não, não! Eles vão me internar novamente.

— Gi, me responde! — Camila gritou.

— Você consegue vê-lo? — perguntei gaguejando e apontei para o Logan, que franziu a testa com a minha pergunta.

A Camila o olhou brevemente e se virou para mim com os olhos arregalados.

— Giovana, você está chapada? É o Dr. Scott — ela falou baixo, como se ele não estivesse escutando. — Você não parece bem.

Como assim ele é o Dr. Scott? Do que ela está falando?

— Não, ele não é — sussurrei de volta.

Ele é meu Logan, minha Vida, ele me respondeu quando o chamei de Logan, ele me chamou de Melissa, ele sabe quem eu sou. E o principal, ele está morto. Pessoas mortas não viram professores.

— Gi, respira.

Tomei uma grande lufada de ar e o obriguei a entrar e sair dos meus pulmões com respirações longas.

— O que está acontecendo com você? — ela perguntou colocando a mão no meu rosto para tentar sentir minha temperatura.

Eu queria gritar, só que depois eu teria que explicar e eu não poderia explicar, pois nem mesmo sabia o que estava acontecendo. Qualquer alternativa me levaria para o mesmo lugar, hospício.

— Eu acho que estou com ressaca — menti, querendo que ela fosse embora logo.

Não a quero como testemunha da minha perda de sanidade.

— Porque não falou isso antes?

Ela tirou um comprimido e uma garrafinha de água da bolsa e colocou na minha mão.

— Toma isso.

Fui obrigada a beber para sustentar a mentira.

— Eu tenho que ir resolver algumas coisas para o Dr. Scott, qualquer coisa me liga — ela falou, eu concordei com a cabeça.

— Ela não está no seu melhor dia hoje, aconteceu muita coisa. Será que poderia remarcar a entrevista dela? — Cami pediu para o Logan.

— Eu cuido disso, Camila, pode ir.

— Por favor, dê outra chance, não sei o que deu nela hoje — ela continuou.

— Ela não vai se prejudicar com nada Camila, você pode ir. Nervosismo é normal.

Ele sabia que eu não estava nervosa, ele me conhecia bem o suficiente para saber que eu estava em pânico. Podia ver seu olhar de preocupação, ele sabia que era mais do que uma simples crise de nervos.

Cami sorriu sem graça e o agradeceu antes de sair de lá.

O Logan fechou a porta novamente e se encostou nela.

— Giovana — ele falou sem me olhar. Como se estivesse experimentando o nome.

Ele me olhou. Meu coração balançou dentro do peito com a possibilidade disso estar realmente acontecendo. Será que ele pode ser real?

— Eu... na...não entendo — gaguejei. — Como isso é possível?

— Eu ser seu professor? — ele perguntou passando a mão pelo cabelo.

— Não!

— O que então?

— Você está realmente vivo? Como a Camila te viu?

— Você não está fazendo sentido, Mel. Eu sou real, eu estou vivo — ele falou com calma.

Não pode ser verdade, eu o enterrei, eu fui naquele maldito enterro. Eu disse para eles que estavam errados. Todos falaram que era eu quem estava errada e eu aceitei isso. Levou algum tempo, mas eu superei.

— Eu te enterrei — falei com um nó na garganta. Era sempre difícil lembrar sobre aqueles dias.

Seus olhos encontraram os meus e vi a surpresa.

— Eles forjaram a minha morte e você nunca soube a verdade — ele disse. Como quem tivesse acabado de perceber isso.

— Por que eu saberia?

— Sua mãe prometeu que contaria tudo para você, que te protegeria.

Quando ele falou da minha mãe eu não consegui mais segurar nada e um soluço forte balançou o meu corpo.

— Minha mãe morreu naquele dia também, Logan. Todos morreram. Vocês me deixaram sozinha!

Eu podia ver a dor em seus olhos quando escutou aquilo.

— Eu... — Ele começou a falar, mas sua voz tremeu.

Ele virou de costas para mim e respirou fundo algumas vezes antes de voltar a me olhar, mas ele não voltou a falar.

Levantei e andei até ele, seu olhar me acompanhou. Cheguei mais perto e senti sua respiração no meu rosto, ele continuava imóvel, apenas me observando. Passei meus braços ao redor do seu pescoço e o puxei para mim. Ele envolveu minha cintura e me levantou do chão.

— Eu sei — sussurrei no seu ouvido.

Eu sabia que ele sentia muito, sabia que ele também amava a minha mãe, que ele não queria que eu tivesse passado por tudo isso sozinha. Ele não precisava dizer nada, porque eu sei disso tudo só pela maneira que ele me olhou. Mesmo sem vê-lo há anos, nós ainda podemos conversar só com olhares.

Ainda não sei como isso é possível, mas com os braços dele em volta de mim eu não poderia dizer que não é real. Posso sentir as batidas descompassadas do seu coração.

Demorei tanto para aceitar sua morte que parte de mim fica com medo de acreditar que ele está vivo para depois descobrir que não passa de um delírio da minha cabeça. Eu não posso suportar que isso seja mentira. Minha cabeça não deveria ser capaz de brincar comigo dessa maneira.

Antes, quando aceitei sua morte, eu não sabia como seria minha vida sem ele. Agora que eu sei, não tenho motivos para voltar a tomar os remédios, prefiro ser louca e tê-lo comigo do que nunca mais poder senti-lo, como estou sentindo agora.

Eu ainda estava em seus braços, estava com medo de soltá-lo e ele desaparecer.

— Você está vivo — falei me libertando do medo, querendo mais que tudo que isso fosse verdade, mas ao mesmo tempo me enchendo de raiva por ele ter me deixado sozinha por tanto tempo. — Como isso é possível? Por que você me deixou? Eles falaram que você estava morto, que eu precisava superá-lo — as palavras saíam como um furacão da minha boca. — Você morreu! — gritei e o empurrei para longe aos socos. Tudo estava confuso. As emoções, eu não conseguia definir o que eu estava sentindo.

— Eu estou vivo — ele falou baixo e segurou meus braços, me puxando de volta para seu abraço.

Falou exatamente como falava quando eu estava trancafiada naquele quarto vazio. Eu não queria ser traída pela minha mente novamente.

— Você está mentindo, você vai desaparecer e me deixar quebrada novamente. Você não tem o direito de fazer isso comigo — As lágrimas escorreram pelo meu rosto. Lágrimas de medo, de felicidade, de raiva, de alívio.

— Eu não estou — ele respondeu. — Mel, porque você está duvidando que seja realmente eu? Quem faria uma brincadeira dessas com você? — ele perguntou soando preocupado.

— Eu não... — Comecei a falar, mas um soluço me cortou e eu desisti.

Ele segurou meu rosto com as suas mãos para que eu olhasse nos olhos dele. Aqueles mesmos olhos cinzentos que eu olhei tantas vezes e que me assombraram por tanto tempo, os olhos que eu queria tanto ver de novo e que agora que eu estava vendo. O medo me consumia, pois alucinei com eles por tanto tempo que passaram a ser uma assombração, algo que eu tive que lutar para esquecer, mas que no fundo eu nunca esqueci.

— O que está acontecendo? — ele perguntou suplicante.

— Você não estava aqui — sussurrei. — Eu precisava de você aqui.

— Eu estou aqui agora — ele falou. — Porque você está tão apavorada hoje, sendo que ontem ficou tão feliz ao me ver? — perguntou confuso.

— Eu... não... — respirei fundo para formular a frase. — Eu não estava alucinando ontem? — perguntei por fim. — Você não era real. — Tentei colocar meus pensamentos em ordem.

— Porque você estaria alucinando? — Ele ainda estava confuso e parecia mais preocupado. — Isso já aconteceu antes?

Eu ri nervosa.

— Os remédios, eles tiraram você de mim.

— Que remédios, Melissa? Você falou isso ontem, mas achei que estava falando coisas sem sentido por causa da bebida.

— Eu alucinei com você durante um ano inteiro e agora estou ficando louca novamente, e eles vão querer me internar de novo, eu não posso voltar para lá. — Meu coração batia tão forte dentro do meu peito que poderia facilmente pular para fora. — Eles vão me trancar naquele quarto. Eu não quero voltar para lá Logan, não deixe eles me levarem. Você não os impediu da última vez.

Seus olhos estavam cobertos de remorso.

— O que fizeram com você, Mel? — ele perguntou e depois completou. — Ninguém vai te levar.

Eu balancei minha cabeça fugindo das mãos dele.

— Você está mentindo, porque está mentindo para mim?

— Eu não estou mentindo para você. — Ele me abraçou novamente e eu deitei minha cabeça no seu ombro. — Eu estou vivo.

Ele estava vivo, esse tempo todo ele estava vivo.

— Você está vivo — repeti novamente as palavras dele.

Olhei nos seus olhos, ele realmente estava ali, eu podia ver que ele não era mais aquele mesmo menino, era um rosto maduro.

Passei a mão pelo seu rosto novamente, dessa vez aceitando que era real, eu achei que nunca poderia fazer isso novamente. Durante quase sete anos, todos os dias antes de dormir eu pedia para sonhar com ele e poder sentir isto novamente, mas mesmo quando eu conseguia sonhar, nunca conseguia tocá-lo. Eu senti tanta falta. Puxei seu rosto para perto do meu e encostei meus lábios nos dele. Céus, eu senti falta disso. O beijo não durou nem meio segundo antes que ele me afastasse.

— Nós não podemos fazer isso. — Ele segurou meus ombros, ficando tenso. — Se passaram sete anos, Melissa, não podemos simplesmente voltar a ser como éramos antes. Muita coisa aconteceu, eu não posso fazer isso.

Ele tirou as mãos de mim e desviou os olhos, me deixando completamente sem reação.

Acho que se ele tivesse tirado uma faca do bolso e enfiado no meu peito teria doído menos do que essas palavras.

Sete anos, oitenta e quatro meses, não sei quantos dias, mas provavelmente é muito tempo para se esperar por alguém. Muito tempo para esperar por uma paixão adolescente.

Ele me superou, enquanto eu não consegui pensar em mais ninguém durante todo esse tempo. Tentei, mas ninguém nunca me fez sentir desta maneira que estou me sentindo agora. Lágrimas ameaçaram descer novamente, eu não podia deixá-lo ver o quanto as palavras me machucaram.

— Mel, eu me expressei errado — ele tentou corrigir depois de ver minha reação às palavras dele.

Alguém bateu na porta novamente, ele olhou para mim antes de ir abrir.

— Temos muita coisa para conversar, mas não podemos fazer isso aqui. Eu vou abrir a porta.

Eu concordei com a cabeça porque sabia que se eu abrisse a boca nada me impediria de falar às coisas que estão engasgadas, e com certeza quem quer que esteja batendo na porta seria testemunha. Então eu respirei fundo, contei até dez para manter o controle e fiquei quieta, torcendo para que quem quer que fosse não me notasse ali.

Ele abriu a porta e o Sr. Alexandre entrou. Ele me cumprimentou com um aceno e começou uma conversa sobre algumas coisas que não conseguiram prender minha atenção, aliás, não sei se nada mais vai prender durante um bom tempo.

— Giovana? — Sr. Alexandre me chamou.

— Oi? — Tentei responder animada, mas pelo olhar que os dois me lançaram acho que minha voz saiu um pouco alta demais.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Ela não está se sentindo muito bem, eu estava prestes a te chamar para perguntar se poderia liberá-la — Logan falou antes que eu tivesse a oportunidade de me manifestar.

— Eu acho que é uma boa ideia — Sr. Alexandre concordou.

— Obrigada, prometo que estarei melhor amanhã. — disse juntando minhas coisas e me levantando para passar pelos dois. Assim que estava do lado de fora da sala peguei meu celular e disquei o número que eu sabia de cor, só havia alguns anos que eu não o usava mais com frequência.

— Consultório da Dra. Eliana, boa tarde — a voz conhecida da secretária soou do outro lado.

— Boa tarde, Paula. É a Giovana — falei reconhecendo.

— Giovana, querida, em que posso ajudá-la? — ela perguntou.

— Eu preciso de uma consulta.

— Deixe-me ver aqui. — Ela ficou em silêncio por um tempo revirando as folhas da sua agenda. — Pode ser para segunda?

— Eu preciso com urgência, se pudesse me encaixar pelo menos alguns minutos hoje eu ficaria extremamente grata.

— A agenda está bem lotada hoje, mas vou ver o que posso fazer e te envio uma mensagem avisando, pode ser?

— Claro, fico aguardando, muito obrigada.

— Por nada, querida.

Desliguei o celular e entrei no carro, fiquei alguns minutos esperando que a resposta fosse rápida, mas demorou bastante e durante todo esse tempo continuei ali em silêncio, não sabia para onde ir, ou o que fazer.

Minha mente viajava sem saber se realmente podia acreditar no que havia acabado de acontecer.

Foi quando comecei a juntar algumas peças e tudo começou a fazer sentido. Eu não o vi sendo levado pela ambulância e o caixão dele, assim como o da mãe, ficou fechado, pois disseram que o corpo havia inchado muito.

Será que a mãe dele também está viva? E nessa história toda a única pessoa que realmente morreu foi a minha mãe? E depois de tudo que passamos, ele ainda me deixou sozinha, fugiu e me abandonou como se eu nunca tivesse significado nada para ele? Como se tivesse sido apenas uma paixão inconsequente, como ele deixou bem claro.

Alguém bateu no vidro do carro e eu pulei de susto. Era a Cami. Liguei o carro para descer o vidro.

— Você não deveria estar trabalhando? — perguntei.

— Eu estou. Você não deveria estar fazendo o mesmo?

Acenei com a cabeça antes de falar.

— Não estou me sentindo muito bem.

— Gi, você pode ser sincera comigo, você está assim pelo que aconteceu com o Vitor, não é? Foi por isso que bebeu tanto na noite passada, não?

Esse realmente foi o motivo de ter bebido daquela maneira na noite passada, mas por incrível que pareça o acontecimento não tinha passado nem sequer uma vez pela minha cabeça nas ultimas horas. Assim que ela comentou meu estômago revirou com a lembrança dele em cima de mim.

Ele podia não ser o motivo do meu estado emocional hoje, mas seria uma boa desculpa, já que a verdade não pode ser falada.

— Sim, mas não quero falar sobre isso.

O celular apitou e olhei a mensagem da Paula, perguntando se eu poderia estar lá em vinte minutos. Respondi que estava a caminho.

— Cami, eu preciso ir.

— Precisa ir onde? — perguntou desconfiada.

— Tenho uma consulta com meu dentista agora, estou com dor de dente. — Foi uma péssima desculpa, mas foi a única que surgiu na minha mente. Eu não estava esperando encontrar com alguém e ter que me justificar sobre para onde estava indo.

Ela continuou me olhando desconfiada.

— Foi a secretária dele confirmando o horário — falei revirando os olhos tentando fazê-la parecer estranha por se preocupar tanto por nada.

— Te vejo em casa então. Por favor, não se meta em encrencas.

Liguei o carro e fui o mais rápido possível para o consultório. Achei que tinha chegado atrasada e já estava entrando em desespero pensando que ela poderia cancelar, mas assim que entrei a Paula me acalmou dizendo que ela só estava fazendo um atendimento rápido por telefone e que já iria me chamar. Enquanto eu aguardava, meu celular apitou dentro do meu bolso. Era uma mensagem do Logan.

Adrian Scott:

Precisamos terminar de conversar.

Não consigo acreditar que estávamos trocando mensagens nas últimas duas semanas e eu nem desconfiei que fosse você.

Eu não o respondi.

— Giovana — Dra. Eliana chamou da porta com um sorriso acolhedor no rosto.

Levantei e a abracei antes de sentar novamente no sofá dentro da sala. Ela se sentou em uma poltrona de frente para mim e abriu um sorriso reconfortante, e só naquele momento meu coração acalmou.

Ela sempre consegue me deixar mais calma, mesmo sem dizer uma palavra se quer.

— Então, Giovana, sobre o que gostaria de conversar?

Eu não havia pensado nisso. Só precisava vê-la para me sentir mais calma.

Não é como se eu pudesse chegar aqui e falar “Ah Doutora, lembra do Logan? Aquele que você demorou quase um ano para me convencer de que ele realmente morreu, então, adivinha? Ele está vivo!”. Aposto que não demoraria nem meia hora para estar novamente trancafiada naquele quarto horrível, e que foi praticamente meu lar por um ano. Eu não posso voltar para lá. Eu não vou.

— Eu não sei bem — falei gaguejando.

Ela assentiu.

— Tudo bem então, vamos mudar a pergunta. Como você está se sentindo?

— Totalmente confusa, para ser sincera.

— E essa confusão é por algum motivo ou você simplesmente acordou se sentindo assim?

— O Vitor — gaguejei.

Só me dei conta de ter falado o nome dele depois que saiu. Eu não posso falar com ela sobre o Logan, mas isso é outra coisa pela qual eu quase a procurei ontem.

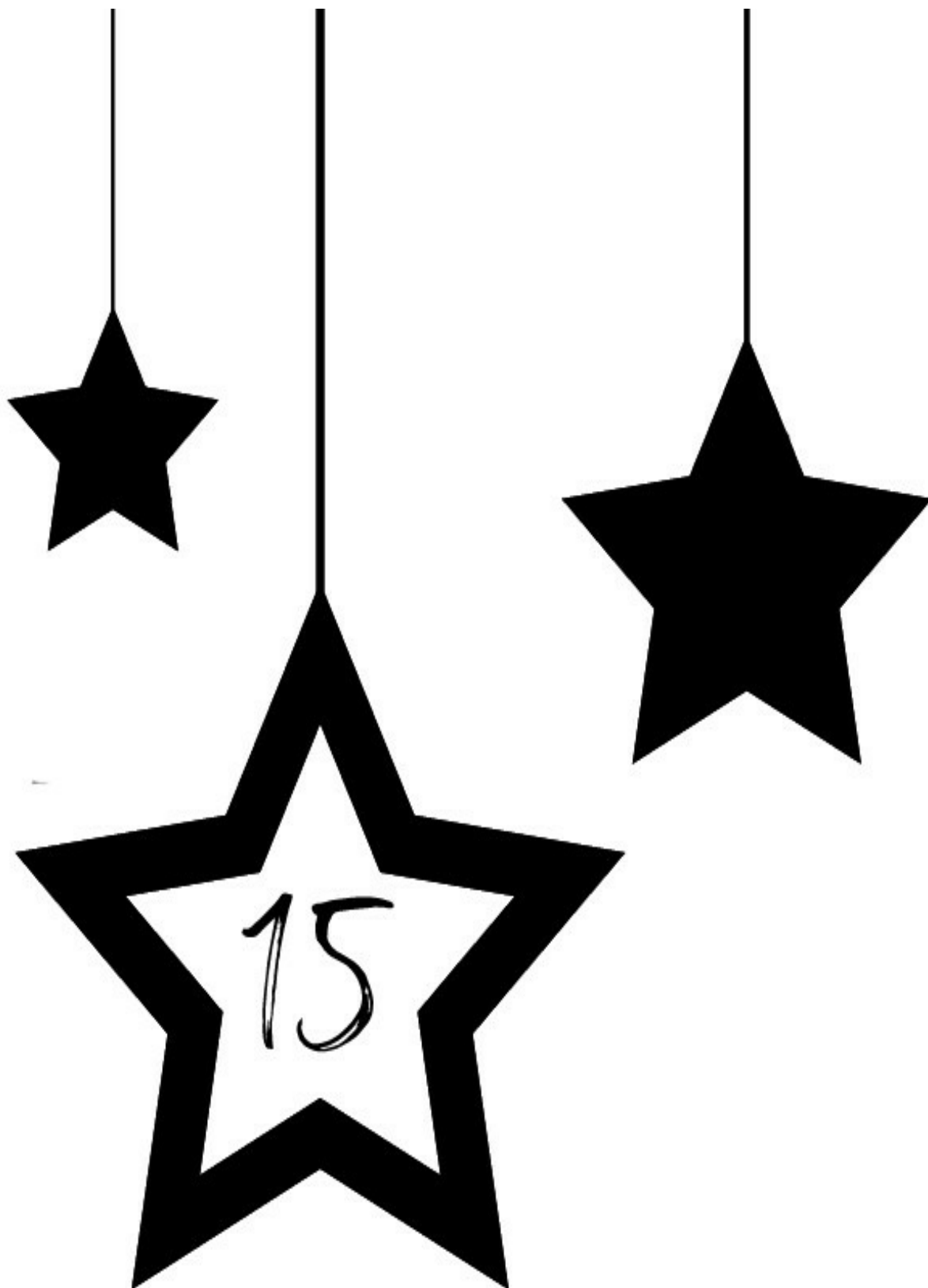
— O que aconteceu com o Vitor? — ela perguntou tentando fazer eu me abrir.

— Ele tentou... — respirei fundo — Ele tentou me forçar a fazer...

Eu não conseguia colocar para fora, não conseguia falar sobre aquele dia, mas eu não precisei, pois ela me lançou um olhar de preocupação e eu sabia que ela havia entendido sobre o que eu estava falando.

— Eu consegui fugir — falei.

Eu contei para ela tudo que aconteceu. Ela me ajudou. Disse que eu devia fazer o que achasse certo, que eu não precisava ter medo por ir contra o que os outros pensavam. Nesse momento tinha que fazer o que eu achava ser o certo para mim, para me manter de pé, para não cair novamente.



Logan

De que valeria todos os bons momentos, se não tivéssemos o poder de eternizá-lo na memória para tornar os tempos difíceis suportáveis?



- PASSADO -

Minha cabeça está latejando, tento levar minha mão até onde dói, mas alguém a segura antes que eu consiga e logo escuto uma voz desconhecida gritar no meu ouvido, fazendo a cabeça doer mais ainda.

— Ele está acordado.

Forcei meus olhos a se abrirem para ver um homem, que não me lembro de conhecer, segurando meus braços. Ele gritou novamente com alguém na porta. Depois voltou seu olhar para mim.

— Não tente se levantar, você está muito fraco ainda.

Não entendi muito bem o que ele quis dizer com isso, não sei por que eu estaria fraco, mas acabei desistindo de tentar me levantar e meus olhos começaram a estudar o lugar onde eu estava. Havia vários aparelhos conectados a mim e o cara que me segurava estava todo de branco, provavelmente era algum médico, o cheiro de desinfetante e álcool era quase insuportável. Eu estou em um hospital, mas eu não me lembro de como vim parar aqui. Talvez eu tenha sofrido algum acidente, queria perguntar, mas não conseguia falar, minha garganta estava seca.

— Água — consegui sussurrar.

— Me prometa que não tentará se levantar que eu pego o copo de água para você — o homem falou.

Concordei com a cabeça, mexendo o mínimo possível para que não doesse mais do que já estava doendo.

Ele chegou com o copo de água perto da minha boca e virou aos poucos para que eu pudesse beber. Enquanto ele fazia isso, uma mulher lá pela casa dos cinquenta e poucos anos entrou no quarto, ela parecia também ser médica, pela roupa toda branca.

— Boa tarde, Logan — ela falou sorrindo para mim. — Estamos contentes que você

acordou.

Logan, esse é meu nome? Por que não lembro meu nome?

— O que aconteceu? — eu forcei as palavras saírem, soei rouco e cansado.

— Você sofreu um traumatismo craniano e ficou em coma por quase um mês — ela falou enquanto colocava o estetoscópio no meu peito.

— Por que não me lembro disso? — perguntei ainda confuso.

— As coisas podem ficar um pouco confusas por um tempo, é normal depois do que passou.

— Como isso aconteceu? — eu perguntei por fim.

Ela parou de me examinar e olhou nos meus olhos.

— Logan, você e sua mãe foram atacados em casa.

O que? Isso não pode ser verdade. Imagens da minha mãe salpicaram na minha mente, como uma lembrança vaga, mas carregadas com um laço forte.

— Minha mãe? Onde ela está? Ela está bem? — disparei as perguntas sem respirar.

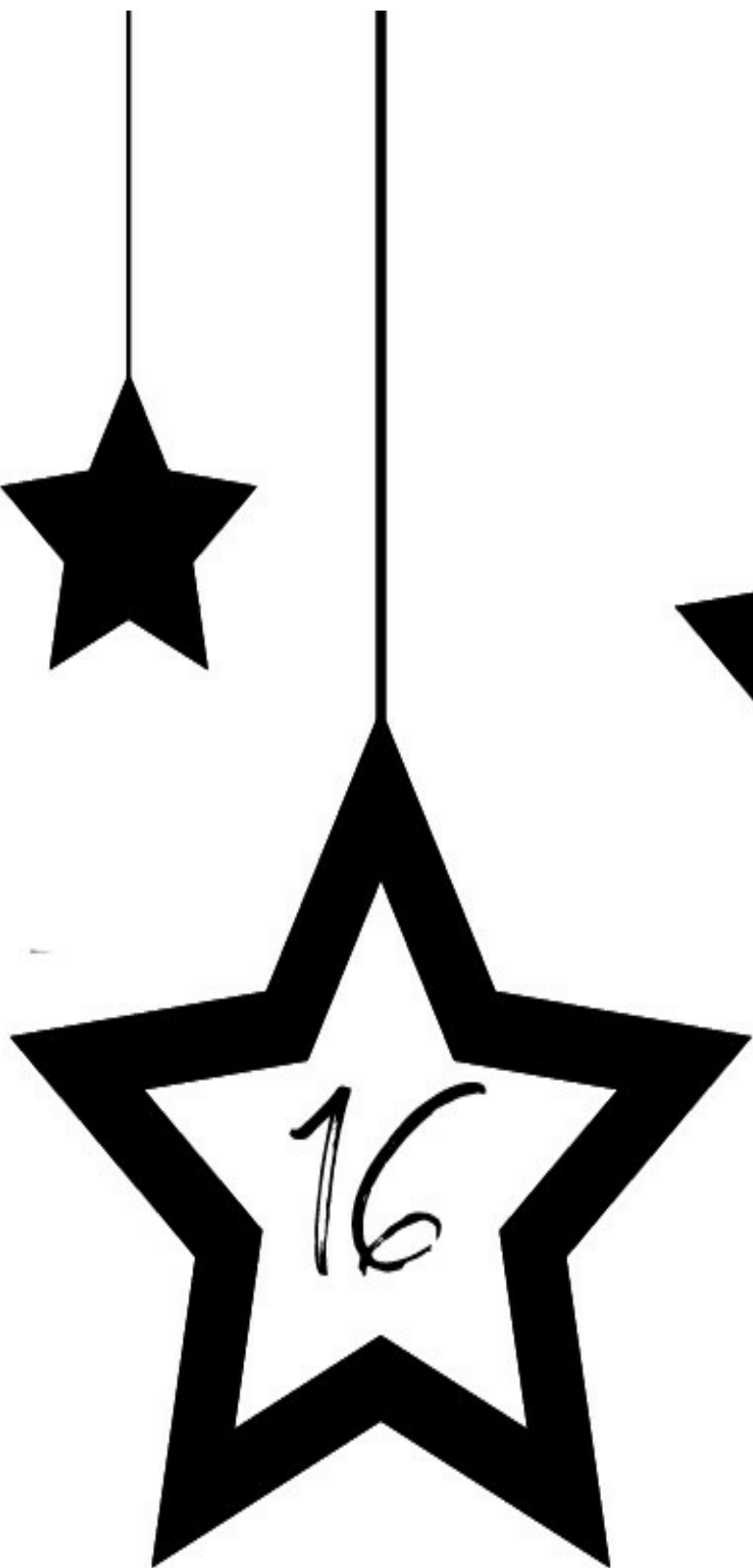
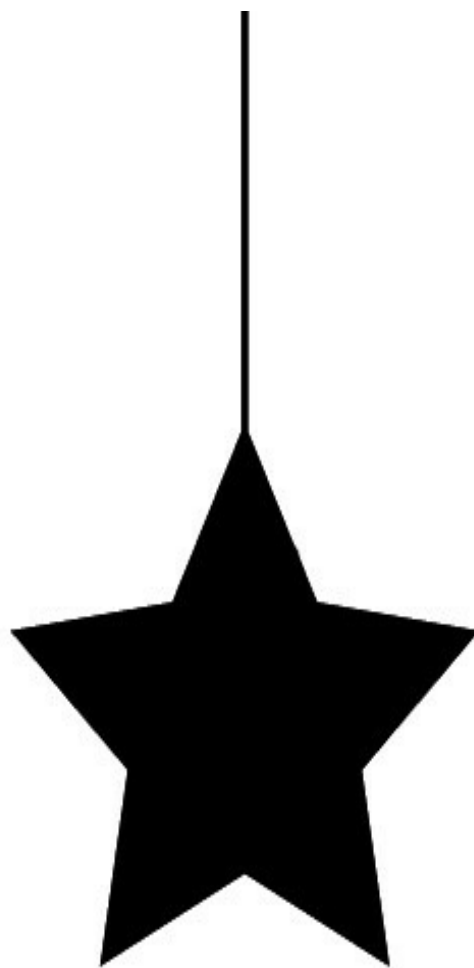
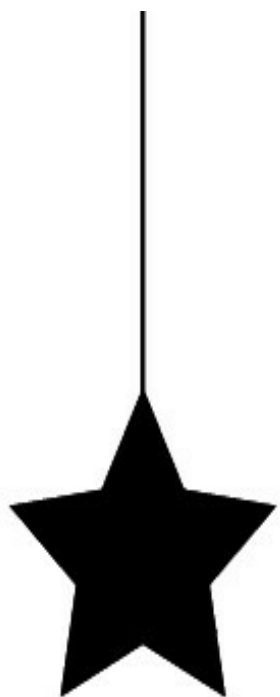
Ela pareceu ficar um pouco desconfortável com as perguntas. E as pessoas no quarto se entreolharam. E mesmo antes dela responder eu sabia que não iria gostar da resposta.

— Logan, eu sinto muito, mas os ferimentos dela eram muito graves. Ela não resistiu.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei nervoso, eu devo ter entendido alguma coisa errada.

— Sua mãe morreu — ela falou e apertou minha mão, como se aquilo servisse de algum consolo.

Aquelas palavras parecem ter ligado um interruptor dentro de mim, porque todo o meu corpo começou a tremer e então tudo se apagou novamente.



Giovana

Adrian Scott:

Estou chegando na sua casa.

Precisamos conversar.

Eu:

Você não pode vir aqui.

Não moro sozinha.

Adrian Scott:

Me encontre em algum outro lugar então.

Por favor.

Eu pensei por alguns minutos e não respondi, eu não sei se estava pronta para vê-lo novamente.

Eu tenho medo do que ele tem para falar, tenho medo da verdade, tenho medo dele ter me abandonado por ter achado que era o melhor, medo dele ter encontrado outra pessoa, medo de me ver cair no mesmo poço que fiquei por anos depois da “morte” dele.

Adrian Scott:

Eu te busco aí.

Continuei ignorando suas mensagens. Então, ele desistiu das mensagens e começou a me ligar. Será que a falta de respostas já não tinha deixado claro a minha intenção? Só atendi na quinta vez que o celular tocou, queria ser forte para continuar ignorando, mas como ser forte quando se está lutando contra sua maior fraqueza? Eu estou chateada e magoada, ainda assim não consigo ficar com raiva o suficiente para não atender seus pedidos eventualmente.

— Oi — sussurrei ao atender. Eu estava sozinha no meu quarto com a porta trancada, mas ainda assim o medo da Cami escutar algo me fez sussurrar ao celular.

— Posso ir te buscar? — ele perguntou.

— Eu preciso pensar um pouco antes de te encontrar, Logan. Não estou pronta para conversar ainda, é muita coisa para assimilar.

— Só me escute então. Eu preciso te ver Mel, não me afaste.

O desespero em sua voz acabou desencadeando aquela sensação de não conseguir negar nada que ele me pedisse, ele realmente parecia querer me ver, então acabei concordando. Disse que me pegaria aqui em dez minutos.

Esgueirei pela porta do quarto esperando que a Camila não me questionasse. Peguei minha bolsa e já estava quase saindo do apartamento quando escutei a voz dela.

— Vai sair?

— Vou encontrar um amigo — falei tentando soar desinteressante.

— Eu conheço esse amigo? — ela perguntou preocupada.

— Não.

Bom, ela não o conhece como Logan, então pode ser considerado no máximo uma omissão.

— Hum, por acaso é o “amigo” do bilhete? — ela perguntou fazendo o sinal de aspas exageradamente com as mãos.

Esqueci completamente do bilhete. O joguei fora achando que eu mesma tivesse escrito aquilo.

— Talvez.

Ela abriu um sorriso.

— Já gosto desse cara, só pelo sorriso que você abriu quando falei dele.

Nem tinha reparado que estava sorrindo.

Ri e disse que realmente precisava sair, bati a porta atrás de mim e desci pelo elevador até o saguão do prédio. Enquanto esperava vi o Bruno entrar de mãos dadas com uma mulher, estranhei aquilo, já que ele e a Camila vivem jogando charme um para cima do outro.

— Oi Bruno — falei chamando atenção dele.

Ele sorriu e veio até mim. Apresentou-me a Amanda, sua esposa. Ele é casado? Será que a Camila sabe disso?

— É um prazer — falei sorrindo para mulher.

Neste momento o celular apitou com a mensagem do Logan dizendo que já estava na porta. Falei que tinha que ir e me despedi dos dois.

O porteiro segurou a porta enquanto eu passava e o agradei. Assim que pisei na calçada a porta do carona do carro que estava parado em frente ao prédio se abriu e eu entrei.

Logan estava vestindo uma roupa mais despojada do que a que usava mais cedo, sem toda aquela seriedade das roupas de professor. Seu cabelo estava molhado, como se tivesse acabado de sair do banho, usava uma blusa clara que deixava todos os seus músculos marcados. Olhei para frente do carro querendo desviar a atenção daquilo tudo.

— Estou ouvindo — falei assim que ele acelerou o carro. Doía ser dura com ele, mas eu não podia pegar leve e acabar me machucando novamente. Doeu demais da última vez.

— Vamos comer alguma coisa? — ele perguntou.

— Eu não estou com fome — menti. Eu não havia comido nada praticamente o dia inteiro. Na verdade, acho que nada ficaria no meu estômago por muito tempo.

— Você sempre está com fome.

— Sete anos atrás eu sempre estava com fome.

Sei que estou sendo grossa, mas ele me magoou mais cedo me afastando daquele jeito. Não darei oportunidade para ele fazer isso uma segunda vez

— Tudo bem, eu mereci essa. — Ele fez uma careta com a minha resposta. — Mel.

Eu olhei emburrada para ele.

— Você está chateada por causa daquele beijo mais cedo?

— Não.

— Claro que está.

— Não, eu entendo. Sete anos é muito tempo, você superou, estou ok com isso.

Ele gargalhou quando eu disse isso, e quis dar um soco bem no meio da cara dele. Primeiro por ter rido de mim e segundo por ter feito meu corpo vibrar de alegria com essa risada. Meu corpo não deveria responder assim quando eu estou com raiva.

— Ei. Olha aqui.

Eu continuei encarando o para-brisa.

— Melissa.

— Olha para mim, Mel — pediu carinhoso e eu não consegui negar, mesmo com raiva. — Sete anos é muito tempo, mas antes disso eu já tinha esperado dez para você me notar. Não é algo que se supere.

— Então por que você me afastou?

— Eu sabia que você estava chateada por causa do beijo — comentou com um sorriso convencido.

— Eu não... Pensa o que você quiser, eu não ligo.

Cruzei meus braços feito uma criança emburrada e não voltei a falar até ele encostar o carro.

Entramos no restaurante, chique demais para a roupa que eu estava vestido.

— Eu estou de jeans e moletom — murmurei atrás dele enquanto seguia pela porta adentro.

— Lembra o que eu te falei quando você comentou sobre não estar arrumada o suficiente para aquele hotel?

Eu neguei com a cabeça. Eu me lembrava. Como eu poderia esquecer aquele primeiro elogio que ele fez a minha “beleza”.

— Até descabelada quando acaba de acordar, a mais linda de todas — ele sussurrou antes de se virar para a recepcionista.

— Mas isso já tem o que? Nove anos? — respondi ainda querendo cutucar a ferida que ele tinha aberto hoje ao me afastar.

Ele não respondeu. Lançou um olhar de repreensão e pediu uma mesa mais reservada a recepcionista. Ela nos conduziu a uma parte no fundo do restaurante. Nós nos sentamos nas cadeiras, um de frente para o outro.

— Aqui está o cardápio, um de nossos garçons virá anotar o pedido de vocês — ela falou polidamente.

— Muito obrigado — ele agradeceu.

Ela me entregou outro cardápio e se retirou pedindo licença.

O garçom veio à mesa e o Logan fez nossos pedidos, mesmo depois de eu insistir que não comeria nada.

Quando o garçom saiu de perto ele finalmente olhou para mim, coisa que ele parecia estar evitando desde o momento que me pegou em casa. Meus olhos desviaram dos dele, eu não consigo fazer isso.

— Mel — ele sussurrou chamando minha atenção.

— Não me chame mais assim — falei com um tom sério. — Eu sou Giovana. — Por algum motivo ouvir meu nome verdadeiro saindo dos lábios dele era como aquela música que arrepiava todos os pelos do nosso corpo. E eu não queria sentir isso todas as vezes que ele falasse meu nome.

— Tudo bem, olhe para mim, Giovana — falou pausadamente, como se estivesse me provocando, mostrando quanto aquele nome era errado para mim.

Ok, qualquer maneira que ele me chame faz com que me sinta assim.

Olhei nos olhos dele e respirei fundo. Meus olhos começaram a lacrimejar, fiz o possível para engolir o choro. Ele não iria me magoar de novo, eu não deixaria.

— Nós precisamos conversar sobre o que aconteceu naquele dia. A última vez que nos vimos — ele falou cauteloso.

— Não quero conversar sobre o que aconteceu. Eu não quero reviver o dia que perdi as três pessoas que eu mais amava nesse mundo. — Uma lágrima escapuliu, mas logo passei minha mão no rosto para limpá-la.

— Você achou que tinha perdido, eu estou aqui, eu não morri — ele falou suplicante.

— Não. Eu perdi o meu Logan naquele dia, pois o garoto que eu amava nunca me deixaria achar que ele estava morto — falei balançando a cabeça para desviar das lembranças. — E a não ser que me fale que minha mãe também está viva, acho que o dia continuará sendo o pior da minha vida.

Ele desviou o olhar antes de falar novamente.

— Eu sinto muito, Mel.

— Meu nome não é Mel! — eu gritei, fazendo com que algumas pessoas do restaurante olhassem para nós.

Encolhi um pouco na cadeira com vergonha da atenção que acabei chamando sem querer.

— Você continua tão teimosa quanto antes. — Ele riu. — Eu nem imagino o inferno que você passou nesses anos, mas eu não vou a lugar nenhum agora, então pare de me tratar como se eu fosse desaparecer novamente.

— O que adianta você estar aqui agora? Eu não te conheço mais, Logan. Você deixou bem claro hoje cedo quando falou que muita coisa aconteceu, que não podíamos simplesmente voltar a ser como éramos há sete anos.

— Eu ainda sou o mesmo garoto que você costumava chamar de melhor amigo. Muita coisa aconteceu, precisamos conversar primeiro, mas eu tenho bastante certeza que eu não mudei tanto assim.

— Tudo bem, suponhamos que você não mudou nada, mas eu mudei. Eu não sou a mesma garota e tenho medo de descobrir que essa nova garota não gosta de você. Não sou mais aquela menina otimista e alegre, você pode me odiar agora. Tenho medo de que isso estrague todas as boas lembranças que eu tenho de nós dois, eu não quero perder isso. — Respirei fundo, juntando forças para me manter firme. — E mesmo morrendo de medo disso tudo eu não consigo suportar a alegria por saber que você está vivo. A vontade que eu tenho de te abraçar, te beijar e sentir seu toque chega a doer.

Ele colocou a mão em cima da minha e sussurrou.

— Então sinta.

Eu fechei os olhos e deixei os dedos dele percorrerem os meus, ele só estava tocando a minha mão, mas todo o meu corpo podia sentir aquilo. E por um segundo, foi como se nada tivesse mudado, como se tudo finalmente voltasse ao normal, como se nós tivéssemos sido imunes ao tempo.

— Eu também tenho medo — ele começou a falar me arrancando da fantasia. — Mas...

— Não é a mesma coisa — eu o cortei e puxei minha mão para longe da dele. — Apesar de você ter ficado todos esses anos sem me ver, você sabia que eu estava em algum lugar, só precisava me achar. Passei todo esse tempo acreditando que tudo tinha acabado para sempre, que você estava morto e eu nunca teria outra chance. Eu chorava antes de dormir tentando lembrar o nosso último beijo, e tinha raiva de mim por não lembrar nem sequer como foi. E...

— Foi na sorveteria — ele me cortou dessa vez. — Você pediu aquele sorvete horrível de morango — falou fazendo uma careta. — Você estava usando aquele moletom do Mickey que eu te dei por cima da roupa da academia. E me desafiou a beijá-la com a boca toda suja de sorvete.

— Falei que se me amasse não se importaria — completei. Finalmente me lembrando. — Você estava com pressa e beijou a minha boca com o maior nojo do mundo.

Nós rimos juntos e eu fiquei com raiva da facilidade que ele tinha em me fazer rir. Eu estava com raiva, ele não tinha o direito de me fazer esquecer a raiva assim tão rápido.

— Desculpa que sua última lembrança não foi um bom beijo — falou com um sorriso brincando em seus lábios.

— Que tipo de pessoa não gosta de sorvete de morango? — perguntei rindo.

— Pessoas com paladar apurado, aquilo é muito ruim — respondeu.

A garçonete se aproximou da mesa e perguntou de quem era cada prato, o Logan a respondeu e ela colocou um prato tão bonito na minha frente que fez meu estômago roncar de fome, eu não tinha ideia do que era, mas parecia delicioso. Rapidamente coloquei uma garfada na boca e fechei os olhos me deliciando, foi quando percebi que era alguma coisa de batata recheada de estrogonofe. Minha comida preferida.

— Isto é bom demais — comentei depois que já estava com a boca vazia. Pronta para a segunda garfada.

— Isso porque você não estava com fome. — Ele riu. — Você mudou, mas ainda sei seu prato preferido.

Eu dei de ombros e continuei comendo. Ele pediu uma massa que eu não sabia ao certo o que era, parecia estar tão boa quanto meu estrogonofe.

— Eu não te abandonei — ele falou de repente.

— Então como explica os sete anos que eu estive sozinha? — perguntei irônica.

Ele balançou a cabeça e passou a mão pelo cabelo.

— Eu fiquei em coma por um mês. — Ele suspirou. — Quando acordei eu não me lembrava de nada, os policiais me levaram para uma unidade de proteção a testemunha, me contaram que eu havia nascido nos Estados Unidos e vivia no Brasil escondido em uma dessas unidades. Como a minha mãe era brasileira, ela resolveu voltar para cá depois de tudo e ficar sobre a proteção da polícia do Brasil. Ela havia conhecido o Robert quando estudou lá e se casaram poucos meses depois. Passaram anos até que ela descobrisse o verdadeiro trabalho dele, logo depois de saber que estava grávida de mim.

Eu já conhecia parte dessa história, mas haviam alguns detalhes que eu nunca soube.

— Quando minha mãe descobriu tudo, ela entrou em contato com a sua mãe em busca de ajuda, ela estava com medo de ir até a polícia e o Robert acabar descobrindo. Foi quando sua mãe bolou um plano para que ela fugisse, porém, não antes do Robert descobrir tudo. Quando ele foi traído pela minha mãe e a sua, ele perdeu tudo que tinha, seu legado foi roubado pelo cara que era seu braço direito e ele passou a viver para se vingar das duas. Enquanto a polícia juntava as provas contra ele, o desgraçado assassinou os pais delas e deixou um recado falando que não pararia enquanto não matasse todos que elas amavam e logo em seguida seria a vez delas. Porém, depois disso ele desapareceu do mapa, ninguém nunca mais havia ouvido falar dele, até aquele dia. Então, quando acordei do coma, eles me deram uma nova identidade e me mandaram para longe.

Foi exatamente o que aconteceu comigo. Mas não explica o motivo dele ter me deixado para trás.

— Porque não me levou com você? — perguntei em choque com toda a história que ele havia acabado de contar.

— Eu não me lembrava, Mel.

Dessa vez eu não o corrigi.

— Os policiais me contaram tudo que aconteceu, mas eu não me lembrava quem eram as pessoas por trás dos acontecimentos, para mim tudo aquilo não passava de uma história. E

mesmo depois que me lembrei de você, não consegui ligar as coisas. Contaram que uma vizinha também tinha sido morta por ele, mas de alguma forma eu não lembrei que éramos vizinhos, até você falar da sua mãe e tudo voltou a minha cabeça.

Ele trincou suas mandíbulas e respirou fundo antes de continuar.

— Eu me odiei quando a memória voltou. Odiei por não ter esquecido nada que aprendi na faculdade, quando isso era o que menos importava, quando tudo que deveria estar na minha cabeça era você.

Ele passou a mão pelo cabelo e desviou o olhar do meu.

— Quando a memória voltou eu coloquei um detetive particular atrás de você, mas tudo terminava no mesmo beco sem saída. Por um tempo eu cheguei a perder as esperanças de te encontrar.

Ele me procurou. Ele não me abandonou.

— Me desculpe — falei.

Ele me olhou e levantou as sobrancelhas.

— Pelo que exatamente?

— Por ter acreditado que você tinha simplesmente virado as costas para mim.

Ele sorriu triste.

— Eu pensaria a mesma coisa no seu lugar.

Ele levantou a mão e chamou o garçom e eu senti o sorriso sumir do meu rosto.

Já iríamos embora? Esperava que pudéssemos ficar mais um pouquinho.

Agora que eu não estou mais com raiva quero saber cada detalhe da vida dele que eu perdi.

O garçom veio até a mesa.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou.

— Eu queria um petit gateau com sorvete de creme — ele pediu. — E você vai querer o que de sobremesa? — perguntou olhando para mim.

— Eu quero o mesmo, mas com sorvete de morango — respondi com um sorriso irônico.

Ele riu e dispensou o garçom.

— Qual era a novidade? — perguntei.

Ele me olhou por uns segundos tentando se lembrar do que eu estava falando.

— A novidade que você tinha que me contar pessoalmente. Você deixou a mensagem na minha caixa de mensagens — completei.

— Eu consegui a bolsa para o MBA em Harvard. — Ele sorriu. — Foi um verdadeiro inferno conseguir que a unidade de proteção à testemunha me movesse para aquela área e ainda conseguissem trocar meus dados na faculdade. Quando disse que queria voltar ao meu país, eu fui designado para a polícia de lá, então me deram esse nome comum para poder misturar.

— Acho que seus e-mails me deram um spoiler do resto da história, pois eu aposto que consegui a bolsa de doutorado depois. — Ele riu e confirmou com a cabeça.

— Você sempre foi um nerd mesmo, eu sabia que conseguiria.

Depois disso ficamos relembrando algumas coisas, ele me contou sobre os dias dele em Harvard. Ele conseguiu entrar em uma fraternidade, e riu de mim quando comparei aos filmes.

— Claro que tem algumas que às vezes são até piores, mas não era assim na fraternidade que eu estava. — Ele riu. — Só teve uma vez...

Arqueei a sobrancelha curiosa e ele prosseguiu.

— Um dia depois de uma noite que eu não me lembrava muito bem, eu acordei com um bebê na minha cama — falou rindo. — Fiquei louco. Achei que alguém estava me zoando, estava até com medo de checar o banheiro e achar um tigre lá dentro.

Eu ri alto imaginando a cena tão semelhante ao filme “Se beber, não case”.

— E de quem era o bebê afinal de contas? — perguntei curiosa.

— Era filha de um dos caras. A namorada dele tinha chegado lá cedo no outro dia com o bebê, e a minha cama era a única com espaço, então ela o deixou dormindo lá enquanto ajudava a arrumar a bagunça. Parece que ela havia até me avisado, me acordou e falou que o deixaria ali, mas você sabe como meu sono é pesado.



— Eu não queria te levar embora — ele falou assim que entrou no carro.

— Eu não queria ir embora. — Suspirei.

— Vamos a algum outro lugar — ele sugeriu.

Eu queria dizer que sim, mas a noite foi tão boa que eu não queria que alguma coisa desse errado.

— Acho melhor eu ir para casa — falei devagar. — Tivemos uma boa noite, não vamos extrapolar. Foi muita informação para um dia só, eu preciso de um tempo antes de voltar a falar sobre isso.

Foi a frase mais difícil de dizer na noite. Agora que descobri que ele estava vivo eu queria falar que não sairia mais do lado dele, mas eu ainda estava sentindo que ele estava um pouco tenso perto de mim, e não quero correr o risco de deixar ele se aproximar, caso haja mais coisas que eu precise saber. Então acho que por uma noite já tive informação demais para assimilar, não preciso que escape mais nada.

Ele deu partida no carro e eu liguei o rádio, esperando a música preencher o silêncio. Começou a tocar suave a música Every breath you take, na versão do denmark + winter. Era uma maldita coincidência estar tocando isso, toda vez que tocava essa música era como se eu tivesse

escrito o refrão para ele. Então quando essa parte chegou, meus olhos se fecharam involuntariamente e cantei junto.

“Since you've gone I been lost without a trace

(Desde que você se foi eu estive perdido sem um caminho)

I dream at night I can only see your face

(Eu sonho a noite e só posso ver seu rosto)

I look around but it's you I can't replace

(Eu olho ao redor, mas é você que eu não posso substituir)

I feel so cold and I long for your embrace

(Sinto tanto frio e espero pelo seu abraço)

I keep crying baby, baby, please

(Continuo chorando baby, baby por favor)”

Eu abri meus olhos e percebi que ele estava me observando. Ele havia parado o carro e eu nem havia notado. Virei meu rosto para ficar de frente para ele.

— O que foi? — perguntei sem graça.

Ele sorriu e ajeitou meu cabelo, colocando a mecha solta atrás da minha orelha, sua mão mal encostou em meu rosto, mas só aquele gesto já enviou uma onda de eletricidade por todo o meu corpo levantando meus lábios em um leve sorriso.

Coloquei minha mão em cima da dele, aproximei mais meu rosto do dele e mordi meus lábios. Eu queria beijá-lo, mas me contive. Ele fechou os olhos e respirou fundo, colocou sua testa na minha, eu estava ansiando pelo próximo passo quando, de repente, ele tirou as mãos de mim e ligou o carro novamente.

— Não faz isso — falei baixo. — Já passamos por isso uma vez.

— Nós não podemos fazer isso agora, Mel — ele falou, totalmente tenso no banco. Completamente diferente do cara que estava comigo a menos de um minuto atrás.

— Claro que não podemos. — Ri sem vontade. — E a história se repete.

— Mel, você é minha aluna. Como isso aconteceu? — ele perguntou sério. — Se alguma coisa acontecer entre a gente não afetaria só a minha carreira, mas toda sua credibilidade iria por água abaixo.

Não me importava que o pensamento dele estivesse certo. Ele poderia usar essa desculpa se eu fosse alguém que ele tinha acabado de conhecer, mas eu sou a porra da garota que ele conhece a vida inteira, a garota que ele disse amar, a garota que teve o coração esfaqueado por achar que ele estava morto.

— Claro, porque todos ficariam sabendo o que aconteceu nesse carro — Nós temos tantos segredos, porque esse seria o único que alguém iria descobrir?

— O problema não é o que vai acontecer nesse carro, Mel — ele falou firme. — O

problema é que se eu te beijar agora eu não irei te deixar em casa. Talvez você nunca voltasse para casa. Provavelmente colocariam a polícia atrás de você.

Eu sorri. Filho da puta! Ele faz até uma rejeição parecer uma coisa boa.

O carro parou em frente ao prédio.

— Obrigada por não ter desistido — falei abrindo a maçaneta.

— Obrigado por ter me deixado explicar.

Ele sorriu largo.

O sorriso pelo qual eu sou apaixonada.

Aquele sorriso que as meninas do colégio nomearam como “irresistível” e realmente, não havia uma palavra melhor para descrever.

Maldito! Não pode falar que não vai me beijar e lançar esse sorriso para cima de mim.

Respirei fundo e tomei forças para sair do carro. Por fim consegui deixá-lo ir.

Entrei no prédio com um sorriso bobo de orelha a orelha.

— Srta. Giovana, você está bem? — o porteiro, Luiz, me perguntou. — Acho que nunca a vi com um sorriso no rosto.

— Não seja bobo, Luiz. Eu sempre estou sorrindo.

Não eram sorrisos genuínos como este, mas eram sorrisos.

— Esta é a primeira vez que seus olhos também sorriem — ele disse e se afastou.

Deve ser porque essa é primeira vez que não sinto por meu coração ainda estar batendo.

Subi o elevador e abri a porta do apartamento e a cena que vi me fez fechá-la de volta tão rápido quanto a abri.

— Oh meu Deus, me desculpa! — gritei.

A Cami estava praticamente sem roupa com um cara no sofá. Ela deu um grito quando me viu e saltou de cima dele. Alguns minutos depois ela gritou falando que eu poderia entrar. Foi quando reconheci o homem que ela estava se agarrando, era o Bruno, da banda.

— O que vocês dois pensam que estão fazendo? — perguntei. — Você é casado, Bruno. Eu estava torcendo para vocês dois se ajeitarem, mas isso foi antes de descobrir que você tem uma mulher.

— Não é o que você está pensando, Gi — Cami tentou se defender.

— Não, é exatamente isso — Bruno respondeu sem olhá-la. — Me desculpa, Gi. Não vai voltar a acontecer.

Percebi a dor que surgiu involuntariamente nos olhos da Camila.

— Bruno, eu não sei como isso aconteceu e nem tenho certeza se quero saber, mas se for para fazê-la sofrer é melhor deixá-la em paz.

Ele concordou com a cabeça.

— Acho que essa é a minha deixa. — Ele olhou para o chão e soltou a mão da Camila. Olhou para ela por um breve segundo e sussurrou um pedido de desculpas antes de sair do apartamento e fechar a porta.

— Ele é casado, Cami. Não se mete nisso.

— Acredita em mim, Gi. Eu não estou fazendo nada errado, mas não posso te contar a verdade.

— Eu confio em você, só não quero te ver machucada. Isso já vem acontecendo há quanto tempo? — perguntei apontando para porta que ele tinha acabado de fechar.

— Desde agora? — ela falou de forma interrogativa, como se não tivesse realmente certeza.

— Vou fingir que acredito porque acho que já tive detalhes demais para uma noite só — respondi passando por ela, torcendo para que tenha esquecido que eu falei que fui encontrar com alguém. Não queria o interrogatório dela agora, só queria deitar, olhar minhas estrelas para dormir e sonhar com ele.

— E você acha que está indo aonde? — ela perguntou me seguindo pelo corredor. *Droga! Ela não esqueceu.*

— Para o meu quarto.

— Você acha mesmo que só porque me pegou em uma situação, digamos, delicada, vai conseguir fugir do meu questionário do primeiro encontro? — Ela entrou no meu quarto logo depois de mim e se sentou na minha cama. Eu não a respondi, continuei fazendo minhas coisas.

— Ele é bonito? — ela perguntou sorrindo. — É inteligente? Bom de papo? Beija bem? — E continuou fazendo uma lista gigantesca de perguntas e eu sabia que ela não sairia dali enquanto eu não respondesse. Então resolvi dar algo para ela imaginar.

— Ele não é bonito — falei pausadamente e percebi que ela estava se preparando para falar que eu estava mentindo quando completei a frase. — Ele é só o cara mais lindo do mundo — Ou pelo menos é o cara mais lindo do meu mundo.

— Meu Deus! Você saiu em um encontro com o Ian Somerhalder? — Ela riu e continuou. — E o que mais? — Ela estava sorrindo empolgada.

— É inteligente e excelente de papo.

— E o beijo?

— Não rolou — respondi dando de ombros.

— Mentirosa.

— É verdade. — Eu ri. — Não que eu não tenha me oferecido — falei brincando.

— Você é uma piriguete oferecida mesmo. — Ela riu. — Fala sério, até eu te beijaria se você se oferecesse para mim. Tem certeza que não ele não é gay?

Sentei do lado dela na cama, molhei meus lábios e fiz biquinho para o lado dela.

— Se foi desse jeito que se ofereceu, eu entendo o porquê do cara ter te rejeitado — ela disse gargalhando.

Dei um soco de leve no seu braço e ri junto com ela.

— Agora sai da minha cama que a piriguete oferecida aqui precisa dormir. — A enxotei do meu quarto e me deitei.

Assim que encostei a cabeça no travesseiro, tudo o que aconteceu no dia passou na minha mente em câmera lenta. Eu queria confiar plenamente em tudo que ele me falou, queria fingir que congelamos no tempo e nada entre nós mudou, mas no fundo eu sabia que tinha mais alguma coisa.

É ele, sempre foi ele, mas eu fui machucada demais para saltar sem olhar se a pessoa realmente estará lá para me segurar, palavras são muito fáceis de serem ditas, atitudes é que são difíceis de serem tomadas.



Logan

- ALGUNS MESES ANTES -

Destranquei a porta do quarto de hotel, era um hotel fuleiro de beira de estrada, ficamos cansados demais para virar a noite viajando. Na porta estava escrito “noite estrelada”, cada quarto tinha um tema diferente. Eu estava louco para pegar o do Game of Thrones, mas a Sarah falou que não queria que nossa primeira noite juntos como um casal fosse em um quarto onde deve ter sangue e peitos para todo lado. Então, deixei que ela escolhesse.

— Ei, é tradição entrar com a noiva nos braços — ela falou segurando meu braço.

Ela passou seus braços em meu pescoço e eu a tirei do chão. Tive que usar um pouco de força para passar pela porta com aquele imenso vestido branco, não sei por que existem tantas camadas, isso só vai servir para me dar mais trabalho.

Coloquei-a no chão assim que passamos pela porta e acendi o interruptor. Ela cambaleou para frente, eu tentei segurá-la, mas não fui rápido o suficiente e ela caiu em cima da cama rindo.

— Isso não foi como eu esperava — ela comentou.

— Desculpa — respondi a levantando e dando um beijo de leve em sua boca.

Eu ainda não estou acreditando que agora sou um homem casado. A única coisa que sei é que pretendo fazê-la muito feliz.

O quarto era bem pequeno, as paredes eram de um azul marinho quase preto e repleto de desenhos de estrelas em diversos tamanhos. Bem mal feitas, mas resolvi não comentar e estragar mais ainda a situação.

Eu me sentei na cama e ela sentou em meu colo.

— Adde, eu preciso muito de um banho antes de consumir nosso casamento.

Não sei por que a escolha de palavras dela me deixou desconfortável.

— Sem problemas.

— Quer me acompanhar? — ela perguntou com um sorriso malicioso no rosto.

— Não.

O sorriso em seu rosto desapareceu.

— Qual é Sarah, não me obrigue a revelar a surpresa, vai tomar seu banho — falei me levantando, colocando-a em pé.

— Você tem uma surpresa para mim?

Concordei com a cabeça e o sorriso rapidamente voltou.

— Então só me ajude a me livrar desse troço — ela falou apontando para os milhares de botões nas costas do vestido.

Depois do que pareceu uma vida inteira finalmente eu alcancei o ultimo botão. Beijeí sua nuca e acaricieí suas costas nuas.

— Não demore — sussurrei no seu ouvido.

Ela jogou a cabeça para trás e me deu um beijo rápido antes de se trancar no banheiro.

Fui até o carro e peguei nossas malas. Eu havia prometido uma noite perfeita para ela, então é isso que ela teria, por mais que o lugar não fosse.

Troquei a roupa de cama do hotel por uma que eu havia trazido e enchi o quarto com pétalas de rosas – que já não estavam tão boas pelas horas de viagem – e velas aromáticas. Quando achei que estava tudo o mais próximo da perfeição que eu conseguiria alcançar naquele lugar, guardei as coisas e me joguei na poltrona ao lado da cama para esperá-la.

Olhei para cima e me deparei com uma imagem familiar, o teto estrelado com estrelas fluorescentes de plástico. Uma lembrança foi enchendo meu cérebro, do mesmo modo que aconteciam todas às vezes depois daquele dia, quando eu menos esperava as memórias voltavam como se nunca tivessem saído de lá. Ao contrário das outras lembranças, que me deixavam com um leve comichão de saudade, essa fez meu corpo inteiro suar frio, por que junto com a familiaridade, veio a imagem dela sob aquelas estrelas no meu quarto, na minha cama.

— Logan, você me fez ver estrelas. — Ela riu no meu peito. Fazendo-o saltar de alegria. Eu mal podia me conter ali, eu queria gritar para todo mundo que eu estava apaixonado pela garota mais incrível e que eu sentia muito por eles, mas ela me amava também.

Então ela apontou para o teto do quarto e eu acompanhei seu dedo. As estrelas que minha mãe havia colado no teto quando eu era pequeno brilhavam no escuro.

— Droga, e eu achando que tinha arrasado — brinquei.

Ela levantou o rosto, aqueles olhos caramelos brilhavam mesmo no escuro, o cabelo escuro sempre bem arrumado, estava uma zona, os cachos pulavam rebeldes para todos os lados e um sorriso divertido brincava em seus lábios.

— Você está linda — sussurrei e ela deu um soco no meu peito.

— Você é um mentiroso. — Ela riu. — Meu cabelo deve estar uma bagunça.

Ela passou a mão por ele tentando ajeitar os fios, mas segurei seu braço para impedi-la de continuar.

— Eu adoro seu cabelo do jeito que está.

Ela revirou os olhos e puxou a mão para continuar arrumando os fios com os dedos.

— É sério, eu adoro saber que ele está assim por que você dormiu comigo. Por saber que você estava aproveitando tanto que nem se importou com o cabelo. — Sorri para ela antes de continuar. — Por mim você ficaria com o cabelo assim o dia inteiro.

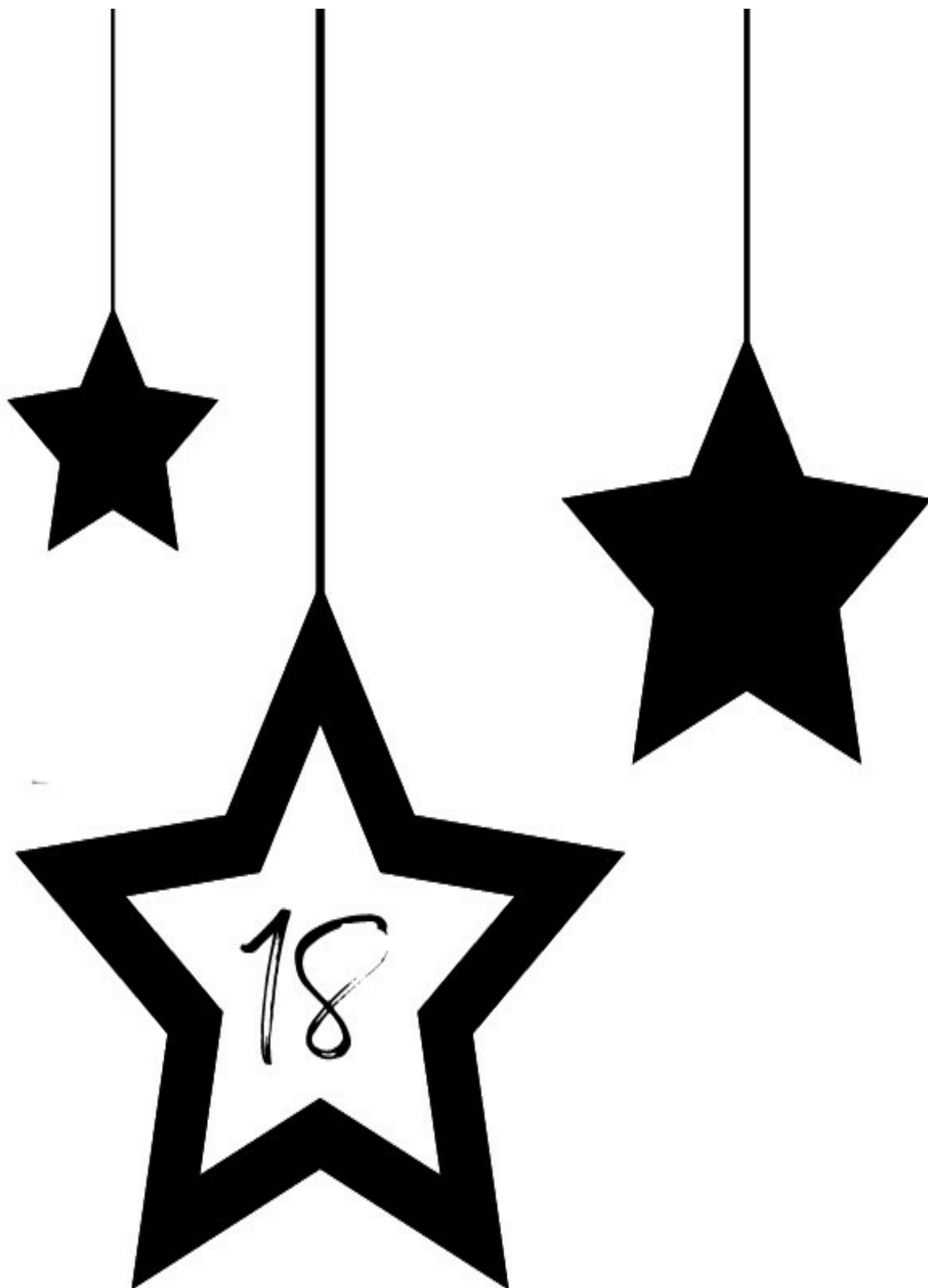
Ela riu alto.

— *Seu pervertido.*

A porta do banheiro abriu me arrancando das minhas lembranças.

— Adde — a mulher na porta me chamou sedutoramente.

Ela estava completamente nua. O cabelo loiro cobria os seios fartos e nada mais cobria o resto.



Giovana

— Agora me explica o que está acontecendo entre você e o Bruno — perguntei quando eu e a Cami nos sentamos para almoçar no restaurante que ficava ao lado da faculdade. Era pequeno, mas a comida era deliciosa e por isso costumava ficar lotado todos os dias, por sorte nós havíamos sido liberadas mais cedo da última aula e conseguimos um lugar.

A Cami se mexeu sem jeito na cadeira. Era engraçado estar pela primeira vez na situação invertida, sempre era ela quem conseguia me deixar assim com suas infinitas perguntas sobre cada detalhe da minha vida amorosa e do desempenho dos meus parceiros.

— Não está acontecendo nada — ela respondeu sem me olhar nos olhos e colocou o canudo do suco que havia pedido na boca, para que não precisasse falar mais nada.

— Claro, não era você seminua em cima dele ontem, né? — perguntei sarcástica.

Ela engasgou com o suco e finalmente me olhou.

— Esquece isso, por favor — implorou choramingando e fazendo biquinho, mas isso não funciona comigo como funciona com os rolos dela, alias, não me afeta em nada esse olhar de cachorro sem dono.

— Eu adoraria esquecer essa cena, mas ver você pelada não é algo fácil de esquecer.

— Obrigada — ela falou sorrindo convencida.

— Isso não foi um elogio, Cami — respondi rindo. — Eu estou traumatizada.

— Claro que foi um elogio. Você acabou de dizer que meu corpo é inesquecível.

— Meu Deus, esse mundo é pequeno demais para um ego desse tamanho.

Ela me mostrou a língua.

— Eu meio que sinto alguma coisa por ele — ela admitiu.

— Você o que? — quase gritei. — O coração gelado está derretendo?

Ela riu.

— Eu acho que sempre gostei dele, só não sabia disso, pelo menos não até ele me beijar. Foi como uma explosão no meu peito. — Ela abriu um sorriso largo sonhador.

— Eu sei como é isso — respondi lembrando a primeira vez que me senti assim. — Só espero que você saiba onde está se metendo, não vou te passar um sermão, mas ele é casado e isso é errado, Cami.

— Não é assim, Gi. Eu não posso te contar, mas confia em mim.

— Eu confio, mas você o conhece quanto tempo? Duas semanas? Não está indo tudo um pouco rápido demais?

— Eu o conheço há quatro anos, Gi. O conheci pouco depois de nos mudarmos.

— O que?

— Só confia em mim, por favor, não posso responder suas perguntas.

— Tudo bem — respondi sem querer pressioná-la mais.

— Obrigada — ela falou e me puxou para um abraço.

— Mas vou ter que ter uma conversa com o Bruno, sabe como é, né? Tipo, se ele quebrar seu coração eu terei que quebrar a cara dele, coisas do tipo.

— Se ele quebrar meu coração eu mesma arrebento a cara dele, não se preocupe. Agora eu quero saber de você, Gi. Estou muito preocupada. As coisas que aconteceram com o Vitor e agora esse carinho novo que apareceu do nada. Você não acha que está apressando as coisas?

Eu queria contar tudo, queria alguém para passar a mão na minha cabeça e falar que eu podia chorar até todo esse bolo que insiste em permanecer na minha garganta ir embora.

Foi tanta coisa que aconteceu nesses últimos dias que eu mal tive tempo de processar tudo. Eu não consigo definir meus sentimentos, é tudo um misto de raiva com tristeza. Por ter me deixado confiar em alguém que só queria me machucar, alegria e angustia por ter descoberto que o Logan está vivo e ter ficado sem ele por sete anos. É um sentimento de liberdade junto com o de aprisionamento, o passado ficou mais leve, mas se tornou um segredo maior do que já era. Era fácil esconder as coisas quando não havia nada que me ligava ao que aconteceu, mas como eu poderia fingir todos os dias que ele não significa nada, que ele é só um professor qualquer da faculdade, quando a verdade está tão longe disso.

Então, por tudo isso eu forcei um sorriso e respondi que estava tudo bem.

— Você é uma péssima mentirosa, mas quando estiver pronta para conversar sabe quem procurar.

A conversa depois disso tomou rumos mais seguros, e almoçamos sem tocar mais em temas delicados.

Já era quase uma hora quando a Cami levantou da mesa em um salto percebendo que estava atrasada.

— Eu combinei de chegar mais cedo no estágio hoje, preciso ir andando, o Dr. Scott pediu para fazer umas coisas para ele fora do campus.

Levantei com ela e também e tomei meu rumo para a sala do Sr. Alexandre.

Ele já estava na porta lendo um papel que estava em suas mãos quando cheguei na sala.

— Boa tarde, Sr. Alexandre.

Ele levantou os olhos do papel e sorriu para mim.

— Boa tarde, Giovana.

— Em que posso ser útil hoje?

— Eu queria que você fizesse um favor não muito educativo para mim. Será que entrega esses convites para os professores? — ele falou apontando para onde os convites estavam. — Se

eles não estiverem na sala pode colocar o convite por baixo da porta. Isso já era para estar com eles desde o início da semana, mas só hoje chegou da gráfica.

Já estava saindo quando ele me chamou novamente.

— E Giovana, o seu convite está no meio desses.

— Meu convite?

— Sim, agora você é membro do corpo docente da faculdade.

— Então quer dizer que estou convidada para festa de abertura do período letivo?

— Claro que está.

Sorri e o agradei antes de sair da sala, isso vai ser ótimo.

Deixei o convite do Logan por ultimo. Caminhei lentamente até a sala com a plaquinha “Dr. Adrian Scott”. Encarei aquilo por algum tempo antes de bater na porta.

Eu estava ansiosa para vê-lo novamente, mas ao mesmo tempo receosa de que talvez tudo não passasse de um fruto da minha imaginação. Depois de tudo que passei naquele lugar, era difícil não pensar que eu poderia estar sendo enganada novamente pela minha própria cabeça.

Ele abriu a porta e sorriu para mim.

— Logan — falei levando minha mão a boca logo em seguida.

Seus olhos se estreitaram.

— Você não pode me chamar assim aqui — ele falou me dando passagem para entrar na sala e observando se não havia ninguém nos corredores que pudesse ter escutado.

— Me desculpe, Dr. Scott. Só estou aqui para te entregar isso — falei estendendo o convite para ele.

Ele analisou por alguns segundos.

— Nós precisamos conversar — falou nervoso.

Eu odeio essa frase. Ela nunca é seguida de notícias boas. As conversas nunca são agradáveis.

— Claro, é tudo que temos feito — respondi sentando na cadeira de frente para sua mesa enquanto ele deu a volta e se sentou na cadeira dele.

Ele pegou uma caneta e começou a revirar nos dedos.

— Primeiro quero que você saiba que pretendia te contar isso ontem, mas depois que me contou sobre as alucinações eu não soube como falar.

Meu coração gelou, eu sabia que não era só aquilo. Eu sabia que tinha mais coisa.

— Fala logo... — Pedi nervosa.

— Então, hoje à noite terá a palestra de abertura do semestre. E todos os professores novos serão apresentados.

— É, eu sei como funciona, essa é a sétima abertura que assisto.

— Então você sabe que depois da palestra tem uma recepção para os professores e funcionários.

— Claro, por isso vim te entregar esse convite, para a recepção.

— Você é uma funcionária agora e também recebeu um convite.

— Sim, eu sei — falei levantando meu convite. — Você está todo tenso assim por causa de uma recepção? Não precisa se preocupar. Se quiser nem olho em sua direção — falei chateada por ele achar que eu deixaria algo assim acontecer.

Peguei o convite dele em cima da mesa e reparei nos dois convitinhos presos em um clipe, um com nome dele e o outro escrito “Acompanhante”.

Ele passou a mão pelos cabelos antes de voltar a falar.

— Não é isso, é...

— Você tem uma acompanhante — o cortei.

Ele concordou com a cabeça.

Eu não respondi, pois eu não tinha o que falar. Eu não poderia ficar com ciúmes, pois ele provavelmente nem sabia que me encontraria quando convidou a outra pessoa. E até onde eu sei, nós não somos nada além de ex-namorados. É uma droga pensar nessa palavra, por que eu nunca o imaginei como um ex qualquer coisa para mim, mas é o que somos.

O Sr. Alexandre abriu a porta da sala sem bater e caminhou até o meu lado na mesa.

— Adrian, preciso daquela lista dos candidatos para a bolsa — ele pediu.

O Logan abriu a gaveta e tirou uma pasta lá de dentro e a entregou ao Sr. Alexandre.

— A Sarah vai poder vir para a recepção hoje? — Sr. Alexandre perguntou reparando o convite em cima da mesa.

— Ela está ansiosa — ele respondeu parecendo pouco confortável com o assunto.

Por que o Sr. Alexandre conhece a acompanhante do Logan? Será que ele a namora? Ele descobriu que eu estava viva, falou toda aquela baboseira ontem sobre ter me esperado dez anos, mas continuou namorando alguém mesmo depois de se lembrar de mim?

— Tenho certeza que a Giovana vai se dar muito bem com ela — Sr. Alexandre falou.

Ele colocou a mão no meu ombro e sorriu antes de prosseguir.

Não tenho tanta certeza assim.

— A mulher dele é um encanto, além de ser muito inteligente e herdeira de um grande império.

Mulher? Ele é casado? Ele se casou com alguém?

Foi quando uma imensa ficha caiu na minha cabeça. Claro que ele tem uma mulher, toda a história do email, a loira maravilhosa que havia entrado no escritório exigindo a chave, como eu deixei isso passar? Eu estava tão aérea com tudo isso que nem sequer liguei os pontos que estavam bem em frente meus olhos.

Trinquei meus dentes em um sorriso forçado para não deixar nenhuma palavra escapar da minha boca.

— Já entregou todos os convites, Giovana?

— Sim — respondi me levantando, pronta para sumir dali.

— Espera, Giovana. Preciso só ter uma conversa breve sobre a bolsa do trabalho que vai fazer comigo. Importa de me emprestá-la por mais alguns minutos, Alexandre?

— Sem pressa. Podem conversar a vontade.

— Obrigado.

O Sr. Alexandre saiu da sala e nos deixou sozinhos novamente.

— Você se casou — falei assim que a porta se fechou.

Eu poderia aceitar uma ficante, um namoro, talvez até um noivado, mas casamento?

Ele me superou a ponto de prometer passar a vida inteira ao lado de outra pessoa, enquanto eu mesmo sabendo que nunca teria uma segunda chance, pois ele estava morto, ainda não o tinha superado.

— Eu não me lembrava — ele falou cobrindo o rosto com as mãos.

Merda. Merda. Merda.

— Sete anos se passaram, Dr. Scott. Você não me deve explicações, você é meu professor. E a partir de agora essa é a única coisa que você vai ser — falei séria. — Espero que me escolha para o projeto porque meu trabalho foi bom e não por eu ser quem sou, dou muito duro para ganhar privilégios.

— Seu trabalho foi excelente — ele respondeu. — Nunca iria te privilegiar só por ser quem é.

Doeu para caramba falar isso, mas eu não posso me fazer de amiga enquanto é para outra que ele se entrega por inteiro. Meus olhos começaram a lacrimejar e eu virei de costas para que ele não visse, enquanto eu me esforçava para manter as lágrimas lá.

— Mel...

— Não, meu nome é Giovana. Nunca mais me chame de Melissa, Mel ou qualquer outro apelido que já significou algo para mim. Para nós.

Eu sabia que sete anos era muito tempo para qualquer outra pessoa, mas eu sempre achei que nossa história estaria imune a qualquer coisa, achei que nem o tempo poderia mudar isso, mas o tempo me apagou do coração dele e eu espero que ele faça o mesmo comigo, por que agora está doendo para cacete.

Sai da sala e corri para o banheiro, respirei fundo para me acalmar, demorou algum tempo, mas os tremores cederam. Eu não posso me dar o luxo de ter ataques nervosos.

Passei o resto do dia enfurnada na sala do Sr. Alexandre. Cada vez que alguém batia na porta meu coração gelava de medo de que fosse ele.

Faltava meia hora para o fim do estágio quando o Sr. Alexandre me liberou falando que era

para eu ter um tempinho extra para me arrumar, já que sabe como as mulheres são.

— Obrigada Sr. Alexandre, mas não precisa, não tenho certeza se vou.

Um dia atrás eu com certeza seria a primeira a confirmar a presença, mas saber que terei que ver o Logan a noite inteira com outra mulher, não com uma mulher qualquer, com a mulher que ele aceitou passar o resto da vida junto, fez com que eu mudasse de ideia. Eu não sei se conseguiria ter uma conversa produtiva com ninguém e não quero que me tenham como uma idiota.

— Você tem que ir, é uma ótima oportunidade para aumentar seu network. — Ele abriu um sorriso amarelo. — Lembre-se, não deixe nada atrapalhar o seu caminho até o sucesso, você sabe aonde quer chegar, então não perca nenhuma oportunidade.

Alexandre e suas frases. Por mais que eu odiasse admitir, meu pensamento mudou quando ele disse isso. Já estou emocionalmente ferrada, eu vou deixar que o cara que me fez ficar assim me deixe também sem uma carreira? Nesta recepção além dos professores e funcionários vão vários figurões convidados. É sempre bom conhecer pessoas influentes.

Meu coração vai ter que aprender a parar de acelerar quando o vê, pois eu estou decidida a esquecê-lo.

— O Senhor tem razão, vai ser ótimo.

— Te vejo lá então.

Ele saiu andando e eu peguei meu celular para ligar para Camila.

— Oi, Gi — ela atendeu.

— O que vai fazer hoje depois das palestras?

— Acho que vamos fazer o que você está prestes a falar.

— Vamos a recepção dos professores.

— Mas não é fechado só para os funcionários?

— Sei que passou o dia de hoje fora da faculdade, mas pelo que lembro você é uma estagiária.

Ela soltou um gritinho do outro lado.

— Comida e bebida de graça.

Eu gargalhei.

— Claro, é por isso que vamos, sua morta de fome.

— E por que poderemos arrumar uma bocada que nos deixará ricas.

— Tá pensando em dar o golpe da barriga em alguém?

— Quem sabe — ela respondeu brincalhona. — Eu preciso desligar. Até mais tarde.

— Tchau, Cami.

Estava saindo da sala do Sr. Alexandre e dei de cara com o Logan.

Eu preciso muito começar a jogar alguma coisa, eu devo ser muito sortuda no jogo.

— Você mora com a Camila? — ele perguntou de supetão.

— Moro.

— Caramba, ela podia ter me visto lá no outro dia.

— É, poderia ter chegado ao ouvido da sua mulher que você passou a noite com outra.

— Não distorça as coisas, não aconteceu nada entre nós. E não é nada...

— Eu estou indo embora — o cortei.

Ele bufou.

— Te vejo mais tarde na recepção.

— Infelizmente — falei baixo, mas ele escutou.

— Eu...

— Boa noite.

Desviei dele e corri para o carro. Torcendo para que ele não ligasse aquele e-mail a ela, agora que já sabia quem era minha companheira de apartamento. Ainda estou inconformada comigo mesma por não ter ligado os fatos antes. Nem me lembrei desse maldito e-mail. Fiquei tão iludida com a possibilidade de tê-lo de volta que nem estava raciocinando direito para juntar os pedaços e ver o óbvio. Eu já havia até conhecido a mulher dele e não me lembrei.

Quase meia hora depois, cheguei em casa. Assim que tranquei a porta parece que todo o peso da notícia recaiu sobre meus ombros. Encostei na porta e deixei meu corpo cair. As lágrimas inundaram meus olhos no mesmo instante.

— Muito obrigada, vida! — gritei para as paredes.

Eu sei que muitas pessoas passam por coisas muito piores, e às vezes me sinto mal quando reclamo de coisas assim, quando tem muita gente morrendo de fome e frio em algum lugar do mundo. Porém acho que depois de uma tentativa de estupro, o reencontro do amor da minha vida morto e a descoberta dele estar casado, eu posso cair um pouco no poço de auto piedade.

— Gi?

Levantei os olhos e vi o rosto borrado da Camila através das lágrimas.

— Você voltou cedo — gaguejei.

— O que aconteceu?

— Nada.

Ela abaixou e me abraçou e eu chorei mais ainda no seu ombro.

— Eu sinto muito, Gi — ela falou. — Pode chorar, libera tudo.

Ficamos ali por quase meia hora até os soluços pararem.

— É apavorante te ver assim, eu nunca tinha te visto chorar — ela comentou.

— Eu achei que tudo de ruim já tinha acontecido, que depois daquilo nada mais aconteceria.

— Depois de que? Do que você está falando?

— Uma coisa horrível que aconteceu sete anos atrás.

Ela uniu as sobrancelhas, eu nunca tinha mencionado o meu passado para ela. E certa vez até brigamos quando ela insistiu. Então ela se manteve em silêncio.

— Foi horrível, Cami. Eu não quero ficar sozinha novamente.

As cenas passaram vividamente pela minha cabeça.

— Eu não vou te deixar sozinha — ela falou apertando a minha mão.

Eu sorri para ela.

— Obrigada por dizer isso, mas nem você pode garantir que estará aqui para sempre.

Eu a abracei e me levantei do chão indo em direção ao quarto me arrumar.



Giovana

Fiquei encarando o guarda roupas por cerca de meia hora, tirei e experimentei quase todas as roupas que tinham lá dentro até decidir que nada ali estava bom o suficiente para uma recepção. Eu já havia usado todas elas várias vezes e nada me parecia profissional e ao mesmo tempo despojado, ou eram muito sérias, ou muito largadas. Por que eu não fui comunicada antes para poder planejar minha roupa?

Saí do meu quarto e fui em busca da minha única esperança, o guarda roupas da Cami, ela tem uma boutique inteira que nunca foi usada dentro daquelas portas.

— Eu não tenho roupa — falei encostando ao batente da porta do quarto dela.

Ela parou de passar o blush na bochecha e me olhou de cima a baixo e um sorriso lentamente se abriu em seu rosto.

— Eu sei — ela falou voltando o olhar para o espelho.

— Sabe?

— Claro, conheço suas roupas de trás pra frente, já que é uma das poucas mulheres que é tão mão de vaca quando o assunto é roupa nova. Eu sabia que você perceberia tarde demais que não tem o que vestir e queria que você arrasasse, então comprei um presentinho.

Não é como se eu odiasse fazer compras, mas não tenho dinheiro para esbanjar com esse tipo de coisas como a Cami. Então tenho que me ater a comprar somente o necessário e nada mais.

Ela terminou de passar o Blush nas bochechas e sorriu para si mesma no espelho, então se levantou e foi até a sala onde pegou uma sacola preta com um escrito dourado. Daquele tipo que percebemos que veio de uma loja bem cara só de olhar.

— O que falamos sobre presentes, Cami? — perguntei revirando os olhos.

— Deixa de ser chata — ela falou revirando os olhos. — Foi baratinho, vai lá experimentar.

— Eu vou te pagar por isso — falei pegando a sacola da mão dela.

— É um presente — ela respondeu sacudindo a cabeça. — Não quero que me pague nada.

— Você me mima demais.

— Não vejo qual o problema disso. O dinheiro é meu, eu gasto com o que eu quiser, e você vai aceitar tudo que eu quiser te dar — respondeu me empurrando para dentro do quarto com a sacola na mão. — Agora vai se vestir, quero ver como vai ficar.

Entrei para o quarto, ansiosa para descobrir o que tinha dentro da sacola, se havia alguém na terra que sabia o que era ter bom gosto para roupas, esse alguém era sem dúvidas a Cami.

Era uma blusa peplum branca com manga três quartos e uma calça jeans skinny escura, que

ficou incrível no meu corpo. Aumentou o peito, que eu quase não tenho e afinou a cintura. Finalizei com meu brinco e colar de pérolas, as únicas coisas que eu ainda tinha da minha mãe, e um salto preto daqueles que eu me arrependerei de ter escolhido, mas que ficou maravilhoso com o look.

Olhei no espelho e sorri animada com o resultado. A primeira coisa que pensei foi o que o Logan acharia. Obriguei a apagar esse pensamento no mesmo instante, mas com toda certeza ele se arrependeria amargamente de ter me trocado quando me visse.

Mande um beijo para o meu reflexo e segui para o quarto da Cami.

— Então? — perguntei dando uma rodadinha para Cami poder ver o look completo.

— Você deveria totalmente me contratar como personal style — respondeu satisfeita com o resultado do seu presente.

— Você arrasa sempre, obrigada.

— Isso foi um elogio? — ela perguntou sorrindo.

— Claro que não, nunca — respondi revirando os olhos. — Por que você esperou eu ficar uma hora escolhendo alguma coisa antes de me dar isso?

— Eu queria que você se atrasasse, assim a culpa não seria minha. — Ela deu de ombros. — Sabe, acho que não deveríamos ir às palestras.

— Eu adoraria não ir às palestras — falei sorrindo.

Ela me olhou por um instante antes de caminhar e colocar a mão na minha testa.

— Você está com febre? Passando mal?

Eu ri e tirei a mão dela de mim.

— Só não estou a fim de assistir aquela mesmice de sempre.

Claro que a verdade estava longe de ser essa, mas serviria para distrair a Cami. Quero evitar o Logan o máximo que eu consegui, e ter que assisti-lo dando uma palestra não vai me ajudar em nada.

— Eu com certeza iria só para assistir o Dr. Scott falando. Tenho tanta sorte por poder admirá-lo todos os dias — falou sonhadoramente.

— Ele nem é isso tudo — falei querendo acreditar nessas palavras mais do que tudo.

— Com certeza, ele é muito mais que tudo isso. Tem uma menina do segundo período que aparece lá na sala dele cada dia com uma roupa mais curta e fica falando coisas com duplo sentido, ele sempre finge não entender, faz de bobo, mas ela não desiste. — Cami bufou. — Você deve saber quem é. Ela andava muito com o Vitor antes de vocês namorarem.

Fiz uma careta para o nome.

— A Beatriz? — desdenhei. — Essa menina vive correndo atrás dos cinco minutinhos de fama, por isso ela vivia colada nele.

— Um dia desses ouvi no banheiro uma das amigas dela falando que ela decidiu que esse ano ia colecionar professores, queria ficar com todos, mas que o grande desafio era a “carne

nova” — Cami falou fazendo o sinal de aspas com as mãos.

— Boa sorte para ela, então — respondi tentando fingir que a novidade não me abalara em nada.

Eu queria falar que não ligo e não me incomoda saber isso, mas não sou tão madura assim. Estou me mordendo de ciúmes, mais do que jamais senti em toda a minha vida. A cada vez que o imagino tocando outra pessoa da maneira que ele me tocava, fazendo sentir as coisas que eu queria estar sentindo em seus braços, um pedaço do meu coração se quebra. É involuntário.

A vida seria tão mais fácil se fôssemos capazes de controlar nossos sentimentos, um interruptor a ser desligado quando não fôssemos correspondidos.



O salão de festas da recepção estava maravilhoso, luzes coloridas iluminavam a fachada dando um ar moderno e chique ao mesmo tempo. Estacionei o carro no imenso estacionamento que ficava ao lado do salão e segui para a pequena fila na estrada com a Cami.

Havia vários recepcionistas, conduzindo de um a um os convidados para suas respectivas mesas. Entregamos nossos convites quando chegou a nossa vez.

— Sejam bem-vindas — o recepcionista falou com um sorriso encantador. — Vou conduzi-las até a mesa de vocês, me acompanhem, por favor.

O seguimos pelo salão, todo o local estava decorado com grandes arranjos com flores claras, lustres enormes desciam do teto, eu estava encantada.

— Eu não sabia que era tão chique assim — Cami sussurrou no meu ouvido.

Várias mulheres caminhavam pelo salão com vestidos longos, mas lembro bem que no convite estava escrito esporte fino, se tem alguém aqui indo contra a etiqueta são essas mulheres e não nós.

Sentamos em uma mesa vazia de oito lugares, em frente cada cadeira tinha um prato com guardanapo de pano e um pequeno cardápio, tudo muito bem arrumado.

— Será que vamos sentar com o Dr. Scott? — Camila perguntou animada.

Quando a ficha caiu que isso provavelmente aconteceria uma onda de ódio me envolveu, maldita hora que decidi vir. Ela era estagiária dele, então é bem provável que nos coloquem na mesma mesa. E assim terei que socializar a noite inteira com a mulher dele, que mesmo não tendo culpa de nada, eu odeio, pois ela tem a única coisa que eu sempre desejei mais que tudo. Sim, estou morrendo de inveja dela. *Essa noite vai ser ótima.*

— Ele vem com a mulher — comentei mal-humorada, mas tomando cuidado para isso não aparecer na minha voz.

— Ele é casado? — ela perguntou me olhando assustada.

— Aparentemente sim. Se esqueceu do e-mail que você fez o favor de responder por mim?
— Fiz minha melhor cara de sínica para cutucá-la.

— Ele não usa aliança, achei que tivesse namorada, não que fosse casado. Eu nunca deixaria um marido como aquele desfilar sem aliança no meio de uma universidade como essa.

Assim que ela terminou de dizer isso os dois se aproximaram. Eu me revirei na cadeira e olhei para o outro lado. Fingindo que não os tinha visto chegar.

— Obrigada — A mulher dele agradeceu ao mesmo homem que tinha nos levado até lá.

— Boa noite, Dr. Scott — Camila cumprimentou.

Eu me virei para olhá-los, não querendo bancar a mal-educada.

— Boa noite meninas, essa aqui é minha mulher, Sarah Scott.

Odiei como ele nos chamou de “meninas” como se ainda fossemos crianças.

— É um prazer, eu sou a Camila, a estagiária. — Cami estendeu a mão para cumprimentá-la e me cutucou me obrigando a fazer o mesmo. Não consegui falar nada, apenas sorri da melhor maneira que consegui.

— Essa é a Giovana, a mais nova orientada dele — Cami prosseguiu percebendo que eu não falaria nada.

— Não sabemos isso ainda — respondi.

Ele me elogiou, mas ainda não havíamos recebido a carta de aceitação pelo correio.

— Claro, nos conhecemos no outro dia. Desculpe por aquele dia, o Adde me explicou toda a confusão que eu causei — ela falou sorrindo, sendo simpática, mas pareceu que não consegui escutar mais nada depois de “Adde”.

Adde! Adde! Adde! Ela tem um apelido para ele, um apelido carinhoso.

Eu a odiei mais ainda por estar desenvolvendo o papel que foi meu um dia. O papel de companheira, amiga, amante. E acima de tudo, eu a odiei por tirar isso de mim depois de me quebrar completamente.

Eu estava a encarando quando a Cami me deu um cutucão me fazendo voltar a realidade.

— Sem problemas — gaguejei em resposta.

Todos se sentaram a mesa.

— Qual o seu problema? — Cami sussurrou ao meu ouvido.

Eu apenas balancei a cabeça para ela esquecer isso.

Logo os outros assentos foram ocupados e em pouco tempo o constrangimento passou e estávamos em uma discussão sobre política. Ou melhor, eles estavam.

Eu tentei entrar no assunto várias vezes, mas cada vez que eu começava a formular alguma ideia, aqueles olhos em mim me faziam esquecer qualquer outra coisa que se passava pela minha cabeça. O que me deixava um pouco constrangida e com raiva. Ele estava com a mulher dele ao lado, como podia ficar me encarando dessa maneira?

Estava tão incomodada com aquilo que decidi que a melhor coisa seria sair daquela mesa. Então pedi licença e me retirei, a princípio pensei em me esconder por uns minutos no banheiro, mas decidi tomar um ar na varanda. Encostei na grade e respirei fundo. Deixando a brisa refrescar meus pensamentos.

— A festa está tão ruim assim?

Virei e encontrei o Sr. Alexandre me encarando da porta que dava para a varanda.

— Está muito quente lá dentro — menti, eu andava muito boa nisso ultimamente.

— Se você está com calor nessa roupa, imagina como eu estou me sentindo dentro desse terno — falou brincalhão.

— Alexandre, quanto tempo. — Uma mulher, que usava um vestido longo, muito chique para a ocasião, o envolveu em um abraço.

— É um prazer revê-la, Dominique — ele disse correspondendo ao abraço um pouco sem jeito.

A mulher o soltou e ele me apresentou a ela.

— É um prazer, querida. Lembro quando fiquei em primeiro lugar na minha época. Sorte que pude ver que essa loucura de dar aula não é para mim.

Ela riu.

— Dominique é fundadora da rede Mais saúde.

Quando ele mencionou percebi a semelhança com a mulher mais jovem que havia no quadro no corredor das salas dos professores, onde ficavam penduradas as fotos dos alunos “brilhantes” da faculdade.

— O prazer é todo meu — respondi estendendo a mão para cumprimentá-la.

— Nós esperamos grandes coisas dessa aqui também — Sr. Alexandre falou se referindo a mim.

— Ela não chegou ao primeiro lugar por sorte, tenho certeza que o futuro lhe reserva uma fortuna. — Ela sorriu. — A não ser que decida seguir a área acadêmica.

O Sr. Alexandre riu e balançou a cabeça.

— Você não desiste, não é?

— Eu só não consigo entender quem recusa um salário de seis dígitos para poder viver essa vida corrida de professor.

Salário de seis dígitos? E eu vivendo com meus míseros três. Se conseguir a bolsa talvez chegue aos quatro e já estou rindo a toa com isso.

— Nenhum dinheiro me dá a satisfação que eu tenho em formar pessoas bem-sucedidas como você, Dominique.

— Mas pode comprar outras coisas bem legais — ela comentou brincando. — Eu nunca vou entender isso.

— Não posso negar, eu ficaria no mínimo tentada — respondi.

— Eu não disse que não é uma proposta tentadora, ainda mais nos dias que aparecem aqueles alunos que não querem saber de estudar e choram por qualquer meio ponto.

— Falando nisso, será que vai rolar pontinho por eu ter vindo aqui hoje? — perguntei brincalhona.

Ele me olhou de cara feia.

— É disso que eu estou falando, acham que tem que ser recompensados por fazer o que devem.

— Eu acho que ela merece um pontinho. Eu mesma só vim para ganhar meus pontinhos com os diretores — Dominique falou.

Ele riu.

— Você nunca precisou de pontinhos extras, e posso dizer o mesmo da Giovana.

— Não é questão de não precisar, é só pelo incentivo. Mesmo que seja uma coisa supérflua, nos deixa incentivados a um maior esforço quando podemos ganhar algo em troca. Todos aqui estudamos gestão de pessoas, sabemos que qualquer um trabalha melhor quando se tem um estímulo — comentei.

Ela me olhou, como se me analisasse por uns segundos.

— Talvez você possa ser de grande valia para mim também, Giovana. — Ela tirou um cartão de dentro da mini bolsa e o estendeu para mim. — Se perceber que a área acadêmica não lhe atrai eu poderia fazer bom uso de alguém como você.

Agradei pela oferta e peguei o cartão. Então ela pediu licença e foi conversar com um outro grupo de pessoas que estavam ali por perto.

Eu estava sorrindo olhando para aquele cartão. A Dominique formou nessa mesma faculdade e em menos de cinco anos ficou milionária com sua rede Mais saúde, empresa que vende produtos naturais, programas de saúde, alimentação para dietas e conta com uma cadeia de academias por todo país.

— Como eu disse, essa recepção é ótima para aumentar seu Network — Sr. Alexandre falou me tirando do meu devaneio.

Ele me apresentou a várias outras pessoas depois da Dominique, eu já estava com seis cartões de diferentes empresas, com diferentes propostas. Talvez a área acadêmica não seja tão atrativa assim.

Estava agradecendo pela milésima vez o Sr. Alexandre quando ele me cortou falando com alguém atrás de mim.

— Adrian, sua futura bolsista é um sucesso, se eu fosse você ficaria de olhos bem abertos para não a perder.

Ele se colocou ao meu lado, fazendo toda a leveza da última hora que passei com o Sr. Alexandre se dissipar. No mesmo instante meu corpo voltou ao estado tenso que estava quando sai da mesa.

— Eu não esperaria menos dela. Só desejo não ter que entrar em uma briga com nenhum desses figurões. Por que com toda certeza eu brigaria por ela.

Eu sabia que essas palavras estavam recheadas de duplo sentido. O que me deixava cada vez mais confusa. Ele está com outra, não entendo porque continua jogando indiretas para mim. Se pensa que pode me tornar uma amiga, ele está muito enganado.

Em relação a ele eu sou exatamente 8 ou 80, é tudo ou nada. Se ele tem outra pessoa, não há nada que possa ter de mim então.

— Será que posso roubá-la por um segundo? — ele perguntou.

Eu tomei fôlego para responder, mas o Sr. Alexandre foi mais rápido.

— Claro, eu tenho que ir me preparar para o meu discurso. Nos falamos mais tarde.

Ele deu um aceno com a cabeça antes de se afastar.

O Logan colocou a mão em meu braço e eu me afastei.

— Eu não acho que seja uma boa ideia me tocar quando sua esposa está olhando diretamente para cá — comentei dando ênfase na palavra esposa.

— Ela sabe quem você é.

Eu arregalei os olhos.

— Por que você fez isso?

— Eu nunca escondi nada dela.

— Que sorte a dela — respondi ríspida, com um pouco de ciúmes.

Além de uma esposa, ele arranjou uma melhor amiga, com quem ele dividia tudo, inclusive a parte da vida dele onde eu já fui quem ele dizia querer passar o resto da vida junto.

— Eu me casei com ela para ajudá-la, não vivemos uma vida de casal — ele tentou explicar.

— É mesmo? Não explica a maneira que ela está me olhando como se quisesse me matar — falei tentando fugir dos olhos dela.

Ela o olhou e fez um sinal para que se aproximasse. *O que ele está fazendo?* A última coisa que quero é uma conversa com ela.

Ela veio andando em nossa direção e a cada passo mais próximo meu coração batia mais forte com o nervosismo. Eu não queria ser taxada como a outra, a piranha que quer o professor e vai acabar com o casamento dele.

Sempre tive o casamento como um sacramento sagrado. O Logan sabia disso. Eu não acredito em casamentos de fachada, se você prometeu alguma coisa, essa promessa deve ser cumprida.

Acho que é por isso que meu coração é tão teimoso, pois prometi que ele seria do Logan para sempre, mesmo que o dele não fosse mais meu. Promessa idiota. Nunca deveríamos fazer promessas que duram a vida inteira, pois é certo que em algum ponto vamos quebrá-las e acabar magoados ou magoando alguém.

Ela chegou e me lançou um sorriso falso.

— Giovana, ou devo chamá-la de Melissa, Mel. — Ela riu fraco. — Já sei, Mundo!

Senti encolher com aquela brincadeira. Ele contou nosso apelido secreto para ela, só nós nos chamávamos assim. Eu o olhei com raiva, mas seus olhos estavam na mulher dele com uma surpresa estampada no rosto.

— Pelo amor de Deus, Sarah, alguém pode escutar.

— O Adrian casou comigo, prometeu me amar para o resto da vida, falou que nunca me abandonaria. Você sabia que ele nem sequer lembrava de você? — Ela revirou os olhos. — Ele te esqueceu por sete anos.

Era como se cada palavra fosse uma faca entrando no meu peito e retorcendo. Na verdade, desejei que as palavras fossem facas, assim ao final do discurso eu estaria morta ao invés de humilhada dessa maneira.

— Por que você está falando isso, Sarah? — Logan perguntou cheio de culpa nos olhos.

— Porque você me fez acreditar em uma mentira e depois quebrou meu coração em pedacinhos — ela falou com uma falsa calma.

Eu não podia mais escutar aquilo.

— Eu preciso... — comecei a falar, mas me virei antes de terminar a frase e corri em direção ao banheiro.

Era difícil sentir raiva de alguém quando a pessoa está passando pela mesma situação que você. Ela estava sofrendo, ela também teve o coração quebrado, ele também a magoou. E a única pessoa responsável por tudo isso era ele. Maldito coração que não sabe obedecer à razão.



Logan

- ALGUNS MESES ANTES -

Sarah me encarava sensualmente com a porta aberta. Eu havia prometido para ela que tentaria ser um bom marido. Como eu faria isso agora? Como eu conseguiria cumprir uma promessa que eu já havia feito a outra pessoa antes?

— Isso tudo é para mim? — Ela sorriu reparando nos detalhes do quarto. Depois voltou os olhos para mim. — Eu sei que prometeu que tentaria, mas eu não esperava tanto.

As palavras não vinham a minha cabeça, parecia que eu havia perdido a capacidade de raciocinar. *Put a que pariu! O que eu fiz?* Eu encarei o chão com medo dos olhos dela, eu havia prometido, que belo filho da puta eu sou.

Ela caminhou até mim, em algum momento envolveu a toalha em volta do corpo.

— Tudo bem, eu estou me sentindo o homem aqui — ela falou soando um pouco chateada. — Você preparou isso tudo e agora não aguenta nem me olhar? Não é como se nunca tivéssemos feito isso, Adde.

Eu me sentei na cama e a puxei para se sentar ao meu lado.

— Caramba, dá para falar alguma coisa? — ela implorou.

Eu respirei fundo.

— Me desculpa — consegui sussurrar.

Ela franziu o cenho e me encarou, como se eu não estivesse fazendo sentido.

— É sério? Você se arrependeu horas depois de me jurar amor para vida inteira? — Ela riu forçado. — Para que você armou esse circo todo então? — falou apontando para toda decoração que fiz do quarto.

Ela se levantou sem me olhar, e eu sabia o porquê disso. Ela ia começar a chorar, mas ela nunca chorava na frente de ninguém. Eu me levantei e comecei a me aproximar, ela fez um sinal para que eu não chegasse perto com a mão.

— Eu não acredito, Adrian. — Eu gelei ao escutar meu nome, ela nunca me chamava pelo nome. — Eu te falei que não queria isso.

— Não era a minha intenção, Sarah — tentei explicar.

Ela virou com o rosto vermelho de raiva.

— Como não era sua maldita intenção? — gritou. — Por que você mudaria de ideia de uma hora para outra?

— Lembra quando te falei que minha memória era um borrão?

— Claro, você sempre fala sobre isso quando pergunto sobre seu passado.

— Acontece que ela não é mais um borrão. Acabei de me lembrar de detalhes bem importantes.

— E o que seu passado tem a ver com você ser um filho da puta mentiroso?

— Eu tinha alguém — respondi com uma dor no peito. O pensamento do tempo que fiquei longe dela me sufocando.

— Você já é casado? — Ela arregalou os olhos.

— Não, éramos novos demais para isso.

— Então, você tem alguém que você não vê há quantos anos?

— Quase sete.

— Adrian, sem querer ser pessimista, mas ninguém fica sozinho por quase sete anos esperando o príncipe perdido. Sua memória voltou agora e tenho certeza que você se sente como se ainda fosse apaixonado por ela, mas são sete anos. — Ela riu. — O que eu estou fazendo? Dando conselhos ao meu marido sobre outra mulher.

Ela chutou a cama e se jogou sobre ela.

— Vai se foder, Adrian!

Eu me levantei e encarei a porta.

— Eu preciso tomar um ar. Vou te dar um tempo para se acalmar.

— Some daqui! — ela gritou. — Eu sabia que isso daria errado, só não imaginei que daria errado logo no primeiro dia. Eu fui uma bela idiota.

— Sarah, eu...

— Você pode me encher de desculpas mais tarde, agora, por favor, suma daqui. Deixe-me sozinha por alguns minutos, depois você pode voltar para inventar a desculpa que quiser, eu só preciso de alguns minutos.

— Eu vou então.

Ela acenou com a cabeça, pude ver seus olhos lacrimejarem. Eu me sentia um merda por deixá-la assim quando prometi que ficaria do lado dela em todos os momentos até o fim de nossas vidas há poucas horas, mas acho que seria ainda pior ficar com ela pensando em outra pessoa, ela não merece isso.

Sai pela porta e andei até a piscina suja que tinha nos fundos.

Sete anos. Afundei o rosto nas mãos.

Como me esqueci da melhor coisa que aconteceu na minha vida por quase sete anos? Onde será que ela está? Será que a Sarah tem razão? E se ela nem se lembrar de quem eu sou? Eu preciso descobrir. Ficar parado lamentando não vai fazer o tempo voltar.

Fiquei mais um tempo vagando pelo motel, com medo de voltar ao quarto e ter que vê-la magoada por minha culpa. Eu era um covarde por estar fugindo dela, só que nem eu sabia como conseguiria resolver isso.

Depois de quase uma hora voltei para o quarto, a Sarah já estava dormindo na cama. Peguei meu celular para ligar para o detetive responsável pela minha área de proteção a testemunha, mas o relógio já marcava quase três da manhã, era melhor eu esperar até o próximo dia.

Deitei ao lado da Sarah, me esforçando para não acordá-la e deixei o sono me levar.



Acordei com uma mão me tocando. Abri os olhos e me sentei rápido na cama. Era a Sarah, ela estava completamente nua ao meu lado. *Put a que pariu.* A hora que deitei não tinha me dado conta de que ela estava sem nada embaixo das cobertas.

Eu fiquei sem reação quando ela se sentou no meu colo. A coberta ainda separava nossos corpos.

Ela me beijou e eu correspondei, não tive forças para falar não. Eu a machuquei e estava com medo de magoá-la mais ainda me afastando agora. Não é como se nunca tivéssemos nos beijado. Naquele beijo eu pude sentir o desespero em sua boca, ela sugava meus lábios com paixão, querendo me provar, querendo tudo de mim, tudo que eu não podia dar.

Quando ela afastou a boca da minha eu encontrei minha voz.

— Nós não podemos fazer isso Sarah — falei sereno.

Usei toda a força de vontade de fazer o que é certo para tirá-la de cima de mim o mais delicado possível. Virei, como se fosse para cima dela, fazendo seus olhos brilharem, mas ao invés disso soltei-a na cama e voltei a me sentar. Eu não seria capaz de me controlar por muito tempo se ela continuasse ali em cima de mim.

— Eu sinto muito, Sarah, mas não posso fazer isso.

Puxei a coberta e me deitei novamente, concentrando para pensar em outra coisa que não fosse nela, mas sua mão rapidamente fez o trabalho contrário indo de encontro a minha virilha. Gemi baixo e escutei um riso escapar de seus lábios.

— Oh. — Ela suspirou. — Você também me quer.

Eu quase me convenci a deixá-la fazer o que queria, eu queria tanto deixá-la fazer tudo que ela quisesse comigo, mas eu seria mais babaca do que já estou sendo se permitisse que isso continuasse.

— Coloca sua roupa, Sarah — falei sério puxando sua mão levemente.

— Não — ela falou mordendo os lábios. — Qual o problema? Você é meu marido agora.

Ela é linda. Tudo em seu corpo e seu rosto combina perfeitamente.

É, qual o problema com ela Logan? Uma vez não vai fazer estrago. Minha mente gritava.

Voltei meus olhos para o seu rosto, tentando desviar da tentação.

Ela sustentava um sorriso malicioso.

Eu tinha sido pego no flagra, ela percebeu que eu estava olhando para o seu corpo.

Levantei da cama e joguei o cobertor em cima dela.

— Uau, Adde — ela falou lambendo os lábios enquanto encarava minha cueca.

Eu respirei fundo.

— Sarah, não me force a isso, por favor — falei sério.

— Você me quer também, seu corpo não mente. Por que está tornando isso tão difícil?

Olhei nos olhos dela antes de falar.

— Sarah, meu corpo reagiria assim a qualquer mulher bonita como você que pulasse nua em cima de mim no meio da noite — falei frustrado com toda aquela situação. — Eu sou homem, você é linda e gostosa para caralho. Então é obvio que meu corpo responderia dessa maneira.

— Por que não, então? — ela perguntou sem me olhar. — Você prometeu.

— Eu sei o que prometi, e já me sinto um merda por ter feito isso. — Respirei fundo e passei a mão pelo cabelo. — Eu não posso te dar o que você quer. Se acontecesse alguma coisa hoje seria sexo, só isso.

— Mas é isso que eu estou pedindo — ela falou chateada.

— Você e eu sabemos que isso é uma mentira. Eu não posso te dar esperança em uma coisa que eu sei que nunca vai acontecer. É melhor eu magoar você agora do que em um futuro onde tudo será mais difícil.

Virei às costas para ela e entrei no banheiro.



— Me desculpa — implorei pela milésima vez desde que deixamos o hotel.

— Eu te desculpo, Adde, mas estou com muita raiva agora. Se tivesse se lembrado disso algumas horas antes, nós nunca estaríamos nesta situação.

— Eu vou manter minha palavra, Sarah. Eu não vou te abandonar, vou fazer meu papel do marido que você precisa. Você vai ser a diretora daquela empresa e seus pais vão parar de te encher o saco e seu primo não poderá mais roubar o que é seu por direito. — Balancei a cabeça. — Deveria ser proibido ter este tipo de cláusulas em testamentos, é tão antiquado.

Ela suspirou pesado.

— Você sabe que eu te amo, não é? — ela perguntou mudando de assunto.

Eu a olhei de relance antes de voltar os olhos para a estrada.

— Eu também te amo, Sarah. Eu nunca deixaria nada de mal acontecer a você. Você foi a única pessoa que me fez sentir bem de novo depois de tudo que aconteceu.

— Não desse jeito, Adde. Eu estou apaixonada por você, eu saltaria em queda livre em um precipício para ser correspondida. Foi por isso que aceitei sua proposta, pois achei que talvez o tempo fizesse com que você me amasse dessa maneira.

Eu apenas fiquei em silêncio, pois eu já amava outra pessoa dessa maneira, e falar isso só a magoaria mais. E eu já estava me sentindo mal o suficiente por vê-la daquele jeito.

— Nunca foi minha intenção te magoar.

Ela riu fraco.

— O pior de tudo é que eu sei disso.

Ela me olhou.

— Vamos achá-la.

— O que? — perguntei confuso, sem ter certeza se escutei certo.

— Vamos procurar por ela. Você precisa de uma conclusão. Talvez ela nem se lembre mais de quem você é e assim poderá seguir em frente comigo.

As lembranças inundaram minha cabeça. Eu não conseguia imaginar um mundo onde ela não se lembre disso. Nós não fomos como uma paixão adolescente, nós nos amamos calados por anos e quando finalmente tivemos coragem para assumir, acabou rápido demais. Aquele filho da puta a tirou de mim, a apagou da minha memória.

— Você tem certeza?

— Claro, se precisa ver para crer, é isso que nós faremos.

Eu concordei com a cabeça e a agradei.

Passamos a procurar pela Mel desde então, a polícia não nos forneceu nenhuma ajuda, então, fomos obrigados a encontrar um detetive particular. Muitos recusaram o caso com medo de se envolver, mas finalmente encontramos uma disposta a encontrá-la a qualquer custo.



Quase um ano depois do início das buscas eu já estava começando a ficar desanimado. Todas as pistas levavam ao mesmo beco sem saída, os federais eram os melhores para esconder os rastros de alguém.

Eu estava no meio de uma aula quando meu telefone começou a tocar. Pedi licença para os meus alunos e sai da sala antes de atender.

— Scott? — a voz feminina soou do outro lado da linha.

— Isso mesmo.

— Aqui é a Detetive Emma. Nós tivemos um avanço no caso.

— O que conseguiram? — perguntei com um certo desespero na voz.

— Não muita coisa. Não conseguimos sua nova identidade, mas sabemos a cidade em que a colocaram. Se quiser pode vir buscar o relatório completo hoje mesmo.

— Chego aí em meia hora.

— Tudo bem. Estou te esperando.

Desliguei o telefone e dispensei a turma antes de ligar para a Sarah.

— Oi, Adde — ela atendeu.

— Sarah, eles a encontraram.

— Ah, isso é maravilhoso — soou um pouco forçada, mas deixei passar.

— Será que tem como me encontrar em meia hora no escritório da detetive?

— Claro, te vejo lá.

Meia hora depois estávamos com o relatório das buscas em mãos, tanto tempo para descobrir que ela ainda estava no Brasil.

Por sorte, a cidade em que ela estava tinha uma faculdade renomada, na mesma hora eu enviei meu currículo com um pedido de emprego. O salário oferecido não era nada comparado com o que eu ganhava aqui nos Estados Unidos, mas eu não me importei muito com o dinheiro. Eu tinha uma boa reserva guardada e o salário dava para ter uma vida boa.

Demorei pouco mais de um mês para conseguir ajeitar tudo, consegui combinar com a faculdade para começar a trabalhar no início do próximo período.

A Sarah também iria comigo, ela achou a mudança um exagero da minha parte, tivemos uma briga feia por conta disso. Ela falou que eu estava largando um bom emprego por uma pessoa que eu nem sabia se ainda me amava, mas além da possibilidade de encontrá-la eu queria também voltar para o meu país, eu sempre tive vontade de voltar, isso só foi o empurrãozinho que eu precisava.

— Não acredito que estou levando meu marido para encontrar o amor da vida dele — ela brincou quando se acomodou no assento da primeira classe.

Sarah é muito rica, então quando eu apareci com as passagens da classe executiva ela revirou os olhos e disse que não viajaria essa distância toda sem conforto algum, principalmente agora que ela finalmente estava ocupando seu posto na empresa da família e sua fortuna triplicou.

— Obrigado por isso — falei apertando a mão dela.

— Eu faria qualquer coisa por você. Se precisa ter uma conclusão, é isso que terá.

Ela continuava tratando isso como uma conclusão. Como um término. Eu esperava que ela estivesse errada.



Giovana

Me tranquei dentro do banheiro e respirei fundo, tentando me recompor, eu não posso deixar isso me balançar toda vez que o encontrar. *Se concentre coração!*

Se uma semana atrás, alguém me dissesse que o Logan estava vivo e que eu iria preferir não saber disso, ia rir na cara da pessoa. Hoje tudo que desejo era que a minha vida tivesse continuado sem ele, porque dói demais saber que a pessoa por quem eu tive alucinações por medo de viver sem me esqueceu por tanto tempo.

Eu sei que a culpa não foi dele, mas saber isso não faz com que doa menos. Enquanto minha cabeça o tornou eterno, a dele me apagou por quase sete anos.

Alguém entrou no banheiro e eu preendi a respiração, torcendo para que não percebesse minha presença ali.

— Giovana — Sarah chamou. — Eu sei que você está aqui.

Um soluço alto escapou dos meus lábios no momento que a ouvi.

Porque ela não me deixa em paz por um tempo? Ela ainda não entendeu que ganhou o jogo? Eu não vou entrar em uma briga por ele, não o quero mais, mesmo que meu coração idiota insistisse em dizer o contrário.

Vi seus saltos pretos aparecerem por baixo da porta.

— Abre essa porta — falou firme.

Continuei imóvel no meu lugar. Ela bateu forte na porta e gritou para eu abri-la novamente.

— Ele pode estar me odiando agora, mas fui eu quem estive ao lado dele nos últimos anos. Eu o conheço melhor do que ninguém e sei que vai me perdoar. Ele acabou de lembrar quem é você, só está vivendo uma ilusão de algo que existiu há muito tempo, eu não vou deixá-la tirá-lo de mim, ele é meu — ela gritou.

— Me desculpe, Sarah — sussurrei abrindo a porta.

Ela me olhou confusa.

— O que? Não, não se desculpe. Você deveria gritar comigo — ela falou nervosa.

— Por que eu gritaria com você? Você não tem culpa de ter se apaixonado por ele, quem não se apaixonaria? — falei com uma risada fraca.

— Não, você não pode entender, eu não posso te odiar se você entender. Não posso ser uma vadia se você for compreensiva.

Foi a minha vez de ficar confusa. Então ela vacilou e virou as costas para mim.

— Eu achei que você já teria superado, que você estaria com outra pessoa, por isso o ajudei a te encontrar. Como eu poderia imaginar que você realmente o esperou por todo esse tempo?

— Eu não esperei ninguém, Sarah. Achei que ele estava morto.

— O que? — Ela virou para me olhar.

— Eu não sabia que ele tinha sobrevivido. A polícia me falou que tinha chegado tarde demais.

Meus olhos voltaram a lacrimejar com a lembrança e eu forcei as lágrimas a permanecerem lá.

— Por isso você nunca o procurou.

— Eu não sabia que existia alguém para procurar, para mim eu tinha perdido as pessoas que eu mais amava naquele dia e nada as traria de volta.

— Pessoas?

Eu concordei com a cabeça.

— O Lo...Adrian, a minha mãe e a mãe dele. Éramos praticamente uma família.

— Ele nunca me contou isso. — Ela vacilou.

Eu continuei calada. Depois de um minuto de um silêncio constrangedor ela voltou a falar com um tom de voz manso. O olhar perdeu aquela coisa assustadora, ela me olhou com pena? Era só o que me faltava.

— Ele não me iluiu, Melissa. Bom, não de propósito. Eu precisava me casar, mas disse que não faria isso só para atender o capricho dos meus pais e uma cláusula contratual ridícula que dizia que uma mulher só poderia assumir a empresa se tivesse um homem do seu lado.

“Meus pais me ameaçaram dizendo que iriam me deixar sem nada se eu não me casasse e assumisse a empresa da família. A princípio achei que estavam blefando. Só percebi que não era blefe quando cortaram todos os meus cartões e disseram que isso seria só o começo. Realmente foi.

“Eles subornaram cada pessoa que me deu um emprego ou me ajudou de alguma forma. De modo que eu fosse demitida e não tivesse para onde correr. O único amigo que permaneceu ao meu lado durante todo o tempo foi o Adrian, não cedeu a nenhuma das tentativas deles.

“Quando achei que eles haviam se cansado, resolveram atacar a carreira do Adde, foi nesse ponto que me rendi. Eu tinha me apaixonado por ele e não poderia deixá-lo perder tudo por mim. Porém, quando contei ao Adrian que faria o que meus pais queriam, ele me pediu em casamento para que eu não fosse obrigada a me casar com um completo estranho. Eu fiquei feliz por ele estar disposto a fazer isso por mim, sabia que no fundo não me amava do mesmo modo que eu o amava, mas ele prometeu que se esforçaria para ser um bom marido, com o tempo poderia crescer para algo mais e eu o amava suficientemente para concordar com isso.”

Eu olhava atônita para ela, sem palavras.

— Ele se lembrou de você logo depois do nosso casamento. Então deixou claro que cumpriria o combinado, mas que não conseguiria me amar do jeito que eu queria, pois ele já amava outra pessoa.

Meu coração disparou com aquilo, coração estúpido, coração bobo, coração dele.

— Como tinham se passado sete anos eu esperava te encontrar com outra pessoa, esperava dar uma conclusão para ele poder seguir em frente, mas só de ver os poucos olhares que vocês trocaram hoje eu soube que isso nunca aconteceria. Ele nunca vai me olhar dessa maneira.

— Por que você está me falando tudo isso?

— Porque você se sentiu culpada por eu estar sofrendo, mesmo sem ter culpa nenhuma. Da mesma maneira que ele fez. — Ela sorriu. — Eu não posso ficar no meio disso, eu o amo Melissa, tanto que está me doendo te contar tudo isso para que você o perdoe, mas quero que alguém me olhe do jeito que ele te olha.

Eu sorri fraco para ela em compreensão.

— Espero que um dia você encontre isso.

— Eu também — ela falou com os olhos lacrimejando. — É melhor eu ir.

Ela se virou e saiu às pressas me deixando ali encarando a porta.

O que acabou de acontecer?

Sai do banheiro depois de conseguir retocar a maquiagem que estava toda borrada em meu rosto. Sorte que não tinha feito nada muito pesado, era só o rímel que havia escorrido.

A Camila veio em minha direção logo que me viu.

— Isso aqui é demais — ela falou animada.

— Eu consegui alguns contatos — comentei sorrindo forçado. Ainda atordoada pelo o que tinha acontecido há menos de vinte minutos.

— Eu não estou falando de contatos, estou falando daquilo. — Ela apontou para o Logan sorrindo largamente para outro homem com o qual estava conversando, aquela cena fez meu estômago revirar. Acho que terei que pedir desculpa para ele por julgá-lo antes de saber de tudo. De novo. Porém, será que ele pode me culpar por presumir o pior?

Em menos de uma semana meu coração passou por mais provas do que nesses últimos anos inteiros. Não sei como ainda está batendo no meu peito depois disso tudo.

Eu ainda estava chateada por ele ter me esquecido, mas inconscientemente ele nunca o fez, nunca conseguiu amar outra pessoa e isso eu poderia perdoar.

— Ele é nosso professor, Cami — falei com a voz tremula me recuperando do abalo que aquele sorriso causava em mim.

— A mulher dele foi embora. Será que ele toparia uma dança?

— Você não pode dançar com ele — falei um pouco mais ríspida do que deveria, mas eu não podia imaginar a cena dela dando em cima dele.

— E por que não?

— Por que não! Eu juro que paro de conversar com você se fizer isso.

— Você nunca pararia de falar comigo.

— Eu estou falando sério, Camila. Ele é fora dos limites.

Ela me olhou torto.

— Relaxa, até parece que ele me daria moral com uma mulher daquelas do lado.

— Você não vai dar em cima dele, me prometa isso — falei olhando diretamente nos olhos dela.

— Credo, Gi. Eu estava só brincando. Estou com o Bruno — ela disse na defensiva. — Não olha agora, ele está vindo em nossa direção. Olhar pode, né?

Eu virei para olhá-lo enquanto se aproximava, ignorando o aviso da Cami. Limpei minhas mãos suadas de nervoso na calça. Isto é ridículo, estou me sentindo novamente àquela menina apaixonada pelo melhor amigo com medo de não ser correspondida.

— Me desculpe interrompê-las, mas queria apresentá-las para uma pessoa.

— Sem problemas — Cami se apressou a dizer.

Ele nos levou até um homem perto do bar e nos apresentou. O cara foi colega dele em Harvard, mas deveria ser pelo menos uns oito anos mais velho que o Logan. Enquanto a Cami e o amigo dele estavam mergulhados numa conversa calorosa, a proximidade do Logan me impedia de interagir, pois sempre que conseguia ele encostava em mim, fazendo a parte que ele encostou queimar. Aquilo estava me torturando e o pior de tudo eu estava adorando a adrenalina. Até que ele pediu licença para atender uma ligação e se afastou.

Tenho que confessar que fiquei desapontada quando ele saiu.

Alguns minutos depois meu celular vibrou no bolso.

Adrian Scott:

Me encontre em 10 minutos no seu carro.

Eu o procurei pelo salão. Ele estava encostado na porta de saída me olhando com um sorriso no rosto.

Eu:

Está achando que recebo ordens?

Adrian Scott:

Pelo amor de Deus!

Se você não fizer isso, eu juro que não me responsabilizo pelos meus atos.

Eu:

Não quero correr esse risco.

Até daqui dez minutos!

Adrian Scott:

Agora já são oito.

Quando voltei meu olhar, ele deu um meio sorriso antes de se virar para sair do salão.

Os dez minutos, ou melhor, oito, demoraram pelo menos alguns meses para terminar. A Cami e o amigo do Logan estavam tão entretidos na conversa que nem repararam quando sai de lá e me esgueirei pelo estacionamento. O Logan estava de braços cruzados encostado no meu carro, o estacionamento estava deserto. Ele me olhou e abriu um sorriso.

— Abre a porta — falou apontando para o carro.

Apertei o alarme, destravando as portas e ele entrou na porta de trás e a deixou aberta para que eu o seguisse.

— Por que no meu carro e não no seu? — perguntei assim que entramos.

Ele franziu o cenho.

— Sério que essa é a primeira pergunta que você vai fazer? Não tem mais nada que você queira saber?

Eu cruzei os braços e ele riu.

— Meu carro não tem vidro fumê. Assim ninguém vai nos ver.

— Ah sim — falei um pouco desapontada.

— Mel, não faz isso, eu não quero te esconder de ninguém, mas você ainda é minha aluna e teríamos milhares de problemas se alguém descobrisse.

— Eu sei — respondi dando o braço a torcer, ele estava certo, de novo.

Ele me olhou nervoso.

— A Sarah falou que te contou a verdade — começou a dizer assim que nos acomodamos no assento traseiro do carro.

Concordei com a cabeça.

— Eu nunca teria me casado com ela se tivesse me lembrado. Eu não sei como minha cabeça idiota excluiu a melhor parte da minha vida por tanto tempo.

— Uma cabeça que cria o que não existe e a outra que apaga o que já existiu, formamos uma bela dupla.

Ele riu e jogou a cabeça para trás no banco enquanto escorregou a mão para entrelaçar nossos dedos. Nossas mãos se encaixavam perfeitamente.

— Eu sinto muito pelo que teve que enfrentar sozinha.

— Eu sei e sinto muito por não ter deixado você explicar.

— Você nunca deixou, eu sabia que não seria diferente agora. Por isso estava com tanto medo de contar. E descobrir pela boca do Alexandre deve ter sido uma merda.

Ele estava certo, mas eu não queria mais falar sobre isso.

— O que nós vamos fazer agora? — perguntei.

Ele virou a cabeça para mim antes de murmurar.

— Eu não tenho ideia. A única coisa que eu sei é que não quero nunca mais ficar longe de você.

Claro que meu coração revirou quando ouvi isso.

Eu levantei minha mão e toquei seu rosto.

— Eu ainda tenho medo disso não ser real.

— Eu sou real, Mel.

— Continue me lembrando — sussurrei.

Ele esticou os braços e me puxou para o seu colo. Seu olhar intenso me engolia, me provava, me deixando maluca de fome dele. Sua mão percorreu toda a lateral do meu corpo até ficar firme na minha nuca. Ele beijou logo atrás da minha orelha e sussurrou:

— Isto é real.

Então prosseguiu plantando beijos no meu pescoço, no meu rosto e ao final de cada um falava que era real. Até que ele parou e ficou com os lábios a poucos centímetros dos meus. Eu estava respirando ofegante, deliciada com os beijos e apreensiva pelo melhor de todos.

— Eu preciso tanto do seu beijo que chega a doer — ele sussurrou fazendo cócegas nos meus lábios com o hálito quente.

— Faça parar de doer então.

Assim que eu disse todo o controle de nossos corpos foi dissipado na pouca distância que estávamos. Os lábios dele eram exigentes, assim como os meus. Ele enlaçou minha cintura, me colocando totalmente em cima dele. Eu apertei meu corpo contra o dele, querendo estar o mais próximo possível. Ele gemeu em minha boca e meu corpo vibrou de prazer.

Ele afastou devagar e eu resmunguei.

— Se você fizer isso toda vez que eu me afastar nunca conseguirei parar de te beijar.

— Essa é a intenção.

Ele riu.

— Isso é jogo sujo.

Eu fiz um biquinho forçado e ele mordeu meu lábio inferior me fazendo rir.

— Mel, nós vamos ter que nos manter escondidos pelo menos enquanto eu for seu professor.

Eu concordei com a cabeça.

— O que são alguns meses para quem esperou sete anos? — falei com uma falsa animação.

— Para mim que esperei dez anos para você me ver como mais que amigo e depois mais

sete sem memória, um segundo é muita coisa, mas não podemos ficar fazendo isso às escondidas e correr o risco de sermos pegos.

Eu concordei e selei nosso acordo com um último beijo.

— Até dezembro — sussurrei em seus lábios depois saí de cima dele, suas mãos relutaram por um segundo antes de finalmente me soltar.

Ele apertou minha mão uma última vez e saiu do carro, sumindo na escuridão do estacionamento. Enquanto eu tentava acalmar as borboletas no meu estômago.



Giovana

— Que saco! Larga esse celular para me dar atenção — Cami reclamou quando chegamos à faculdade segunda feira. Eu havia passado o final de semana inteiro trocando mensagens com o Logan. Até mudei o nome dele no celular de “Dr. Scott” para “Logan” caso a Cami visse alguma coisa por cima do meu ombro.

Coloquei o celular no bolso e sorri para ela.

— Claro que te dou atenção, meu amor — respondi lançando-lhe um sorriso.

Ela fez uma careta.

— Não são nem sete horas da manhã, Gi. Cadê seu mau humor matinal?

Eu alarguei mais ainda o sorriso e passei meu braço por dentro do dela para caminharmos juntas.

— Cansei de ficar mal-humorada, a vida é tão linda — Forcei um suspirar profundo para irritá-la mais ainda.

— Droga! Vou ter que arrumar outra pessoa para dividir apartamento, não darei conta desse sorriso todos os dias — ela brincou.

— Só estou melhorando a sua vida.

— Claro.

Entramos para a primeira aula, o Logan já estava na sala, fui obrigada a trocar o horário das minhas aulas e encaixar a do Logan no meio, por conta do projeto. Ele nos cumprimentou e voltou a mexer nos papéis em cima da mesa, mas pude notar seu sorriso no canto da boca.

— Parece que ele fica mais bonito a cada dia — Cami comentou quando nos sentamos em nossas carteiras no fundo da sala.

Eu dei de ombros, preferindo ficar quieta, pois se comesse a falar sobre a beleza dele eu poderia ficar aqui alguns dias citando cada detalhe maravilhoso.

Durante a aula, sempre que nossos olhares se encontravam algo dentro de mim revirava, ele sustentava os olhos em mim um pouco mais do que nos demais alunos, mas não o suficiente para alguém perceber ou eu esperava que não.

Quando ele me olhava assim eu quase ligava o foda-se e corria na direção dele para me deliciar em seus lábios. Isso se repetia na minha mente como a cena de um filme. Em minha cabeça eu cronometrava cada segundo a menos para enfim estar com ele sem que ninguém pudesse falar nada.

É uma verdadeira tortura agir assim. Fingir que não o conheço e que ele não passa de meu professor. Sem sombra de dúvidas no final tudo será recompensado. Pelo menos assim eu espero, BEM recompensado.

Eu senti seus olhos em mim novamente e o olhei de relance, aqueles olhos cinzentos me fitavam a distância. Completamente sérios naquele terno bem alinhado. Seu cabelo escuro, que antes era um pouco maior e rebelde, agora está com um corte decente, mas os fios da frente continuam ligeiramente bagunçados, como se não pudessem ser obrigados a entrar na linha. A barba sempre bem feita. Queria que ele deixasse de fazê-la por alguns dias novamente.

— Em tudo na vida a persistência é a chave para o sucesso — ele falou. — Eu persisti para chegar onde estou. Como em todas as outras áreas da minha vida.

— E posso dizer que se saiu muito bem no amor também. Que mulherão! — um menino comentou no canto da sala e todos da turma gargalharam.

Eu senti uma fincada de ciúmes ao escutar o comentário.

O Logan sorriu para o menino que fez a brincadeira.

— Eu fui apaixonado pela mesma mulher desde que tinha oito anos e coloquei os olhos naquela boca esperta, que não deixava nada passar sem um comentário sagaz, mas ela só correspondeu quando eu tinha dezenove anos. Então acho que posso dizer que fui mais persistente nessa área do que em qualquer outra.

Eu escondi meu rosto quando seu olhar cruzou com o meu e um sorriso bobo insistia em brincar no meu rosto.

— Meu Deus, eu queria um homem que falasse assim de mim — Cami sussurrou no meu ouvido e eu ri baixo.

— Eu tenho um — falei silenciosamente para mim.

A sala mergulhou em burburinhos depois desse comentário. As meninas que já estavam loucas por ele ficaram mais caidinhas ainda.

— Minha boca é bem esperta também professor — uma das meninas gritou lá na frente.

Ele fingiu que não ouviu. Algumas pessoas em volta dela riram da ousadia.

— Esta é a oferecida que vai todos os dias lá no escritório dele, cada dia com uma desculpa mais esfarrapada que a outra.

Dei uma olhada por cima das outras cabeças para confirmar que era a Beatriz lá na frente.

— Essa menina não tem noção nenhuma de bom senso — murmurei emburrada e enciumada.

— Parece que o bom humor matinal de alguém está falhando.

Revirei os olhos e ela começou a rir.

O Logan bateu palmas para chamar a atenção da turma e logo todos voltaram a ficar em silêncio, na mesma hora que o Sr. Alexandre entrou pela sala pedindo licença.

— Mês que vem nós teremos o maior congresso de Administração da América Latina. Serão três dias muito proveitosos para todos que forem — Sr. Alexandre falou se posicionando no centro da sala.

Ele entregou alguns panfletos para os primeiros das filas passarem para trás, explicando tudo que precisávamos saber sobre a viagem.

— Nosso estimado Dr. Scott será um dos palestrantes principais e irá acompanhar a turma que for. A faculdade vai custear a viagem, vocês só terão o gasto com o hotel, mas conseguimos um preço bem em conta. Preciso que todos que tenham interesse deixem o nome na coordenação. E se apressem, pois as vagas são limitadas.

Com certeza eu não perderia isso por nada.

— Nós vamos? — Cami perguntou cochichando no meu ouvido.

— Óbvio que sim — falei empolgada.

Nunca fui a nenhum desses congressos grandes, deve ser incrível.

— Vai ser demais. Não vejo a hora de ver os executivos gatinhos em seus ternos.

— Nós vamos para aprender, Cami — falei rindo.

— É, isso também.

— Agora vamos que eu estou faminta. — Ela levantou e me puxou junto. Depois que fomos dispensadas.

Já estávamos quase na porta da sala quando o Logan chamou a Cami e pediu para falar com ela. Eu a soltei e fui para a porta esperá-la.

Confesso que bateu um pouco de ciúmes por ele ter chamado a ela e não a mim. Mesmo sabendo que deveria ser algo referente a uma verdadeira relação aluna e professor. Provavelmente era algo sobre o estágio.

Saí da sala para esperá-la do lado de fora. As pessoas passavam apressadas pelos corredores. O clima leve já começava a se dissipar, alguns já corriam atrás de trabalhos e imploravam para alguém ajudá-los.

Estava prestando atenção em uma menina que tinha deixado os livros caírem quando encontrei os olhos dele. Eu não o tinha visto novamente desde aquele dia. Não esperava vê-lo nunca mais.

Ele estava vindo em minha direção.

Fuja! Era o que minha cabeça gritava, mas meu corpo não obedecia.

Ele estava perto, muito perto.

— Gi — Vitor falou.

Ele não tem a porra do direito de falar comigo, muito menos usar apelido.

— Me desculpa — continuou um pouco sem jeito.

Ele levantou as mãos para tocar os meus braços, mas eu não deixei, dando um passo para trás e me encostando à parede.

— Eu só quero te devolver isso — ele falou estendendo uma bolsa para mim.

A minha bolsa.

A bolsa que eu deixei para trás naquele maldito hotel.

Eu a arranquei da mão dele, mas continuei calada no meu canto. Achei que ele ia embora,

mas ele continuou lá.

— Eu não queria te machucar — ele falou, mas não parecia nem um pouco sincero. Só alguma frase que ele estava acostumado a dizer. — Eu bebi demais e me desculpa.

— E eu não queria te ver nunca mais, mas só querer não torna nada real. Some daqui!

A Cami e o Logan estavam saindo da sala quando ela me viu parada em frente ao Vitor. Ela olhou para mim e para ele algumas vezes, parecendo não estar acreditando que aquilo estava mesmo acontecendo. Seus olhos se apertaram de raiva.

Ela deixou o Logan falando sozinho e veio marchando em nossa direção.

O Vitor não a tinha visto.

Ela levantou as mãos no ar e deu um soco no meio do rosto dele, fazendo-o cambalear para trás.

— Seu filho da puta, nunca mais chegue perto dela — ela gritou e me puxou para os braços dela. — Ela pode ter medo de você, mas não pense nem por um segundo que ela não tem alguém para defendê-la. Se eu te ver novamente por perto posso não ser tão boazinha — continuou.

— Você não tem ideia de com quem está se metendo — ele rosnou, colocando a mão onde havia sido atingido pelo soco da Cami.

— Foda-se quem você é! Poderia ser o Rei da maldita Inglaterra e nem por isso deixaria de ser um merda!

Ele lançou um olhar de puro ódio para Cami e se virou para ir embora sem dizer mais nada.

Todas as pessoas que estavam passando pelo corredor tinham parado para assistir a cena. O Logan nos olhava em choque com toda a cena que presenciou.

Merda! Ele não pode saber sobre o que aconteceu.

A Cami me puxou para o lado do Logan, seus braços ainda envoltos em mim.

— Obrigada novamente, Dr. Scott — ela falou sorrindo para ele.

O olhar dele continuava congelado em mim.

— O que foi isso? Alguma coisa com que a coordenação deveria se preocupar? — ele perguntou para mim. Eu sabia que sua preocupação ia além de problemas da faculdade, mas foi a Camila quem respondeu.

— É só um babaca.

Ela mudou de assunto e eles não voltaram a falar sobre isso.



— O que aconteceu lá? — O Logan me perguntou a hora que ficamos finalmente sozinhos na sala dele na tarde daquele mesmo dia.

Hoje cedo recebi a carta de aceitação da bolsa. Agora eu passaria uma hora por dia com ele antes do meu estágio com o Sr. Alexandre.

— Nós estávamos namorando, ele me sacaneou e a Cami ficou mais brava do que eu, ela sempre toma minhas dores — menti. Não sobre a Cami sempre tomar as minhas dores, mas sobre o real motivo daquilo tudo.

Eu havia ficado o dia inteiro pensando sobre a desculpa que eu usaria caso ele me perguntasse.

Não posso contar a verdade, sei que só complicaria ainda mais as coisas.

Ele se sentou na cadeira e me olhou.

— Quando eu estava te procurando meu maior medo era você estar sozinha, sem ninguém para defendê-la. Fico grato por você tê-la encontrado, Mel. — Ele soou tão natural que eu tenho certeza que não percebeu como me chamou, e eu não quis corrigi-lo, porque eu era a Mel dele. — É bom saber que teve alguém para te defender do jeito que ela fez hoje. — Ele sorriu. — Mas você tem certeza que esse é o motivo?

Ele me conhecia bem o suficiente para saber o quanto eu tentava enrolar quando estava mentindo.

— O que mais seria? — perguntei voltando para o que eu estava fazendo antes dele começar essa conversa.

— Eu não sei. Só me preocupo com você.

— Não precisa, eu já sei me cuidar — falei.

— Eu sei que sabe, só estou falando que não precisa fazer isso sozinha.

Ele se levantou e veio andando na minha direção, meu coração bateu forte com a vontade de senti-lo mais perto novamente.

Três passos, dois, um. Perto. Muito perto. Perto para caramba. *Me beija. Me beija.*

Ele passou o braço ao meu redor e deu um beijo na minha testa.

Não é esse beijo que eu queria, mas é melhor do que nada.

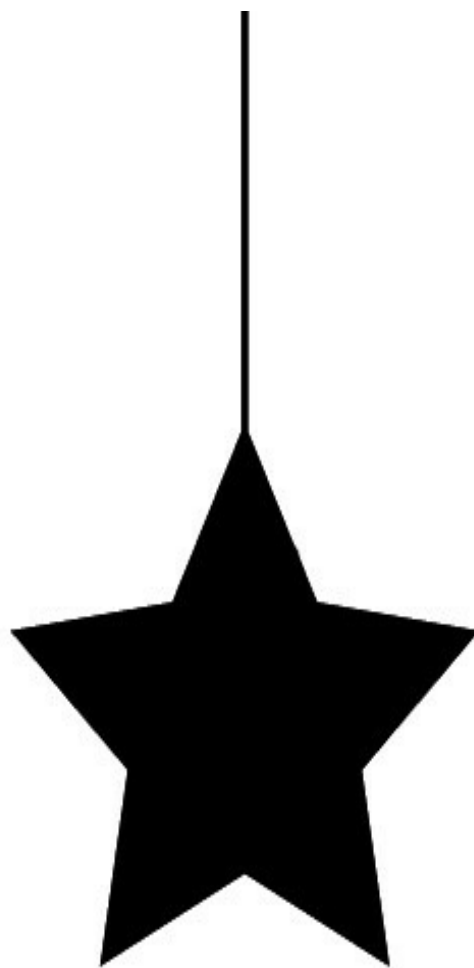
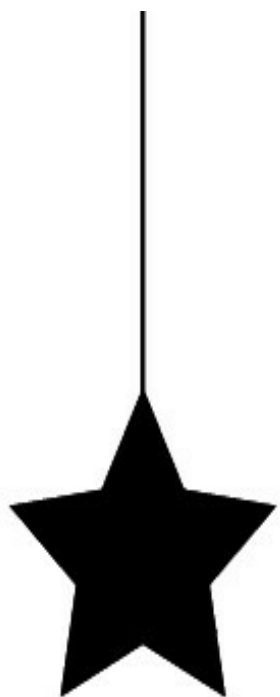
O beijo não demorou nem um segundo, mas eu pude senti-lo em cada terminação nervosa do meu corpo.

Eu quero mais daqueles lábios na minha pele. Talvez nos meus lábios, se não for pedir muito.

Seus braços em volta de mim. Eu me encaixo tão bem no seu abraço que eu poderia jurar que foram feitos sob medida para mim.

— Eu estou aqui agora, você não precisa fazer mais nada sozinha — ele disse tirando os braços cedo demais, eu ainda não estava pronta para sentir meu corpo solto novamente, mas não protestei.

A Cami abriu a porta e entrou na sala alguns minutos depois e passamos o resto da hora falando sobre o projeto.



Logan

Melissa tinha acabado de sair da sala, me deixando sozinho com a Camila, que com toda certeza sabia o real motivo de sua explosão mais cedo, ela parecia apreensiva desde a hora que bateu naquele aluno.

— Eu preciso fazer uma pergunta — falei, tirando sua atenção do que estava fazendo no computador.

Ela me olhou prontamente.

— Pode falar.

— O que aconteceu com a Giovana para você reagir daquela maneira com aquele outro aluno? Eu estou realmente preocupado. Não relatei a coordenação, mas preciso saber com o que estamos lidando. — Tentei soar o mais profissional possível. Eu sabia que a Mel estava escondendo alguma coisa de mim e ficar por fora daquilo estava me matando. Ainda mais em uma situação onde o envolvido é um aluno e eu não posso confrontá-lo sem correr o risco de perder meu emprego.

Toda a cor que estava no seu rosto sumiu e seu sorriso vacilou.

— Eu posso perder meu estágio por ter batido nele? — ela perguntou num sussurro.

— Poderia, mas como disse, não relatei a coordenação e nem pretendo. Se ele não tivesse feito algo para merecer aquilo, com certeza teria reagido.

— E fez — ela falou desconfortável.

— O que ele fez?

— Eu não posso falar, Dr. Scott. Prometi que não envolveria ninguém, por mais que esteja louca para vê-lo pagar pelo que fez.

Meu peito apertou com a possibilidade de algo grave a ponto dela querer esconder.

— Você acha que eu deveria levá-lo a direção?

— Você não tem nada contra ele e a Gi me garantiu que nunca falaria sobre isso com mais ninguém.

— Ela me disse que ele a sacaneou e você tomou as dores.

— Então, acho que isso é tudo que vai saber — ela falou um pouco sem jeito.

Eu sabia que se pressionasse mais um pouco ela acabaria cedendo, mas não poderia fazer com que a Mel ficasse brava com ela por minha culpa. Então a deixei ir para fazer as coisas que eu tinha pedido.

Peguei o telefone e disquei para a detetive. Ela pode não ser daqui, mas tenho certeza que pode descobrir alguma coisa para mim. Demorou alguns minutos até completar a chamada

internacional.

— Detetive Emma.

— Boa tarde, Emma. Aqui é o Adrian Scott.

— Boa tarde, em que posso ajudá-lo?

— Eu preciso saber tudo que conseguir sobre uma pessoa.

— Me mande um e-mail com todas as informações que tem dessa pessoa e retorno assim que tiver alguma coisa.

— Obrigado Emma.

— Eu que agradeço pela confiança.

Desliguei o telefone e fui buscar sua ficha na coordenação. Passei todos os dados que possuía para ela.



Mel entrou pela porta com uma pilha de livros em seus braços. Largou todos em cima da mesa e se jogou na cadeira de frente para a minha.

— Você sabia que existem vinte edições diferentes desse livro que me pediu para o projeto? — ela perguntou tirando o cabelo do rosto, me encarando com aqueles olhos caramelos e retorcendo os deliciosos lábios em um meio sorriso. Eu tenho que me concentrar tanto para fazer outra coisa que não seja olhá-la quando ela está por perto.

— Sabia, por isso pedi que pegasse esse.

Ela mordeu os lábios por um segundo e eu desviei meus olhos. Seriam longos meses até dezembro.

— Você queria ficar sozinho com a Camila? — perguntou com dificuldade.

Eu confirmei com a cabeça e ela torceu o nariz.

Fiquei em silêncio por um segundo para torturá-la um pouco, eu adorava vê-la com ciúmes, mesmo sabendo que ela nunca admitiria que era isso que estava sentindo.

— Eu queria saber o que você não me conta, mas sua amiga é mais leal do que eu gostaria.

— O que eu não te conto?

— O que o Vitor fez com você.

— Eu já te contei isso — falou e se levantou da cadeira, indo em direção à porta.

Ela sempre faz isso quando fica nervosa, começa a fazer um milhão de coisas de uma vez só.

— Não contou.

— Por favor, Vida, não quero falar sobre isso.

Eu senti um frio na barriga ao ouvi-la me chamando assim, foi um golpe baixo e foi proposital. Ela não tinha me chamado pelo nosso apelido nem uma única vez desde que nos reencontramos.

Eu sorri e me levantei da cadeira. Cheguei perto dela o suficiente para sentir sua respiração irregular. Coloquei a boca perto do seu ouvido, deixando minha barba roçar de leve em seu pescoço, consciente de que isso a deixaria em minhas mãos, já que ela me confessou que adora e sussurrei em seu ouvido:

— Vida? Você sabe que isso é golpe baixo, mas vou deixar passar dessa vez, meu Mundo.

Ela suspirou e eu lutei bravamente contra minha vontade de fazer mais alguma coisa, apenas respirei fundo retomando o controle do meu próprio corpo e sai da sala.

Por uma incrível coincidência acabei encontrando com o Vitor no corredor, saindo da sala de outro professor.

— Vitor? — chamei e ele me olhou torto.

— Oi.

— Será que pode me acompanhar até na coordenação, gostaria de trocar uma palavrinha com você.

— Pode falar — ele respondeu andado ao meu lado.

— Estou preocupado com o incidente de hoje de manhã. Será que pode me explicar o que aconteceu?

Ele cruzou os braços e fungou.

— Tá me acusando de alguma coisa? — perguntou na defensiva.

— Até onde eu sei foi a Camila que te bateu. Então, por que você não a entregou?

Ele riu.

— E admitir que apanhei de uma mulher? Tenho meu orgulho.

— O que você fez para ela fazer aquilo?

— Vou precisar chamar meu advogado? — ele perguntou ainda rindo.

— Só se precisar se defender por alguma coisa.

— Eu não fiz nada com ela, aquela menina é louca.

— E com a amiga dela? — perguntei. — A Giovana parecia muito assustada com você por perto.

— Na boa, professor, se quiser me levar para diretoria, fique à vontade, mas espero que tenha alguma acusação séria para fazer ou eu posso acabar com essa sua carreira brilhante. Você está interessado demais na minha ex para o meu gosto, talvez a coordenação também se interesse nesse caso.

Ele virou as costas e se afastou. Claro que não teria como ele saber minha ligação com a

Mel, mas aquilo me assustou.

Se procurar babaca no dicionário com certeza deve encontrar uma foto desse cara. Ele é o estereotipo do playboy que acha que está acima de qualquer um. Como ela namorou alguém assim?

Meu sangue ferveu só de imaginar esse cara encostado os dedos nela, beijando. Então resolvi afastar esses pensamentos antes que eu resolvesse bancar o clichê de namorado ciumento que arruma briga por qualquer coisa.



Giovana

Estava andando com a Cami para a sala do Logan.

Eu, o Lucas e mais oito pessoas tínhamos conseguido a bolsa. Cada um agora passava algumas horas do dia tratando sobre o projeto com o Logan e eu estava adorando essa breve companhia todos os dias.

— Quem é Logan? — ela perguntou de supetão.

Eu tenho quase certeza que tive uma mini parada cardíaca. Mas como? Eu vou matá-la.

— Que merda, Cami. Você andou fuçando no meu celular? — perguntei fechando a cara para ela.

— Claro que não — ela falou soando chateada, mas logo completou sorrindo. — Então, existe um Logan?

— De onde você tirou esse nome então? — perguntei preocupada. Se não foi do meu celular onde mais ela poderia ter escutado?

— Para de responder pergunta com outra pergunta — ela resmungou revirando os olhos.

— De onde você tirou esse nome? — perguntei novamente.

— Você meio que estava gemendo o nome dele ontem à noite. — Ela riu e eu senti meu rosto queimar de vergonha na mesma hora. — Oh Logan! — ela imitou.

— Eu o que? — perguntei completamente chocada querendo cavar um buraco no chão para poder esconder minha cara.

E o pior de tudo: Eu tive um sonho quente com ele e nem me lembrava? *Maldição!* Só porque estamos mantendo as coisas no platonismo enquanto ele ainda for meu professor, não quer dizer que não faria bom proveito de um sonho desses. Eu queria sentir tudo novamente.

Eu mal reconhecia a garota com esses pensamentos, algumas semanas atrás o simples fato de pensar em me envolver com alguém já me deixava com ligeiros ataques de pânico e agora eu sonho acordada com a hora que ele vai fazer comigo tudo isso que eu estava com medo de fazer com outras pessoas.

— Boa tarde, Dr. Scott — eu e a Camila falamos em uníssono ao entramos na sala dele.

Tento tirar da cabeça a informação que ela me deu há alguns segundos para que eu possa olhá-lo sem ficar vermelha. Ele, como sempre, estava lindo em seu terno bem alinhado, barba feita e o cabelo milimetricamente penteado.

Ele tirou os olhos do computador e nos cumprimentou com um aceno de cabeça.

— O pessoal vai ao Jazz hoje, você podia chamar esse Logan para turma conhecer. O que acha? — ela falou enquanto tirava as coisas da bolsa.

Meus olhos voaram na direção dele que estava me encarando com a testa franzida. Não tinha como explicar agora, apenas neguei com a cabeça para que ele não perguntasse nada e acabasse piorando mais ainda a situação. Agora preciso pensar em uma maneira de explicar a ele como ela sabe sobre seu nome tentando não me envergonhar muito.

— Não acho que ele vai querer, ele não é muito de balada — respondi.

Meu celular vibrou no meu bolso e eu nem precisei olhar para saber que ele estava com o celular na mão me metralhando de perguntas por mensagem. Virei para confirmar o que já sabia e ele apontou para o celular sinalizando que havia me mandado mensagens, como se eu já não tivesse percebido.

Logan:

Do que ela está falando?

Eu:

Eu meio que falei seu nome enquanto dormia.

Ela não tem ideia de nada.

Não se preocupe.

Logan:

Sonhou comigo, hm.

Eu:

Eu não lembro do sonho, então não foi grande coisa.

Ele sorriu quando leu a resposta.

— Como ele é? — Camila perguntou. — É o tal do L que te deixou aquela carta? É o cara que você tem se encontrado e trocado essas mensagens incansáveis. O cara que você ainda não apresentou para sua melhor amiga, que é a pessoa mais importante da sua vida — completou dramaticamente.

Eu a olhei, querendo matá-la neste momento. Eu não iria falar sobre ele na frente dele.

— Aqui não é lugar para falar sobre isso — respondi revirando os olhos. — Estamos em horário de trabalho.

— Ah, Qual é? O Dr. Scott escuta nossas conversas todo dia.

No momento que ela falou isso ele levantou a cabeça e nos encarou.

— Vocês falaram comigo? — perguntou fingindo estar confuso. — Estou distraído lendo um artigo aqui.

— Não é nada, Professor — Cami respondeu. Depois olhou para mim antes de continuar. — Viu? Ele nem está ouvindo nada.

Eu sabia que ele estava ouvindo, pois eu vi a sombra do sorriso que ele estava segurando para não abrir. Ele estava amando todo esse jogo, pois bem, acho que dois podem jogar.

— Ele é legal — falei dando de ombros.

— Só se fala que o cara é legal quando ele é feio.

— Um pouco, mas muito gente boa — falei me divertindo.

— Eu não acredito em você, ninguém gemeria o nome de alguém que é só gente boa e você já me confessou que ele é o cara mais gato do mundo — ela falou negando com a cabeça. — Apesar de não conseguir imaginar você com o Ian, eu sou muito mais o tipo dele. Ou melhor, o tipo que eu imagino para ele.

— Camila! — a repreendi com um gemido frustrado, mas já era tarde.

Na mesma hora que ela virou as costas para ajeitar o notebook na mesa o celular vibrou na minha mão novamente.

Logan:

Mel, ela quis dizer o que eu estou pensando?

Eu:

Eu não sei o que você está pensando.

Preciso me concentrar no meu projeto agora.

Logan:

Como espera que EU consiga me concentrar agora?

Eu:

Aí já não é problema meu.

Fui obrigada a me segurar para esconder da Camila a risada e o sorriso bobo estampado em minha cara, mas valeu totalmente a pena pelo olhar de tortura que ele me lançou.

Eu estou me sentindo uma criança começando o primeiro namoro escondida dos pais. Sorrindo para a tela do celular feito uma idiota. Sonhando acordada todas as horas do dia. Às vezes, a sensação é tão boa que me belisco para ter certeza de que não estou dormindo ou alucinando, ainda tenho muito medo que tudo isso não passe de uma invenção da minha cabeça.

Eu tenho meu Logan de volta e eu acho que estou me apaixonando novamente por ele.

Quem eu estou querendo enganar? Eu nunca deixei de estar apaixonada por ele.

— Depois de tanto tempo criando aranhas acho que alguém está pronta para arrancar as teias e desmatar a floresta — Cami comentou e riu.

Ela realmente sabia os melhores horários para fazer os piores comentários.

Eu fechei as duas mãos e as bati uma na lateral da outra duas vezes. Ela assistiu episódios suficientes de Friends para entender o que eu estava fazendo usando a tática do Ross para dar o dedo do meio sem seus pais saberem.

Ela fez uma careta e eu sorri.

Pela primeira vez em muito tempo eu só queria sorrir. É como se eu finalmente pudesse ver um futuro, querer viver um futuro. O passado ainda estava lá, aquele dia ainda traz uma dor descomunal, mas ele não me impede mais de enxergar as coisas boas.

Logan, obrigada por ter sobrevivido!



Estava jantando quando o celular apitou com uma nova mensagem, mais do que depressa corri até ele e desbloqueei. Mal tinha trocado mensagens com o Logan hoje, já estava com saudades. Porém não era o número dele na tela, era um número desconhecido. Abri a mensagem um pouco desconfiada.

Desconhecido:

Oi, é a Sarah.

Roubei seu número do celular do Adde.

Me desculpe por isso, mas ele se recusou a me passar e eu precisava enviar essa mensagem para você.

Escrevi há alguns dias, mas estava com medo de enviar.

Provavelmente eu sou a última pessoa com quem você quer conversar, porém me senti na obrigação de vir me desculpar por toda cena que fiz. Fiquei bem mal por tudo aquilo. Juro que não costumo ser esse tipo de pessoa, mas eu estava magoada e acabei fazendo e dizendo coisas que não deveria.

O Adde foi a pessoa que estive comigo até no fundo do poço, mesmo quando meu próprio sangue e meus amigos de infância viraram a cara pra mim. Ele se tornou meu melhor e único amigo. Ele foi minha luz no fim do túnel.

Quando todas as lembranças voltaram e ele me contou, eu vi o túnel desabar sobre mim antes mesmo de eu ter a chance de alcançar aquela luz. Senti como se todo o universo estivesse conspirando contra mim.

Hoje, depois de conhecer a história de vocês, me sinto uma garota birrenta por ter pensado

assim. Por maiores que sejam meus problemas, são coisas que tenho como resolver com um pouco de esforço, não é nada impossível.

Porém todo esse “desabafo” não é apenas para que você entenda o porquê das minhas atitudes, mas também para te fazer um pedido.

Não resta nenhuma dúvida na minha cabeça que você dois devam ficar juntos. Porém eu odiaria que tudo isso me fizesse perder o único amigo que tive nos últimos anos. Então, queria pedir (ou implorar de joelhos, abrindo mão de todo meu orgulho) para que não o obrigue a se afastar de mim.

Sei que estou pedindo demais, acho que eu mesma recusaria se estivesse em seu lugar, mas espero que você seja alguém melhor do que eu sou.

Leve o tempo que precisar para responder. Pense com carinho e, mais uma vez, sinto muito por tudo.

Terminei de ler a mensagem e fiquei encarando sem saber o que fazer com ela. Era como se tivesse levado um tapa no meio da cara. Depois de tudo que se passou nem pensei em como ela estaria se sentindo, nem sequer perguntei para o Logan como estavam as coisas em relação a isso. Agi como se ela simplesmente nunca tivesse existido, como se eu tivesse sido a única a me machucar em toda essa história e liguei o foda-se para o resto.

Digitei a resposta algumas vezes antes de enviar.

Eu:

Oi, Sarah!

Acho que a única pessoa que deve um pedido de desculpas aqui, sou eu.

Fui uma idiota por nem ter pensado em como você estaria com toda essa história.

Quanto ao seu pedido, eu não mando nas amizades do Logan e nunca exigiria isso.

Até porque sei que ele nunca aceitadia que eu impusesse condições desse tipo. Da mesma forma que ele nunca interferiria nas minhas amizades.

Assim como eu tenho minha história com ele, você tem a sua. Nada do que eu fizer pode apagar isso.

Não vou mentir e dizer que não sinto ciúmes, nem que não te xinguei de alguns nomes bem feios (sinto muito por isso, foi mais forte do que eu), mas agora que sei tudo o que aconteceu, não consigo te odiar.

Sarah:

Essa foi rápida. Já estava pronta para receber o não. Muito obrigada por isso!

Você não precisa se desculpar por nada. Depois da maneira que te tratei, não esperaria outra coisa. E não posso dizer, assim como você, que não te xinguei de nomes bem feios (também sinto muito por isso).

Eu:

No seu lugar eu também me xingaria.

Acho que estamos quites.

Sarah:

Quites não. Você ainda me deve um marido novo!

Eu soltei uma gargalhada alta ao ler isso.

Sarah:

Foi uma brincadeira. Caso não tenha entendido.

Sou a rainha de falar (ou digitar) besteiras quando estou nervosa.

Acho que quero que você goste de mim.

Eu:

Meu Deus, que carência!

Acho que precisarei mesmo arrumar um marido novo pra você. Já que o atual não comparece há um bom tempo, pelo que fiquei sabendo.

E, apesar de eu já estar gostando um pouco de você, infelizmente acho que não faço seu tipo.

Sarah:

Mesmo se fizesse meu tipo, agora você é namorada do meu melhor amigo.

Não posso te pegar. Droga!

ps: Estou assistindo um filme do Nicholas Sparks e rindo por conta dessas mensagens. Isso é inédito!

Eu:

Ao seu dispor, sempre que precisar rir, estou aqui!

Aliás, por que está assistindo Nicholas Sparks?

De sofrência já basta a vida.

Sarah:

Preciso ficar com o rosto inchado para deixar o Adde com pena. Só assim para ele não me xingar muito quando eu der a notícia do que estou pretendendo fazer.

Preciso voltar pra casa e resolver as coisas que deixei pendentes.

Eu:

Preciso me preocupar?

Sara:

Não sei ainda.

Ele acabou de chegar em casa.

Se encontrarem meu corpo jogado em algum lugar, já sabe quem é o principal suspeito.

Eu:

Boa sorte!

Coloquei o celular na mesinha de centro e sorri para ele. Me sentia mil quilos mais leve depois dessas mensagens. Era como se tivesse me aliviado de uma culpa tremenda. Eu sei que não era realmente culpada por nada que aconteceu entre eles. Porém, inconscientemente, ainda estava me sentindo estranha com toda essa história.

Terminei de comer e enviei uma mensagem para o Logan falando que se precisasse conversar comigo sobre a Sarah, eu estaria ali para ouvir, que não precisava manter a história dele com ela separada de mim. Dizem que já somos adultos, então acho que está na hora de parar de tapar o sol com a peneira e colocar todas as cartas na mesa.

Se quisermos realmente voltar um dia a ser como éramos, precisamos recuperar todo o tempo perdido.



Logan

Cheguei em casa quase dez horas da noite, acabei perdendo o horário lendo sobre o andamento dos projetos, como hoje não tive que dar nenhuma aula no turno da noite, aproveitei para adiantar o que estava atrasado. A cada dia tenho mais certeza de que escolhi o melhor time.

Parei o carro em frente o grande portão de metal e apertei o controle fazendo-o deslizar para o lado.

Quando resolvi me mudar para o Brasil não pretendia comprar nada muito caro, até pensei em apenas alugar uma casa simples ou um apartamento de no máximo dois quartos por algum tempo, só que mais uma vez a Sarah veio intervir. Claro que ela não aceitaria viver em nenhum lugar menor do que um pequeno palácio. A única época em que ela foi obrigada a viver em uma casa simples foi quando morou comigo, antes de nos casarmos e ela conseguir colocar as mãos em seu dinheiro novamente.

Acho que por ter nascido em berço de ouro ela nunca teve muito problema em gastar dinheiro. Enquanto eu dizia que poderíamos arrumar algo mais barato, ela dizia que o dinheiro foi feito para ser gasto, que não adiantaria nada passar a vida morrendo de tanto trabalhar e não poder aproveitar os benefícios daquele trabalho duro. E desde que ela assumiu a frente da empresa é tudo que ela tem feito. Ela passa o dia inteiro em vídeos conferência com pessoas do mundo inteiro. Em menos de um ano que ela assumiu a diretoria, a empresa teve um crescimento de duzentos por cento, abriu filiais em outros dois países e, pela primeira vez em toda sua existência é gerenciada por uma mulher que todos acharam que seria incapaz. Ela nasceu para comandar e percebeu isso depois que assumiu seu posto.

Coloquei meu dedo no leitor de digital e a enorme porta de madeira destravou. Deixei minha pasta em cima da mesa do hall de entrada e segui em direção à sala. A Sarah estava deitada no sofá de veludo preto assistindo algum filme triste que a estava fazendo soluçar de tanto chorar. Seu cabelo loiro estava preso para cima da cabeça em um coque bagunçado e suas bochechas, geralmente muito brancas, estavam coradas de rosa pelo choro.

— Quem morreu? — perguntei chegando mais perto do imenso sofá em frente a televisão quase tão grande quanto.

— Ninguém, ainda, mas estou chorando de antecipação — ela respondeu limpando os olhos e apontando para tela pausada em uma das cenas preferidas dela.

Nem sei contar quantas vezes fui forçado a assistir esse filme para deixá-la "feliz".

— Um amor para recordar, de novo?

— Esse filme nunca é demais — respondeu fungando. — Só não consigo acreditar que Nicholas Sparks teve sangue frio o suficiente para escrever essa história baseada na vida da irmã dele antes dela morrer.

— Foi a maneira que ele encontrou de deixá-la marcada na vida das pessoas para sempre.

Mesmo depois que ele morrer a história continuará viva. Ele a eternizou com as palavras.

Ela sorriu para mim e seus olhos brilharam. Então eu me virei e fui para cozinha, pois sei como ela odeia que a vejam chorando. Sempre que assistimos a este filme juntos ela finge que não chora e eu finjo que não a vejo limpando os olhos.

Abri a geladeira e fiquei a encarando para decidir o que comer. Peguei o queijo, presunto e o suco de uva.

— Quer um misto e suco? — gritei para a Sarah.

— Quero.

Preparei nosso lanche e sentei ao lado dela colocando a bandeja com tudo em cima na mesinha de centro e ela se sentou cruzando as pernas em cima do sofá.

Depois daquele "jantar" nós tivemos uma longa conversa. Eu me senti muito mal por ter quebrado a minha promessa e por tê-la feito acreditar que poderia acontecer algo real entre nós, mas acabaria nos tornando dois infelizes se insistíssemos em continuar. Depois que eu me lembrei da Mel eu sabia que não poderia amar mais nenhuma outra mulher daquela maneira.

— Eu tenho que ir embora no máximo até sexta feira — ela comentou. — Não posso ficar mais longe da empresa, precisam de mim lá.

— E você realmente quer o divórcio? Eu não ligo de emprestar meu nome por mais um tempo até você e os advogados arrumarem uma brecha no testamento.

— Eu preciso fazer isso, Adde. Você sabe que não me casei por causa da herança, eu esperava que com o tempo você correspondesse. Só uni o útil ao agradável.

— Eu queria muito ter sido esse cara que você precisa.

— Eu sei, mas não quero mais que alguém tente me amar, quero alguém que me olhe da maneira que você olha para ela. Quero sentir o que vocês sentem e por isso eu não posso ficar aqui esperando que um dia talvez acabe e você me note. Até por que eu não quero mais que isso aconteça, por que enquanto vocês estiverem juntos eu posso ter esperança de conseguir um amor desses.

Ela sorriu e olhou para tela da televisão congelada na cena do filme em que a Jamie está prestes a começar a cantar.

— Eu quero alguém que seja minha única esperança — ela falou e cantarolou o pedacinho da música que a Mandy Moore canta no filme.

— E eu espero de todo o meu coração que você tenha isso.

Ela concordou e sorriu.

— Vou voltar para lá e pegar o que é meu. Já consultei os advogados e eles me disseram que é praticamente impossível alguém conseguir me tirar da diretoria agora.

— E seus pais? O que fará com eles?

— Adde, eu não preciso mais dos meus pais agora. Nesse último ano eu consegui fazer minha própria fortuna. Não preciso mais fazer nada por eles.

— Você sabe que todos vão virar as costas para você como da outra vez e que seus pais

farão chantagem por você excluí-los de sua vida, não é?

Ela deu de ombros e segurou minha mão.

— Até meu melhor amigo?

Sorri e neguei com a cabeça a puxando para os meus braços.

— Você sempre poderá contar comigo. Se precisar de qualquer coisa é só avisar. Eu nunca te deixaria sozinha.

— É tudo que eu preciso, Adde. Não me importo com o que as pessoas que já viraram as costas para mim uma vez vão fazer agora. — Ela respirou fundo. — Já perdi a fé na minha família há muito tempo.

Ela me deu um beijo na bochecha e sorriu.

— Foi ótimo ser sua mulher de mentirinha — ela falou.

— Foi incrível ter você como mulher de mentirinha. Sabia que meus alunos me disseram que eu tinha muita sorte por ter um mulherão desses?

Ela riu sem graça.

— Esses meninos de hoje em dia não podem ver um rabo de saia que já acham que é a mulher mais bonita do mundo.

Eu ri e neguei com a cabeça.

— Não comece a ser modesta agora, Sarah, isso não combina com você.

— É. Você tem razão, sou linda mesmo.

Gargalhamos juntos.

— Você é — afirmo.

— Só não o suficiente.

— Sarah, você sabe que não escolhi a Mel por beleza.

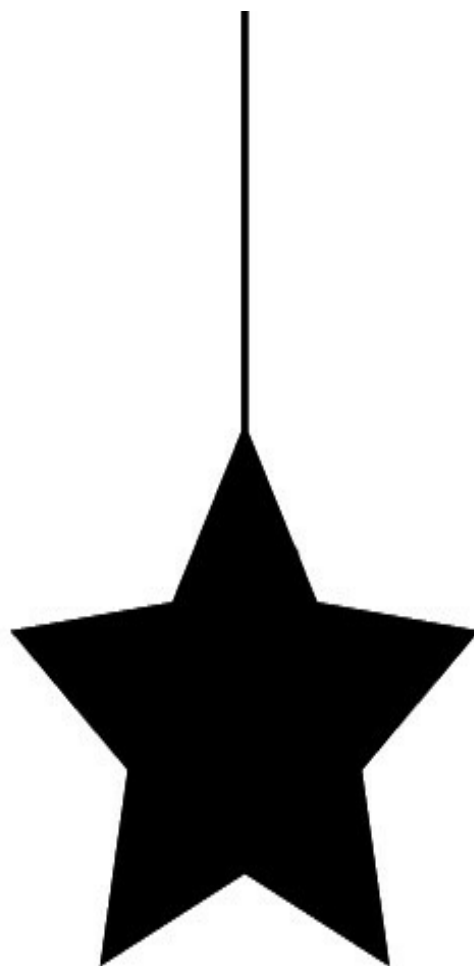
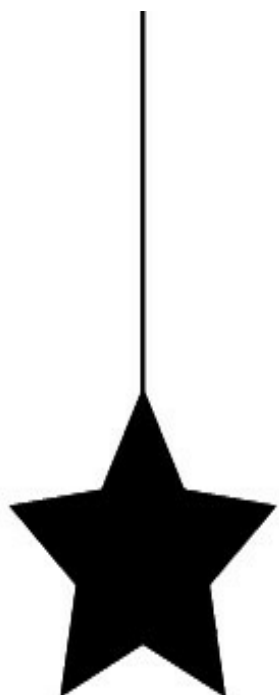
— Eu sei, me desculpe por isso.

— Quando você encontrar alguém assim, vai entender sobre o que eu estou falando.

Dei outro beijo em sua testa e desejei boa noite antes de ir para o meu quarto e me jogar na cama.

Dois dias depois ela voltou para os Estados Unidos e eu fiquei no Brasil torcendo para que tudo desse certo nessa batalha que ela enfrentaria sozinha. Não que eu estivesse com medo dela não conseguir, mas quem vê a casca durona dela não sabe que por dentro ela é mais mole do que a maioria das pessoas e se machuca muito fácil.

Ela é incrível, merece ter o mundo nas mãos e realizar todos os seus sonhos. E quando ela alcançar, eu serei o primeiro a gritar que sempre soube que ela conseguiria.



Giovana

A viagem de ônibus duraria quase um dia inteiro. Me acomodei no meu assento ao lado da Camila e o deitei um pouco, mas não o suficiente para ficar realmente confortável, para não atrapalhar quem quer que fosse se sentar atrás de nós duas. Ela se ajeitou ao meu lado e estendeu um dos fones de ouvido para mim, recusei negando com a cabeça. Quatro horas da manhã é cedo demais para estourar o ouvido com o som alto do rock pesado que ela gosta.

Abracei meu travesseiro e virei para o lado olhando meu reflexo na janela escura. Duas bolas escuras contornavam meus olhos, e o cabelo preso de qualquer jeito parecia um ninho de passarinho, eu estava um caos. Fechei meus olhos me adaptando a falação em volta. Nenhum barulho atrapalha meu sono, durmo muito fácil mesmo com muita gente falando alto em volta.

Já estava cochilando quando a Camila me sacudiu.

Abri os olhos e me sentei ereta no banco, assustada.

Ela tinha me acordado para prestar atenção no Logan dando algumas ordens na entrada do ônibus. Deitei-me em cima dela para conseguir vê-lo no início do corredor.

— Nós chegaremos lá por volta das dez horas da noite, eu aconselho todos a terem uma boa noite de sono. Na quarta feira cedo começam as palestras que irão até sábado de manhã, mas como acabará só por volta de uma hora da tarde ficará ruim para voltarmos no mesmo dia, então nossa volta fica marcada para domingo de madrugada.

— Podemos ir então? — ele perguntou.

Foi respondido com um grito geral, e o ônibus ganhou vida. Ele se dirigiu para as últimas poltronas, logo atrás da nossa. Eram as únicas vazias.

Tão perto e tão longe.

Acomodei-me novamente e o olhei por cima da poltrona uma última vez antes de fechar os olhos, nossos olhos se encontraram por um milésimo de segundo e vi seu sorriso começar a surgir no canto da boca antes de minhas pálpebras cerrarem por completo.

Meu celular vibrou no bolso trazendo o sorriso que eu havia evitado ao meu rosto, eu sabia que era ele. Quem mais me mandaria mensagem às quatro horas da manhã? A operadora não seria tão ousada, já que era a única outra que me mandava mensagens.

Quando olhei as palavras ali, minhas mãos tremeram com a familiaridade. Eu não estava esperando esta mensagem que eu recebia quase todos os dias durante aquelas breves semanas em que namoramos sete anos atrás. As letras brilhavam na tela.

Logan:

Você. Está. Linda.

Ele sempre enviava as palavras separadas por pontos nessa frase, um dia resolvi questioná-lo do por que fazer isso. Ele sorriu para mim e falou: “Porque olhar para você me tirou o ar, preciso respirar no intervalo de cada palavra para recuperá-lo”. Eu ri e o chamei de pedreiro. Ele tinha um livro inteiro de cantadas na ponta da língua e eu amava cada uma delas.

— Está enviando fotos pro Logan? — Cami me perguntou olhando por cima do meu ombro.

— Ei, vai cuidar das suas próprias mensagens — eu a repreendi.

— Ninguém quer conversar comigo, são quatro horas da manhã. — Ela fez bico.

— Eu sou uma dessas pessoas que não quer conversar com você — falei. — Boa noite.

Fechei os olhos e escutei ela falar algo como “E depois eu que sou a vaca!” pouco antes de pegar no sono.

Acordei com um burburinho no meu ouvido e o sol no meu olho. Abri os olhos devagar e puxei a beirada da cortina que estava deixando entrar aquela luminosidade toda direto nos meus olhos. Sem querer acabei escutando uma conversa no banco de trás.

— Fiquei sabendo que sua mulher teve que voltar para os Estados Unidos — a voz feminina irritante que eu já conhecia falou.

— Infelizmente — ele respondeu.

Senti uma pontada de ciúmes ao ouvir isso, mesmo sabendo que ele devia estar falando pelo simples fato de ser a resposta que todos esperariam ouvir.

— Se precisar de companhia posso te ajudar.

O que? Quase pulei do banco para arrancar ela de lá a força, mas decidi ficar quieta para ver sua resposta. Parece que nos últimos meses ela tem insistido mais do que o normal nisso.

Pode parecer coisa da minha cabeça, até porque ninguém tem ideia sobre eu e o Logan, mas a Cami comentou que tem a visto andando com o Vitor novamente e isso me deixa mais desconfiada ainda dessa insistência dela.

— Beatriz, eu acho melhor você voltar para o seu lugar.

Sorri orgulhosa com a resposta dele.

— Não se preocupe, ninguém nem vai ficar sabendo — ela sussurrou tentando parecer sexy.

Calma! Ele consegue resolver isso sozinho! Falei para mim mesma tentando me controlar para não fazer uma cena em frente a todos os alunos presentes no ônibus.

— Eu não preciso de companhia — ele respondeu curto e grosso. — E se precisasse com toda certeza buscaria na única mulher que eu quero. Nunca dei esse tipo de liberdade para nenhum dos meus alunos e espero que me respeite como seu professor. Então, por favor, volte para o seu assento e vamos esquecer que isso aconteceu.

Houve um momento de silêncio e então senti um empurrão no banco que eu estava sentada quando o Logan levantou em um salto.

— O que você pensa que está fazendo? — ele perguntou em um sussurro um pouco mais

alto do que o que estava falando até então.

Nossos olhares se cruzaram e ele pareceu ficar mais aborrecido ainda quando viu que eu havia presenciado tudo.

— Por favor, Beatriz, não quero ser obrigado a levar seu caso para a direção, volte para seu lugar — falou ríspido de maneira autoritária, de uma maneira que eu nunca o havia visto falar antes.

Ela resmungou alguma coisa que não entendi e saiu de lá.

Ele voltou a se sentar, eu coloquei minha mão direita no vão entre a poltrona e a estendi para ele. Poucos segundos depois senti sua mão quente cobrindo a minha e assim eu fui carregada novamente para os meus sonhos.



Depois das longas dezoito horas dentro daquele ônibus eu estava finalmente me jogando na cama macia do hotel, por mais que eu durma sem problemas no ônibus, o corpo parece não conseguir descansar direito quando somos acordados a cada minuto. Mal fechei meus olhos e a Camila entrou como um furacão no quarto puxando meus braços para me levantar.

A cama dela, ao lado da minha, já estava repleta de roupas jogadas, mesmo tendo menos de vinte minutos que chegamos. Ela mal dormiu durante a viagem, não sei como consegue estar tão animada enquanto eu estou me sentindo um lixo.

Levantei-me, totalmente mal-humorada pela privação de sono que tive durante todo o dia, e cruzei meus braços.

— Levantei caramba! — gritei irritada.

— Vamos jantar, temos que nos arrumar para a festa — Camila falou empolgada.

— Eu não comprei o pacote de shows, Cami. Não vim para isso — falei emburrada.

O intuito de todo o congresso era o conhecimento, mas oitenta por cento das pessoas que vinham nem comprava o pacote das palestras, eles vinham apenas para farrear. Todos os congressos grandes tem alguma festa junta para atrair participantes. As cidades ficam lotadas de bêbados com abadás.

— Eu comprei — ela falou e mostrou dois ingressos.

— Você vai vender isso, eu não vou. — Balancei a cabeça me negando a acreditar que ela havia comparado ingressos mesmo quando eu já havia deixado bem claro que não iria.

— Vai sim — ela falou me puxando para o corredor e me levando em direção ao elevador.

Fui porque estou com muita fome, mais do que estou com sono. E se tem algo que me deixa mais mal-humorada do que o sono, com certeza é a fome.

Entramos no elevador.

— Estou falando sério, Cami. Pode devolver ou vender. Eu não vou.

Claro que ela não se daria por vencida tão fácil. Passou o jantar inteiro em um monólogo sobre como seria ótimo, como teria milhões de gatinhos.

— Caramba, eu não vou nessa merda — falei mal-humorada. — Eu te avisei que não iria.

— Você fica um saco quando está cansada — ela resmungou.

— Eu só quero dormir, Cami — respondi quase em um grito para ser ouvida por cima do falatório que havia se instaurado no restaurante do hotel.

As pessoas conversavam alto, o barulho no restaurante estava insuportável, principalmente para alguém que já não estava com o humor muito bom como eu. Instintivamente procurei pelo Logan e uma careta contorceu meu rosto quando vi a Beatriz mais uma vez pendurada em seu encaixo. *Essa menina não desiste?*

Essa cena somada ao meu ânimo me fez engolir a comida em poucos minutos para sumir dali e poder, finalmente, me deliciar de uma boa noite de sono.

Pedi desculpas novamente para a Cami por não ter paciência nem vontade de ir para qualquer outro lugar que não fosse aquela cama fofinha que estava me esperando no sexto andar. Me despedi das outras pessoas que estavam na mesa com a gente e saí do restaurante correndo, pois estava atrasada para meu encontro marcado com meu travesseiro.

O hotel estava abarrotado de hóspedes, no saguão principal havia uma fila gigantesca de pessoas esperando para fazer o check in, porém por alguma sorte do destino, o elevador estava parado e vazio, só me esperando para me levar ao paraíso.

Entrei nele, apertei o número seis no painel e me ajeitei no canto esquerdo esperando as portas se fecharem. Quando elas começaram a se unir e ninguém mais apareceu, eu já estava comemorando silenciosamente, mas claro que minha sorte não seria tanta.

Uma mão travou o fechamento no último segundo e a puxou aberta novamente.

O Logan entrou e meu coração pulou no peito.

— Oi — ele falou.

— Oi.

Ele encostou-se ao canto oposto.

Seus olhos me fitaram a distância, ou ao máximo de distância que nos é permitido dentro de um elevador.

Controle-se Giovana! Não pule em cima dele! Ele é seu professor! Só mais oito meses!

— Empolgada para amanhã? — ele perguntou tentando puxar papo. Parecia tão desconfortável com o silêncio quanto eu.

— Uhum — respondi sem muito controle da minha voz.

Mordi meus lábios, e desviei meu olhar dos seus olhos que ainda estavam em mim, não conseguia ficar olhando-o sem poder fazer nada.

Escutei quando algumas palavras que não entendi escaparam de sua boca e antes que eu

pudesse me dar conta ele estava em cima de mim.

Ele me prensou e cobriu meus lábios com os seus, eu suspirei em sua boca, estava ansiando por esse beijo. Minha boca parecia ser um botão para ligar todo o meu corpo, podia sentir cada terminação nervosa vibrando com o desejo de tê-lo. Seus braços contornaram a minha cintura, me puxando para mais perto, tirando meus pés do chão. Eu cruzei minhas pernas em volta do seu corpo.

O elevador parou e ele me soltou tão depressa quanto começou. Eu tive que me segurar para não cair no chão.

Ambos estávamos respirando ofegantes.

Meus lábios formigavam de desejo, eu o quero! Eu quero mais, muito mais!

A porta abriu, mas não havia ninguém do lado de fora, apesar de não ser nenhum dos andares que nós havíamos apertado.

Eu o olhei, esperando ele agir novamente.

A porta se fechou, mas ele não repetiu a dose. O que me deixou bastante desapontada. Eu queria tomar a iniciativa, porém não queria ser a pessoa que não cumpria a palavra, deixaria isso para ele.

Não me lembro dele ser tão complicado assim alguns anos atrás, mas isso pode ser devido a ele não ser meu professor naquela época.

Ele encostou-se ao espelho e fechou os olhos.

— Você não deveria parecer tão linda assim depois de uma viagem de ônibus de dezoito horas — falou tentando soar irritado, mas falhando miseravelmente quando um sorriso ganhou a batalha contra sua carranca.

— Olheiras e ninho de pássaros são a mais nova moda em Paris — comentei rindo.

— As olheiras dão até certo charme — provocou.

— Você é um mentiroso.

— Talvez míope de amor, mas mentiroso não.

Eu gargalhei.

— Achei que depois de sete anos suas cantadas estariam melhores.

— De que adianta melhorar minhas cantadas se as que te fazem rir são as piores?

— É, acho que tem razão.

As portas do elevador se abriram novamente, agora parando no andar dele.

Ele me olhou por um momento antes de sair.

— Até amanhã, meu mundo — ele sussurrou.

— Até amanhã, Vida.

Ele sorriu e se virou caminhando até seu quarto enquanto a porta se fechava.

Durante os próximos dias nós mal nos cumprimentamos, as palestras foram incríveis e eu estava maravilhada com tudo aquilo. Na sexta quando fui para cama me senti pesarosa por já estar acabando.

— Só mais um dia — sussurrei para as paredes.



Acordei em um pulo com algo batendo na minha cabeça, meu coração palpitando em meu peito de modo que parecia ser capaz de rasgar pele a fora. Passou um pequeno filme na minha cabeça como se ele tivesse me encontrado para tirar o Logan de mim novamente, porém era só a Cami.

— Vai abrir essa maldita porta — Cami gritou jogando outro travesseiro em mim.

Ela chegou há menos de uma hora e terá que se levantar em meia hora para irmos para a primeira palestra.

Levantei esfregando as pálpebras pesadas para tentar expulsar o sono de meus olhos e cruzei os braços em frente ao peito, tentando esconder a falta de sutiã para quem quer que fosse que estivesse batendo a porta a essa hora da manhã.

Abri a porta e um garçom estava com um carrinho e duas bandejas tampadas por aquela tampa redonda que eu não tenho ideia do nome, mas que acho super chique.

— Bom dia, Senhorita. Pediram para entregar esse café aqui — ele informou.

Eu olhei do carrinho para a cama perto da porta onde a Cami estava.

Não acredito que a preguiça dela é tanta que preferiu pagar mais caro para ter café na cama do que descer para tomar café de graça fornecido pelo hotel como as outras pessoas normais.

— Cami, você pediu café da manhã no quarto? Sabe que isso custa um absurdo! — gritei.

— Eu não pedi nada, mas deixa entrar — ela respondeu.

— E quem vai pagar por isso? — rebati. — Meu dinheiro já foi todo embora...

— Já está tudo pago — falou o garçom me cortando.

— Tem certeza? — perguntei franzindo o cenho. — Isso não é para outro quarto?

— Certeza. Pedido para o quarto 605, Giovana.

— Essa sou eu, mas não pedi isso.

— Eu só entrego. Vai me deixar entrar ou não?

Estranhei aquilo, mas eu não recusaria uma comida melhor de graça, então abri a porta e deixei que ele entrasse.

— Você tem certeza que isso veio da cozinha do hotel, né? — perguntei antes dele sair.

— De onde mais viria? — ele rebateu e pediu licença para se retirar.

— Obrigada — agradei rapidamente antes da porta se fechar.

— Seja quem for eu o agradeço — Cami falou se sentando na cama e levantando as tampas das duas bandejas.

Havia um cartão em frente a um bolo. A Camila o pegou e leu em voz alta.

— Feliz aniversário, meu mundo! Não posso te abraçar, mas posso te dar sua comida preferida de café da manhã. Espero que isso seja o suficiente por enquanto.

Ela sorriu e passou o cartão para mim.

— Estou com pena da pessoa que não vai comer esse café da manhã, tenho que admitir que ela tem bom gosto... — ela continuou falando, mas eu não estava mais ouvindo.

Peguei meu celular para ver a data. Já havia tantos anos que meu aniversário era “comemorado” em outra data que nem tinha notado que já estava chegando. Lá estava, 16 de abril.

— Olha, ainda tem dois ingressos para o parque aquático daqui — ela falou animada. — Dizem que é o melhor parque aquático do país.

Ele lembrou.

Esforcei-me para parecer indiferente com tudo aquilo na frente da Cami, mas nada era suficiente para abalar o sorriso em meu rosto.



Giovana

Cheguei ao quarto depois de ficar no parque aquático até o horário de fechar. Apesar de ter só a Cami lá comigo, senti como um daqueles aniversários de antes das coisas começarem a ruir, quando meus pais ainda estavam juntos e vivos. Eu precisava agradecer o Logan pelo presente, só faltou ele lá, é uma merda encontrá-lo e não poder pular em seus braços e agradecer pelo melhor aniversário em anos.

Só mais alguns meses e esse inferno terá acabado.

As palestras de manhã foram incríveis, não sei por que nunca tinha vindo em um evento desses antes.

A Cami já estava se arrumando para a última rodada de shows e eu, novamente, declinei o convite. Ela parecia um zumbi hoje de manhã, mas conseguiu assistir todas as palestras sem pregar os olhos. Pelo menos força de vontade ela tem. No parque aquático ela deitou em uma espreguiçadeira e dormiu até a hora que eu a sacudi para vir embora, foi basicamente um ingresso desperdiçado, mas eu estou feliz mesmo assim.

— Eu sempre tenho juízo, amor — ela sussurrou no telefone para o Bruno, ou pelo menos acho que deva ser, já que está chamando de amor. — Tudo bem, até mais tarde. Ok. Tchau.

— Cami, ele é casado, cuidado para não se machucar — alertei.

— De novo isso? Ele também me ama, Gi. Um dia você vai entender isso.

Ela sorriu constrangida e voltou para o banheiro para terminar a maquiagem. Era muito engraçado vê-la embarçada dessa forma. Acho que nunca tinha visto a Cami gostar de ninguém dessa maneira.

Deitei na cama e esperei ela ir embora antes de correr para o meu celular. Apesar do café da manhã, o Logan não falou comigo o dia inteiro, nos esbarramos por aí, mas mal nos demos bom dia, já que estávamos os dois cercados de pessoas. Disquei o número e esperei ele atender.

— Parabéns para você... — ele cantarolou desafinado. Pelo menos em alguma coisa ele tinha que ser ruim, não é mesmo? Por mais lindo que eu achei ele cantando, sou obrigada a admitir que é só o amor que me faz achar lindo, qualquer outra pessoa sairia correndo se escutasse uma nota.

— Obrigada, Vida. Eu não tinha um aniversário tão bom já fazia tempo — agradei depois dele terminar a cantoria dos parabéns.

— Você acha que acabou?

— Bom, vai acabar daqui a duas horas.

— Seu jantar deve estar chegando a qualquer momento.

Assim que ele terminou de falar alguém bateu na porta.

— Acho que acabou de chegar.

Abri a porta e deixei o homem com um belíssimo uniforme entrar empurrando o carrinho. O garçom saiu e eu tirei as tampas. Havia dois pratos, uma garrafa de champanhe e duas taças.

— Você vem comer comigo? — perguntei animada.

— Pensei em ir, a não ser que você esteja com uma fome de leão e queira comer tudo sozinha — respondeu com uma leve risada.

— Me esqueci de tomar Biotônico Fontoura hoje, acho que vou precisar de ajuda.

— A Camila não está por aí?

— Não.

— Então abre a porta — ele pediu.

Fui até a porta e a abri, mas não tinha ninguém por lá.

— Você não está na porta.

— A outra porta — ele falou e deu umas leves batidas na porta do quarto compartilhado.

— Você mudou de quarto?

— O chuveiro do outro queimou, e o hotel me realocou. — Ele riu. — Claro que a escolha do outro quarto foi totalmente aleatória.

— Claro — eu concordei rindo. — Você queimou um chuveiro de propósito?

Ele gargalhou do outro lado da linha.

— Claro que não, Mel. Eu já havia reservado esse quarto além do meu. O chuveiro queimar só me ajudou a dar uma desculpa para me mudar de quarto.

Abri a porta compartilhada e pulei em seus braços, ali não tem ninguém para nos julgar. Ele cambaleou para trás com o impacto e riu.

— Também senti sua falta — falou nos meus cabelos me prendendo em um abraço de urso.

Ele me soltou, entrou no meu quarto, puxou o carrinho para o quarto dele e eu o segui. O quarto estava iluminado apenas com luz de velas, uma mesa no centro estava coberta por uma toalha preta e um arranjo com flores. Será que ele esqueceu minha alergia?

Ele tirou os pratos do carrinho e colocou na mesa um ao lado do outro. Depois serviu o champanhe e puxou a cadeira para eu me sentar, mas continuei encarando o arranjo com medo do meu nariz começar a coçar.

— São de plástico — ele comentou.

— O que?

— As flores, não vão te dar alergia.

Eu cheguei mais perto e passei meus dedos pelas pétalas das flores.

— Você achou que eu esqueci que tem alergia? — ele perguntou coçando a cabeça com um sorriso debochado no rosto.

— Foram sete anos — respondi dando de ombros.

— Acho que você se esqueceu de que para mim é como se não tivesse passado nenhum dia. Eu ainda me lembro de tudo como se tivesse acontecido há apenas alguns meses atrás.

Ele ainda estava segurando a cadeira, então resolvi me sentar.

— Acho que você vai ter que reacender as minhas memórias, sete anos é muito tempo — falei sorrindo sedutoramente para ele.

Ele se sentou ao meu lado e passeou com os dedos pela minha coxa nua, deixando todos os pelos da minha perna arrepiados. O vestido tinha subido um pouco quando me sentei e ele se aproveitou disso.

Percebendo minha reação ele sorriu largo. Mesmo nas breves semanas que namoramos ele adorava me torturar, ele sabia exatamente como fazer meu corpo responder da maneira que ele queria.

Segurei sua mão e a coloquei em cima da mesa.

— Vamos comer? — perguntei.

Se ele pretende que fiquemos só no profissional durante os próximos meses não pode continuar me torturando desta maneira sempre que ficarmos sozinhos.

Nós comemos e eu contei para ele sobre o dia incrível no parque aquático.

— Só faltou você lá.

Ele colocou a mão em cima da minha.

— Mais alguns meses.

— Sete meses, quinze dias, vinte e duas horas e quarenta e três minutos. Mas quem está contando, não é?

Ele riu.

— Eu estou contando, você esqueceu os... — Ele parou e olhou no relógio. — trinta e dois, um, vinte e nove, vinte oito segundos.

Ele olhou nos meus olhos e eu só consegui pensar em como não queria que isso acabasse. Não tinha nada melhor do que ter sua companhia. Não preciso de beijos, claro que não reclamaria se tivesse, mas só de tê-lo perto já torna a melhor coisa do mundo. Eu só quero prolongar isso.

— Me deixa ficar aqui com você hoje — pedi quase implorando.

Ele passou a mão no meu rosto.

— Como posso recusar um pedido desses?

Eu me levantei da mesa e segurei sua mão, o puxando para fazer o mesmo. Deitei na cama e ele se deitou ao meu lado, de frente para mim.

— É quase um dejavú.

— Como naquela noite, eu estou louco para te beijar — ele falou fazendo aquela corrente

elétrica cruzar todo o meu corpo.

Eu sorri.

— Eu só fiquei louca para te beijar depois que você ficou só de cueca, alguma chance disso de repetir? — falei brincalhona, tentando quebrar a tensão que aquelas palavras proporcionaram.

— Você é uma pervertida, só quer me usar. — Ele riu. — Sorte a sua que eu adoro ser usado por você.

— Eu senti sua falta — sussurrei.

Ele me puxou para seus braços e beijou minha cabeça.

— Eu ainda sinto sua falta, tenho medo de perder você novamente. Fiquei desesperado em pensar que você estava sozinha por aí.

— Obrigada por não desistir.

— Obrigado por me esperar.

Aninhei-me em seus braços firmes, seguros, onde nenhum mal poderia me alcançar e dormi.



Acordei sozinha na cama, sentindo falta do calor que estava me envolvendo até pouco tempo. Abri os olhos devagar para procurá-lo. Não tínhamos mais muito tempo e eu não queria perder o resto que poderíamos aproveitar desta noite.

O Logan estava sentado em uma das cadeiras da mesa, que ainda estava com a louça em cima. Ele encarava o teto e respirava profundamente.

— O que aconteceu? — perguntei.

Ele se assustou ao me ouvir e me olhou por uns segundos antes de começar a falar.

— Você sempre falou muito durante o sono — ele comentou sorrindo.

— Eu te acordei?

— Acordou meu corpo inteiro.

Como assim o corpo inteiro? Oh meu Deus! Será que tive outro sonho no estilo do que a Camila tinha descrito para mim?

Coloquei a mão na boca.

— Me desculpe.

Ele sorriu largo, parecendo se divertir com a minha reação.

— Não tem problema, Mel. Só não é muito fácil dormir enquanto a garota ao meu lado sussurra meu nome da maneira que você fez.

Ele se levantou da cadeira e foi até a janela, puxando um pouco para o lado a cortina, deixando a luz do luar inundar o quarto. Logo em seguida se sentou ao meu lado na cama e traçou os dedos pela minha face, desenhando meus contornos.

Meus olhos se fecharam involuntariamente, deixando que meu corpo intensificasse sensação dos seus dedos em minha pele.

— Você é linda — ele sussurrou tão baixo que acho que não era para eu escutar as palavras.

O sorriso se abriu em meus lábios sem mesmo que eu percebesse.

Coloquei minha mão em cima da sua em meu rosto e me sentei na cama. Ficamos ali nos encarando, tentando negar ao desejo, negar a necessidade que temos do calor um do outro.

Queria dizer que sou forte o suficiente para isso, mas seria mentira, nunca fui forte quando se trata dele. Eu não queria ser forte, só queria ele. Então, desisti de tentar.

Levantei sobre meus joelhos e cruzei uma das pernas por cima do colo dele, me sentei ali. Seus olhos acompanhavam cada movimento meu, sem dizer uma palavra, ele parecia estar tão cansado quanto eu de negar aos nossos corpos seus desejos, mas a hesitação ainda estava presente em seu olhar.

— O que você está fazendo? — sussurrou fechando os olhos e tomando fôlego. — Nós não podemos — ele resmungou, mas não fez nenhum movimento para me tirar dali.

Eu não o respondi, meu corpo não queria discutir agora sobre o quanto isso é errado, principalmente quando tudo parece tão certo.

Encostei minha testa na dele, mesmo sem fazer nada, nossas respirações estavam ofegantes, respostas da antecipação do que queríamos, mas tentávamos evitar.

Aninhei meu rosto na curva do seu pescoço, podia sentir seu coração acelerado junto ao meu, o beije ali e uma onda de tremor cruzou por todo seu corpo, continuei com os beijos lentos traçando um caminho até sua orelha.

Suas mãos estavam firmes no cochão, apertando forte o lençol, lutando contra a vontade de me tocar, que eu sabia que estava assolando sua mente, assim como fazia a minha própria. Tomei aquilo como um desafio. Eu precisava saber que ainda tinha poder sobre ele, assim como ele tem em mim. Eu precisava tanto do toque dele, quanto precisava tocá-lo.

Afundi minhas mãos em seu cabelo e passei meus lábios de leve pelo caminho da sua orelha até a sua boca. Nossas respirações ofegantes se encontraram no meio do caminho. Coloquei minha testa novamente na dele e desci uma das mãos até o meio de nós, colocando-a em seu peito, bem onde seu coração batia descompassado. Eu precisava sentir a vida ali, precisava daquele ritmar que eu achei por muito tempo que não existia mais.

Encostei minha boca na dele, mas não o beije, só o deixei ali a espera do próximo passo, a espera de ver seu desejo romper a razão. Afastei meus lábios lentamente e passei minha língua por seu lábio inferior, torturando a ele e a mim mesma. Me afastei um pouco para conseguir ver a reação em suas feições e ele suspirou frustrado.

— Não para — implorou com aquela voz rouca fazendo meu corpo vibrar de desejo.

Cobri seus lábios com os meus, dessa vez o beijando com toda a vontade e paixão que me consumia, e seu controle se perdeu. Voltamos sete anos no tempo, quando estávamos nos

descobrimo pela primeira vez, implorando por mais. Era como se o mundo fosse acabar caso não estivéssemos perto o suficiente.

Naquela hora eu pude sentir tudo novamente. Sua boca desesperada querendo tudo que lhe foi negado por tanto tempo, seu toque arrebatador parecia decorar cada curva do meu corpo e sua respiração ofegante que acompanhava a minha, tornando tudo real, vivo.

Alguém que se contenta com “só” depois disso só pode ser louco.



Eu mal consegui dormir o restante da noite, certa de que já estava mergulhada em um sonho. Acordei com um beijo na testa e o sorriso involuntário abriu antes dos meus olhos.

— Bom dia, meu mundo.

Abri meus olhos e o encontrei parado na minha frente.

— Eu poderia me acostumar a acordar com essa visão todos os dias — falei admirando o corpo dele com apenas uma toalha enrolada na cintura.

— Eu também — ele comentou e eu percebi que o lençol que estava sobre mim cobria apenas minha barriga e parte da perna.

Puxei o lençol para o resto do corpo e ele riu divertido. Ele abaixou e encostou os lábios nos meus por um breve segundo.

— Tenho que aproveitar, não sei qual será a próxima vez que poderei fazer isso.

Eu ajoelhei na cama e envolvi meus braços em seu pescoço.

— Então aproveita direito.

Ele sorriu largamente. O meu sorriso preferido.

— O ônibus vai sair em uma hora e meia — ele falou calmo. — Se você não me soltar agora, não sei se conseguiremos voltar hoje e talvez eu não chegue a tempo para a palestra que eu tenho que dar na faculdade semana que vem.

— Então eu vou te soltar, porque estou louca para assistir a palestra desse professor fodão. Sabia que ele formou em Harvard?

— Ele deve ser incrível mesmo.

— Oh! Você não imagina o quanto — falei mordendo meus lábios.

Ele jogou a cabeça para o lado e riu.

— Ainda estamos falando sobre minha capacidade intelectual?

Balancei minha cabeça em negativa e ele suspirou, tirando meus braços de seu pescoço.

— Vai se arrumar. Preciso me arrumar e com você aqui é impossível.

— Sim, Senhor — respondi rindo.

Peguei minhas roupas e as vesti. Estava prestes a abrir a porta quando ele me puxou para mais um beijo.

— Agora você pode ir — ele sussurrou em meus lábios.

Concordei com a cabeça e atravessei a porta para o meu quarto. Bem devagar com medo da Cami escutar, mas ela estava mergulhada em um sono profundo.

Eu a sacudi.

— Cami, está na hora de levantar.

Ela resmungou alguma coisa que não entendi, mas se levantou mesmo assim.

— Onde você dormiu? — ela perguntou desconfiada.

Droga! Achei que ela estaria tão tonta que não teria percebido. Então, resolvi fingir que não tinha escutado.

— Precisa de algum remédio para ressaca? — perguntei.

— Só se tiver algum remédio para ressaca de sono, você sabe que não bebo quando vou viajar no dia seguinte. Por que está mudando de assunto? Onde você dormiu? E por que está com esse sorriso idiota no rosto? Já te falei que não suporto esse seu novo estado de bom humor matinal.

— Eu fui até o restaurante comer um lanche quando perdi o sono na madrugada.

— Certo, você ficou de meia noite até agora comendo um lanche?

— Você voltou meia noite?

— Onze horas na verdade, só fui lá vender meu ingresso, mas fiquei no hall do hotel conversando com o Bruno no telefone até meia noite para não atrapalhar seu sono. Da para me falar a verdade, então?

— Eu estava com alguém e isso é tudo que vou dizer por agora.

— Eu sabia que esse sorriso não era por nada — ela comentou dando pulinhos de alegria.
— Mas nenhum detalhezinho?

— Nenhum detalhezinho.

— O tal do Logan está aqui? — ela perguntou curiosa.

Afirmiei com a cabeça e ela bateu palminhas de alegria.

— Então, é alguém da faculdade — ela afirmou.

— Não! — neguei desesperada.

Eu sabia que na cabeça dela ela já estava montando toda a cena como em um filme de comédia romântica. Para ela todo mundo, pelo menos uma vez na vida, vive um grande amor e dessa vez eu realmente estava vivendo o meu.



Giovana

Exatamente às quatro e quinze da madrugada o ônibus acelerou para fazer nosso caminho de volta.

Depois dos três dias de palestras, nós estávamos finalmente voltando para casa. Apesar do quarto de hotel ser maravilhoso, não existe nada como minha própria cama, eu estava com saudades.

Sentamos no mesmo lugar que havíamos vindo, mas outras pessoas ocuparam o assento atrás do nosso, então o Logan acabou se sentando mais na frente, não me importei com isso. Nossa noite juntos me deu forças para aguentar os próximos meses separados.



— Você vem? — Cami me perguntou me sacudindo para me acordar.

Ela estava em pé no corredor do ônibus me olhando. Foi quando reparei que o ônibus tinha feito uma parada. Levantei e a segui esfregando meus olhos para espantar o sono.

— Eu vou ao banheiro — falei.

Ela concordou com a cabeça e disse que iria comprar alguma coisa para comer.

Entre no banheiro e me apoiei na pia. Joguei água no rosto para espantar o sono dos olhos.

Duas outras garotas estavam cochichando no banheiro, eu não estava prestando muita atenção, até que o nome dele surgiu.

— Não acredito que conseguiu corromper o professor Scott — a mais alta falou.

— Fala baixo — a outra sussurrou, mas eu ainda era capaz de ouvir. Novamente era aquela menina que não largava do pé dele, Beatriz.

— Eu achei que você estava com o Vitor — a amiga rebateu.

— Eu e o Vitor decidimos que somos melhores como amigos — Beatriz respondeu.

Claro que isso é o código para “ele não quis ficar comigo”, o que é uma sorte para ela. Por mais que nosso santo não bata, eu não desejo que ninguém passe pelo que passei. Me sinto mal por deixar isso por baixo dos panos sabendo que ele pode fazer a mesma coisa com outras garotas não avisadas, mas meu medo consegue calar todo meu senso de justiça.

— Entendi. Então, voltando ao assunto, quero detalhes do nosso professor preferido.

As duas riram, compartilhando olhares cúmplices.

Entrei para um dos banheiros e tranquei a porta, não queria realmente usá-lo, só me sentei no vaso e fiquei em silêncio, eu queria saber sobre o que elas estavam conversando.

— Eu o encontrei no bar do hotel depois da festa na sexta. Resolvi aproveitar a oportunidade. Ele caiu direitinho no meu papo de tonta que precisava ser carregada para o quarto. Quando chegamos lá ele nem tentou resistir. — Ela riu. — Ele é mais delicioso do que imaginamos. Fico arrepiada só de pensar naquele sexo maravilhoso.

Do que ela está falando? Eu o escutei a rejeitando uma vez, ele nunca faria isso comigo, mas os ciúmes é uma sementinha que acaba com toda a parte racional dos nossos pensamentos, mesmo que o que ela estivesse falando não fizesse sentido nenhum. Sai do banheiro batendo as portas e as duas me olharam assustadas.

A porta do banheiro masculino se abriu no mesmo instante, ele saiu de lá, infeliz acaso. Eu não fui capaz de me controlar, antes que eu pudesse dar ordens ao meu corpo eu já havia o empurrado contra a porta.

— O que está acontecendo? — Ele me olhou assustado.

— Você é um idiota, isso que está acontecendo — minha vontade era de gritar, mas um sussurro alto foi o que realmente fiz.

— Do que você está falando, Mel?

— Você dormiu com uma menina na sexta.

Ele franziu a testa.

— Eu acho que foi sábado, ou já era domingo? — ele questionou parecendo divertido com o que eu estava falando. — Está com ciúmes de você mesma?

— Não! Não estou falando de mim! — protestei.

Ele olhou em volta para ver se não vinha ninguém e colocou as mãos no meu rosto.

— Olha para mim, Melissa — ele pediu e eu olhei. — Por que eu ficaria com qualquer outra pessoa se a única que eu quero também me quer?

Aquelas borboletas pareciam ter feito moradia permanente em meu estômago, pois sempre que ele abre a boca elas saem para dar uma volta.

Eu sabia que ele estava falando a verdade, pois sabia o quando a Beatriz não era uma fonte confiável. Minha raiva por ela só borbulhou mais ainda ao ouvir difamá-lo, ainda mais por não poder defendê-lo sem levantar bandeiras sobre nós dois.

Escutamos a porta do banheiro mexer e ele se afastou de mim.

As duas meninas que estavam lá dentro finalmente saíram.

— Oh, Oi, Dr. Scott — Beatriz falou sedutoramente.

— Olá meninas — ele cumprimentou e voltou seu olhar para mim.

Ele esperou que elas se afastassem e olhou em volta novamente para verificar que estávamos sozinhos.

— Tem mais alguém no banheiro feminino? — perguntou.

— Acho que não.

Ele se aproximou e me deu um beijo na testa.

— Você sabe que para mim nunca existiu outra pessoa.

Eu fechei meus olhos e concordei. Me deixando relaxar naquele simples gesto.

Quando eu os abri, dois olhos perplexos nos encaravam. *Merda!*

— Cami — gaguejei me afastando do Logan no mesmo segundo.

Ela virou as costas e saiu andando.

O Logan passou a mão pelo rosto em frustração antes de ir atrás dela, eu o segurei, impedindo-o de dar mais um passo.

— Eu resolvo isso — falei para ele e sai correndo atrás dela.

— Camila — gritei.

Ela se virou.

— O que diabos você está fazendo, Giovana? — ela perguntou. — Eu achei que você estava namorando esse tal de Logan e agora vejo o professor fazendo juras de amor para você.

— Me deixa explicar, Cami — pedi.

— Acho que o que eu vi foi bem autoexplicativo.

— Não é o que você está pensando. Dá para parar e me ouvir! — gritei.

— O ônibus está saindo, precisamos ir.

— Cami!

— Agora eu entendi por que ficou tão brava quando brinquei sobre dar em cima dele, você já estava de olho grande. — Ela riu forçado. — O Cara é casado, Giovana. Como você se atreveu a dar palpite no meu relacionamento quando estava fazendo a mesma coisa? A hipocrisia mandou lembranças.

Ela entrou no ônibus e eu não pude falar mais nada, já que havia muitas testemunhas por ali. O Logan entrou pouco depois de nós e me lançou um olhar preocupado, eu não tinha como falar nada para acalmá-lo.

Fizemos todo o trajeto de volta para casa em extremo silêncio. Enquanto isso, eu tentei bolar milhões de ideias mirabolantes para enrolar a Cami, mas em todas elas eu achava um furo. Ela nunca acreditaria que eu dei em cima de um professor, por mais bonito que ele fosse. Ela já sabia que ele não havia dado moral para nenhuma das outras garotas.

Pensei em dizer que só tínhamos um carinho grande pelo outro, que nunca aconteceu nada.

Nada coerente parecia vir a minha mente.

Algumas horas depois finalmente estávamos rompendo nosso apartamento porta adentro. Ela me seguiu até o meu quarto e se sentou na minha cama.

— Estou ouvindo — falou encostando-se à parede.

— Não foi nada disso que pareceu — falei gaguejando. — Nós só temos um carinho muito grande pelo outro.

— Pode parar por aí — ela me cortou. — Se for para falar mentiras me deixe com as minhas próprias conclusões.

— Eu não posso te contar a verdade, Cami — falei me sentando ao lado dela. Eu estava lutando contra as lágrimas que insistiam em surgir, eu não posso perder a Cami.

— O caralho que não pode. Eu vou matar esse filho da puta por se aproveitar de você quando ainda estava abalada com toda aquela história do Vitor — ela bufou. — Você dormiu com ele ontem?

— Não é nada disso — falei.

Ela não podia ficar com raiva dele por uma coisa que não era verdade.

— Responde a droga da minha pergunta. Vocês dormiram juntos ontem?

— Ele é o Logan, Cami — revelei.

Ela ficou calada me olhando por alguns segundos, tentando juntar as peças do quebra cabeça.

— Você o chama de Logan? — ela perguntou confusa.

Eu neguei com a cabeça.

— Não, ele é meu Logan.

Levantei da cama e fui até minha cômoda. Abri a gaveta e removi o fundo falso. Tirei de lá a única foto que eu tinha, eu não a pegava fazia meses. Nós dois deitados na grama. Eu estava escondendo meu rosto em seu peito. Ele sorria radiante para a câmera. Atrás estava escrito:

Como não sorrir quando estou segurando todo o meu mundo nos braços?

Por mais dias assim. Eu te amo, Mel, meu Mundo!

Seu L.

Eu entreguei a foto para ela. Sua mão cobriu a boca quando reconheceu as duas pessoas ali. Ela virou e leu o que estava escrito atrás.

— Vocês já se conheciam — constatou perplexa. — Só que ainda não entendi, ele te chamou de Mel aqui.

Eu contei tudo. Desde o início. Nossa amizade. Nosso namoro. As mortes e as loucuras. Depois que comecei não conseguia mais parar, tudo saía como uma chuva torrencial. Era como se o peso no meu peito estivesse aliviando por finalmente ter alguém para contar toda a verdade, a cada palavra eu me sentia mais leve.

— Puta que pariu. Você pensava que ele estava morto todo esse tempo? — ela perguntou.

Continuei contando tudo até a hora que ela nos pegou em frente ao banheiro.

— Caramba. Por que nunca me contou nada disso, Gi?

— Eu não podia — respondi. — Ninguém deveria saber de nada.

— Gi, ninguém deveria ter que esconder um segredo desses sozinha.

Ela me abraçou.

— Puta que pariu! — ela gritou enquanto me soltava.

— O que foi? — perguntei assustada.

— Me lembro de ter falado coisas sobre suas teias de aranha perto dele.

Eu gargalhei, meio rindo e meio chorando.

— Agora que já sei de tudo. Me fala, sobre o beijo, corpo, tudo.

Claro que ela estava tentando amenizar a tensão que havia se instaurado no quarto desde que comecei a falar, como sempre, ela sabia do que eu precisava antes mesmo de mim.

— Não vou te contar — falei ainda rindo.



Logan

Eu:

Conversou com ela?

Eu estava inquieto em casa imaginando o que poderia estar acontecendo. Pelo menos não foi outra pessoa. Como eu fui descuidado dessa maneira? Poderia ter arruinado a carreira de nós dois caso qualquer outra pessoa nos visse juntos. Eu preciso me controlar e mantê-la mais afastada, não posso ser quem vai arruinar alguma coisa na vida dela. Ela já sofreu demais por minha causa.

O celular vibrou na minha mão e respirei aliviado com a resposta.

Mel:

Já resolvi tudo.

Não se preocupe.

Joguei-me no sofá e agradei por ter sido a Camila.

Passei a noite em claro virando de um lado para o outro na cama. Não consegui pregar os olhos.

Não posso deixar que isso que repita, tenho que manter minha palavra e ficar longe dela por mais um tempo. Não posso vê-la perder tudo que conquistou por minha culpa.

Passei as semanas seguintes me concentrado em tratá-la apenas como uma aluna. Podia ver que ela estava se ressentindo um pouco pelo regresso que tivemos, mas não podíamos correr o risco novamente.

Três meses depois da viagem e eu ainda não havia dormido direito nenhum dia, a cama sempre parecia vazia demais ou muito fria. Eu sempre dormi sozinho, mas aquela única noite com ela atrapalhou toda a minha rotina. Vicieei ao primeiro gole e queria mais, muito mais.

Assim que o sol apareceu levantei da cama e corri pelo bairro da minha casa para sentir um pouco do ar fresco antes de me arrumar para a aula.

Fui para a faculdade e entrei na minha sala para separar as pautas das aulas de hoje, o sinal tocou, para os alunos irem para as salas. Me acomodei na minha cadeira folheando a pauta da primeira aula do dia esperando o sinal dos professores.

A porta da sala se abriu com um barulho forte, me assustando no processo, ninguém entrava aqui sem bater primeiro, mas relaxei quando vi quem era.

— Bom dia, Alexandre — falei assim que ele entrou e fechou a porta atrás dele.

— Não tão bom, Adrian — ele respondeu com um tom severo na voz.

Parei o que estava fazendo para observá-lo.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Eu recebi uma notícia hoje que não gostei nenhum pouco. — Ele se sentou na cadeira de frente para mim e ajustou os óculos no rosto. — Me informaram que você teve envolvimento libidinoso com uma de nossas estudantes.

Meu corpo gelou com aquelas palavras, tentei me manter no controle, não poderia deixar uma sombra de dúvida passar pelas minhas feições.

— Isso não é verdade — neguei instantaneamente.

— Eu espero realmente que não seja, mas preciso que me acompanhe até a coordenação. A aluna também estará lá para que possamos esclarecer tudo.

Eu concordei e o acompanhei até a coordenação. A Mel negaria tudo, assim como eu. Seria a nossa palavra contra a de quem quer que nos tenha entregado. Se tivessem provas, eu assumiria toda a culpa, não deixaria mais nenhuma das minhas merdas caírem em cima dela.

Entramos na sala da coordenação, mas não era a Melissa que estava lá. Era aquela aluna que vinha atrás de mim todos os dias, Beatriz. Foi quando as peças se encaixaram na minha cabeça. A fofoca que a Mel escutou no banheiro. Gostei tanto de vê-la enciumada que acabei me esquecendo de acabar com os boatos.

Ela se encolheu na cadeira quando me viu entrar.

O Alexandre se sentou na cadeira dele, eu permaneci em pé. Apenas cruzei meus braços.

— Eu achei que não precisaríamos chegar a esse ponto, Beatriz — comentei sério.

— Me desculpe Adrian. Eles acabaram descobrindo sobre nosso envolvimento.

— Do que você está falando? Eu nunca encostei em você!

Os olhos dela encheram de água. O que ela está fazendo?

— Você falou que me amava.

— Tudo bem, vamos nos sentar para resolver tudo isso — Alexandre falou apontando para a cadeira vaga, para que eu me sentasse. Eu me sentei e o encarei.

— Beatriz, diga como tudo aconteceu.

— Eu e o Adrian sempre trocamos alguns olhares diferentes, eu podia ver ele me olhando e me sentia privilegiada de no meio de tantas meninas eu ser a única que ele notou.

— Isso é um absurdo, eu nunca olhei para você de forma que não fosse profissional — retruquei.

— Adrian, por favor, vai chegar à sua vez.

— Nós começamos a nos encontrar. Era só para conversar, nada de mais. Eu acabei me apaixonando. — Ela sorriu de leve.

Esta garota é uma dissimulada, qual o prazer em acabar com a carreira de alguém por nada? Ninguém nunca acreditaria em mim.

— Mas nada aconteceu até sexta feira da viagem. Eu estava voltando do show quando o vi no bar do hotel. Acabamos bebendo um pouco demais e ele me ajudou a ir até o meu quarto e quando chegamos lá acabou acontecendo. Eu sei que ele é meu professor e foi errado, mas eu não me arrependo, pois foi maravilhoso. Nós estamos apaixonados, não pode culpá-lo por uma coisa que ele não tem controle.

O Alexandre cruzou os braços no peito e fechou a cara. Eu sabia que ele havia acreditado antes mesmo dele me olhar.

— O que tem para dizer em sua defesa, Adrian?

— Ela está mentindo, mas sei que não acredita. Então vou apenas juntar as minhas coisas e deixar vocês cuidarem da divulgação dessa falcatura.

— É mais grave que isso Adrian. Você pode perder o direito de dar aulas. Eu terei que enviá-lo para o conselho disciplinar.

— Faça o que precisa fazer e me informe sobre onde precisarei estar — respondi me levantando.

— Não vai nem tentar se defender? — ele perguntou tirando as próprias conclusões.

— Eu estava em meu quarto, sem ninguém por perto e nada que possa provar que eu não fiz isso. Então não, não vou ficar gastando saliva. Quando eu tiver alguma coisa concreta tentarei me defender, por enquanto é só a minha palavra contra a dela.

A expressão do Alexandre suavizou quando respondi e ela se derramou em lágrimas.

— Por que você está me tratando assim? — perguntou. — Diga a verdade, por favor.

Eu não a respondi, apenas sai pela porta como se ninguém tivesse falado comigo.

Até eu quase acreditei nela, mesmo tendo certeza de que não havia feito aquilo. Era só o que faltava. Como se eu já não tivesse problemas suficientes para lidar, agora ainda terei que resolver isso.

Retornei à minha sala, gritei com as paredes e chutei o cesto de lixo esparramando papel por toda parte.

Por que essas merdas têm que acontecer logo quando tudo está começando a se ajeitar?

Comecei a juntar minhas coisas com força e jogá-las na caixa, queria estar fora dali o mais rápido possível. Ainda não estava acreditando que aquilo estava acontecendo, estudei e me dediquei a vida inteira por isso e as pessoas nem sequer questionam quando levantam um falso testemunho contra mim, minha palavra deveria valer mais.

Já estava me retirando quando meu celular começou a tocar em meu bolso. Era uma ligação internacional de um número desconhecido. Atendi e a Detetive Emma se identificou o outro lado.

— Me dê alguma notícia boa, achar alguma coisa sobre esse cara está sendo mais difícil do que imaginei — falei. — Estou em um dia péssimo, preciso de algo para me animar.

— Foi bem difícil encontrar alguma coisa, ele tem muitos documentos confidenciais. Ele é filho de um ator muito conhecido no Brasil, o papai tem outras atividades além da televisão que gera uma quantia absurda de dinheiro. Mas vamos ao que interessa, consegui acessar uma ordem de restrição que ele tem, uma menina alegou que ele a estuprou, nunca foi provado nada, as acusações foram retiradas alguns meses depois. Consegui os dados da menina. Vou te encaminhar todos os detalhes por e-mail.

Meu sangue, que já estava fervendo, começou a borbulhar de raiva, se ele encostou um dedo nela tentando forçá-la a alguma coisa eu juro que posso matá-lo.

— Obrigado, Emma.

Desliguei o telefone e o olhei por um momento, respirando fundo tentando controlar meus nervos. Preciso ir direto para casa, sem nenhuma pausa, sem nada que me faça tomar uma atitude que possa me arrepender, preciso me acalmar antes de fazer qualquer coisa.

Sai da minha sala e me arrastei pelo corredor em direção ao refeitório que ficava próximo ao estacionamento dos professores onde meu carro estava parado.

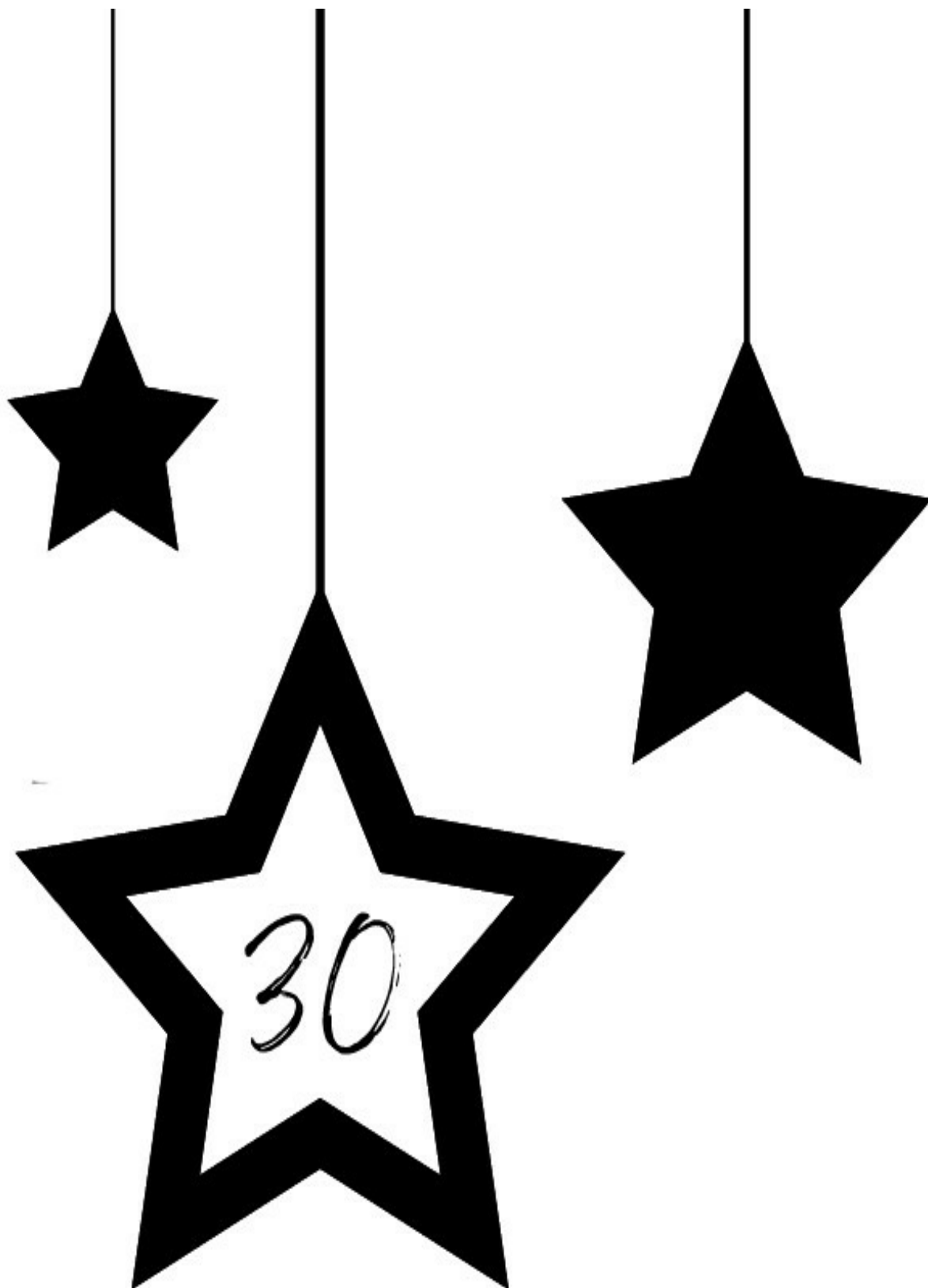
Estava há poucos metros da porta que dava para fora quando me chamaram do refeitório.

— Não é que você é persistente mesmo professor? — um aluno que estava cercado por vários outros comentou rindo. — Quantas alunas você comeu na surdina antes de te dedurarem?

— Aposto que aquelas suas alunas do projeto tiveram que rebolar para conseguir aquelas vagas — completou o Vitor, que estava ao lado dele, com um sorriso convencido no rosto. — E você falando que eu quem tinha motivos para ir para a coordenação, professor — pronunciou de maneira cínica.

Ele devia achar que era o centro do mundo, uma pena que não estava ciente de que eu não estava no meu melhor momento para ser provocado, principalmente por ele. Eu sabia que precisava sair dali, mas cenas do Vitor a segurando, a machucando, pipocaram na minha cabeça, fazendo a raiva que eu já estava sentindo arder em cada terminação nervosa do meu corpo.

Eu queria dizer que sou uma pessoa controlada e virei às costas para ele e todos que estavam ali esperando minha reação, mas não tive sangue frio o suficiente quando imagens dele machucando a pessoa mais importante da minha vida nublaram meus sentidos e meu controle ruiu.



Giovana

Olhei para o relógio mais uma vez, o Logan estava atrasado há quase meia hora para a aula, ele nunca se atrasa. A única coisa que estava me distraindo era o sorriso da Cami ao contar sobre o pedido de namoro do Bruno. Ele fez uma noite super-romântica ontem para fazer o pedido e ela acordou tão feliz que fui obrigada a perguntar sobre o ódio dela por sorrisos matinais. Ela deu de ombros e falou que estava começando a me entender. Preferi não tocar no assunto dele ser casado, acho que não seria um bom momento.

— Bom dia, turma — Sr. Alexandre falou entrando na sala.

Ele se posicionou na frente e chamou atenção para que todos ficassem em silêncio.

— Infelizmente o Dr. Scott foi afastado por alguns dias, então durante esta semana as aulas dele estão suspensas, creio que até segunda que vem já teremos um substituto.

— O que aconteceu com ele? — uma menina na primeira fileira perguntou.

— Por enquanto só estamos confirmando algumas suspeitas, nada que vocês devam saber ainda.

— Tenho certeza que é sobre aquela gostozinha que ele pegou — outro lá atrás gritou. — Deve ser por isso que ela também não está por aqui hoje.

— Não vamos espalhar fofocas sem fundamento — Sr. Alexandre pediu.

A Camila me olhou com os olhos arregalados ao mesmo tempo em que eu a olhei.

— Beatriz? — ela perguntou.

— Só pode ser.

Eu corri até o Sr. Alexandre e o alcancei antes dele sair da sala.

— Sr. Alexandre, por acaso essa menina é a Beatriz?

— Eu nem confirmei que é sobre esse boato — ele respondeu.

— Tudo bem, mas se for eu gostaria de informar que estava sentada na poltrona da frente do Dr. Scott na viagem e escutei-a dando em cima dele e ele pediu para ela se afastar e ameaçou levar o caso a direção — falei. — Só não acho certo ele ser punido por uma coisa que não aconteceu.

Ele passou a mão na barba e ajeitou os óculos, pensando por um tempo.

— Eu não posso fazer nada com essa informação agora, mas você pode defendê-lo para a banca do conselho disciplinar.

— Eu adoraria. Ele é realmente um ótimo profissional e odiaria...

Minha frase ficou perdida no tempo quando vários alunos vieram correndo em nossa

direção contando sobre a briga no refeitório do professor Scott.

Toda a turma correu para lá querendo saber o que estava acontecendo. Eu senti meu coração na boca com o medo do que poderia estar acontecendo.

Quando chegamos lá, os dois estavam separados, sendo segurados por outras pessoas.

— Você vai pagar por isso seu professorzinho de merda! — Vitor gritou. — Você acabou de colocar o ponto final da sua vida.

Pelo fogo dentro dos olhos do Logan eu sabia o porquê da briga.

Ele descobriu. Ele sabia o que aconteceu entre mim e o Vitor. Como ele descobriu?

Havia um corte em seus lábios, mas ele definitivamente tinha saído ganhando, pois o rosto do Vitor estava completamente machucado.

Eu queria tirá-lo dali, levá-lo para longe daqueles olhos recriminadores das pessoas que não sabiam merda nenhuma sobre o que tínhamos passado e o porquê dele avançar para cima daquele filho da puta.

Ele conseguiu se livrar das pessoas que o segurava e saiu do refeitório em direção ao estacionamento, ignorando os gritos do Sr. Alexandre para que ele parasse.

Eu queria segui-lo, mas não poderia fazer isso sem levantar bandeira para nós dois. Ainda mais depois dele bater no meu ex-namorado.



Ele não me atendia, não respondia minhas mensagens, não havia sinal dele em lugar algum. Um desespero começou a me corroer, o medo de perdê-lo novamente.

E se ele tivesse ido embora e me deixado sozinha novamente?

Eu não consegui alcançá-lo antes dele sair do estacionamento, não o achei na casa dele, nem na minha. Eu não tinha ideia de para onde ele poderia ter ido. Nenhuma pista.

— Calma, Gi. Nós vamos encontrá-lo — Cami falou segurando minha mão, enquanto eu olhava pelas janelas do carro a procura dele em cada esquina que passávamos.

Eu já estava em pânico quando o celular começou a tocar no final da tarde. O sol já começava a se esconder por trás do horizonte.

— Logan? Onde você está? — perguntei afobada.

— Por que você não me contou a verdade? — ele perguntou desesperado do outro lado.

— Porque eu não queria que isso acontecesse.

— Ele... droga... ele te forçou a alguma coisa? — ele perguntou com dificuldade.

Senti meus olhos começarem a lacrimejar, mas não consegui dizer as palavras em voz alta.

— Não faça nada estúpido, vem para minha casa para podermos conversar, não vou falar nada por telefone. Preciso te ver.

— Me responde! — ele implorou do outro lado.

— Encontre comigo e eu te conto o que você quiser.

— Estou indo para sua casa agora.

Ele desligou o telefone e a Camila me olhou com o olhar mais piedoso que eu já vi.

— Ele descobriu tudo — sussurrei para ela.



Meu coração estava quase pulando para fora da boca quando o porteiro informou que ele estava subindo. Fiquei o esperando em frente o elevador. As portas mal se abriram e ele já estava correndo em minha direção. Me agarrou com força e enterrou o rosto nos meus cabelos. Quando finalmente me olhou pude perceber seus olhos vermelhos, isso me trouxe a memória da primeira vez que nos vimos, daquele pequeno garoto que conheci anos atrás. O garotinho triste que havia perdido seu melhor amigo. Agora seu coração estava despedaçado novamente, por mim.

— Vamos entrar — falei.

Ele concordou com a cabeça, segurou minha mão e me puxou para dentro do apartamento. A Cami havia saído para nos dar privacidade para conversarmos. Então o levei para a sala e o puxei para o sofá. Nos sentamos e ele me puxou para os seus braços novamente. Ele não ficava nenhum segundo sequer sem me encostar.

— O que o Vitor fez com você, Mel? — ele perguntou num sussurro sem muita vontade, como se temesse minha resposta.

Eu me afastei um pouco para olhá-lo nos olhos e tomei uma grande lufada de ar para responder.

— Ele não me estuprou — falei pausadamente me adaptando a palavra que desde o dia que aconteceu eu ainda não havia ousado pronunciar.

Ele suspirou aliviado e jogou a cabeça para trás no sofá. Queria deixá-lo assim, queria não precisar ter que contar tudo, mas eu não podia mais esconder isso, principalmente depois de tudo que aconteceu. Não deveria ter escondido isso dele em momento nenhum.

— Mas ele tentou — continuei em um sussurro, querendo que ele não ouvisse. Só que pela expressão em seu rosto, eu sei que ele ouviu.

Ele sentou ereto novamente e seus olhos faiscaram de uma maneira que eu nunca havia visto. Ele fez uma tentativa de se levantar, mas eu o puxei de volta para o sofá e me sentei em seu colo, para impedi-lo de sair dali. Eu não o deixaria fugir de mim novamente.

— Eu vou matá-lo, Melissa — ele sussurrou de olhos fechados e dando um soco forte no

sofá. — Juro para você que vou matá-lo.

Eu segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Olha para mim — pedi.

Ele abriu os olhos e encarou o meu. Segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Eu preciso de você, Logan. Se você fizer qualquer coisa a ele você não poderá estar aqui para mim. Você pode perder sua carreira, pode ser preso. Eu não posso suportar ser o motivo de nenhuma dessas coisas. — Uma lágrima correu pelo meu rosto e seu olhar suavizou. — Eu preciso de você aqui comigo! Você tem noção do problema que vai ter por arrumar briga com ele dentro da faculdade?

Ele encostou a testa na minha e me abraçou forte.

— Foda-se minha carreira. Ele tem que pagar pelo que fez, Mel. Você não pode deixar ele se livrar assim — respondeu em meio às lágrimas que acompanharam as minhas. — Eu não consigo suportar saber que alguém fez isso a você. Uma pessoa que não faria mal nem a uma mosca. Isso não pode ficar assim. Ele precisa ser preso por isso.

— Ele tem dinheiro, Logan, mesmo que eu entre com um processo, pode nunca dar em nada.

Ele sorriu para mim.

— Eu não tenho tanto dinheiro, mas posso conseguir. Nós vamos à polícia agora. Não me importo que eu tenha que vender minha alma por isso, precisamos fazer alguma coisa.

— Ele é filho de famoso, vida, você melhor do que ninguém sabe o porquê não podemos fazer isso.

Ele jogou a cabeça para trás frustrado com a situação. O silêncio tomou o cômodo por quase dez minutos, ficamos ali apenas confortando um ao outro.

— Eu o odeio, Mel. Eu odeio pelo que ele nos fez passar e por não poder fazer nada por causa dele. — Eu sabia que ele já não estava mais falando sobre o Vitor e sim sobre o pai.

— Só por causa daquele filho da puta eu vou ser obrigado a deixar um cara que tentou te... — Ele respirou fundo repudiando as palavras que não saíram de sua boca. — Eu não consigo nem falar sobre isso, se você não tivesse me obrigado a vir para cá eu não sei o que seria capaz de fazer.

Ele me olhou nos olhos e eles mostraram o que ele seria capaz de fazer. Ele faria qualquer coisa para me proteger, mesmo se isso acabasse com ele.

— Eu não quero que você faça nada, foi por isso que não quis que você soubesse. Você já vai ter que enfrentar o conselho disciplinar, não acumule mais coisas.

— Eu não me importo de ser expulso.

— Eu me importo e vou resolver isso.

Ele me abraçou forte e eu me deixei ser engolida por aqueles braços.

— Não se meta nisso, Melissa, eu não posso permitir que você se envolva. Eu não quero, por favor — ele implorou no meu ouvido.

— Você sabe que eu não posso deixar isso passar batido.

— E eu não posso deixar você agir como alguém apaixonada, eles descobririam.

— Ninguém vai descobrir nada.

— Como pode ter tanta certeza? — ele perguntou me soltando. — Como?

— Muita coisa ruim já aconteceu conosco — respondi baixo.

— Isso não significa que nada mais vai acontecer, a uma altura dessas, você já deveria saber disso.

Eu concordei com a cabeça e olhei para a parede, pois eu sabia que estava sendo positiva em um lugar onde não havia muita positividade.

Ele segurou meu rosto desta vez, me obrigando a olhá-lo.

— Nós precisamos parar de nos ver por enquanto — ele falou tentando parecer firme, mas a tristeza em seus olhos entregava que ele não queria aquilo.

— Você ficou louco? — choraminguei. — Nós já mal nos falamos nos últimos meses. Não quero que passe por tudo isso sozinho.

— Eu não posso correr o risco de te perder por não esperar mais um pouco, Mel.

— Você não vai me perder se descobrirem sobre nós — retuquei para que ele percebesse o quanto estava sendo idiota. — Eu te esperei mesmo quando não deveria, vamos enfrentar juntos tudo o que vier.

— Não de imediato, mas quando descobrirem, você vai aguentar os olhares no corredor? Os cochichos por trás das suas costas? A gozação? Em alguns meses você se formará com todos falando que só conseguiu, pois dormiu com todos os professores? — Ele percebeu as lágrimas se formando em meus olhos e vi o momento em que seu corpo se encheu de remorso, mas decidiu continuar mesmo assim. — Em alguns anos vai culpar a escolha que tomou aqui, neste dia, por não ter conseguido um bom emprego, já que ninguém te recomendou, além do seu namorado. E verá tudo que planejou jogado pelo ralo apenas por que não quis esperar alguns meses a mais. É apenas por alguns meses, Mel. Eu mais do que ninguém sei como é difícil ficar longe de você, mas temos muito a perder e isso não é um adeus, só um até logo.

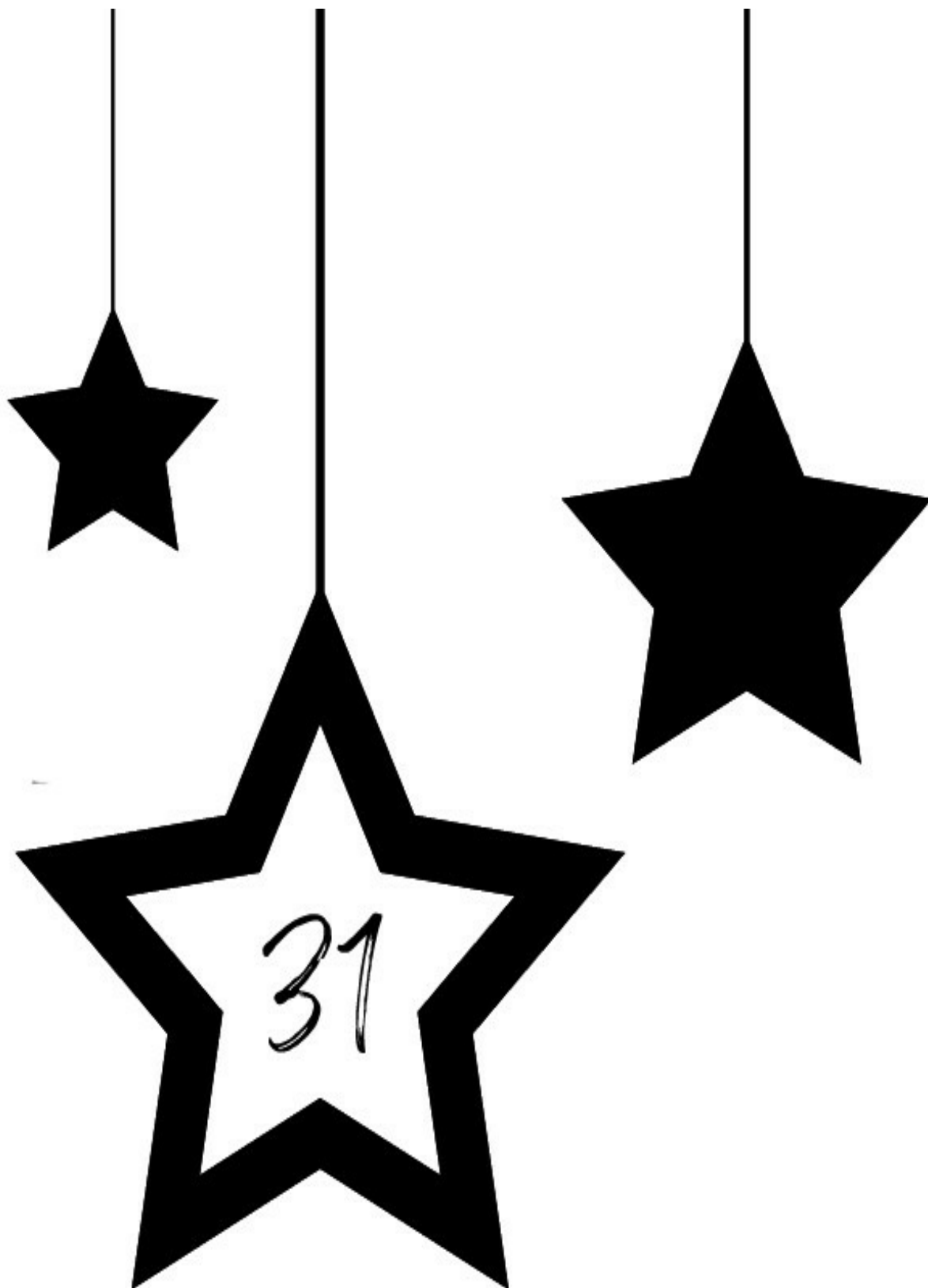
Eu soluzei, mas forcei as lágrimas a não caírem.

— Alguns meses — concordei.

— Eu te espero daqui a alguns meses para viver tudo que nos foi negado. Eu te amo mais do que você pode imaginar, Mel — ele sussurrou antes de me soltar e me tirar de cima dele.

— Eu também, Vida.

Ele me lançou um sorriso triste e saiu pela porta.



Giovana

Havia passado algumas semanas desde que estive com o Logan naquele dia no meu apartamento. Todas as vezes que eu tentava conversar com ele sobre alguma solução ele implorava para que eu não me envolvesse. Sei que ele está fazendo isso para evitar que algo recaia sobre mim caso não achemos uma solução, eu faria o mesmo se a situação fosse inversa, só que sei muito bem que ele não aceitaria ficar só olhando, e eu também não vou.

Estou há semanas procurando uma solução para o nosso problema, mas todas as vezes tenho telefonemas sendo desligados na minha cara. Ninguém está disposto ou interessado a ajudar, ainda mais quando não tenho nada a oferecer em troca. Se eu tivesse ao menos algum dinheiro para barganhar, porém nem isso eu tenho, só posso contar com a boa vontade dos outros de ajudar ao próximo, que normalmente é nula.

Queria ter conseguido pensar em uma maneira de resolver isso sem precisar envolver outras pessoas no meio dessa bagunça, mas estávamos chegando no dia em que a carreira do Logan ia entrar em jogo e eu ainda não havia conseguido nada para ajudá-lo. Então, a Cami era minha última esperança de conseguir algo.

— Cami, eu preciso da sua ajuda — falei desesperada assim que ela cruzou a porta do nosso apartamento, assustando-a no processo, já que a sala estava num breu completo e eu parecia um fantasma sentado no sofá.

Eu estava um pouco nervosa com o pedido, não sabia como ela iria reagir e terei que entender se ela decidir não me ajudar.

— Ao seu dispor — ela respondeu se juntando a mim.

— Me desculpe por pedir isso, sei que você não fala com seu pai há um tempão, mas eu não pediria se tivesse alternativa.

Ela franziu o cenho.

— Ok, me fale logo o que é, estou começando a ficar preocupada.

— Sabe o hotel em que ficamos hospedadas na viagem?

Ela concordou com a cabeça.

— Já estou há dias tentando conseguir as gravações para ajudar o Logan, mas sempre recebo a mesma resposta. Não, não e não. Que é privacidade dos hóspedes e toda essa merda. Eu já estou desesperada, a audiência do Logan com o comitê disciplinar é amanhã, e sem isso será apenas a palavra dele contra a daquela desgraçada.

— E o que meu pai tem a ver com tudo isso? — perguntou cautelosa.

— Durante uma das pesquisas descobri que seu pai é um dos acionistas dessa rede de hotel.

— Esse deve ser algum investimento novo, quando nós ainda conversávamos, ele não tinha

investimentos na hotelaria...

— Foco, Cami!

— Claro, desculpa. Você quer que eu fale com ele e peça as filmagens?

— Sim, mas se você achar que é demais, eu entendo — falei tentando fazer minha melhor cara de cachorro sem dono.

Ela sorriu para mim.

— Gi, eu faria qualquer coisa para te ajudar. Você merece seu pedacinho de felicidade depois de tudo que passou.

— Obrigada. Obrigada. Obrigada — disse pulando no pescoço dela.

— Não posso garantir nada, mas vou enfrentar meus pesadelos por você. Deve ter pelo menos dois anos que não falo com meu pai.

— Eu juro que vou te recompensar por isso.

— É só não se esquecer de mim quando estiver vivendo o seu felizes para sempre com o Dr. Scott.

— Nunca esqueceria.

A família da Cami é uma das mais ricas do Brasil. Não duvido que mais da metade dos negócios do país tenha um dedo deles. Eles são daqueles tipos de pessoa que acham um absurdo diferentes classes sociais se misturarem, nasceram ricos e agem como se o mundo lhes devesse um favor. Eu realmente não sei como minha amiga conseguiu se tornar alguém tão diferente deles. Eu os vi uma vez e espero não encontrá-los nunca mais.

Os pais da Cami sonhavam que ela tivesse uma “profissão de verdade”, vulgo fosse médica, a criaram desde que nasceu para isso, assim como o irmão dela foi criado para assumir os negócios do pai. Porém, só de olhar para sangue ela quase desmaiava, diz que morreria antes de conseguir terminar uma aula de anatomia com todos aqueles cadáveres e o fato dela não querer fazer o que eles planejaram para ela desde criança os deixou enfurecidos.

Esse sonho de ser uma cantora e ter uma banda irritou o pai dela, que tentou de todas as formas esmagá-lo, mas a Cami nunca desistiu. Ela tentou seguir a carreira musical por uns anos, quando viu que não seria tão fácil, cedeu um pouco, porém a relação com o pai nunca voltou a ser a mesma. Principalmente depois que ele jogou na cara dela que era perda de tempo toda essa dedicação com música e que ela nunca seria conhecida por “essa música horrorosa que faz”.

De tanto ouvir palavras negativas vindas dos pais, ela acabou desistindo dos sonhos. Largou a ideia de ir para um conservatório musical e foi fazer faculdade, porém se negou a fazer medicina, optou pela mesma profissão do irmão, o que o deixou cheio de ódio, pois falou que a irmã queria roubar o lugar dele de direito na empresa do pai. O que ela nunca negou, só para irritá-lo, apesar de não ter a menor vontade de trabalhar lá.

Desde então, ela segue as ordens do pai. É a primeira da faculdade e não duvido nada que será excelente se realmente for exercer a profissão. O único ato de rebeldia dela é ainda ter a banda, mas é claro que o pai não tem ideia disso, ele acha que tudo acabou no dia que ela entrou para a faculdade.

As conversas dos dois são mediadas pela mãe da Cami, ela mesma não fala com ele há anos. Por isso sei o quanto significa nossa amizade quando ela aceitou fazer isso por mim.



Eu estava atônita encarando o celular, sem acreditar na notícia que havia acabado de receber. A conversa que acabara de ter ficava repassando em minha cabeça, “ele foi preso, vocês estão a salvo”. Eu não preciso mais me esconder, não preciso ter medo dele me encontrar, ele não pode mais me encontrar. O filho da puta que tirou todos que eu amava finalmente vai pagar pelo mal que fez. Espero que apodreça pelo resto da vida naquela maldita prisão.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto, toda a dor e medo que guardei por tanto tempo estavam enfim sendo libertados.

Os problemas que eu e o Logan estamos enfrentando hoje ficaram até mais leves, se o Robert foi à justiça, sendo um traficante poderoso, uma aluna idiota querendo destruir a vida dos outros com mentiras não vai se safar. Hoje é um dos melhores dias da minha vida e não vou deixar que ela estrague isso, eu vou esfaqueá-la em frente ao conselho. Nada vai me segurar.

Eu ainda precisava fazer uma coisa antes de ir para a reunião do conselho disciplina. Adiei o máximo que consegui, mas se quiser mesmo ajudar o Logan eu preciso fazer isso.

A Cami ainda não conseguiu nada com os pais, e eu precisava livrá-lo de alguma coisa pelo menos, custe o que custar.

Não acredito que estou fazendo isso. O Logan e a Cami me matariam se desconfiassem. Fiquei encarando o celular por quase meia hora antes de apertar para discar.

— Giovana? — A voz do outro lado da linha atendeu confusa.

— Oi Vitor — respondi seca.

— Como você está?

— Não te liguei para jogar papo fora, Vitor. Quero que você faça uma coisa.

— O que quiser, princesa.

Queria socá-lo pelo telefone por me chamar assim, mas me esforcei para manter a calma. Respirei fundo e respondi.

— Quero que você retire todas as acusações contra o Dr. Scott.

Ele gargalhou alto do outro lado.

— Isso não vai rolar.

— Se isso não rolar, irá rolar outro processo sobre uma tentativa de estupro.

— É minha palavra contra a sua.

— Claro, mas tem também os vídeos de segurança do hotel, e a Camila que me buscou e viu

meu estado. Pode não ser muita coisa, mas é um processo no qual tenho certeza que seu paizinho não vai querer ver seu nome.

— Merda... Merda... Por que essa ameaça logo agora? Você não procurou a policia até hoje.

— Você tem duas horas para retirar todas as acusações e ir até a faculdade e assumir toda culpa pelo que aconteceu. Se acha que estou blefando por não ter feito nada até hoje, me teste e verá o que vai acontecer.

— Giovana, as coisas não são tão simples assim, as pessoas viram que ele me atacou.

— Você é ótimo em inventar histórias e fingir sentimentos, sei que dará um jeito nisso. Duas horas!

— E como vou saber que se fizer isso você não entrará com um processo contra mim.

— Acho que terá que acreditar na minha palavra.

Desliguei o telefone na cara dele com o coração martelando no meu peito, estava me sentindo uma mafiosa desses filmes russos. Acho que fui bem Badass.



Logan

Eu estava quinze minutos adiantado. O conselho já estava quase completo dentro da sala conversando antes de nos convidar para entrar.

Falei para a Melissa que não me importava com tudo isso, pois sabia que seria quase impossível conseguir sair ileso dessa, principalmente depois de me envolver em uma briga da qual não terei como explicar. Era uma merda saber que uma vida inteira de esforço pode ser destruída tão fácil com uma mentira de uma menina sem escrúpulos. Entendo pessoas que querem atenção e fazem de tudo por seus cinco minutinhos de fama, mas destruir a carreira de alguém para isso é muito baixo.

A faculdade conseguiu manter o meu confronto no refeitório por baixo dos panos, mas eu tenho certeza que o assunto surgirá hoje. Até porque tinha uma ação judicial correndo contra mim por conta disso. Por enquanto, eu só torcia para a mídia ficar longe, como pude ser tão imprudente?

— Adrian — Sr. Alexandre chamou. Demorei alguns segundos para me lembrar de que esse era meu nome e atender o chamado. Levantei meu olhar e ele me deu um leve aceno de cabeça.

Logo atrás dele vinha a Mel. O que ela está fazendo aqui? Meu peito se apertou ao vê-la, ainda mais quando um sorriso brilhou em seu rosto assim que nossos olhos se encontraram.

— Bom dia, Alexandre — cumprimentei tentando soar totalmente tranquilo.

Ele passou por mim e entrou na sala onde o conselho estava reunido.

Esforcei-me para voltar minha atenção para o chão depois que ele se foi.

Então, meus pensamentos inundam minha cabeça, com medo do por que dela está aqui. Nós não nos encontramos depois daquele dia que fui ao seu apartamento. Fiquei com medo de levá-la para o buraco junto comigo. Ela encheu minha caixa de e-mails e mensagens, mas eu não a respondi, por mais que estivesse doendo. Eu estava com medo de fazê-la perder tudo novamente, não poderia ser o culpado por isso duas vezes.

Em nenhuma das mensagens, ou e-mails, ela mencionou que estaria presente hoje. Talvez, se eu tivesse respondido, ela teria me contado. Agora meu estômago dói com a possibilidade dela se entregar só para poder ver a Beatriz quebrar a cara. Tenho certeza que ela não se importaria de sujar o próprio nome para isso. Só que não posso suportar o que pensariam dela, achando que ela deu em cima de um professor casado, que ela destruiu uma coisa que nunca existiu. Não gosto nem de pensar sobre alguém falando mal de uma pessoa que só me fez bem e que nunca terão a ideia do que ela já passou para chegar até aqui.

Meu celular tocou no meu bolso me assustando. Era um número composto por vários zeros. Estranhei, mas decidi atender.

— Scott? — O homem do outro lado da linha perguntou depois que atendi.

— Sim, com quem eu falo?

— Aqui é o agente Robson — Respondeu a voz em inglês. Eu nunca ouvi falar desse cara.
— Estou encarregado do caso Harpia há pouco mais de cinco meses.

Aquelas palavras prenderam minha atenção. Esse é o caso daquele filho da puta que tirou tudo de mim. Será que terei que fugir novamente? Trocar de identidade outra vez? Eu não aguento mais ter que fugir da minha vida por causa desse infeliz.

— Certo — pronunciei cauteloso, agora falando no mesmo idioma dele. Olhando de relance para a Melissa, que me olhava atenta. Eu não podia deixar nenhuma emoção transparecer caso as notícias não sejam boas. Ela perceberia.

— Estávamos tentando entrar em contato com você tem algumas horas, estou ligando para informar que conseguimos prendê-lo.

Eu não sabia se havia escutado certo. O mundo parecia ter parado de girar.

— Vocês o prenderam? Tem certeza disso? — perguntei me levantando da cadeira em que estava sentado. Querendo me mover para ter certeza que isso não era um sonho, que realmente estava acontecendo.

— Estamos o interrogando nesse exato momento, ele confessou todos os crimes. E uma testemunha o reconheceu.

— Obrigado, eu não sei nem como começar a agradecer.

Eu queria gritar. Queria pegar a Mel em meus braços e esmagá-la, beijá-la e comemorar a melhor notícia que eu poderia ter recebido. Era indescritível o alívio que estava sentindo.

— Não se preocupe com agradecimentos, ele pagará pelo que fez com você.

Ele me passou algumas informações sobre como lidaríamos com as coisas a seguir. Sobre como poderíamos ter nossas identidades de volta e viver as nossas vidas sem nos preocuparmos que alguém aparecerá do nada para arrancá-la de nós.

Durante os dez minutos seguintes, depois de desligar o celular, eu me esforcei mais ainda para não olhar para a Melissa. Queria correr ao seu encontro, dizer que estava tudo bem agora, que não havia mais ninguém para nos machucar. E principalmente, que poderíamos viver aquela vida que sempre desejamos. Aquela vida que discutíamos nos braços um do outro, as viagens, os sonhos, podemos realmente viver tudo que quisermos.

— Beatriz — Uma mulher chamou na porta me arrancando dos meus devaneios e me trazendo para a realidade que nos encontrávamos agora. — Pode entrar.

Eu sentia os olhos da Mel em mim a todo o momento, me estudando. Era quase uma tortura não olhar de volta, mas havia muitas pessoas ali, não queria que ninguém percebesse nada. Será que ela já sabia?

Depois do que pareceu um século a Beatriz saiu de dentro da sala aos prantos. Abalada, se apoiando na amiga que a esperava logo na porta e me olhava com ódio nos olhos.

O que eu fiz para merecer isso?

Logo depois pediram que eu entrasse.

O ar leve da boa notícia que eu havia acabado de receber se dissipou totalmente quando cruzei a porta da sala e todas aquelas pessoas me analisavam enquanto eu me dirigia para a cadeira vaga de frente para aquela mesa enorme ocupada por sete pessoas.

— Bom dia, Dr. Scott. Eu sou a Dra. Barcellos, nós iremos lhe fazer algumas perguntas.

Eu acenei com a cabeça em concordância e ela prosseguiu.

— Conte-nos sobre todas as vezes que você esteve com a aluna Beatriz Valares.

Então, eu contei sobre a única vez que tivemos qualquer contato, onde ela foi mais agressiva e se jogou em cima de mim, no ônibus; dos contatos em sala de aula e das vezes que ela ia até meu escritório.

— E o que o Senhor estava fazendo na noite de sexta para sábado por volta das dez horas da noite?

— Estava no meu quarto me preparando para a palestra que daria na manhã seguinte.

— Teve contato com qualquer pessoa que possa confirmar isso?

— Não.

— Nem sequer um funcionário do hotel?

— Não, eu já havia jantado por volta das oito da noite e não demorei muito para dormir depois de ajeitar tudo que precisava.

— Então, o Senhor está afirmando que nunca teve qualquer tipo de relacionamento, além do profissional, com a aluna Beatriz Valares?

— Sim, nunca tive qualquer envolvimento com a aluna.

— Então, por que não delatou a aluna após o ocorrido no ônibus? — ela questionou me olhando como se minhas respostas não estivessem fazendo muito sentindo.

— Eu acredito que todos merecem uma chance, não iria destruir seu nome perante a faculdade por um ato estúpido, que estava parecendo mais como um desafio de alguma brincadeira feita por alguma colega. Nunca esperaria que isso tomasse proporções tão grandes.

— Então, o Senhor preferiu ignorar a norma da instituição para “dar uma segunda chance” à aluna que você nem sequer se importava? — fez umas aspas exagerada ao perguntar.

— Eu não falei em momento algum que não me importava, me preocupo com todos os meus alunos. Eu não a conheço, não tenho intimidade, o que não quer dizer que não me importo. Eu só acho que qualquer pessoa que tenha cometido pela primeira vez um deslize, merece uma segunda chance, mas nesse caso tenho que concordar que foi estupidez da minha parte. Infelizmente, acredito no melhor das pessoas.

— Claro, o bom samaritano — outra mulher que estava na bancada comentou baixo com o colega ao lado, não baixo o suficiente para que eu não escutasse. E tenho certeza que era essa sua intenção.

— E o que o levou a bater em um de nossos alunos? Você sabe quem é o pai desse aluno? — ela perguntou ríspida. — Foi um sacrifício conseguir que não divulgassem tudo isso. Espero que tenha uma excelente explicação.

— Eu não darei uma explicação. E sim, sei quem é o pai dele. — respondi. Se alguém fosse contar a verdade sobre isso teria que ser ela, o segredo não era meu para contá-lo.

— Como assim não dará uma explicação? Você simplesmente bateu nele sem motivo? — perguntou indignada.

— Não, eu não disse que não tinha motivo, eu disse que não falarei qual foi.

— Você está ciente do que está em jogo aqui, Dr. Scott? Você pode perder sua carreira, todo o seu trabalho.

— Eu estou ciente.

— Obrigada, Dr. Scott. Agora nós iremos convidar algumas testemunhas que presenciaram alguns acontecimentos. Mas só por sua falta de interesse em se defender já podemos presumir que tem muita coisa errada aí, não é mesmo? — falou irritada.

Ela se levantou e chamou as outras pessoas da porta. Entraram outras duas alunas além da Melissa, Camila e a Beatriz. Sendo que as duas desconhecidas eram testemunhas da Beatriz.

A primeira se chamava Amanda e falou sobre como a Beatriz desde alguns meses atrás andava sonhadora e apaixonada, mas sempre cheia de mistérios, que nunca havia contado a ninguém sobre quem era e que quando tudo vazou foi um choque para todas elas, já que todas sabiam que eu era casado.

Eu olhei para a Melissa de relance e reparei no rosto vermelho de raiva, ela precisava aprender a esconder melhor as emoções. Depois ainda queria discutir comigo sobre como ela não deixaria ninguém perceber, mas seus olhos são uma janela para tudo que se passa naquela cabecinha.

A segunda afirmou ter me visto no bar antes de sair para os shows, o que também era mentira. Não frequentei o bar do hotel em nenhum dos dias, exatamente para não servir de mau exemplo aos alunos. E finalizou dizendo que logo antes de voltar do show havia recebido uma mensagem da amiga implorando para que ela não voltasse para o quarto, pois estava acompanhada, por mim, como ela descobriu mais tarde.

E uma terceira que chegou atrasada falou sobre como me procurou naquela noite, pois havia perdido suas credenciais e queria saber como iria fazer na manhã seguinte; disse que ligou incansavelmente para o meu quarto, depois bateu em minha porta e eu não atendi, logo era bem provável que eu não estivesse lá.

O pior de tudo é que o relato dessa terceira menina pode ter sido até verdadeiro, eu tenho um sono muito pesado e não acordo fácil.

Após elas terminarem foi a vez da Camila se sentar na cadeira.

— Bom dia, Camila.

— Bom dia.

— Você é a estagiária do Dr. Scott, certo?

— Isso mesmo.

Ela anotou algo no papel e voltou a atenção para a Camila.

— Conte-nos o que sabe sobre a relação do Dr. Scott e a aluna Beatriz Valares.

— Sempre que ela aparecia na sala do Dr. Scott, ele fazia questão de que eu estivesse presente. Vi inúmeras vezes as tentativas dela de dar em cima dele. Todas às vezes ela aparecia inesperadamente usando shorts ou saias curtas e decotes que davam para ver até o mamilo do peito quando ela se inclinava um pouco.

— Você e o Dr. Scott tiveram algum encontro após o afastamento dele?

— Não.

— E não acha que ele pode ter cedido há uma dessas investidas enquanto você não estava presente?

— Não.

— Por que está tão certa disso?

— Porque mesmo no pouco tempo em que trabalhamos juntos vi o quanto ele é profissional.

— E seu contato com ele é estritamente profissional?

— Sim.

— Então, você não o conhece fora do escritório?

— Não — ela respondeu um pouco desanimada, percebendo a estratégia da Dra. Barcellos.

— Sabe algo sobre os relacionamentos íntimos dele?

Dessa vez ela pensou por um breve segundo, mas como eu, sabia que não tinha o direito de contar sobre mim e a Mel.

— Não.

— Logo, isso pode ter acontecido em outros horários fora do turno de trabalho dele? Como relatado pela aluna Beatriz.

A Camila se levantou num salto e bateu a mão na mesa, assustando a quase todos.

— Você só pode estar de brincadeira comigo se está mesmo dando corda para o que essa dissimulada está dizendo — falou quase gritando.

— Senhorita Camila, peço que se retire agora, já terminamos aqui.

Ela riu, sem muita vontade.

— Tudo bem, estou saindo agora. Mas saiba que vai destruir tudo que o Dr. Scott construiu por um depoimento sem fundamento de uma aluna mentirosa e falsa.

— Saia dessa sala agora — Dra. Barcellos falou firme.

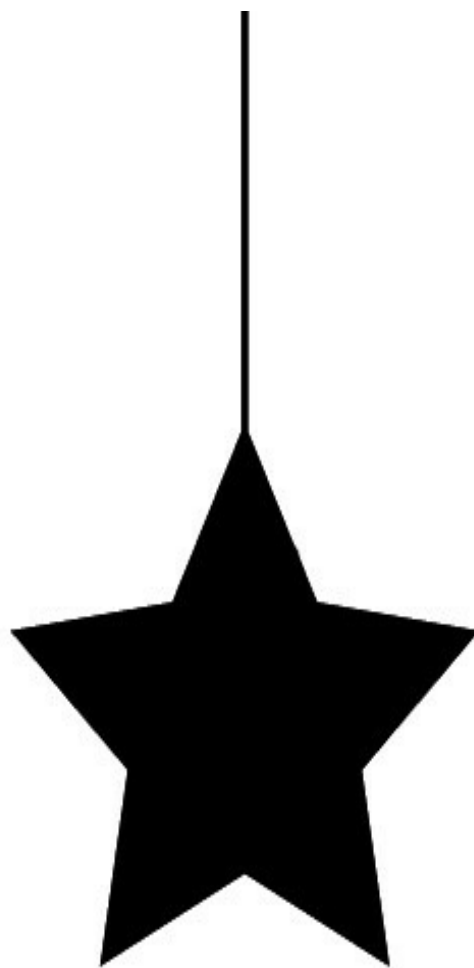
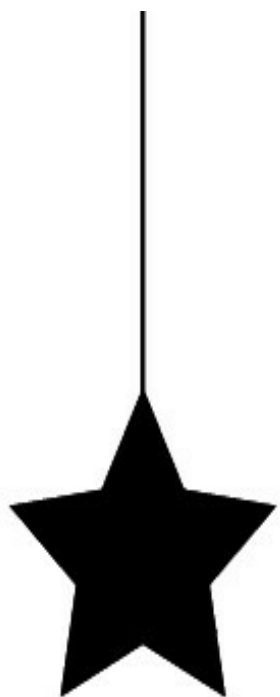
— Com muito prazer.

Ela olhou nos olhos da Melissa e as duas tiveram aquela conversa silenciosa. Tinha alguma coisa acontecendo. Ela se virou para a Beatriz, que sustentava um pequeno sorriso no rosto. Quase imperceptível.

— Conhece aquele famoso ditado: Quem ri por ultimo ri melhor? Então, minha risada vai

derrubar esse prédio quando você cair.

Logo depois, recolheu a bolsa e caminhou até a saída, batendo a porta dramaticamente enquanto passava.



Giovana

O falatório foi geral quando a Cami fez sua cena, claro que ela não sairia de uma maneira calma e tranquila, não seria a Cami. Assim que ela saiu o celular vibrou na minha mão.

Cami:

Eu vou acabar com essa menina.

Eu:

Vamos! Só preciso do vídeo.

Cami:

Estou tentando.

Eu:

Eu sei.

Desculpa por pedir isso, mas tente agilizar.

As coisas vão ficar feias por aqui se não conseguirmos provar isso.

Cami:

Eu vou conseguir. Nem que tenha que pegar um avião e invadir aquele hotel eu mesma.

Eu:

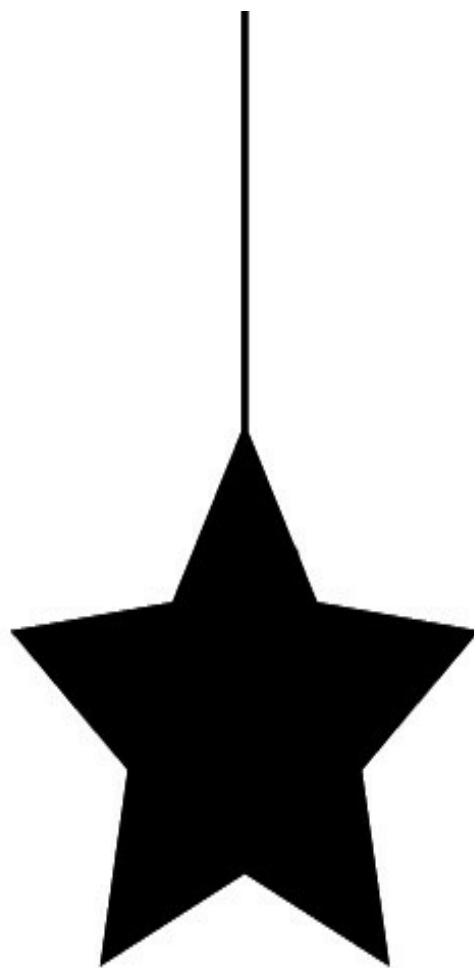
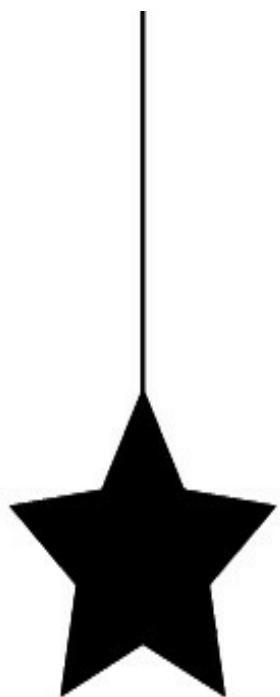
Obrigada por isso.

Você é a melhor!

— Giovana.

Olhei para a Dra. Barcellos e ela pediu que me aproximasse e sentasse na cadeira no meio da sala.

Enfiei meu celular no bolso novamente e lancei um olhar rápido na direção do Logan. Ele me deu um sorriso tranquilo e aquilo foi tudo que eu precisava para todas as dúvidas restantes desaparecerem.



Logan

A Dra. Barcellos atacava a mel com as mesmas perguntas que ela havia feito às outras meninas.

— Presenciei uma conversa no ônibus. O Dr. Scott estava sentado atrás de mim e da aluna Camila Giardini, durante a ida da viagem. Eu acordei com a conversa deles no banco de trás, peguei só um trecho, mas acho que foi o mais importante. Ela insinuou algo sobre ele precisar de companhia já que a mulher dele havia voltado para os Estados Unidos e ele recusou de imediato, mandando-a voltar para o lugar dela caso contrário teria que relatar a direção. Não ouve nada de íntimo.

— Você e o Dr. Scott tiveram algum encontro após o afastamento dele?

Eu a olhei, com medo dela vacilar, mas sua resposta foi um sonoro “não”.

— É engraçado como a história dos dois parece um tanto quanto combinada, pois ambos disseram basicamente a mesma coisa.

— Deve ser por que é a verdade — rebateu a Mel perdendo um pouco do controle.

— Ou porque foi combinado.

— Dra. Barcellos — Alexandre interrompeu. — Ela havia me contado a mesma história logo após eu falar sobre o afastamento do Dr. Scott em sala de aula, então, não acho que tenham combinado.

— Muito bem. Vamos prosseguir então. — Ela olhou para o papel. — Você viu o Dr. Scott na noite de sexta para sábado?

Ela segurava firme a mesa em sua frente.

— Não.

— Você então acredita pelo único fragmento de conversa que presenciou que o Dr. Scott é inocente?

— Não, eu acredito que ele é inocente porque todo o comportamento que ele teve desde que o conheci foi de um homem completamente íntegro e apaixonado pela mulher que escolheu amar para vida inteira. — Notei a escolha de palavras, ela estava falando de si própria, mas queria dar a entender que era sobre a Sarah. — Em sala de aula, ele fez um comentário sobre ter sido a coisa pela qual ele foi mais persistente durante toda a vida, que era apaixonado por ela desde criança. — As meninas no canto da sala concordaram e receberam um olhar feio da Beatriz. — Além de ser um profissional exemplar. Acha mesmo que ele jogaria todos os seus anos de estudos fora por um caso? Então, tudo isso combinado com o fragmento da conversa, eu não só acredito como tenho certeza de que ele é inocente.

Eu queria me levantar da cadeira e beijá-la bem ali, sem me importar que estivessem olhando, ou se eu perderia meu emprego. Cada palavra que ela disse veio recheada de amor e eu

a agradeceria para sempre por confiar tanto assim em mim, mesmo sem realmente ter certeza sobre eu estar falando a verdade ou mentira. Ela não estava lá na noite de sexta feira, eu poderia muito bem estar mentindo.

— Muito bem, acho que é o bastante, não estamos aqui para julgar opiniões e sim fatos — Dra. Barcellos falou. — Vamos conversar um pouco e nos encontramos novamente à tarde.

Melissa foi a primeira a sair da sala, ela estava roendo as unhas, ela odiava roer as unhas.

Mandei algumas mensagens para ela, mas não obtive resposta em nenhuma. Acho que agora era eu quem estava recebendo o gelo. Mereci isso.

O tempo passou arrastado até dar a hora de voltar para saber o que aconteceria com a minha carreira.

Só uma das meninas que haviam testemunhado a favor da Beatriz voltou para saber o resultado.

Mel se sentou do outro lado da sala, de frente para mim. Ela não parava de olhar para o celular, como se ele fosse a coisa mais preciosa em sua vida, mas não havia respondido nenhuma das mensagens que eu havia mandado.

— Boa tarde — Dra. Barcellos falou ao se sentar em sua cadeira. — Conversamos bastante e chegamos a uma conclusão. Os fatos são inegáveis, o Dr. Scott teve um caso com a aluna Beatriz Valares. Nós iremos afastá-lo imediatamente de seu cargo e encaminharemos o caso para o conselho estudantil federal, que resolverá o que será feito de sua carreira.

— Isso é ridículo — Melissa gritou do outro lado.

Eu a olhei implorando para que ela ficasse quieta.

— Como é? — Dra. Barcellos perguntou elevando o tom da voz.

— Olha a cara dessa menina — ela disse apontando para a Beatriz que sustentava um sorriso no rosto. — Como alguém que se diz apaixonada estaria com um sorriso no rosto ao ver sua suposta paixão perdendo toda uma vida de trabalho?

— Ele que me rejeitou — Beatriz gritou com lágrimas nos olhos, voltando à personagem.

— Srta. Loredó, eu gostaria de pedir que se retirasse, a decisão já foi tomada — Dra. Barcellos falou com um ar de superioridade. E eu gostaria de quebrar a cara dela por falar assim com a Mel.

Eu estava prestes a discutir com ela para ganharmos mais tempo quando a porta foi escancarada pela Cami.

— Cheguei atrasada? Desculpa! — falou com a respiração entrecortada, certamente foi correndo até lá.

Dra. Barcellos se levantou e cruzou os braços teatralmente.

— Eu pensei que havia mandado você para casa Srta. Giardini.

— Oh, achei que só havia me mandado sair àquela hora, prometo que ficarei quietinha — ela respondeu se aproximando da Mel e cochichou algo no ouvido dela.

— Tudo bem, vamos terminar logo com isso, todos já estão exaustos. Como eu ia dizendo...

O celular da Mel tocou alto em sua mão, interrompendo o discurso final, e ela abriu um sorriso. Ela se aproximou da mesa da Dra. Barcellos e jogou o aparelho em cima.

— Ai está o vídeo do bar e do corredor do quarto da Beatriz no hotel das oito da noite até às seis da manhã. Ou se preferir ver a versão curta ao lado tem outro vídeo onde ela leva um cara do bar, que não é o Dr. Scott para o quarto. — Ela sorriu triunfante. — Se quiser confirmar se é verdadeiro aqui está o telefone do hotel, pode perguntá-los — falou e colocou o panfleto, que havíamos distribuídos em sala de aula, ao lado do celular.

Dra. Barcellos pegou o celular na mão e assistiu ao vídeo juntamente com as duas pessoas que estavam na mesa ao seu lado.

— O que isso significa, Beatriz? — perguntou a Dra. Barcellos.

— Isso é mentira, deve ser montagem! — ela gritou ainda tentando insistir na farsa. — Eu estava com o Dr. Scott.

— Você é uma falsa, manipuladora e não merece um pinga de compaixão — Mel falou, se virando para ela. Eu ainda não conseguia acreditar que ela tentava manter a farsa mesmo depois disso.

— Beatriz, você tem noção da gravidade dessas acusações que fez? — Dra. Barcellos perguntou com os olhos faiscando de raiva.

Beatriz olhou para mim com todo ódio transbordando.

— Tudo bem, me pegaram — admitiu nervosa. — Mas podem ter certeza que o Doutor Scott não está aqui por engano, ele está se envolvendo com uma aluna, só não sou eu. Fiz tudo isso como vingança pelo que ela aprontou com o Vitor e ele sabe que vocês dois estão juntos — acusou.

Então saiu correndo da sala sem maiores explicações. Acho que ficou bem claro para todo mundo que realmente era uma mentira, pois todos olhavam atônitos para a porta aberta pela qual ela acabara de sair correndo. Porém, a revelação dela me travou no lugar, o que ela havia acabado de fazer? Como eles descobriram isso?

Mel estava de pé, olhando para a porta, sua cor havia sumido do seu corpo. Ela me olhou e eu tentei sorrir para mostrar que ficaria tudo bem, mas não tinha certeza disso, meu sorriso não saiu.

A Dra. Barcellos revezou seu olhar entre mim e a Mel, provavelmente percebendo a verdade, nos entregamos com nossos olhares, já que nós dois estávamos em choque. E eu vi tudo que ela construiu nesse tempo todo que eu estava longe escorrendo por seus dedos. Tudo por minha culpa.

— Alguém pode me explicar isso? Ou vão ficar olhando um para a cara do outro? — ela perguntou impaciente. — Depois dessa descoberta acho que faz até sentido o motivo da briguinha por ciúmes. Vitor está processando a faculdade por esse seu ato ridículo — falou lançando um olhar odioso para o meu lado.

— Eu posso explicar isso também — Mel falou olhando para o chão.

— Mel — chamei antes de me da conta que usei o nome errado. Todos me olharam como se eu fosse louco. Mas não me importei, ela me olhou com os olhos serenos e sussurrou que ela

dava conta, que não era para eu interferir.

Então, apenas concordei e fiquei quieto, confiava nela com a minha vida. Sabia que o que ela decidisse fazer, deveria ter pensado muito nisso.

— Estou curiosa agora — Dra. Barcelos comentou.

— Mas quero falar só com vocês, não quero mais ninguém na sala — ela pediu.

A Dra. Barcellos ordenou a saída de todos, eu não me movi, eu não iria sair dali. Cami deu um beijo na bochecha dela e saiu juntamente com os demais.

— Eu não vou sair — falei quando recebi um olhar matador da Dra. Barcellos.

Ela ia me repreender, mas a Mel interveio.

— Tudo bem, ele pode ficar, eu o quero aqui, já que não é um segredo só meu para ser contado.

Assim que a última pessoa deixou a sala ela tirou uma folha de dentro de uma pasta que estava segurando durante todo o dia e a entregou para a Dra. Barcellos que leu aquilo com cuidado.

— Ele tirou as acusações? — ela perguntou sem entender.

— Sim, não tem mais nada comprometendo o Lo... Dr. Scott e nem a faculdade.

— Giovana, claro que isso será levado em consideração, mas não podemos desfazer o processo. Ele bateu em um aluno no meio do refeitório. Muitas pessoas assistiram aquilo. O Dr. Scott não deu ao menos uma explicação e agora que sabemos que vocês dois estão envolvidos, a situação não fica menos complicada.

— Ele não deu porque a explicação não era dele, e sim minha — ela falou tranquilamente.
— Nós estamos sim envolvidos, mas não da maneira que a Beatriz insinuou.

— Como não? Conte-me a verdade, vocês se envolveram e o Dr. Scott ficou com ciúmes do seu ex?

Parecia que eu nunca seria bom aos olhos da Dra. Barcellos. A cada nova prova a favor ela construía um caso contra.

— Eu posso te contar uma história? — Mel falou com a voz ainda calma.

— Se isso for nos levar a algum lugar.

Mel tirou outro papel de dentro da pasta, dessa vez parecia ser um jornal. A Dra. Barcellos leu a notícia e franziu o cenho.

— O que isso tem a ver com o caso, Giovana? — ela perguntou.

— Meu nome não é Giovana, eu sou a menina dessa reportagem, eu sou a Melissa Rabello — ela falou sem muita firmeza na voz.

Eu encontrei seu olhar e me levantei no mesmo instante caminhando até o seu lado.

— O que você está fazendo? — perguntei e todos da banca me encararam. — Você não precisa fazer isso por mim.

— Eu quero — ela prosseguiu. — E o menino morto, Logan Mitchell, na verdade não estava morto.

— Eu fui mandado para uma unidade de proteção a testemunha — completei.

— Você é esse menino? — Dra. Barcellos perguntou descrente.

Passamos quase meia hora explicando e tirando cada dúvida sobre como nos reencontramos, mas em momento algum falamos sobre nosso envolvimento. Falamos que éramos família um para o outro.

— Mas ainda não entendi a conexão ao caso do aluno Vitor.

— Ele tentou me estuprar — ela falou baixo, como se estivesse envergonhada de dizer aquilo.

Eu estava me odiando mais ainda nesse exato momento por ela ter que fazer isso devido a um problema que eu criei.

Sem conseguir vê-la enfrentando tudo ali sozinha, eu passei meus braços por seu ombro, a puxando para mim.

— Quando descobri e o encontrei eu perdi o controle. Ela não merecia passar por isso depois de tudo. Eu sei que não deveria ter feito, mas não tive sangue frio o suficiente para não fazer nada, principalmente sabendo que nunca poderíamos processá-lo — completei em minha defesa.

— Por que não procurou ajuda antes? Porque não poderiam processá-lo? — Dra. Barcellos perguntou ainda desconfiada.

— Porque até hoje cedo meu maior medo era encontrar o homem que fez isso — ela falou apontando para a reportagem. — Mas hoje de manhã quando recebi a notícia da sua prisão eu sabia exatamente como ajudaria o Logan, o Dr. Scott.

Todos ficaram em silêncio por quase um minuto.

— Acho que não precisamos mais disso, peço desculpas em nome da comissão por ter te julgado errado, Dr. Scott. Você será restituído imediatamente à instituição. E Giovana, se estiver de acordo gostaria que testemunhasse contra o Vitor no tribunal. Como agora estão livres, como você falou, creio que queira vê-lo pagar por isso — falou solenemente. — E outra coisa, vocês têm algum tipo de envolvimento romântico?

— Não — neguei antes da Mel ter a oportunidade.

Ela negou com a cabeça também.

— Tudo bem, então. Vocês estão liberados, entro em contato com você para conversarmos sobre o processo, Giovana.

Eu sorri com aquilo. Ele pagaria, ele tentou machucar meu mundo, ninguém pode sair ileso disso.



Giovana

Eu havia chegado em casa a pouco menos de vinte minutos e já estava de pijama, só queria relaxar um pouco. Estava aproveitando a felicidade de todas as coisas terem se resolvido, tudo voltando a se encaixar.

A faculdade não expulsou a Beatriz, mas ela não aguentou a pressão dos alunos e professores em cima dela e acabou “pedindo para sair”, dizem as más línguas que ela se mudou até para outra cidade. Estou tão feliz de tudo ter acabado que nem quis saber sobre ela, espero que um dia a vida lhe dê uma grande lição para aprender a agir como uma pessoa descente. De hoje em diante só quero esquecer que ela já existiu.

Vitor tinha sido chamado para depor e um inquérito foi aberto. – Acontece que decidi não cumprir com a minha parte do acordo e fiz um boletim de ocorrência contra ele, me julguem – O julgamento está marcado para daqui a dois meses. Logan continua distante, mas depois que descobriu que fiz a denúncia contra o Vitor, insistiu em pagar o advogado para mim, disse que poderia pelo menos me ajudar com isso, já que sabe que um salário de estagiaria não dá para muita coisa. Ele vem coletando várias provas, que serão quase impossíveis de serem contestadas.

Parece que essa não é a primeira vez que o Vitor é envolvido em um caso desses, da outra vez a menina não conseguiu provar nada, foi apenas a sua palavra contra a dele e seus mil advogados, deixando-a passar por mentirosa. Mas como essa é a segunda vez, eu tenho as chances ao meu favor. Além das testemunhas do hotel e a Cami, talvez achem engraçado o estranho sumiço das gravações exatamente entre os minutos que eu saio do quarto aos prantos e me retiro do hotel.

Eu e o Logan decidimos continuar usando nossos nomes falsos até que eu termine a faculdade, seria muito confuso explicar para todos que nos conhecíamos desde o início, e poderiam questionar o nosso trabalho juntos, que não tem sido nada além de profissional. É horrível tê-lo tão perto e ser obrigada a agir como aluna e professor, mas isso não vai durar para sempre. Mais alguns meses e poderemos viver o nosso “felizes para sempre”.

O interfone tocou, mas não me movi da cama. A Camila resmungou alguma coisa como “eu tenho que fazer tudo nessa casa?” e passou para a cozinha para atender.

Eu encarei o teto estrelado, deixando as boas lembranças inundarem minha cabeça. Levando tudo de ruim que aconteceu nos últimos anos.

— Você pode me chamar de Tele — Logan falou um tempo depois de dizer que ele me fez ver estrelas.

— Por que eu te chamaria de Tele? — perguntei rindo, pois já sabia que as próximas palavras não iriam prestar.

— Apelido de telescópio.

— Ainda não estou acompanhando seu raciocínio.

— Sabe como é: Me chama de telescópio e eu te faço ver estrelas sempre que quiser.

Nós rimos alto e ele acariciou meus cabelos, que estavam jogados por cima do seu peito.

— Eu estou apaixonada por você, Logan Mitchell, você é minha vida!

— Eu não estou apaixonado por você, Melissa Rabello — ele falou e eu senti uma pontada de dor no meu peito com essa resposta, mas ele logo completou. — Eu sou apaixonado por você, não é um ato de estar, é um ato de ser. Sempre fui e sempre serei.

— Gi — Cami entrou no quarto e pulou na cama ao meu lado me arrancando das minhas lembranças. — Olha isso — ela disse apontando para o jornal em sua mão.

Havia uma foto do Vitor estampada na primeira página, com a legenda: “Filho de Roberto Sartori é acusado de estupro.” A reportagem descreve muito mal o ocorrido, alguns fatos que não são verdadeiros, mas o que prendeu minha atenção é a foto que ocupa um quarto da página, minha foto, uma foto tirada na faculdade, alguém a tirou escondida.

Eu sabia que não conseguiria manter isso fora da mídia, mas não esperava ver meu rosto em lugar nenhum tão cedo. Tudo aconteceu quando era para acontecer.



Conforme eu andava pelo corredor da faculdade podia ver as pessoas apontando e cochichando. Uma menina chegou até a me confrontar, perguntou se eu não tinha nada melhor para fazer do que inventar mentiras sobre os outros.

Acho que a parte mais difícil é sempre encarar os olhares recriminadores, eu sei que vou ouvir muito coisas como “eles estavam namorando, claro que ela está exagerando”, “Ela inventou isso por seus cinco minutinhos de fama”. Quase todos na faculdade estavam certos que eu estava mentindo, pois ele é o garoto legal e popular que nunca machucaria nem uma formiga, e eu sou só a garota querendo cinco minutinhos de fama em cima do sucesso do pai dele. Alguns me chamaram até de Beatriz, acho que foi o pior xingamento que poderia escutar, mas me mantive firme em todas às vezes, ele merecia isso e eu não iria recuar por conta de um bando de pessoas que não tem a mínima ideia do que eu passei com ele.

É realmente triste que as pessoas acreditem que ele tinha algum tipo de direito sobre o meu corpo só porque estávamos namorando. E mais triste ainda ouvir discursos de pessoas dizendo que “não acreditam no estupro a não ser que tenha uma arma na cabeça”, que “procurei por isso”, como se nossos atos dessem direito a outra pessoa de fazer o que bem entende com nosso corpo. Meu corpo é só meu. E não, é não! Pode ser meu namorado, marido ou o carinha que eu acabei de conhecer no bar, se ele fizer qualquer coisa com meu corpo que eu não dei permissão, é errado!

Enquanto trabalhávamos na sala do Logan, todos pareciam querer me animar. Eles não

paravam de conversar tentando me distrair. Já havia algumas semanas que todos os bolsistas estavam se encontrando no mesmo horário, para finalizar os projetos.

— Gi, eu acredito em você — Lucas, um dos bolsistas, comentou depois de perceber que as conversas não estavam funcionando.

— Obrigada, Lucas — respondi um pouco sem jeito.

— Você é linda e inteligente, não precisa inventar essas coisas para chamar atenção — ele sorriu. — E o Vitor deve pagar pelo que fez. Dinheiro e beleza não são sinônimos de bom caráter. Se quiser conhecer um cara legal, porém não muito bonito, poderíamos sair qualquer dia.

Senti o rubor tomar meu rosto, pois todos em volta de nós me olharam quando ele falou isso. O Lucas com expectativa, a Camila com curiosidade, o Logan com um olhar desafiador no rosto e os demais eu preferi não olhar.

— Eu adoraria — falei.

— O que? — Camila e o Logan falaram uníssonos.

Eu olhei para os dois repreendendo-os, enquanto o Lucas os olhava confuso.

— Eu adoraria, mas já tenho alguém.

— Bom, se não der certo pode me procurar — ele falou brincalhão.

Eu sorri e a Cami puxou outro assunto, sabendo que seria estranho caso comesse uma conversa sobre quem era essa pessoa.

Neste dia, cheguei em casa antes da Camila e preparei o jantar para nós duas, para manter minha cabeça ocupada. Ela chegou quando eu estava colocando os pratos na mesa, passou por mim como um foguete e bateu a porta do quarto. Fiquei sem entender o que estava acontecendo.

Andei até a porta e bati de leve.

— Cami, aconteceu alguma coisa? — perguntei.

Ela não respondeu, mas eu podia ouvir os soluços altos do outro lado da porta.

Forcei a maçaneta e vi que não estava trancada, então entrei. Ela estava encolhida como uma bola na cama e os soluços cruzavam o ar enquanto ela chorava igual a uma criancinha.

— O que aconteceu, Cami? — perguntei passando minha mão pelos seus cabelos para acalmá-la.

Ela tentou controlar um pouco as lágrimas para me responder.

— O Bruno terminou comigo.

— Eu vou matar aquele filho da puta.

— Não, Gi — ela falou segurando a minha mão. — Eu sabia que isso iria acontecer desde o início.

Ela limpou os olhos com a manga da blusa e se sentou ao meu lado.

— Ele é policial, ele trabalha infiltrado.

Assenti, deixando ela me contar o que quisesse, já que resolveu manter tudo em segredo

antes. Caramba, policial? Por essa eu não esperava.

— Ele estava trabalhando em um caso aqui, junto com a suposta esposa dele, que também é policial. — Ela fungou. — Eles não são casados de verdade.

— Cami, você podia ter me contado isso, eu não iria contar para ninguém.

Ela deu de ombros.

— Ele pediu para não contar, mas agora que acabou seu trabalho aqui, acho que não tem mais problema. — Ela riu fraco. — E se tiver, problema dele! Eu preciso desabafar com a minha melhor amiga.

Eu sorri e a abracei.

— Mas por que vocês precisam terminar?

— Ele vai se infiltrar em outro caso e não pode correr o risco de ser pego em contato com nenhuma outra pessoa.

— O cara é guitarrista da sua banda — falei ainda sem entender, como de guitarrista ele passou para policial?

— Ele falou que esse foi o melhor disfarce que já teve. — Ela enxugou as lágrimas. — Eu odeio essa Harpia por ter acabado.

— Você disse Harpia? — perguntei com o coração na mão.

Ela afirmou.

— Ele estava aqui esse tempo todo por causa de mim — falei colocando a mão na boca.

— Como assim, Gi?

Expliquei para ela que esse era o nome da operação para pegar o pai do Logan.

— Agora eu não sei se te odeio ou te amo. É culpa sua eu estar sofrendo agora — ela disse sem saber se ria ou chorava. — Por isso que ele nunca quis que eu os apresentasse, pelo menos não até o início desse ano.

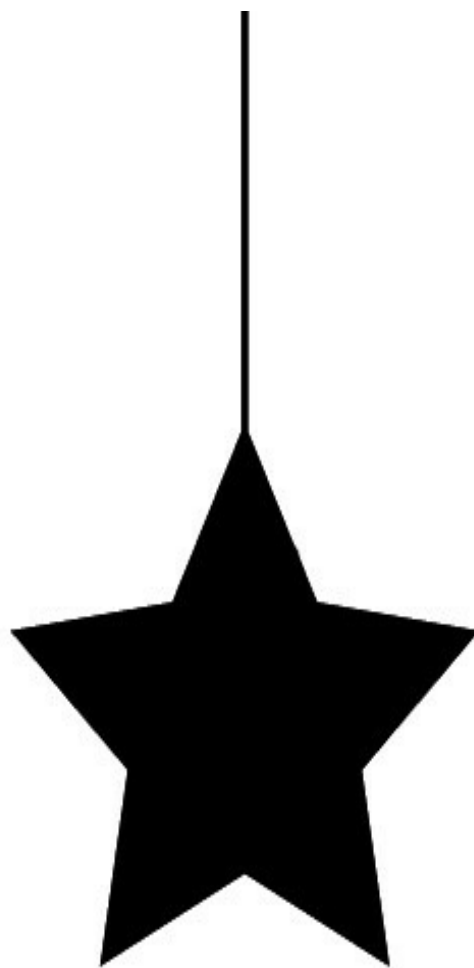
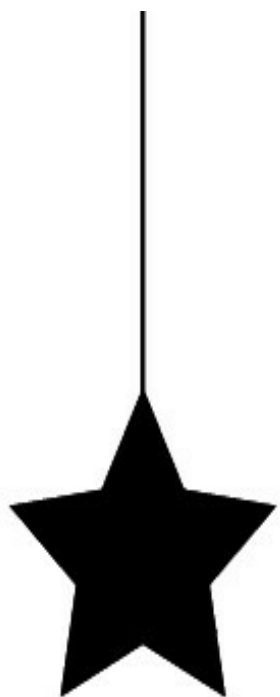
— Que foi quando o Logan veio para cá. — Juntei as peças.

— Ele sabia desde o início sobre vocês?

— Provavelmente — falei dando de ombros.

— Agora eu quero matá-lo mais ainda. Desabafei tantas vezes com ele sobre como você estava estranha e ele nunca me disse um “A”.

Balancei a cabeça rindo e a puxei para a mesa de jantar com pratos recheados de comida, nós duas precisávamos distrair um pouco a cabeça e nada melhor do que uma boa refeição para isso.



Giovana

Os dias até o julgamento passaram arrastados. Eu só queria que tudo isso acabasse logo, não aguentava mais ser o alvo de tanta atenção e ódio.

— É amanhã e depois tudo isso acaba — Cami comentou ao meu lado no sofá. — Você tem certeza que não tem problema ficar sozinha essa noite?

Neguei com a cabeça.

— Vá aproveitar sua última noite com o Bruno, nos vemos amanhã no tribunal.

Ela me deu um beijo na bochecha e foi embora, me deixando sozinha ali apenas com meus pensamentos.

Fui para a cama tentar dormir cedo, mas não conseguia pregar os olhos. A ansiedade de não saber o que poderia acontecer na manhã seguinte não deixava minha mente livre para descansar um pouco.

Quando enfim consegui encostar os olhos o barulho do despertador me acordou.

Não enrolei muito na cama, já que só conseguiria dormir mesmo depois que tudo estivesse finalmente terminado, me arrumei rápido e fui preparar um café para controlar um pouco meu nervosismo. O relógio já marcava oito e meia, eu preciso estar no tribunal em meia hora, mas é menos de dez minutos de caminhada daqui até lá, então ainda estou no horário.

O interfone tocou. *Será que a Camila esqueceu a chave?*

— Oi?

— Srta. Giovana, seu pai está aqui e está pedindo para subir.

— Meu pai? — gaguejei.

Meu pai está vivo?

— Sr. Ricardo Rabello.

— Você tem certeza? Ele te mostrou alguma identificação? — perguntei ainda desconfiada, mas torcendo para ser verdade.

Ele ficou mudo por um tempo e falou alguma coisa com a pessoa que estava lá, mas não consegui entender.

— Estou com a identidade dele na minha mão Srta. Giovana.

Meu pai está vivo!

— Mande-o subir.

Abri a porta do apartamento e fui ansiosa para a porta do elevador. Meu pai vivo! Ele está vivo!

O elevador pareceu demorar dias para chegar até o meu andar, a porta começou a abrir e eu mal podia me conter de tanta alegria. Ele estava no canto do elevador, mas quando nossos olhos se encontraram eu tive certeza de duas coisas:

Meu pai está morto. E eu também.

Ele me olhou e sorriu largo. E eu vi naquele sorriso o mesmo sorriso que derrete meu coração.

— Não fomos apresentados ainda, meu nome é Robert Clarke.

Era assustador encontrar tantas semelhanças nesse homem terrível. Era inegável o parentesco dos dois.

Antes mesmo dele terminar de falar eu corri para o meu apartamento e bati a porta, mas não fui rápida o bastante para trancá-la. Tentei fazer força contra, para ele não conseguir abri-la, só que eu não era forte o suficiente, o homem era enorme, era óbvio que mesmo que eu usasse toda a minha força, não seria pária para a dele.

Ele deu um empurrão forte e cai para trás.

— Minha querida, Melissa, não se preocupe, garanto que serei bem lento, me deu um trabalhão encontrá-la. — Ele riu um pouco sem humor. — Por conta disso não poderei ser rápido, como fui com seu pai no assalto e com sua mãe com a faca direto na garganta — falou rindo e andando calmamente atrás de mim enquanto eu procurava um meio de fugir dele.

Meu pai! Ele matou meu pai, minha mãe e estava prestes a me fazer encontrá-los.

— Como você fugiu da prisão? — choraminguei.

— Sinto muito o mal-entendido, na verdade eu nunca fui preso. Como é fácil enganar essa polícia de hoje em dia. Você acredita que prenderam o homem errado? A incompetência desses homens é terrível. Tive que mudar de estratégia, já que percebi que seria impossível te achar caso eu não mudasse um pouco as regras do jogo.

— Você não precisa fazer isso!

Ele caminhava lentamente atrás de mim. Eu corri para a cozinha, tentando alcançar o faqueiro. Fechei minhas mãos em torno da maior faca e me virei para encará-lo, encurralada no canto da parede.

— Não chegue mais perto! — gritei. — Eu juro que não tenho medo de te machucar.

Ele riu.

— Me machucar, querida? Cuidado para não cortar a própria mão, tive muito trabalho para te achar para no final você se matar sozinha.

— Porque é tão importante para você fazer isso? Eu não era nem nascida quando minha mãe fez o que fez com você.

Ele encostou na bancada me analisando a uma distancia segura da faca em minha mão.

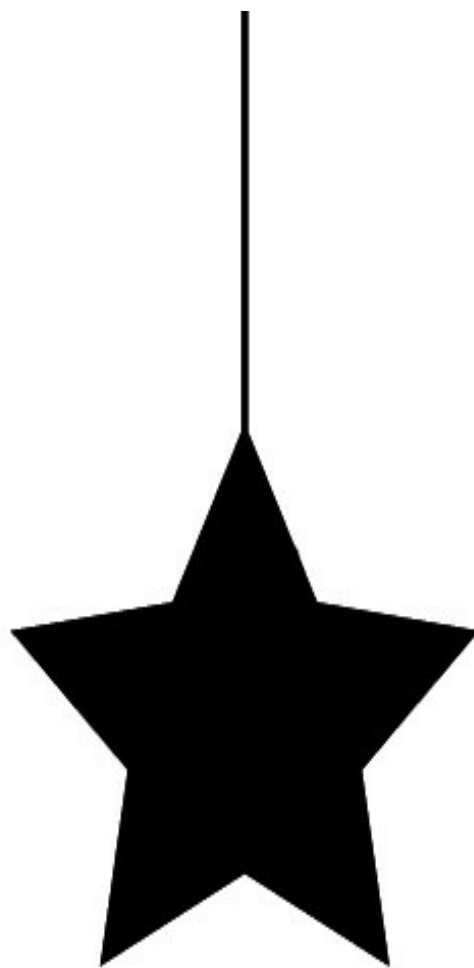
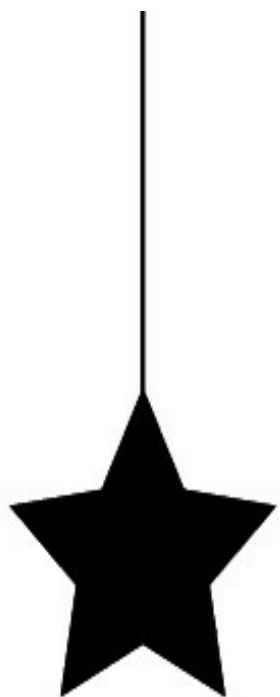
— Elas sabiam o preço a pagar quando se mexe comigo, não importa que você não era nascida, ninguém que tenha o sangue daquelas vagabundas traiçoeiras vai viver nesta terra para contar a história. Você só teve o azar de ter nascido dela, foi seu único erro.

Ele deu mais um passo e eu ameacei cortá-lo novamente.

— Não seja ridícula menina, você só vai se machucar mais se continuar com essa brincadeira, assim como sua mãe.

Eu aproveitei a distração dele quando meu celular, que estava na sala, tocou e avancei para cima dele com tudo, mas isso não foi o suficiente. Ele segurou meu pulso e torceu minha mão até eu não suportar mais segurar a faca e ela cair com um barulho alto no chão.

E naquele momento eu sabia que estava prestes a ter o destino que desejei por tanto tempo. Logo quando eu não o queria mais.



Logan

Olho o relógio pela milésima vez no último minuto, o ponteiro ainda não mudou de lugar, já são nove e vinte e só falta a Melissa no tribunal. O julgamento está marcado para daqui a dez minutos. Há câmeras para todos os lados, a imprensa está louca com esse julgamento.

— Onde está a Giovana? — perguntou o advogado preocupado.

— Ela já deve estar chegando — respondi sem ter certeza se isso era verdade.

Afastei-me um pouco para ligar para seu celular novamente. E como nas outras tentativas caiu na caixa postal. Eu estava tentando me convencer de que estava tudo bem, que ela só estava atrasada, mas a sensação de que tinha alguma coisa errada não sai da minha cabeça.

Camila entrou pelo salão e eu me segurei para não correr em sua direção.

— Onde ela está? — perguntei ignorando os cumprimentos.

— Ela não chegou até agora? — o homem de mãos dadas com ela perguntou franzindo o cenho.

— Ela já saiu de casa?

— Eu não sei — Camila falou. — Eu não dormi em casa hoje.

— Ela está sozinha em casa? Alguma coisa aconteceu.

Eu não esperei para ouvir o que a Camila ou seu namorado tinha para falar. Cruzei o tribunal correndo e continuei assim até entrar em seu prédio, que não ficava muito longe dali. Eu sabia que esperar buscar meu carro no estacionamento e depois procurar uma vaga para parar por aqui iria demorar muito mais.

O saguão do prédio dela estava vazio, o porteiro lia tranquilamente uma revista. Eu nem dei o trabalho de me identificar, corri diretamente para o elevador e apertei o botão para chamá-lo. Os números sinalizando onde o elevador estava começaram a descer irritantemente lentos.

— Onde o Senhor pensa que vai? — o porteiro veio em minha direção para impedir que eu continuasse.

Olhei novamente para os números piscando em cima do elevador. Eu não tinha tempo para isso, ele demoraria vidas para chegar até aqui. Então, sem responder o porteiro, corri para a porta que levava as escadas e comecei a subi-las o mais rápido que conseguia. Sabendo que o porteiro não me alcançaria.

— O Senhor não pode entrar aqui — ele gritou resfolegando atrás de mim. — Vou ser obrigado a chamar a segurança!

Não o respondi, mas eu estava contando com isso.

Cheguei à porta do apartamento dela e bati desesperado.

— Melissa, abre essa porta — gritei. — Sou eu, o Logan.

O silêncio do outro lado era torturante. Resolvi testar a maçaneta e a porta abriu.

Seu nome morreu em minha boca quando eu vi sangue no chão da sala. Minha cabeça girou e eu só consegui implorar para qualquer um que estivesse disposto a me ouvir para que ela estivesse bem.

Entreí no apartamento tentando não fazer barulho. A cada cômodo em que eu não a encontrava tentava me convencer de que ela havia ido para o tribunal e havíamos nos desencontrado, mas o sangue e a porta aberta não batiam nessa teoria.

Ela não estava na sala, na cozinha e nem no banheiro do corredor.

Continuei caminhando pelo corredor e olhei o quarto da Camila, que também estava vazio. A porta do quarto dela estava encostada. Empurrei-a e quando fiz isso me senti o garoto perdido de anos atrás.

A cama dela estava vermelha e ela arregalou seus olhos que estavam fechados, sua respiração era fraca e eu podia ver o como estava sendo difícil continuar respirando.

Corri em sua direção e a segurei em meus braços. Tirando o celular do bolso para chamar o socorro.

— Vai embora — ela sussurrou fraco com uma lágrima escorrendo pelos seus olhos.

— Você deve ter ficado louca se acha que eu vou sair daqui.

— Ele... — ela falava com dificuldade.

Coloquei o dedo em sua boca para fazê-la ficar quieta. Ela não pode se esforçar muito.

O celular começou a chamar, mas antes de alguém atender ele foi arrancado da minha mão. Eu olhei para trás e o vi rindo para mim. O mesmo sorriso que lançou para minha mãe quando ela pediu que me deixasse em paz.

— Vejam só se não é o meu querido filho. Não vai dar nem um abraço no papai? — perguntou sarcástico.

— Deixa ele em paz! — Melissa sussurrou em meus braços com toda força que conseguiu.

Ele gargalhou alto.

— Dejavú. As mulheres estão sempre te defendendo, não é?

Ele veio em minha direção apontando a faca para mim. Eu precisava levá-lo para longe dela. Então, fui contra todos os meus instintos e a soltei, ela choramingou de dor pelo movimento do corpo, fazendo eu quase desistir de deixá-la ali sozinha, mas eu sabia que se não fizesse isso nenhum de nós dois teria a chance.

Levantei da cama e segurei sua mão que estava com a faca apontada para mim e a torci em meus braços. O peguei desprevenido, ele não esperava por uma defensiva e consegui tirar a faca de sua mão. Ela caiu no chão e eu a chutei para baixo do armário, onde ele não conseguiria pegá-la de volta.

— Agora está parecendo ser meu filho — ele falou divertido. — Talvez a puta da sua mãe não estivesse mentindo quando disse que você era meu.

Saber que eu tinha qualquer ligação com aquele homem fez meu sangue ferver, torci mais forte o braço dele para mantê-lo em uma posição em que eu estivesse no controle. Mas ele jogou o corpo para cima de mim, a fim de se livrar do meu aperto, cai em cima da penteadeira, quebrando o espelho e espalhando pelo chão tudo que tinha ali.

Ele fechou a mão em punho e veio em direção ao meu rosto. Virei, desviando de suas mãos e o acertei com um soco no seu estomago o mais forte que consegui. Ele cambaleou para trás, mas ainda sustentava um sorriso sarcástico no rosto, como se estivesse aproveitando tudo aquilo, como se estivesse se divertindo com minhas tentativas de machucá-lo.

Eu precisava acabar rápido com aquilo para buscar ajuda para a Melissa. Vasculhei o quarto a procura de alguma coisa que pudesse me ajudar e peguei a primeira coisa que vi: um pedaço grande do espelho que havia quebrado e caído no chão. Segurei firme sem me importar que aquilo também me machucasse.

Ele estava prestes a avançar para cima de mim de novo quando a Melissa gemeu novamente na cama, tirando sua atenção de mim por um breve segundo, mas era tudo o que eu precisava. Avancei para cima dele e enfiei o espelho onde eu sabia que seria o único local que o faria parar.

O sangue jorrou instantaneamente pelo furo no seu pescoço. Ele levou as mãos ao local e seus joelhos cederam no chão em um baque.

Eu corri para a cama e enlacei a Melissa em meus braços. Seu corpo tremia e estava muito gelado. Eu preciso buscar ajuda.

— Fica comigo — sussurrei em seu ouvido. Isso não pode estar acontecendo de novo, não posso perdê-la. — Por favor, Mel, não me deixa!

Escutei passos dentro do apartamento enquanto eu me dirigia para a cozinha com ela nos braços. Dois policiais me encaravam dali, com as armas apontadas em minha direção.

— Ela precisa de ajuda — gritei desesperado para eles.

— Fique onde está! — um deles gritou.

— Vocês podem fazer o que quiserem comigo, mas a socorram primeiro — o desespero em minha voz era palpável. — Por favor, não a deixem morrer, eu não posso perdê-la!

Um deles comunicou algo pelo rádio, não consegui entender, tudo estava parecendo errado e fora do lugar.

A Camila e o cara que estava com ela mais cedo também entraram naquele momento e seus olhos se encheram de água no mesmo instante que viu a amiga em meus braços.

— Gi, o que aconteceu? — ela gritou vindo ao nosso encontro.

— O Robert — falei fraco.

O namorado dela na mesma hora me olhou.

— Ele está preso — afirmou.

Eu neguei com a cabeça e fiz sinal para os quartos.

Ele seguiu até lá e logo depois pediu ajuda aos policiais, que o seguiram.

A ambulância chegou um pouco depois.



Ela teve duas paradas cardíacas durante o transporte e perdeu muito sangue. Agora, estava em cirurgia há mais de cinco horas e ainda não veio ninguém informar sobre o estado dela.

Minha mão estava enrolada em um pedaço de pano que a Camila me deu enquanto esperávamos socorro. Eles quiseram me levar para dar alguns pontos, mas eu não queria sair dali, eu não posso correr o risco de não estar presente quando o médico finalmente aparecer. Ela não tem família, ela precisa que eu esteja aqui.

— Ela vai ficar bem — Camila falou surgindo na minha frente.

— Você não pode ter certeza disso, Camila — respondi sabendo que as coisas para nós dois nunca dão certo. Parece que fomos destinados a sofrer pela perda um do outro.

Eu não chorei, eu não posso me dar o luxo de chorar, pois se eu chorar vou quebrar e a Mel precisa que eu esteja aqui agora, inteiro. Ela precisa de mim.

Um médico apareceu e chamou pelos parentes dela. Corri até ele. Assim como todos que estavam ali.

— O que o Senhor é dela? — ele perguntou.

— Marido — menti, sabendo que não dariam informações se não tivesse nenhum familiar ali. — Como ela está?

— A situação dela é muito complicada, houve perfuração em diversos órgãos. Tentamos fazer um controle de danos, mas o corpo dela não aguenta ficar mais tempo em cirurgia. Então optamos por esperar, ver se ela consegue aguentar mais um dia e se aguentar nós continuaremos do ponto que paramos.

Ele dizia cada palavra como um pedido de desculpas, como se estivesse nos preparando para a verdade.

— Vocês não podem desistir dela — falei furioso. — Continuem tentando.

Ele me olhou com compaixão, eu não preciso de compaixão, preciso que a conserte!

— Infelizmente, por enquanto, não há mais nada que possamos fazer — ele falou e colocou a mão no meu ombro como um gesto de conforto. Assim como aquela médica fez ao me contar da minha mãe.

Afastei-me de sua mão, não preciso desse tipo de conforto. Ela não está morta. Ela ainda está aqui e não vou deixar a esperança até o último segundo. Ela vai aguentar.

— Eu posso pagar, me dê o preço e eu pago.

— Não é questão de dinheiro. Se continuarmos a operação ela pode morrer na mesa cirúrgica. O corpo dela está fraco, ela não aguenta mais nenhum minuto lá dentro.

Respirei fundo, mas uma vez me impedindo de deixar aquilo me abalar.

— Eu posso vê-la?

— Ela está no CTI, só poderá receber visitas durante o horário. As recepcionistas podem te informar melhor sobre isso. Se não me engano é todos os dias de duas às três da tarde.

— Você está me dizendo que só poderei vê-la amanhã e por uma hora?

Ele concordou com a cabeça.

— Eu preciso vê-la agora — insisti. — Não há nenhuma maneira para conseguir isso?

Ele pensou por um segundo.

— Você pode tentar conseguir um quarto particular no CTI, nisso seu dinheiro pode ajudar.

— Então se conseguimos esse quarto poderemos vê-la hoje? — Camila perguntou, entrando na conversa pela primeira vez.

— Apenas um de vocês, apesar de ser quarto particular só é permitido um acompanhante.

Eu a olhei e seus olhos encheram de água, então desviei meu olhar para não me deixar levar.

— Tudo bem — ela falou sabendo que eu não abriria mão para deixá-la entrar.

— Eu te envio notícias, Camila. Vá para casa descansar um pouco — falei.

— Ele tem razão amor, vamos. — O Bruno, que descobri ser seu namorado e policial infiltrado do caso harpia, envolveu seus braços em volta dela e a puxou. E ela se deixou ser levada.



Consegui o quarto, mas só me deixaram entrar depois que eu fiz o curativo na mão, pois daquele jeito eu estava muito suscetível a bactérias e isso poderia ser passado para a Melissa. Então concordei, não posso correr o risco de piorar ainda mais o quadro dela.

Uma enfermeira me guiou até o quarto no quinto andar do hospital. A cada passo meu coração acelerava mais, com medo do que eu encontraria. Ela abriu a porta do quarto e entrou comigo atrás.

Seu rosto estava quase todo coberto por tubos, mal dava para ver. Ela estava envolvida em uma manta azul, mas o cômodo estava frio demais para aquilo aguentar.

— Ela não vai sentir frio só com isso? — perguntei a enfermeira.

— Não se preocupe, ela não está sentindo frio — a enfermeira respondeu me olhando como se eu fosse um tremendo ignorante. E nesse momento era exatamente assim que eu estava me sentindo.

Ela saiu do quarto depois de dar alguns avisos sobre as precauções que eu deveria tomar.

A princípio fiquei só observando a respiração forçada pelo aparelho, fazendo seu peito

inflar ritmado. Estava com medo de tocá-la, não queria machucá-la mais do que já estava.

Vê-la daquele jeito e saber que eu era o culpado de tudo aquilo, fazia meu coração apertar no meu peito. Ele foi atrás dela porque achou que eu estava morto. Ele a machucou para descontar uma coisa da qual ela não tinha responsabilidade nenhuma. E a possibilidade dela não conseguir aguentar acabava comigo.

Depois de uma grande luta interna me aproximei da cama e puxei a poltrona que tinha ao lado até ficar a poucos centímetros de distância. Coloquei minha mão em cima da dela, estava gelada, fiquei com raiva imediatamente do hospital por cobrar um absurdo e a deixar sentindo frio.

Não consegui pregar os olhos durante o restante do dia e toda a noite. Eu tinha medo de dormir e perder sua última respiração, a última batida do seu coração, ou talvez, por um milagre, poderia perder o momento que seus olhos abrissem e ela sorriria daquele jeito que faz seus olhos acompanharem seus lábios, mas isso não aconteceu.



Logan

Hoje faz exatos três meses que aquele desgraçado tirou meu mundo de mim. Três meses que me sinto um impotente por não ter chegado antes. Eu sinto a falta dela. E eu o odeio com todas as minhas forças. O golpe que dei em seu pescoço não foi suficiente para matá-lo, o que me deixa com mais raiva ainda. Eu queria que ele estivesse morto. Não é justo que ele tenha sobrevivido depois de tudo que fez.

Quando ela foi levada novamente para a cirurgia eu tive que depor aos policiais, mas eu estava com ainda mais raiva deles. Eles haviam me falado que ele estava preso e eu descobri da pior maneira possível que isso era uma mentira, parece que o Robert era melhor do que todos imaginavam. Ele ameaçou um homem com características semelhantes às dele a se entregar à polícia e confessar todos os seus crimes. Quando contaram aos companheiros de cela o que ele havia feito o homem foi espancado na prisão, por pouco conseguiu escapar de tudo com vida.

— Logan — Camila chamou me tirando do meu devaneio.

Eu desisti do nome falso depois de tudo. Não quero fingir ser outra pessoa, não quero ter que explicar quando as pessoas perguntarem o porquê pareço abatido ou nervoso.

Nossa história virou notícia por todo o país. Então, quando ficam sabendo quem eu sou apenas se afastam, pois nenhuma palavra pode reconfortar todas as perdas.

— Você pode entrar para se despedir — ela falou tomando cuidado com as palavras que usava. Todos conversavam comigo como se estivessem pisando em ovos.

Eu adiei o máximo que consegui, mas os médicos continuavam insistindo que eu deveria deixá-la ir, que ela estava ali ainda apenas sustentada por aparelhos, e hoje era o meu prazo final.

Entrei naquele quarto, que havia se tornado minha casa nos últimos meses, e segui até o seu lado. Segurei sua mão entre as minhas e beijei com força. Desejando que aquilo fosse um conto de fadas onde a princesa se levantaria milagrosamente depois do beijo de amor verdadeiro, mas nada aconteceu, assim como nas milhares de vezes antes dessa.

Sentei na poltrona, que a essa altura já tinha o formato do meu corpo.

— Mel — falei com a voz fraca. — Eu não sei bem o que dizer, nem sei se você está ouvindo, mas os médicos disseram que seria bom eu me despedir. Acredita nisso? Eu acabei de encontrá-la e agora preciso me despedir. — Ri sem emoção da ironia de tudo isso. — Me disseram que sabem como é difícil, que eu vou superar, que o tempo vai curar as feridas.

“Eles não entendem, ninguém entende. Você não é só o amor da minha vida, você é minha família, você é meu mundo, Mel. E se meu mundo não existir, eu não tenho onde viver.

“Quando as pessoas conversam sobre os lugares preferidos delas a única coisa que me passa pela cabeça é você. Você é meu lugar preferido, eu amo passear pelo seu corpo, brincar no seu sorriso e habitar o melhor lugar do meu mundo, que é seu coração. Qualquer lugar onde você está passa a ser imediatamente meu lugar preferido.”

Fiquei um tempo em silêncio, me obrigando a continuar inteiro. Eles ainda não desligaram os aparelhos e eu prometi ser forte até o último segundo. Se ela não acordar, se o coração parar de bater e ela parar de respirar, poderei me deixar sentir, nenhum segundo antes disso.

Depois que os médicos falaram que a cirurgia foi um sucesso o aperto do meu coração recebeu um alívio, porém não durou muito tempo, pois ela nunca acordou. Eles disseram que agora só dependia dela, mas depois do primeiro mês começaram a me questionar sobre a retirada dos aparelhos, que eu neguei fervorosamente, assim como no seguinte. Foi quando me disseram que ela poderia estar sofrendo, que eu não consegui ser egoísta o suficiente. Eu preciso deixá-la ir, se é isso que ela necessita.

— Eu preciso de você viva, fica comigo, Mel. Se você está me ouvindo, lute por nós.

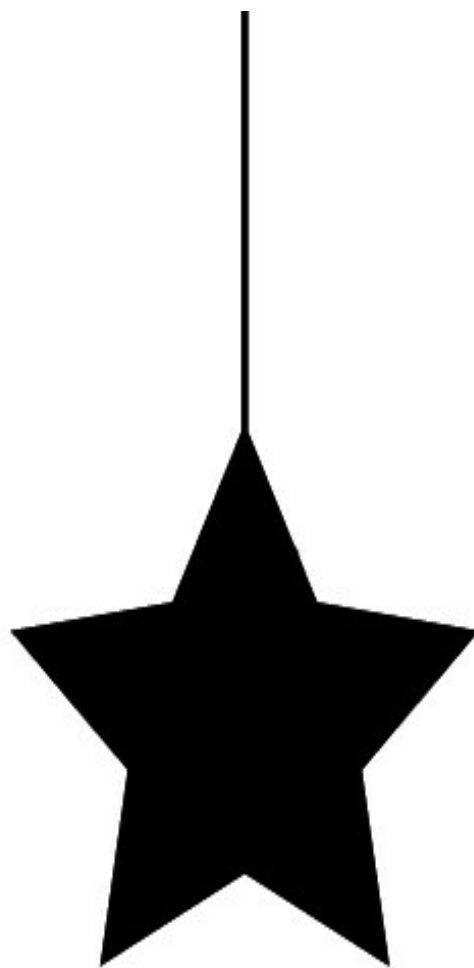
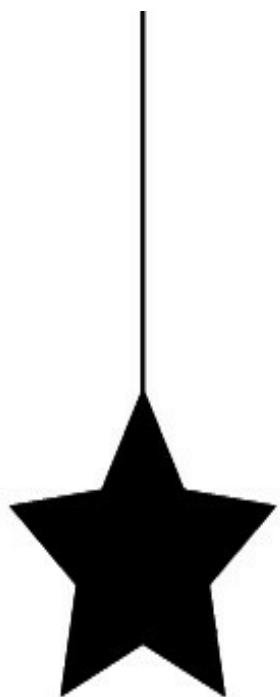
Eu mal terminei a frase quando a enfermeira abriu a porta de leve.

— O Senhor está pronto? — ela perguntou.

Não, nunca estarei pronto para isso. Foi o que minha mente gritava, mas meu corpo apenas acenou com a cabeça, no automático, sabendo que eu não tinha mais uma escolha.

Cinco minutos depois estávamos eu, a Camila e o Bruno no quarto observando o médico desligar os aparelhos. A Camila se apoiava no Bruno e eu me esforçava para continuar respirando, como se aquilo exigisse muito de mim.

— Leva alguns minutos até tudo acabar. Vou deixá-los a sós — o médico falou e se retirou da sala, onde ficamos apenas com o bip das batidas fracas do seu coração, esperando a última delas.



Melissa

- LEMBRANÇAS -

Antes, eu achava que a melhor sensação do mundo seria voar, mas hoje, se alguém me dissesse isso, eu sentiria pena da pessoa, pois estaria obvio que ela nunca experimentou um beijo desses.

Ele afastou a boca da minha e, como sempre, eu resmunguei.

— Algum dia isso passa? — perguntei.

— O que?

— A vontade de manter minha boca colada na sua para o resto da vida.

Ele sorriu. Meu sorriso preferido.

— Espero que não — falou voltando a aproximar a boca da minha. — Você sabia que sua boca está toda inchada e vermelhinha de tanto que fizemos isso?

Cobri meu rosto com as mãos, envergonhada.

— Não faz isso, deixe-me ver, é minha boca preferida do mundo inteiro. Junto com meu nariz preferido do mundo inteiro e os olhos, as bochechas — ele falou puxando minhas mãos e eu cedi, com um sorriso bobo no rosto. — Isto, esse sorriso é meu mundo inteiro, você é meu mundo, Mel.

— E você é minha vida, Logan. Eu te amo tanto que parece que meu coração vai explodir, pois ele é muito pequeno para sustentar o tanto que te amo.

Ele me abraçou forte e tomou meus lábios nos seus novamente.

— Estamos nos tornando aqueles casais que sempre zoávamos, que ficam se declarando um pro outro a cada segundo. Daqui a pouco estaremos fazendo vizinhas — falei rindo de nós dois.

— Onwt, bebezinha não fica axim, agenti podi fazer issu também — ele falou com a voz fina e apertando minha bochecha.

Eu revirei os olhos e sorri.

— Eu te amo tanto que aturaria até você falando comigo desse jeito o resto da vida.

— Qui lindinha, mi da um bejinhuh agora que to ficando calentinho — ele continuou.

Eu dei um soco de leve no seu ombro e ele puxou a maquina fotográfica que estava do seu lado.

— Agora eu quero uma foto dessa boquinha vermelhinha — ele falou já levantando para nos fotografar, mas eu escondi meu rosto em seu peito, enquanto ele sorria largamente para

câmera.

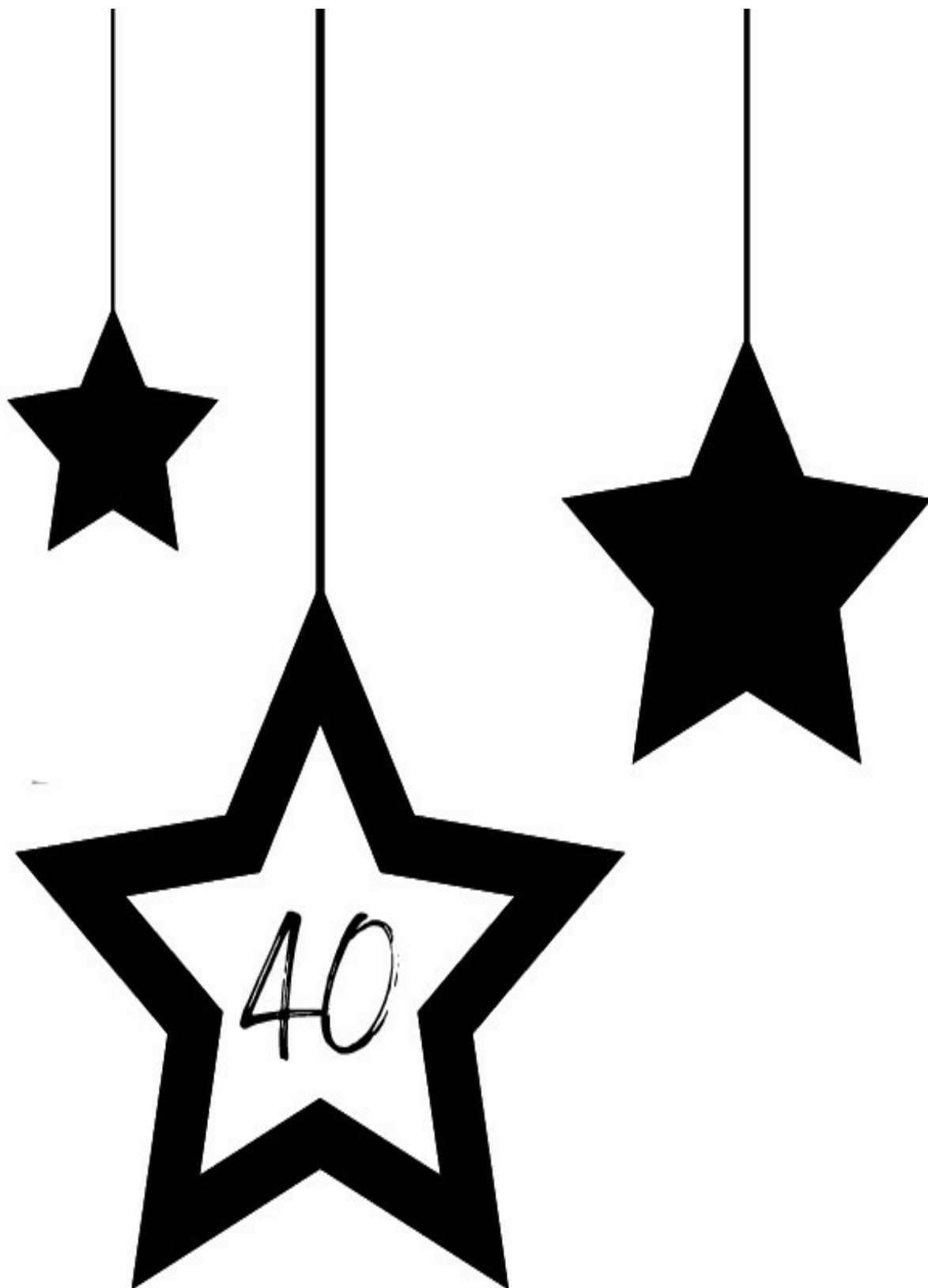
Ele deixou a câmera de lado novamente e voltou a me beijar.

— Estou com meu mundo nos braços, isso é uma grande responsabilidade — ele sussurrou.

— E minha vida esta me envolvendo com muito amor, isso é maravilhoso — sussurrei de volta.

Gargalhamos.

— Tudo bem, nós somos um desses casais e eu nem estou ligando.



Logan

Bip. Ainda está batendo.

Dez minutos. Bip.

Vinte minutos, uma hora, duas. Bip. Bip. Bip.

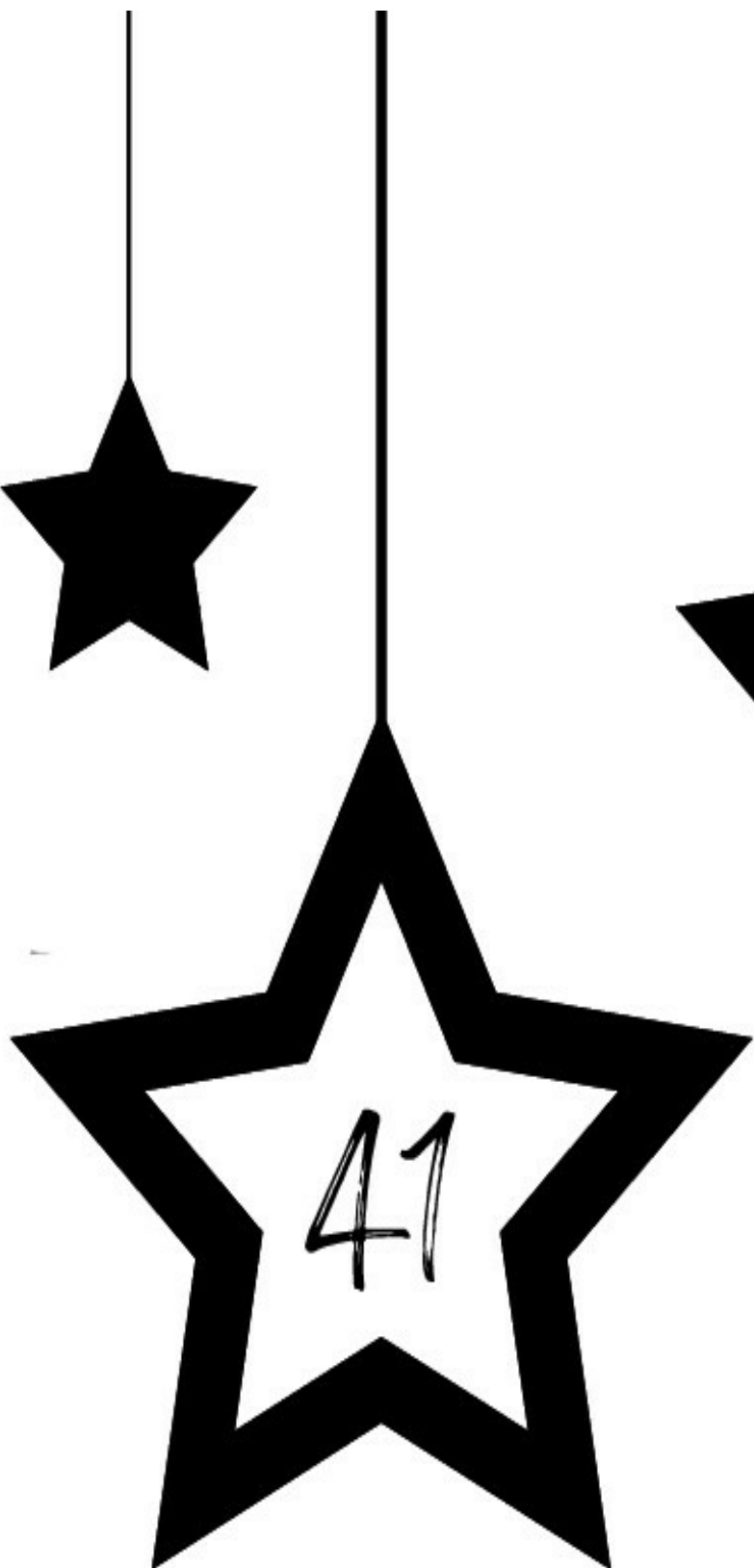
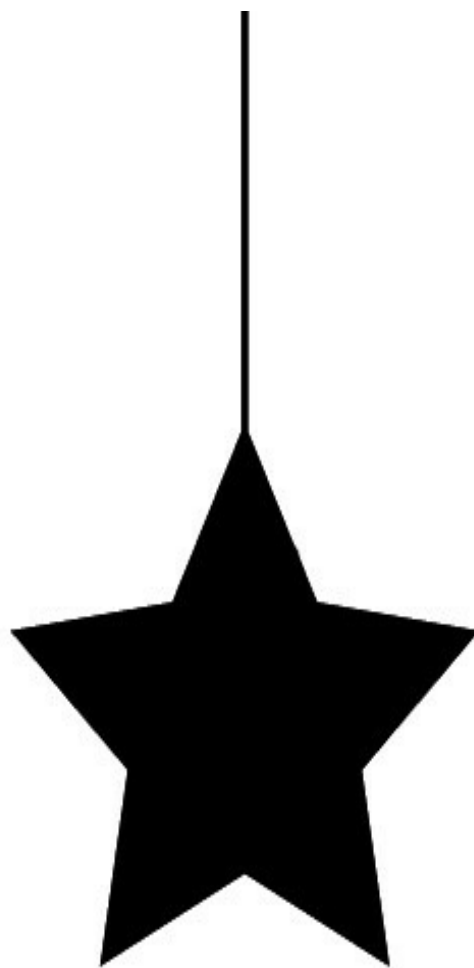
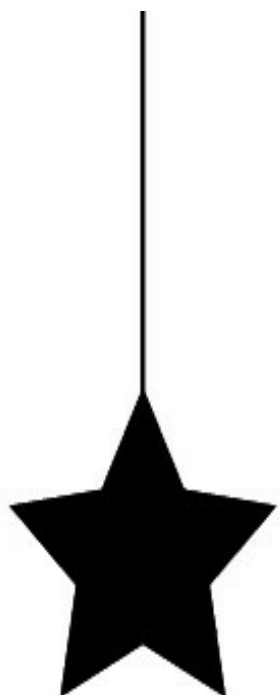
Um dia depois, vários médicos vieram examiná-la. Enquanto os Bips continuavam ainda mais fortes e ritmados do que no início.

— Eu não entendo — o médico falou confuso. Ninguém sabia explicar o motivo dela continuar em coma, pois aparentemente o corpo estava em ótimo estado, mas como ela não acordou, eles acharam que não teria mais o que fazer. Só que seu coração não quer desistir.

Segurei a mão dela firme e pedi novamente.

— Lute por nós, Mel. Eu te amo.

Já estava caindo à noite, quando os Bips começaram a acelerar. Abri meu olho preocupado e o que encontrei fez as lágrimas que estavam presas durante esses três meses saltarem. Não foi bonito de se ver, mas eu não estava nem ligando se alguém me visse assim.



Melissa

Lute por nós. Lute por nós. Lute por nós.

Eu quero lutar, essas palavras estavam em cada canto do meu cérebro, eu não conseguia pensar mais em nada. Eu podia ver seu rosto ao dizer essas palavras. Os olhos cinzentos, suplicantes, a boca em uma linha fina, sua mão passando pelos cabelos, como ele sempre faz quando fica nervoso.

E com essa imagem eu lutei. Conseguia sentir algo querendo me levar para longe daquela voz, mas ela suplicou para que eu lutasse, e eu quero lutar. Eu preciso lutar.

Meus olhos se abriram enquanto eu continuava forçando meu corpo a lutar. E lá estava o dono da voz, sentado em uma poltrona ao meu lado, envolvendo minha mão com a dele, seus olhos estavam fechados, mas sei que não está dormindo, pois seu rosto não está relaxado. Era uma visão tão boa que permaneci em silêncio querendo admirá-lo mais.

Ele abriu os olhos assustado e quando seu olhar se encontrou com o meu, lágrimas escorreram pelo seu rosto, ele começou a soluçar alto e abraçou minha cintura por cima do lençol que me envolvia.

Eu queria acariciá-lo, acalmá-lo, mas não consegui levantar meus braços, então falei tentando tirá-lo daquele estado.

— Eu estou com fome — sussurrei.

Ele riu forte.

— Quando você não está com fome?

Ele me soltou limpando seu rosto, fazendo eu me arrepender de ter falado alguma coisa e foi até o corredor chamar alguém, mas voltou a me segurar logo em seguida. Ele se recusou a sair de perto de mim. Seus olhos não deixavam os meus mais do que o necessário. E o sorriso em seu rosto parecia de uma criança que acabara de descobrir algo incrível.

Depois do que pareceu um ano inteiro, eles finalmente trouxeram uma bandeja com algo para eu comer. Foi apenas uma sopa, quase sem sal, mas meu estômago agradeceu por colocar alguma coisa dentro dele.

O Logan não saiu do meu lado nem sequer por um segundo.

Ele me olhava como se eu fosse a única pessoa no mundo e isso causava aquela sensação familiar no meu estômago.

— Nunca mais faça isso comigo — ele falou me dando um beijo na testa.

— Prometo nunca mais abrir a porta para estranhos que se pareçam com você.

Seu rosto se retorceu em uma careta.

— Cedo demais para piada?

Ele concordou e eu dei de ombros.

A Cami veio mais tarde me visitar e enxotou o Logan do quarto, mesmo eu resmungando e pedindo para que ele ficasse.

— Com todo respeito, Logan, você precisa de um banho.

Eu ri fraco, pois rir fazia meu estômago doer. E não deixei de notar o fato dela chamá-lo de Logan, não Adrian ou Dr. Scott.

— Quanto tempo ele esteve aqui? — perguntei assim que ela conseguiu colocá-lo para fora do quarto.

— Ele morou aqui por três meses, Gi.

— É muito egoísmo da minha parte ficar feliz com isso?

Ela riu e negou com a cabeça.

— Ele te contou que voltou a usar o nome verdadeiro?

— Não, mas percebi.

— A história de vocês foi publicada em milhões de jornais no dia seguinte que você foi internada. Ninguém sabe como descobriram tudo, mas o Bruno desconfia de que foi o próprio Logan que deu o furo para imprensa.

— Por que ele faria isso?

— Porque ele queria dar força ao seu processo contra o Vitor. E nada melhor do que a história de vocês para imprensa mudar de lado. A defesa do Vitor ruiu com a mídia contra ele, acabaram descobrindo outras coisas para adicionar ao caso.

— Ele foi preso?

— Infelizmente o dinheiro conseguiu mantê-lo em prisão domiciliar, mas digamos que ele teve uma lição nos dias que passou preso.

— O Bruno já foi embora?

Dessa vez ela abriu um sorriso antes de continuar.

— Depois do que aconteceu com você o Bruno adiou por um tempo a partida. Nessa semana recebi uma ligação de uma gravadora querendo fechar um contrato com a banda.

— Cami, isso é incrível.

— Calma que ainda não cheguei à melhor parte. Com a proposta o Bruno não precisaria mais daquele emprego perigoso, ele pediu demissão para ser meu guitarrista. Ele não vai mais embora.

— Parabéns, Cami. Você merece!

— Obrigada Gi, ou melhor, Melissa.

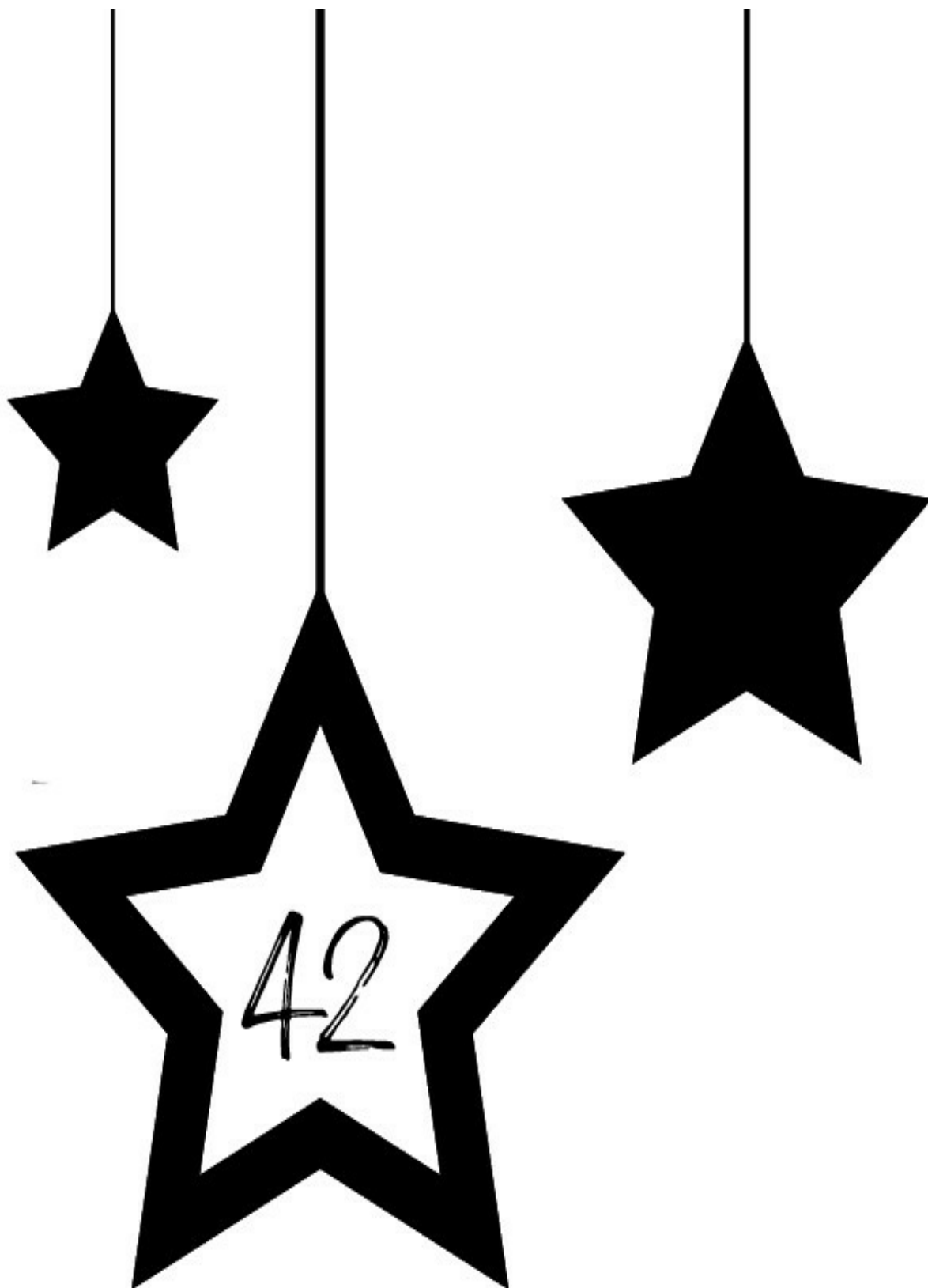
— Pode me chamar de Mel.

— Como já dizia Simone e Simaria, quando o Mel é bom, a abelha sempre volta.

— Minha abelha voltou.

— Sua abelha é viciada.

Eu ri, a barriga doeu pelo esforço, mas era uma felicidade tão pura transbordando por meu corpo, que não me importei.



Melissa

Quando finalmente tive alta, Logan não me deixou voltar para o apartamento com a Cami, não havia falado nada com ele, mas eu não queria voltar naquele apartamento nunca mais. Só de pensar em ir lá o ar já começava a me faltar e eu sabia que era o princípio de uma crise de pânico, tive muitas delas anos atrás, sabia identificar. Então, assim que recebi alta fui levada para a mansão que o Logan chamava de casa.

Sinto-me uma princesa em um castelo, tem cômodos da casa que já não vou há mais de uma semana. Não precisamos de tudo isso, mas a Sarah insistiu que ficássemos com a casa, disse que seria nosso presente de casamento adiantado. Tentei recusar dizendo que nem havíamos conversado sobre isso ainda, porém ela foi irredutível, falou que isso iria acontecer uma hora ou outra e nos obrigou a aceitar. Ainda não sei como irei agradecê-la por tudo que ela fez por nós e principalmente pelo Logan enquanto eu estava em coma. Ela foi literalmente um anjo em nossas vidas. Sinto-me culpada às vezes por tê-la odiado tanto quando nos conhecemos.

Comecei meu mestrado há algumas semanas, voltar à faculdade foi difícil, não havia mais aqueles olhares recriminadores de antes, porém pessoas que sempre me cumprimentavam e trocavam algumas palavras comigo, agora pareciam distantes, eles pareciam ter medo de se aproximar. Odiava que as pessoas pensassem que tivessem que pisar em ovos quando eu estava por perto, mas já superei muitas coisas e essa vai ser só mais uma na longa lista. Estou vivendo meu "felizes para sempre", mas isso não significa que não terão percalços no caminho.

— Está pronta, Mel? — Logan perguntou aparecendo na porta do banheiro. Ele estava parecendo o garoto por quem eu havia me apaixonado tantos anos antes. Seu cabelo negro estava bagunçado, acho que por culpa da nossa pegação de alguns minutos atrás, não resisti quando o vi vestido assim, me julguem. Ele estava com uma roupa simples, calça jeans, blusa branca e uma jaqueta jogada por cima, tão rebelde, tão diferente do Logan mais velho e polido. — Não que eu não goste da versão 2.0, ele conseguiu ficar ainda mais lindo, mas quem não gosta de um "badboy", nem que seja só no estilo? — Seus olhos cinzentos me fitaram da cabeça aos pés e um sorriso safado brincou nos seus lábios.

— Estou pronta para sairmos, não para o que esse sorriso está me convidando. Tire-o do rosto agora! — reclamei e voltei a me olhar no espelho para terminar de passar o batom.

Eu estava me sentindo a rock star toda trabalhada no "rock glam", na definição da Cami. Claro que foi ela quem escolheu a roupa que eu usaria esta noite. Meus cachos estavam soltos e domados, diferente das minhas mãos que voaram aos cabelos do Logan quando nos agarramos há poucos minutos, eu não deixei que ele encostasse um dedo sequer no meu cabelo. O batom vermelho contrastava com a minha pele. Nunca fui de usar batom, mas quando uso gosto de cores vibrantes.

O Logan abraçou minha cintura e afundou o rosto no meu pescoço depois de tirar o cabelo do caminho. Plantou um beijo ali que fez todo meu corpo se arrepiar e eu repensei sobre termos realmente algum compromisso agora.

Respirei fundo colocando meus pensamentos em ordem.

— Me solte e se afaste agora se deseja continuar vivo — falei.

— Não consigo me afastar — respondeu com a boca ainda plantada em mim. Seu halito fez cócegas.

Eu revirei meus olhos para ele pelo espelho e ele riu me soltando para que eu pudesse dar os últimos retoques.

— Te espero no carro — falou me deixando sozinha no banheiro.

Chegamos ao clube antes do combinado e já estava lotado, não havia onde andar. Por sorte, nós éramos Vips com direito a visitar o camarim.

Entramos no camarim e meus olhos já foram direto para a enorme mesa farta de comida, parece que acordei do coma mais faminta do que sou normalmente.

Cami correu para me abraçar. Eu mal a reconheci, ela estava maravilhosa. Não que ela seja feia, está bem longe disso, mas hoje ela não é só minha melhor amiga, é uma estrela.

— Eles estão histéricos lá fora, Cami — comentei. Dentro do camarim ainda era possível ouvir as pessoas gritarem o nome dela.

— Claro que estão. — O Bruno apareceu do lado dela passando o braço pela sua cintura. — Você já viu essa mulher cantar? — ele perguntou sorrindo. — É como o canto de uma sereia.

Eu sorri e levantei uma das sobrancelhas a encarando.

— Depois você ainda diz que meu homem é um pedreiro — falei.

Ela riu e revirou os olhos.

— Ele não está me cantando, está só dizendo a verdade. Você já me ouviu cantando, sabe disso.

— Bruno, precisamos ter uma conversa séria sobre elogios. Você não deve fazer isso nunca! Você já assistiu Gremlins? A Cami é um, mas no caso dela você não deve nunca elogiar se não quiser conhecer o monstro.

Cami fez uma careta e o Bruno riu.

— Anotado.

— Cami, preciso terminar a maquiagem — a maquiadora chamou.

Ela nos pediu licença para voltar ao seu momento "diva" e sentou-se novamente na cadeira que estava quando cheguei. Ela emanava alegria.

Ontem ela deu o braço a torcer e ligou para o pai, ele chorou com ela no telefone e pediu desculpas por não ter acreditado no sonho dela, mas que não queria que a filha vivesse a espera de uma coisa impossível. E apesar dela ser cabeça dura, sei que se sentia mal por toda a distância que mantinha da família. Hoje todos estão aqui para a gravação do seu primeiro DVD.

Eu e o Logan nos despedimos deles e fomos para o camarote esperar pelo show. Poucos minutos depois a Cami subiu ao palco com um vestido branco esvoaçante, o cabelo vermelho amarrado em um rabo de cavalo maravilhoso e o público se levantou em um grito ensurdecedor.

O camarote ficava no segundo andar do clube, eu estava na grade e o Logan logo atrás de mim com as mãos na minha cintura quando o Bruno entoou os primeiros acordes da música. Logo depois a voz grave da Cami preencheu todo o espaço e todos cantaram juntos com ela cada verso.

O show foi incrível, chorei junto com a Cami quando ela se emocionou ao agradecer todos por estarem ali naquela noite. Eu sei o que ela passou e o quanto merece tudo isso. Não existe pessoa mais orgulhosa das conquistas dela do que eu.

Eu ainda estava em êxtase quando chegamos em casa, era irreal pensar que há um ano atrás tudo estava tão diferente, eu nunca poderia sequer pensar que algo assim pudesse acontecer.

Assim que consegui me livrar de toda maquiagem me joguei na cama. Logan entrou no quarto ainda com sua roupa de badboy e sentou ao meu lado. Ele me puxou para o seu colo e abraçou minha cintura. Suas mãos acariciaram minhas costas enquanto sua boca trocou carícias com a minha. Podia sentir um leve tremor em suas mãos e uma fome diferente em seus lábios. Ele estava mais intenso do que o normal.

Ele se afastou um pouco para me olhar e eu resmunguei. Ele sorriu.

— Eu amo seus resmungos. Eu amo você — falou levantando meus cabelos e plantando beijos leves até chegar à beirada do meu ouvido.

— Eu te amo, Melissa Mitchell — ele repetiu, mordiscando minha orelha.

Eu estava tão distraída com sua boca que demorei alguns segundos para perceber o que ele havia dito e juntar um mais um.

— Meu sobre... — Comecei a falar antes da ficha cair. — Ei, você por acaso está me pedindo em casamento? — perguntei sorrindo por ele ter usado seu sobrenome com o meu nome.

— Não, só testando como seu nome fica com o meu sobrenome. — respondeu ainda sem me olhar.

— Hum — falei um pouco desapontada. Não que eu estivesse esperando ou sonhasse com isso, já estávamos vivendo juntos desde que sai do hospital e eu não precisava de um papel para falar que pertencíamos um ao outro. Eu sei e ele sabe, não é um papel que vai confirmar isso. Isso não quer dizer que eu não gostaria se acontecesse.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos tremulas e olhou diretamente em meus olhos.

— Agora, eu vou te pedir em casamento — falou pegando minha mão e colocando-a no peito dele, onde eu podia sentir seu coração bater forte, quase tão forte quanto o meu estava batendo. — Você sente isso? Sente minhas mãos tremendo?

Eu concordei com a cabeça, não ousava falar qualquer coisa que pudesse estragar o momento. Eu me sentia como se estivesse flutuando em uma nuvem.

— Eu já apresentei palestras no mundo inteiro, já tive plateias com mais de cinco mil pessoas, mas em nenhuma das vezes eu me senti assim. Você é minha única plateia hoje e nunca me senti tão nervoso.

Ele me deu um beijo de leve atrás do meu ouvido, naquele ponto exato que faz todo meu corpo arrepiar. Para falar a verdade, não existe um ponto exato, qualquer lugar que ele beije me proporciona a mesma sensação deliciosa.

— Mel, você quer passar o resto da vida ao meu lado? — perguntou ao pé do ouvido, mas se afastou para olhar meu rosto e esperar a resposta.

SIM! SIM! SIM! Isso é o que meu corpo inteiro gritava, mas eu não podia perder a chance de torturá-lo mais um pouquinho. Meu coração estava saltando de alegria, mas eu estava nervosa com toda intensidade que exalava dele. Então, claro que falei a coisa errada.

— Sério? Nenhum diamante? — perguntei fazendo bico.

Ele gargalhou e tirou uma caixinha de dentro do bolso da jaqueta. Uma caixinha de veludo preta. Meu coração contorceu no peito, eu havia cansado de falar para ele que não queria anel de brilhantes, ele devia saber que eu estava brincando, mas quando ele abriu a caixinha eu não consegui reclamar, pois era o anel mais lindo e perfeito que eu já tinha visto na vida. Dois símbolos do infinito se enlaçavam formando o anel e uma linda estrela brilhante dava o toque final. Era uma imitação de nossas estrelas, das nossas lutas e do nosso amor que resistiu a tudo isso.

— Me deixa tentar te levar as estrelas por todos os dias da minha vida? — ele perguntou com aquele sorriso que eu tanto amo no rosto.

Eu sorri e peguei o anel para colocar no meu dedo quando vi os dizeres escritos dentro.

Que a Vida nos dê todo amor do Mundo.

As lágrimas rolaram no meu rosto, eu nunca poderia chegar perto de descrever o quanto o amo.

— É uma proposta tentadora, Logan Rabello — falei enrolando meus braços em seu pescoço.

— Não, eu não vou usar seu nome — ele rebateu divertido.

Eu revirei meus olhos.

— Isso é o que nós vamos ver.

Ele pegou minha mão e deslizou o anel pelo meu dedo.

Posso não saber o que o futuro nos guarda, podemos ainda ter muitas coisas para viver, mas eu tenho certeza de uma coisa, se nem o tempo foi capaz de nos destruir, tenho certeza de que nada mais irá.

Epilogo

ALGUNS ANOS DEPOIS...

— Dominique, não se preocupe o evento será um sucesso — insisti ao telefone com ela. Desde que resolveu expandir suas filiais da sua marca “Mais saúde” para o exterior, ela anda uma pilha de nervos. Hoje era o tão esperado lançamento e eu tinha certeza que tudo correria como o planejado. Ela nunca cogitaria abrir uma firma fora do país se o estudo de mercado não apontasse que teríamos retorno com isso.

Depois de insistir na área acadêmica por algum tempo, vi que aquilo não era para mim, deixei que o Logan seguisse com isso sozinho e procurei a Dominique para saber se a proposta que ela havia feito naquela recepção da faculdade alguns anos antes ainda estava de pé. Ela me ofereceu uma vaga bem baixa, mas com perspectivas altas de crescimento. Hoje sou seu braço direito dentro da empresa, assim como prometido, ela recompensou cada esforço e meu maior arrependimento é ter perdido tanto tempo antes de resolver aceitar essa proposta.

Desde que ela foi para fora do país resolver os assuntos das novas filiais que eu estou gerenciando tudo que cabe a ela aqui no Brasil. Ela já levantou algumas vezes a hipótese de me vender algumas ações da empresa para me tornar sócia e estou bem certa que não demorarei a aceitar.

— E a aceitação do novo produto aí no Brasil, como anda? — ela perguntou mudando de assunto.

— Os dois primeiros meses foram um pouco difíceis, mas a última publicidade gerou um resultado positivo bem... — parei de falar no meio da frase quando uma criança verde cruzou a porta do meu escritório. — Dominique, posso te ligar mais tarde?

— Olha, eu sou um E.T. — a pequena gritou se olhando no espelho que ocupava boa parte da parede esquerda do escritório.

— Claro. Aconteceu alguma coisa? — Dominique perguntou.

— Nada importante, mas preciso resolver uma coisa.

Desliguei o telefone e uma gargalhada estourou na minha garganta. Eu passaria o resto da tarde no banheiro para conseguir tirar toda essa tinta do cabelo tão cacheado quanto o meu. Ela me olhou com os olhos cinzentos, tão iguais os do pai.

— Olha mamãe, eu sou um E.T. — falou vindo em minha direção. — Eu vou comer seu cérebro.

Eu sorri para ela.

— Zumbis que comem cérebros, Ana. — respondi sem me importar em corrigi-la agora.

— Eu sou um E.T. zumbi — respondeu batendo o pé.

Eu me levantei da cadeira e me ajoelhei na frente dela.

— E pode me dizer onde o papai do E.T. zumbi está?

Estendi minha mão a ela e segui o rastro de tinta que ela havia deixado pelo corredor.

— Eu já comi o cérebro dele e do Miguel — ela respondeu me acompanhando até o quarto dos dois.

A cena que encontrei derreteu meu coração, o Logan estava sentado na poltrona ao lado da cama com o Miguel embalado em seus braços. Os dois estavam com os cabelos sujos de tinta verde, provavelmente aconteceu quando a Ana “comeu” o cérebro deles. Uma pequena lágrima de felicidade escorreu pelo meu rosto. Eu a limpei depressa, mas não passou despercebido pela Ana.

— Mamãe, eu não comi o cérebro deles de verdade, foi de mentirinha — falou com os olhinhos se enchendo de água.

Eu sorri.

— Eu sei, meu amor — respondi dando colo a ela para que eu pudesse plantar um beijo em sua bochecha verde.

O Miguel estava doente e ficou a noite inteira acordado resmungando. Como eu tinha uma reunião importante hoje cedo, o Logan me mandou dormir com a Ana na nossa cama, para não correr o risco dela também ficar gripada e ele passou a noite aqui com o Miguel. Como sabia que ambos não tinham dormido a noite, resolvi não acordá-los. Sai do quarto e levei a Ana comigo.

Estávamos maratonando Masha e o Urso quando o Logan cruzou a porta do quarto com cara de sono.

— Alguém pode me dizer por que estou com o cabelo verde? — ele perguntou soando divertido.

A Ana na mesma hora me olhou com os olhos arregalados e se escondeu embaixo das cobertas.

— Tinha um E.T. zumbi andando pela casa, ele comeu seu cérebro — respondi.

Ele sorriu para mim e se sentou na beirada da cama ao lado que a pequena havia se escondido debaixo das cobertas.

— O que vou fazer agora sem cérebro? — ele perguntou entrando na brincadeira.

— Você tem que pegar de volta na barriga do E.T. zumbi — Ana gritou já rindo.

Ele puxou a coberta de uma vez e ela soltou um grito ensurdecedor e saiu correndo pelo quarto. Ele me olhou com um sorriso divertido nos lábios. Subiu na cama até estar em cima de mim.

— Me desculpa, acabei pegando no sono, ela fez muita bagunça? — perguntou plantando alguns beijos no meu rosto.

— Além de se pintar inteira com aquela tinta que você deu para eles e sujar todo o quarto e o corredor, não.

Ele riu.

— Ela me lembra tanto você — falou enfim descendo sua boca sobre a minha, eu enlacei meus braços em seu pescoço, mas nosso momento foi interrompido pelo grito da Ana pedindo que o pai a achasse.

— Vou lá antes que ela acorde o Miguel.

Miguel é um ano mais velho que a irmã, completa cinco anos daqui há alguns meses, porém ela se aproveita tanto da ingenuidade do irmão, que ninguém diria que ela é mais nova. Às vezes tenho dó de como ela apronta com ele.

Quando o assunto filhos veio à tona, alguns meses depois de recebermos a notícia que o Robert havia sido morto na prisão; concordamos que teríamos mais de um, para que mesmo se algo acontecesse a nós dois, um sempre tivesse o outro, não quero que meus filhos sequer saibam o que é se sentir sozinho. Se pudesse os defenderia de qualquer tristeza do mundo, mas sei que uma hora terei que deixar que enfrentem as próprias batalhas, só espero que essa hora demore muito para chegar.

Meu celular vibrou no criado mudo. Peguei para conferir se era algo importante, a Dominique estava me mandando mensagens atualizando o que estava acontecendo lá de dez em dez minutos, mas desta vez era a Sarah e a Cami me ligando em uma chamada compartilhada pelo Whastapp.

— Oi — atendi e elas me cumprimentaram rapidamente.

— Que horas vamos pegá-los amanhã? — perguntou a Cami.

— Pode ser oito e meia, Melissa? — Sarah emendou logo em seguida.

— Estou tão empolgada para passar a semana com meus pestinhas — Cami falou sem me dar tempo de responder nada.

— Não chame meus filhos de pestinhas! — respondi. — E sim, Sarah, oito e meia está ótimo!

— Mel, os seus podem não ser, mas a minha Letícia é capaz de transformar qualquer anjo em peste.

Eu ri com a resposta. A filha da Cami era a descrição exata da mesma, ela é teimosa e arteira; é dois anos mais velha que o Miguel, então virou a líder do bando.

— Não sei se o Miguel vai poder ir com vocês, ele continua com febre.

— Eu sei cuidar de criança doente, não se preocupe — Sarah rebateu.

— Mas e se ele pedir pela mãe? — perguntei.

— Até parece que ele vai sentir falta da mãe quando me tiver por perto. Você sabe que eu sou o amor da vida dele.

A Cami é a madrinha do Miguel e quando ela esta por perto ele parece esquecer que todo o resto existe. Não passa um dia sem que ele me pergunte onde a “madrinha” dele está. Ele achava um máximo o fato dela aparecer na televisão e adorava contar para todo mundo que ela era madrinha dele.

— Pare de se preocupar, Mel, você e o Logan merecem uma semana de folga — Cami falou. — Aproveite para tirar o atraso com o seu marido. Porque você anda tão estressada ultimamente e está precisando de um alívio.

— Eu não queria ser tão direta, mas a Cami tem razão — Sarah concordou.

— O Logan deve estar sofrendo uma crise de abstinência — Cami continuou.

— Por favor, vamos mudar de assunto, minha vida sexual com meu marido não está aberta a debate.

— Nunca esteve, né? Você é uma chata, nunca me deu os detalhes sórdidos — Cami resmungou.

— Eu, particularmente, não quero saber mesmo!

Gargalhei ao telefone com as duas.

— Do que você está rindo? — O Logan perguntou me assustando, não havia percebido que ele tinha entrado no quarto.

Fiquei vermelha só de imaginar ele percebendo sobre o que estávamos falando. Me despedi rapidamente das meninas e desliguei a chamada, mas as mensagens da Cami sobre o assunto não paravam de piscar na tela, decidi ignorar.

— Seu cabelo ainda está verde — comentei.

— Tentando mudar de assunto?

Eu dei de ombros.

— Cadê a Ana? — perguntei, tentando me esquivar novamente.

— Dormindo. Comer cérebros cansou nossa pequena. — Ele sorriu. — Me dê seu celular.

— Não — respondi colocando-o embaixo no travesseiro que eu estava encostada.

— Tem certeza disso? — perguntou já preparando as mãos.

— Vida, somos velhos demais para brincar de cócegas!

As palavras não foram capazes de detê-lo, alguns segundos depois eu estava me contorcendo em suas mãos e implorando para que ele parasse. Quando finalmente o fez, ele repousou sua testa sobre a minha. Nossa respiração estava ofegante pela brincadeira.

— Não somos velhos para nada, meu mundo.

Suas mãos percorreram a lateral do meu corpo até enlaçarem minha cintura e grudar ela ao seu corpo. Ele abaixou os lábios e tomou os meus com fome, meu corpo na mesma hora reagiu positivamente, como sempre, em poucos minutos estávamos perdidos um no outro, implorando por mais, numa dança lenta, calma e apaixonante.

Estávamos embolados um nos braços do outro, nossos corações perdidos um na batida do outro. O sono me levou facilmente.

— Quando eu era criança conheci uma menina que era mais moleque do que eu. — Seus olhos cinza estavam fixos nos meus, um sorriso estampava seu rosto desde que comecei a caminhar em sua direção até aquele altar improvisado no jardim, o mesmo sorriso que se recusava a deixar meus lábios. — Na época eu não sabia o que era isso que eu sentia toda vez que estava com ela, só sabia que eu queria passar cada segundo dos meus dias ao seu lado e que quando conseguia fazê-la sorrir meu coração batia mais forte e eu sentia uma coisa estranha no meu estômago.

— Era fome — sussurrei para ele. Claro que eu tinha que estragar aquele momento perfeito.

Ele riu.

— Não, não era fome, isso era o que acontecia com você. Posso continuar?

Dessa vez os poucos convidados que ali estavam riram.

— Pode — respondi piscando para ele.

— Quando finalmente entendi o que era tudo aquilo, eu entrei em desespero, pois era óbvio para mim que a menina mais linda e inteligente da terra nunca iria me ver como mais que um amigo, mas não consegui evitar. A cada olhar, cada sorriso, cada conversa eu me apaixonava um pouquinho mais.

— Eu te amo — falei sem som, para que só ele visse, enquanto limpava a lágrima que havia escapulado dos meus olhos.

— E isso não se desgastou ou passou, agora mesmo estou me apaixonando um pouco mais enquanto olho para esse sorriso. Você é o amor da minha vida e nem o tempo vai mudar isso.

Eu pulei em cima dele e coleí nossos lábios, eu não tinha preparado nada e agora estava me sentindo uma pessoa horrível. A única maneira que conhecia de demonstrar tudo que sinto é com ações, ele precisava sentir meu coração quase explodindo no peito. Só nos afastamos quando o padre pigarreou, eu havia esquecido que tínhamos uma plateia.

— Me desculpe, padre.

Ele riu e respondeu que já mandaria o noivo beijar a nova.

Foi um casamento simples, com poucos convidados, fizemos no jardim da mansão, que agora eu chamo de casa. Tivemos apenas cinquenta convidados, o casamento foi no final da tarde e fizemos um jantar logo depois. Só tivemos dois casais de padrinhos, a Cami e o Bruno, e a Sarah com um amigo antigo do Logan, eles não eram um casal de verdade, só fizeram par

para o casamento. A Sarah só encontrou sua “alma gêmea” algum tempo depois.

Camila já estava casada com o Bruno há alguns meses quando eu e o Logan finalmente decidimos dar esse passo, se casaram durante uma turnê em Las Vegas, bem a cara dela mesmo.

— Mãaaaaaaae! — Levantei da cama em um pulo com o grito. O Miguel invadiu nosso quarto eufórico. — A madinha chegou!

Eu olhei para o relógio na cabeceira da cama, já eram oito e trinta e cinco. Acho que perdi a hora. Olhei para a cama e o Logan já não estava mais lá, assim como a tinta verde no cabelo do Miguel.

— Seu pai te deu banho? — perguntei.

Ele afirmou com a cabeça.

— Rápido mãe, a madinha quer falar com você antes de ir embora e a gente quer ir embora — ele insistiu.

— E a febre? — perguntei indo para o Closet trocar de roupa.

— O papai disse que não estou mais dodói, que sou um menino muito forte e posso ir pro parque com a madinha e a tia Sarah. A Lele disse que esse parque é do tamanho do mundo, mamãe.

Eu sorri com a empolgação dele e o peguei no colo para enchê-lo de beijos.

— Do tamanho do mundo? Eu quero ir também, você me leva? — pedi.

— Não cabe no carro, mãe.

— Você vai me deixar aqui sozinha?

— Não, o papai vai cuidar de você.

Chegamos à sala, a Cami estava com a Letícia e a Ana em seu colo. As duas pareciam hipnotizadas com o que ela falava. Eu nunca imaginaria que ela seria tão boa com crianças.

Ela sorriu quando me viu e colocou as duas no chão.

Deu-me um abraço forte e sussurrou no meu ouvido para que apenas eu pudesse ouvir:

— Espero que libere toda essa tensão acumulada hoje. Deixei meu homem sozinho para que você pudesse fazer isso.

Eu gargalhei no mesmo momento que a Sarah e o Logan entraram na sala. A Sarah havia se mudado para o Brasil pouco depois do meu casamento com o Logan, abriu uma filial da empresa por aqui e acabou se apaixonando por um brasileiro. Morava agora há algumas casas da nossa. Ela não quis ter filhos, apesar de amar os nossos ela diz que não serviria para ser mãe e não tem sonho nenhum em relação a isso.

— Vamos então? — Sarah falou depois de vir me dar um abraço.

Ana e o Miguel correram e me encheram de beijos, depois fizeram isso com o pai. Antes de sair o Miguel acrescentou falando para o pai cuidar direitinho de mim e não me deixar ficar triste. Eu queria agarrá-lo e morder aquelas bochechas, mas apenas sorri e o deixei ir.

Fui até o portão ver o carro da Cami se afastar, o Logan envolveu minha cintura por trás e colou seu corpo no meu. Beijou de leve atrás da minha orelha e sussurrou:

— O que você quer para ficar feliz? Tenho ordens a cumprir.

Virei para olhar nos seus olhos.

— Só de estar aqui você já me faz a mulher mais feliz de todo mundo.

Ele sorriu e beijou minha testa antes de falar.

— Depois eu que sou o pedreiro.

Fim

Agradecimentos

Fiquei dois dias pensando por onde começar isso aqui e até agora não consegui descobrir a melhor maneira. Foram tantas pessoas maravilhosas que me ajudaram a chegar até aqui e nada do que eu escrever será suficiente para demonstrar a gratidão que sinto por cada uma, mas eu preciso tentar.

Gostaria de começar agradecendo minha família, que foi o alicerce para a realização desse sonho, eu nunca conseguiria sem eles ao meu lado. Meus pais, meus avós e minhas duas tia-avós-mães, por me darem todas as oportunidades para chegar até aqui. Meus irmãos e cunhadas, por serem as pessoas mais irritantes da face da terra, mas também as primeiras a me apoiar. E também todos os primos e tios que torceram e acreditaram em mim. (Provavelmente irão me matar por não citar os nomes, me desculpe por isso, mas vocês são muitos e eu só tenho uma página).

Não posso deixar de agradecer também meu namorado, meu Logan da vida real, que me inspirou e deu o empurrão que eu precisava para começar a escrever.

Preciso citar também aquelas pessoas que participaram da construção da história, minhas “betas” e amigas, Cilla, Fabi e Ellen, por me ajudar a amarrar os nós da história e minha revisora e salvadora da pátria, Virginia.

Agradeço a cada um que tirou um tempinho do seu dia para fazer uma resenha ou chegar para mim e falar que amou a história e não viam a hora de poder ter o livro em mãos, obrigada por sonharem comigo, não chegaria aqui sem essa força extra que me deram.

E por fim, preciso agradecer a você que leu o livro, obrigada por ter me dado uma chance, por ter acreditado na minha história. Hoje em dia é muito difícil entrar no mercado editorial, então sou infinitamente grata a cada um de vocês por isso, muito obrigada.

Contatos

O que você achou do livro?
Vem me contar, vou adorar saber sua opinião.

[INSTAGRAM](#)

[FACEBOOK](#)

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo](#)
[Agradecimientos](#)
[Contato](#)